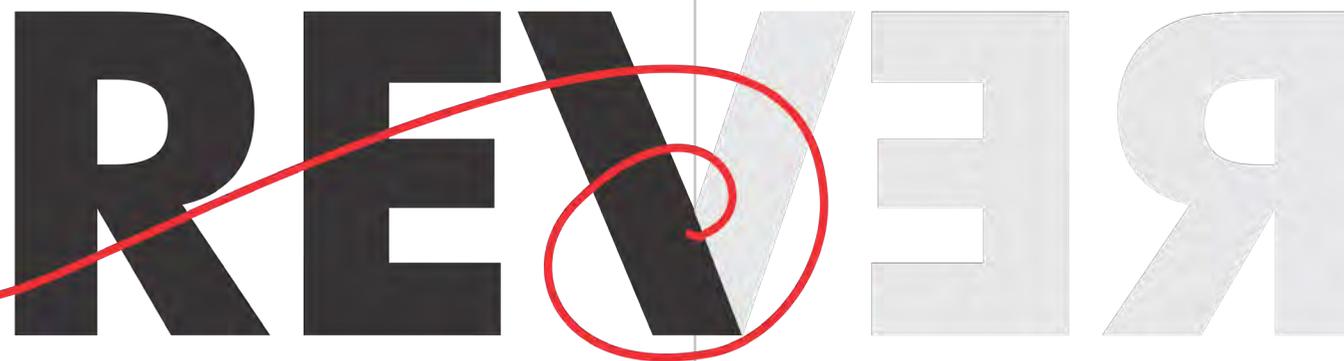


REI



AUSÊNCIA DE COR
MERGULHO NA SOMBRA
IMAGEM ATRAVÉS DO ESPELHO

O (RE)ÚSO DE
MATERIAIS EM
ARTES:



[1]

LUIZ FERNANDO PEREIRA LOPES

DESENHAR/ INSTALAR/
(PER)FORMAR/

A ESPIRITUALIDADE NO
CONTEMPORÂNEO/

EXPOSIÇÃO E
CURADORIA EDUCATIVA

1. Referência
ao poema visual
homônimo de Augusto de
Campos (1971)

São Paulo . 2021

LUIZ FERNANDO PEREIRA LOPES

REVER O
(RE)ÚSO DE
MATERIAIS EM
ARTES:

DESENHAR/ INSTALAR/
(PER)FORMAR/

A ESPIRITUALIDADE NO
CONTEMPORÂNEO/

EXPOSIÇÃO E
CURADORIA EDUCATIVA

VERSÃO CORRIGIDA

Tese apresentada à Escola de Comunicações
e Artes da Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Doutor em Artes.

Área de concentração: Teoria, Ensino e
Aprendizagem da Arte.

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi

São Paulo . 2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Lopes, Luiz Fernando Pereira
Rever o (re)uso de materiais em artes: :
desenhar/instalar/(per)formar / a espiritualidade no
contemporâneo / exposição e curadoria educativa / Luiz
Fernando Pereira Lopes; orientadora, Maria Christina de
Souza Lima Rizzi. - São Paulo, 2021.
289 p.: il. + fichas, catálogo exposição virtual,
livreto storyboard da performance, caixa e capa vestido.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Artes
Visuais / Escola de Comunicações e Artes / Universidade
de São Paulo.
Bibliografia
Versão corrigida

1. Arte/Design/Artefato. 2. Material de (re)uso. 3.
Arte Educação. 4. Sujeito/Espiritualidade. 5.
Violência/Criação. I. Rizzi, Maria Christina de Souza
Lima. II. Título.

CDD 21.ed. -

700.7

BANCA EXAMINADORA

LOPES, L. F.
P. Rever o (re)
uso de materiais em
artes: desenhar/
instalar/(per)formar
/ a espiritualidade
no contemporâneo /
exposição e curadoria
educativa. 2021, 289
p. Tese (Doutorado em
Artes) - Escola de
Comunicações e Artes,
Universidade de São
Paulo, São Paulo,
2021.

Aprovado em:

01/10/2021

Profa. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi
(presidente)

Instituição: USP - São Paulo, S.P.

Julgamento: _____

Profa. Dra. Tarcila Lima da Costa

Instituição: UNESP - Bauru, S.P.

Julgamento: _____

Prof. Dr. Luiz Carlos de Laurentiz

Instituição: UFU - Uberlândia, M.G.

Julgamento: _____

Profa. Dra. Maria Cecilia Loschiavo dos Santos

Instituição: USP - São Paulo, S.P.

Julgamento : _____

Profa. Dra. Branca Coutinho de Oliveira

Instituição: USP - São Paulo, S.P.

Julgamento: _____

A memória de meu pai e a oportunidade da presença de minha mãe, educadora eterna.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos leitores deste trabalho que se colocam diante de um registro em primeira pessoa, um registro da experiência que se faz sentido no universo de muitas possibilidades e na certeza da constante luta entre percalços inerentes à vida e, através deles.

Peço licença a todos que fizeram parte de minhas memórias e construo aqui um possível relato destas minhas vivências e, desde já me desculpo, caso encontrem lacunas que a partir delas se façam motivo para novos relatos.

Agradeço aos meus alunos que são o motivo primordial de toda a minha busca pelo conhecimento e o enriquecimento em torno de nossos diálogos por incessantes trocas e descobertas.

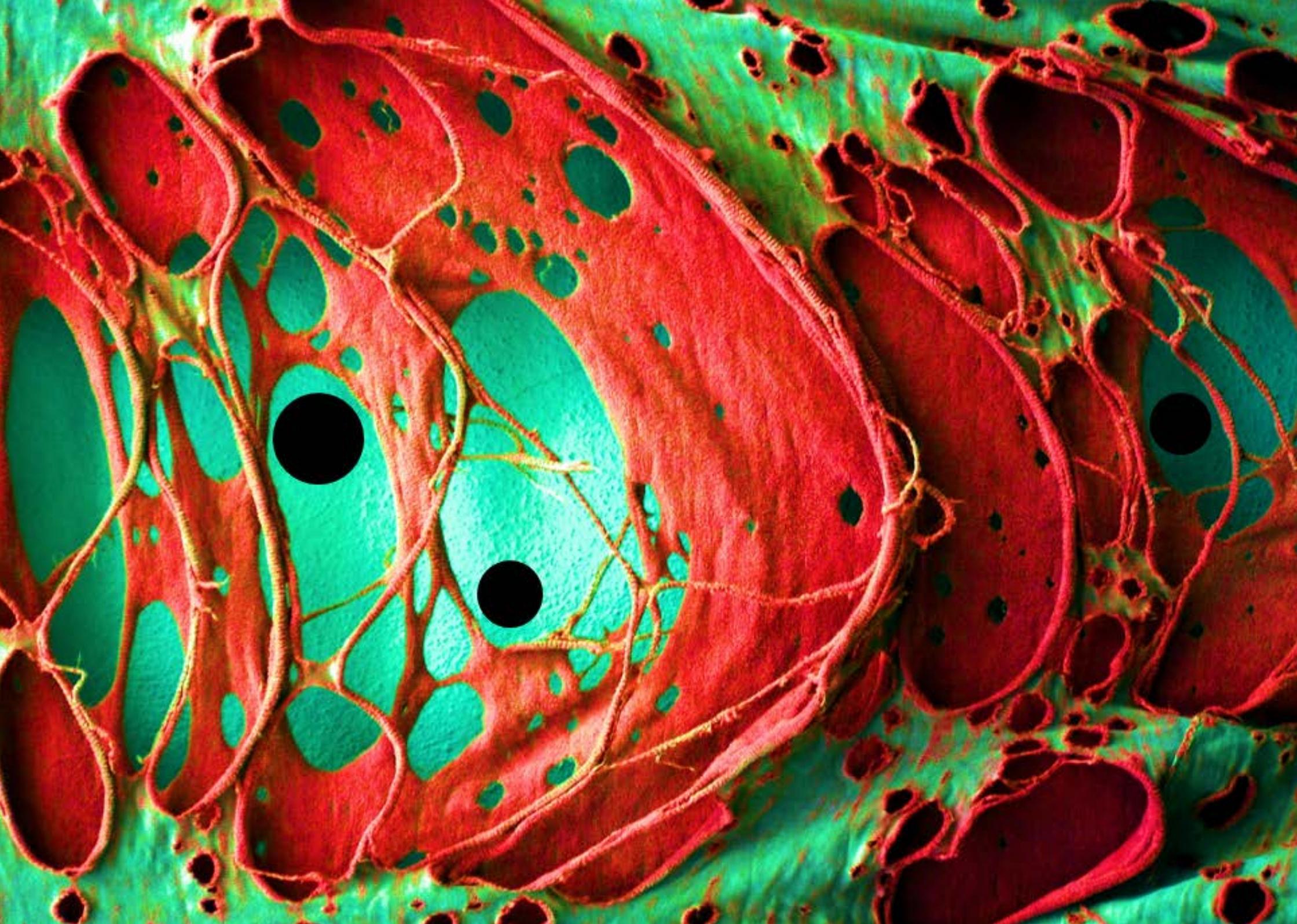
Agradeço a todos os professores que me auxiliaram em todo meu percurso e através deles também faço referência até chegar a Profa. Dra. Ana Mae Barbosa que me incentivou muito a dar sequência às minhas pesquisas. À minha orientadora Profa. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi, onde o amor fluiu de forma exuberante e quem, com toda paciência, vem me orientando e auxiliando na construção deste. Agradeço também a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) que no dia de nossa recepção, quando então iniciamos o curso, uma das falas era para que nos dedicássemos em nossos estudos e déssemos asas a nossa liberdade, pois a Universidade carece de novos caminhos.

Agradeço ainda aos meus colegas, pois meu trabalho sempre se articula no coletivo e serão vários os momentos que deixo registrados em minhas memórias. Foram muitos e espero desta forma seguir adiante.

Agradeço a dois amigos queridos, José Roberto Muniz e Piffer Filho, que me ofereceram estadia em São Paulo, tornando possível assistir aulas, minhas reuniões de orientação e alguns congressos e eventos que participei durante estes anos.

E para terminar, agradeço de coração à minha família, aos que durante todo o desenvolvimento de minha pesquisa me incentivaram e me deram suporte para que chegasse a este momento.

Muito obrigado a tod@s!



ABSTRACT

LOPES, Luiz Fernando Pereira. **Review the (re)use of materials in arts: designing/installing/(per)forming / spirituality in the contemporary / exhibition and educational curatorship.** 2021, 289 p. Thesis submitted to obtain the title of Doctor of Arts in the Graduate Program in Visual Arts. School of Communications and Arts, University of São Paulo. 2021.

The book starts from the challenge, disentanglement of the dress-box, one of the pieces (or forming bodies) in the thesis as an action that encompasses the RE\ exhibition, the performance at the defense board and all the graphic elements created suggested as a game, repto, sphinx riddle: "decipher me or I devour you". The syllable RE followed by the backslash, [\] , used as a virtual symbol that means: what opens to the next character, which must be treated in a special way. Like the syllable RE itself, but with the letters mirrored, like this: **ƎЯ** , mirror image that form the word **REVER** . Reference to the visual poem of the same name by Augusto de Campos (1971), the syllable that transits between seeing or reviewing, use as in (re)úso by the process and its deflagration of possibilities and, therefore, materiality. **Review the (re)use of materials in arts: drawing/installing/(per)forming / spirituality in the contemporary / exhibition and educational curatorship.** A review of my production/formation/constitution, three

RESUMO

LOPES, Luiz Fernando Pereira. **Rever o (re)úso de materiais em artes: desenhar/instalar/(per)formar / a espiritualidade no contemporâneo / exposição e curadoria educativa.** 2021, 289 p. Tese apresentada para obtenção do título de Doutor em Artes no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. 2021.

O livro parte do desafio, desembaraço da caixa-vestir, uma das peças (ou corpos formadores) na tese como ação que engloba a exposição RE\, a performance na banca de defesa e todos os elementos gráficos criados sugeridos como jogo, repto, enigma da esfinge: "decifra-me ou devoro-te". A sílaba RE seguida da contrabarra, [\] , usada como símbolo virtual que significa: o que se abre ao caractere seguinte, o qual deve ser tratado de forma especial. Como a própria sílaba RE, mas com as letras espelhadas, assim: **[ƎЯ]** , imagem espelhada que formam a palavra **REVER** . Referência ao poema visual homônimo de Augusto de Campos (1971), a sílaba que transita entre ver ou rever, uso como em (re)úso pelo processo e seu deflagrar de possibilidades e, portanto, materialidade. **Rever o (re)úso de materiais em artes: desenhar/instalar/(per)formar / a espiritualidade no contemporâneo / exposição e curadoria educativa.** Uma revisão de minha produção/formação/constituição, três lugares em torno de meu ser/estar/gestar. Até onde podemos chegar diante de um espelho? Espelho

places around my being/being/gestating. How far can we reach in front of a mirror? Mirror not only in its reflective materiality, but what through it we can deepen and deflate in my path, as architect, artist and educator. To research the researcher to bring out - from the inside to the outside - everything that constitutes for an interlocution in front of oneself - sometimes narrator, sometimes researcher - and, yes, with a will in front of the search for a process as a research register intensified by the pandemic times of Covid-19. Expanding the research within creation, art and experiences, with a focus on intersubjectivity, with the resumption of the spiritual with an emphasis on relationships for perception and fruition in the act of creating. Despite the importance of materiality with (re)úso, to review in its shadows the pulsing in this violent relationship - between the self and the other - in three ways: to recover (by the impasse), to reuse (the reject) and to transform (the repulse), focused on Art and Brazil, this 'habitus' (Benjamin, Vygotsky and Denis) that is born in front of the (re)úso. To look at the archived and now (re)opened works of Hilma af Klint. To jointly observe my works and the constants in the collective as an artist and educator. The question then arises: What is the contribution of the attitude and awareness of reuse to art and education? To search for what permeates the modes in the (re)use for its ethics, aesthetics, and materiality. To design/think/intervene with these processes and materials. In the first instance, to

não somente na sua materialidade reflexiva, mas o que através dela podemos aprofundar e deflagar em meu caminho, como arquiteto, artista e educador. Pesquisar o pesquisador para trazer à tona - desde o interior ao exterior - tudo o que constitui para uma interlocução diante de si mesmo - às vezes narrador, às vezes investigador - e, sim, com vontade diante da busca por um processo como registro de pesquisa intensificados pelos tempos de pandemia da Covid-19. Ampliar a pesquisa dentro da criação, da arte e das experiências, com foco na intersubjetividade, com a retomada do espiritual com ênfase nas relações para a percepção e a fruição no ato de criar. Apesar da importância da materialidade com (re)úso, rever em suas sombras o pulsar nesta violenta relação - entre o eu e o outro - em três modos: recuperar (pelo impasse), reaproveitar (o rejeito) e transformar (a repulsa), focado na Arte e no Brasil, este 'habitus' (Benjamin, Vygotsky e Denis) que nasce diante do (re)úso. Debruçar sobre os trabalhos arquivados e agora (re)abertos de Hilma af Klint. Observar conjuntamente meus trabalhos e as constantes no coletivo como artista e educador. Surge então a pergunta: Qual a contribuição da atitude e consciência do reusar para a arte e a educação? Buscar o que permeia os modos no (re)úso pela sua ética, estética e materialidade. Desenhar/pensar/intervir com estes processos e materiais. Em primeira instância, criar uma instalação/performance que pode se tornar uma provocação de novas formas de ação. Problematizar a complexidade,

create an installation/performance that can become a provocation for new forms of action. To problematize the complexity, proposed by Edgar Morin, in the human character and the multidimensional knowledge of the biological, socio-cultural and dialectical being, not only as meanings, but throughout the becoming in the various cultural environments. Aspire to the gift of the spirit, in this way, through the constant (re)invention of the human being present in the act of creating, justify the importance of the (re)use material used in arts, that may be present in the interlocution of the educator when designing his action of (per)form/educate, possibilities in the construction of interpersonal relationships, through which they can observe how relevant they can be as educational practices.

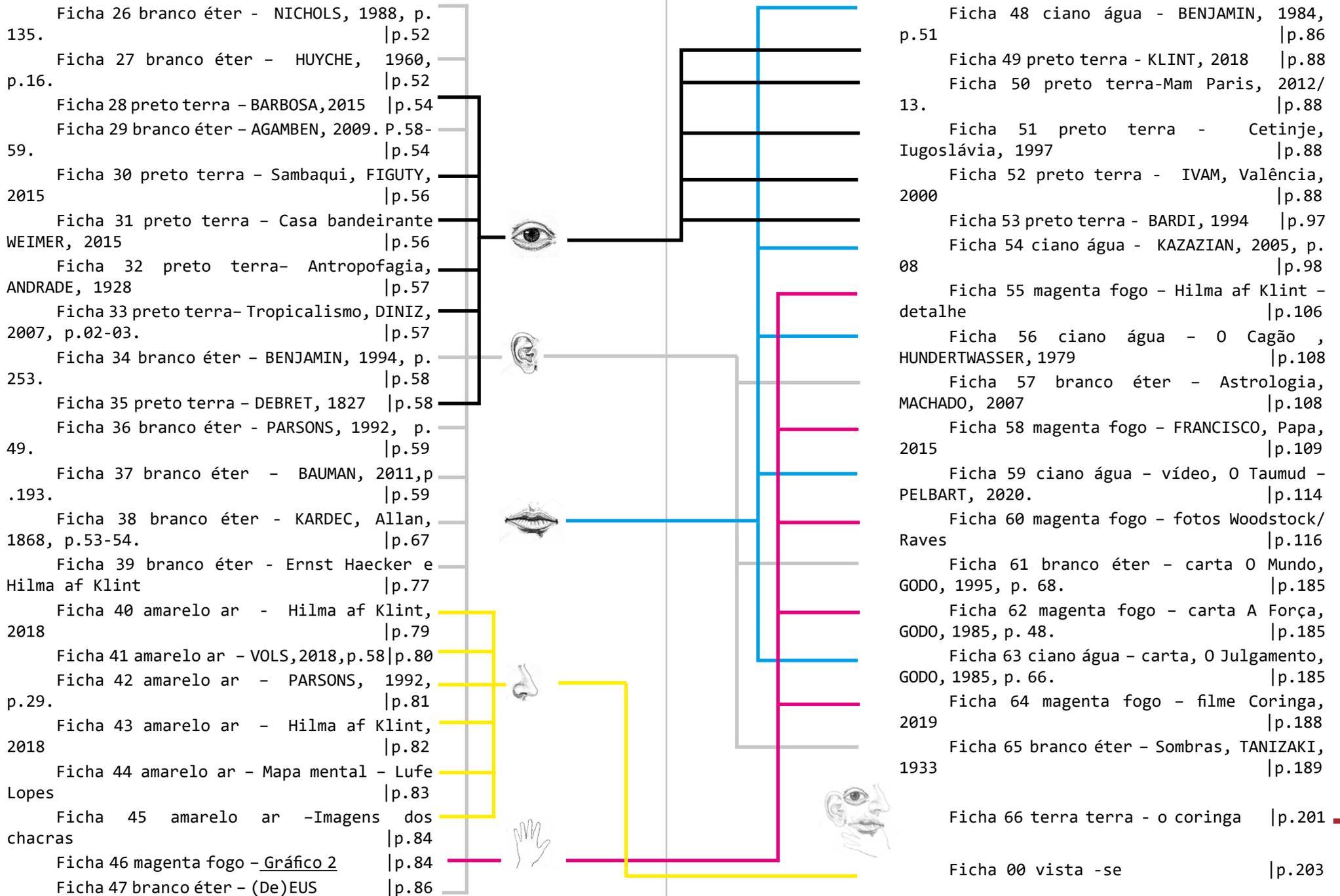
Keywords: Arts/Design/Artifact.
Material for (re)use. Art Education. Subject/
spirituality. Violence/creation.

proposta por Edgar Morin, no caráter humano e o conhecimento multidimensional do ser biológico, sociocultural e dialético, não somente enquanto significados, mas em todo o devir nos diversos meios culturais. Aspirar ao dom do espírito, desta forma, através da (re)invenção constante do ser humano presente no ato de criar, justificar a importância do material de (re)uso utilizado em artes, que possam estar presentes na interlocução do educador ao desenhar sua ação de (per)formar/educar, possibilidades na construção das relações interpessoais, por meio das quais podem observar o quão relevante podem ser como práticas educacionais.

Palavras-chave: Artes/Design/Artefato.
Material de (re)uso. Arte Educação. Sujeito/
espiritualidade. Violência/criação.

LISTA DE FICHAS

		Ficha 01 branco éter - MORIN, 2005, p.176-177 p.31
		Ficha 02 branco éter - EVORA, 2007, p.360 p.34
		Fichasde03a08 brancoéter-KEPLERS, 2020, DETHLEFSEN e DAHLKE,1983 p.34
		Ficha 09 preto terra - Albert Dürer, 1514 p.34
		Ficha 10 preto terra - P.M-Gismondi, 1984 p.37
		Ficha 11 amarelo ar - Roboneco, Lufe Lopes, 2009 p.38
		Ficha 12 amarelo ar - BARROS, 2006, p.06 p.38
		Ficha 13 ciano água - KARDEC, 2013 p.40
		Ficha 14 ciano água - autografo Chico Xavier p.40
		Ficha 15 ciano água - Petpeixeluz, Lufe Lopes, 2005 p.40
		Ficha 16 ciano água - BARROS, 2006, p. 09-10 p.41
		Ficha 17 magenta fogo - Salamandaluz, Lufe Lopes, 2012 p.41
		Ficha 18 magenta fogo - CÉSAR, 2003, p.19 p.42
		Ficha 19 branco éter - KARDEC, 1974, 2013 p.43
		Ficha 20 ciano água - BACCELLI, vídeo, 2012 p.43
		Ficha 21 amarelo ar - Gráfico 01, Lufe Lopes p.45
		Ficha 22 branco éter - FORTIN, 2009, p. 79 p.47
		Ficha 23 magenta fogo - BARROS, 2006, p. 30-31 p.47
		Ficha 24 branco éter - VYGOTSKY, 1996, p. 07 p.50
		Ficha 25 branco éter - NOVAES, 1988, p.82 p.51



1. APRESENTAÇÃO	.031	um ^[2] cosmo em mim só [o que quero fazer]
1.1		
1º Ar - próximo (o lugar no corpo característico)	.034	
2º Água - contato (o corpo material)	.037	
3º Fogo - o plasma (o espaço ou corpo hiato)	.040	
1.2		
Ampliação no outro e no lugar		
1º Origem	.050	
2º Informação	.051	
3º Plantar	.053	
1.3		
Imersão no espaço amplo	.064	
2. INTRODUÇÃO COMO GRATIDÃO	.074	do sem- fim além de mim [o pessoal condutor - diálogos com os teóricos e artistas]
2.1		
Fragmento 1	.076	
2.2		
Fragmento 2	.079	
2.3		
Fragmento 3	.080	

2. os versos que aparecem nos títulos dos capítulos foram extraídos da letra “Átimo de Pó”, de Carlos Rennó, com música de Gilberto Gil (1995), que utilizo na íntegra na performance de apresentação da banca de defesa deste trabalho.

SUMÁRIO

ao
sem-fim
aquém
de mim
[processo
criativo]

3. OBJETIVOS	092
3.1	
Objetivo Geral	.098
3.2	
Objetivo Específico	.099
4. MERGULHO NO MÉTODO	102
4.1	
A origem evocada	.102
4.2	
Informação	.106
4.3	
Transformação	.112
5. DA TRANSFORMAÇÃO / EXPOSIÇÃO	.180
6. CONSIDERAÇÕES	.200
7. COMPLEMENTOS/ANEXOS	.220
8. REFERÊNCIAS	.253

D'en
de
mim
[o desenho
da performance
e a exposição]



Uauuu!

3. Tutorial para as fichas:
Utilizo os pictogramas para sinalizar as fichas anexas e relacionar os respectivos elementos sendo:

o olho - a terra,
o nariz - o ar,
a boca - a água,
o ouvido - o éter ,
a mão - o fogo.

Durante todo o texto utilizo fichas como adendos, ideias, possíveis diálogos. Estas aparecem na paralela e abrem um afastamento. O clique sobre o texto de cor azul, por exemplo, conduzirá o leitor até a ficha respectiva. Uma vez lida/explorada um novo clique no ícone "Voltar+flecha" leva o leitor-viajante ao ponto anterior de leitura. Existem afastamentos que surgem em blocos com mais de uma ficha. Ao final da navegação desejada, ele será encaminhado novamente ao "voltar+flecha" e assim poder retomar o trecho do texto original.

Um cosmo em mim

[O que
quero
fazer]

[3]



[Ficha 01](#)
[branco éter –](#)
[MORIN, 2005,](#)
[p. 176-177](#)

Depender unicamente da vista, negligenciando o espírito, é pintar apenas o lado superficial da forma. Para adquirir o verdadeiro conhecimento da forma, é preciso tudo iluminar com o reflexo da nossa alma e estar pronto para receber a luz que emana das coisas visíveis e invisíveis. Abanindranath Tagore (apud HUYGHE, 1960, p. 9)

1. APRESENTAÇÃO

Refletir, como o poeta, sobre a luz emanada das coisas. Curvar-se diante desta luz. Tornar-se menos rígido diante dela, não será um desafio na arte? Nesta apresentação e em toda pesquisa, traçarei três lugares com bases poéticas enraizadas também em três pontos das teorias da luz como: sua vibração em ondas, materialidade física e eletromagnetismo, termos estes que não aprofundarei, mas que considero fazer parte da busca por iluminar o espírito, nossa alma, as coisas visíveis e invisíveis para ampliarmos nosso olhar. Uma busca, passagem pela metafísica, no que Aristóteles em sua tese *De Caelo*, apresenta uma série de reflexões sobre a matéria celeste

naquilo de eterno, diante da eternidade como pensar na materialidade das coisas?

Me apropriado, proponho e crio provocações em todo meu trabalho diante dos conceitos de:

- matéria como aquilo que caracteriza o objeto físico sua substância, abrangendo também seus elementos constituintes, no ato de criar desloca a dimensão como na discussão que os modernos com os 'ismos' estiveram em busca de um caminho;

- materialidade naquilo que vai além da matéria abrangendo todo o seu expressivo, sua carga de informações e verso para além do seu estado físico naquilo que ainda estamos buscando compreender, por exemplo quando estamos diante de elementos energéticos.

Peço licença ao conhecimento tradicional como o tratar com os elementos alquímicos ou herméticos, mas vou abordar de forma poética e de liberdade expressiva e sensorial que utilizo em minha produção em várias camadas em meus trabalhos.

Três lugares que também serão conformados em três elementos, em três presenças, três corpos, em três ações: ar, água e fogo, complementos do quarto - a terra - e um quinto: o éter. Os dois últimos como bases do estar no planeta Terra, a matéria que a constitui, início de nossas percepções, envoltos no éter ou como acontece o etéreo?

Elementos presentes em nossas origens ancestrais, sinais aparentes em diversas culturas, em todo nosso planeta. Do mundo

material, elevado pelos gregos e utilizados nas culturas orientais. (Re)tomá-los desde estas origens ditas primitivas será uma imersão em material ainda a ser explorados. Alinhadas as três partes:

- 1ª Parte: na relação ar/gasoso - A ORIGEM (o lugar no corpo característico) proximidade o meio;

- 2ª Parte: água/líquido - A INFORMAÇÃO (o corpo material) o inter/meio;

- 3ª Parte: fogo/plasma - O PLANTAR (o espaço no corpo hiato) amplo etéreo o entre/meio.

Estrutura/tópicos/elementos na tríade pai-filho-espírito santo, os três pontos da figura mais estável na geometria, o triângulo.

Elementos com movimentos refletidos por Aristóteles como retilíneos em linhas de baixo para cima (ar e água) e ao contrário de cima para baixo (fogo e terra). E a curva no circular do éter.

Transcender esta materialidade no que nos constitui como seres humanos. Uma possível busca pelo questionar de UM mesmo? Desta forma e também como em uma tríade de relações entre o eu-outro-objeto poder abrir-se transformado diante do outro, do coletivo para uma possível múltipla/construção. A relação triplíce, mantenho como uma obsessão, um constante nas três pessoas, atos e fatos, presentes em possível reflexão. Adotar a complexidade, a autoetnografia como possibilidade de abertura diante deste caminho, diante de meus relatos

de experiências para minhas construções buscar o registro e um caminho, deixarei pistas, fichas, fragmentos parte desta pesquisa, aforismos e referências, corpos que acercam, contrapõem, tensionam, libertam, um dialogismo possível diante da complexidade? Subordinar e coordenar ideias paradoxais que provocam um ruído como em duas perspectivas possíveis de pensamento, mas que são opostas. Dois níveis que se casam: o pessoal e a proposta que são aqui amalgamados como fazer complexo.

Associo de forma livre os elementos com os sentidos e os receptores no corpo partido como símbolos: o ouvido (no éter como música), o olho (na terra sua forma do globo), a boca (a água, o paladar), o nariz (o ar captor) e a mão (o fogo sentido), como pictogramas para as fichas.

Recortes como uma colcha de retalhos que constitui toda estrutura deste trabalho.

[\(Ficha 02
branco éter -
EVORA, 2007,
p. 360\)](#)



[\(Fichas 03, 04,
05, 06, 07 e 08
branco éter -
KEPLERS, 2020,
DETHLEFSEN e
DAHLKE, 1983\)](#)

[\(Ficha 09 preto
terra - Albert
Dürer, 1514\)](#)



1ª PARTE: O AR - O QUE ESTÁ PRÓXIMO (o **lugar no corpo característico**)

A ORIGEM - Ponto primeiro da luz própria matéria-corpo-vibração, na origem no que igualar e unir (relato de minha educação) - no ar, respirar este elemento externo e fundamental à nossa sobrevivência, aquilo que nos une, e desta forma nos faz semelhantes. Gases que compõem o ar, a atmosfera do planeta e aproxima, alimenta, dá condições para formar a vida. Necessário trajeto do micro ao macro ou vice-versa. Pontuo, faço uma livre interpretação deste início na universidade, a presença na abordagem triangular, da Profa. Dra. Ana Mae Barbosa, mas de forma inconsciente, relato dado em recente conversa e confirmado por outro querido Prof. Dr. Luiz Carlos de Laurentiz, pois a conheceu em sua fase posterior a nossa formação, já ministrando aulas na Universidade Federal de Uberlândia, o qual nos estimulava em belas reflexões diante da arquitetura brasileira, ou também do Prof. Dr. Milton Esteves Junior em disciplinas como projeto arquitetônico e urbanismo, nos instigando sempre no contextualizar a arquitetura, o ver e refletir diante desta matéria e logo em ambos nos estimulando com todos esses parâmetros, o poder retornar a contextualização como método para criação. Desta mesma forma que inicio em minhas reflexões, ela se torna um possível

método o qual permeio todos os meus trabalhos, por certa a estabilidade do triângulo manter essa possibilidade e logo sobrevoou em mais camadas. Um caminho que venho observando e provando consciente, desde minha formação em Arquitetura na qual, em meu primeiro dia de aula, com o professor de História da Arte, lhe presto homenagem na ficha 10 (cito abaixo) o artista plástico Pedro Manuel-Gismondi, que abordava com grande emoção sobre as teorias da arte. Eu, ali sentado na primeira fila do anfiteatro, diante do professor, um senhor com seus 57 anos, alto, barbudo, trajando uma grande boina e um avental salpintado de tinta e carregando uma grande paleta de misturar cores toda manchada, diz brincando de equilibrar-se no tablado da lousa: “meu sonho era ser um surfista”, e, de maneira bastante envolvente, convidando-nos a um passeio, ilustrado com diapositivos, para conduzir a uma introdução às artes. Fiquei mergulhado em pensamentos, refiz todo meu percurso de estudante desde a pré-escola até o superior onde me encontrava, sempre como bom aluno, obtendo boas notas, mas sem muito entender o porquê das coisas; senti, naquele momento, que a indagação permearia meu estudar; então era este o caminho a seguir. Logo nas disciplinas de Plástica com o artista visual Dante Veloni e a Profa. Dra. Daici Ceribeli Antunes de Freitas aproximando os trabalhos às questões da forma e a Escola Bauhaus. E desde então, a criação e a educação se revelaram – para mim – um campo fértil e cheio de possibilidades onde (re)ver e plantar.



(Ficha 10
preto terra
autorretrato,
P. M-Gismondi,
1984)

Origem também marcada pela minha infância na qual pude brincar livremente e de maneira pulsante. Minhas lembranças, volto às minhas memórias, anos 1960, lá no interior de Minas Gerais, em Muzambinho, cidade querida e pequena, chegávamos de trem ou por uma estrada de terra, viagem sempre aventureira, e na qual vivi de maneira livre pelos campos, brincando. Daí, seguro, a fonte do brincar como a inspiração constante, além do fato de minha mãe ser professora de Educação Física, ela conhecia bem suas colegas de trabalho e cuidava sempre para que fosse acompanhado na educação escolar com as melhores professoras de então, me lembro até hoje, na Escola Estadual Dr. Guimarães Junior em Ribeirão Preto, da professora do então pré-primário, Dona Renata, que todos os dias trazia sua caixa de brinquedos mágicos e narrava histórias fantásticas. Esse brincar inspirado que conduziu a pesquisa enquanto reflexões que pude debruçar em minha dissertação de mestrado, orientado nesta ocasião, como um retorno aos estudos com minha antiga Profa. Dra. Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de Mattos, era quem dividia as aulas de história da arte com o artista plástico Pedro Manuel, comentado anteriormente, agora em pedagogia, e saber o quanto esse jogo é necessário como condutor no devir de toda criação. Não estariam aí, nestas fontes no brincar e não somente na infância, mas no que perpetuar enquanto adulto, o que

atira para frente em direção ao futuro, ao horizonte nesta matéria que pouco conhecemos que forma todo ser humano? Poesia, poeta - pontuo e saúdo Manoel de Barros (1916-2014).

(Ficha11
amarelo ar 
- 'roboneco',
Lufe Lopes,
2009)

(Ficha12
amarelo ar -
BARROS, 2006,
p.06)

2ª PARTE: A ÁGUA - CONTATO (o **corpo material**)

INFORMAÇÃO - a propagação da luz pelas ondas e contatos dos corpos - de onde permeiam minhas questões? Onde “beber” da informação e a partir daí fazer a interlocução necessária em minha busca? Neste inter/meio no qual mover-se, deixar marcas na propagação de ideias, pensamentos, ações diante do outro das coisas da vida? Neste elemento, a água, a maior constituinte em 70% no corpo em mesma proporção no planeta sempre ocupa o lugar para propagar. Natação - sempre nadei e agora, diante das minhas condições físicas, em luta para compreender o que será esta artrose nas partes moles e bilateral de quadril e nas últimas vertebrae da coluna. O exercício recomendado para tratamento e neste meio meus movimentos seguem fluidos e consigo circular e mover-me, exercitar-me. Alguns amigos acadêmicos sugerem que seria decorrente do

esforço, dedicado para a pesquisa e falta de movimentação. O que discordo, pois apesar do tempo exagerado em posição de assento, mas meus pensamentos seguem fluindo em busca. Divertido pensar que meu problema está diagnosticado por ressecamento das partes moles, as juntas de meu corpo. Os médicos indicam implantes metálicos de quadril. Porém necessitarei de muito tempo de recuperação, onde opto por terminar minha pesquisa e meu doutorado; e então, se sim ou não, isso veremos, partir para uma possível solução em um sintoma, faço isso por estar conseguindo levar meu tratamento da dor pela homeopatia, associada aos exercícios físicos e as sessões de fisioterapia e, claro, meu intento. Quem sabe este enfrentamento me brinda a liberdade e meu corpo consegue recuperar-se, equilibrar-se. Ato de fé na busca do religar por esta ação mentalizada permeada pelos meus sentimentos e neste dialogismo conseguir abrir caminhos?

Será que no tal segundo retorno de saturno ocorrido, segundo a Astrologia, aos 56 - 57 anos em que me encontro, se inicia a decrepitude? O que ocorre em nosso corpo que cresce, caminha, inicia a decrepitude em direção à velhice?

Carlos Baccelli, espírita e médium que trabalhou com Francisco Candido Xavier - Chico Xavier, o qual amplia a obra de Hippolyte Léon Denizard Rivail, Allan Kardec, o pentateuco, os cinco livros da edificação espírita. O primeiro volume, *O Livro dos espíritos* (ficha 13), 1857, surgiu dentro da academia em um período que o mundo se debruçava sobre estudos paranormais

e a razão. Aqui no Brasil, Chico ou “Cisco” como se denominava, nos deixou uma obra com mais de 450 títulos que parte dos estudos de Kardec. Muitos de seus livros são trazidos para uma leitura mais atual do pentateuco. Considerado o maior médium de nossos tempos e quem teve o prazer de me encontrar três vezes – duas proximidades e uma na qual me chama pelo nome e me dá um autógrafo em seu livro *O Evangelho Segundo Espiritismo* (ficha 14), com seu guia Emmanuel (nome que significa – “Deus está conosco”). Conta Baccelli que Dr. Inácio Ferreira (1904-1988), médico uberabense, que em sua encarnação trabalhou ao lado de Chico, agora como espírito desencarnado, prosseguem trabalhando juntos, nos relata Baccelli em seu vídeo (2012), que o desencarnar deveria ser algo como desidratar. Será por isso que tenho iniciado ou provocado tal desidratação em meu corpo? Afinal, minha artrose, dizem os médicos diante do quadro estranho diagnóstico que se manifesta em minha idade que o problema residiria nas partes moles que têm se desidratado. Ilustro com o poema “Lacraia”, de Manoel de Barros, e trago minha peça “Petpeixeluz”. O peixe utilizado como imagem do sagrado!

(Ficha 13
ciano água -
KARDEC, 2013)



(Ficha 14
ciano água -
Autógrafo, Chico
Xavier, 1975)

(Ficha 15
ciano água
– ‘Petpeixeluz’,
Lufe Lopes, 2005)



(Ficha 16
ciano água
– Lacraia –
BARROS, 2006, p.
09-10)



(Ficha 17
magenta fogo –
‘Salamdraluz’,
Lufe Lopes,
2012)

3ª PARTE: OFOGO – O PLASMA (o espaço ou corpo hiato)

PLANTAR – o plantar seu eletromagnetismo no que atrai e repulsa – nesse “campo” para plantio, focar na primeira ação do ver como nos argumenta Bosi sobre a fenomenologia do olhar “[...] Sabe-se que a relação do olho com o cérebro é íntima, estrutural”. (BOSI apud NOVAES, 1998, p. 65). Em seu texto, demonstra um princípio sobre a etimologia nos gregos e latinos que alinhavados ver e pensar pela história em visão-pensamento do acontecido. Do olhar no que desenvolve, cresce e se torna maduro:

“A cultura grega, acentuadamente plástica, enlaçava pelos fios da linguagem o ver ao pensar. Eidos, forma ou figura, é termo afim a idea. Em latim com pouca diferença de sons: (eu vejo) e idea. E os etimologistas encontram na palavra história (grega e latina) o mesmo étimo id, que está em eidos e em idea. A história é uma visão-pensamento do que aconteceu.” (NOVAES, 1988, p. 65).

O fogo como elemento também ligado ao ato de ver, o visível e o invisível. É nele que encontramos os dois estados da matéria – o gasoso e o plasma; o espírito e a matéria. Aqui o plantar e a retomada dos estudos do espírito tão esquecido em nossos dias.

(Ficha 18
magenta fogo –
PLATÃO apud
CÉSAR, 2003,
p. 19)



(Re)aproximar no espírito, partir de bases estudadas para alçar voo sobre a materialidade. Assim Leon Denis reflete sobre a educação:

“[...] sabe-se, é o mais poderoso fator do progresso, pois contém em gérmen todo o futuro. Mas, para ser completa, deve inspirar-se no estudo da vida sob suas duas formas alternantes, visível e invisível, em sua plenitude, em sua evolução ascendente para os cimos da natureza e do pensamento.” (DENIS, 1993, p. 17).

Buscar aprofundar nos estudos da espiritualidade e do espiritismo como princípio em um método criado por Allan Kardec, o qual evoca a “fé raciocinada” em contraposição a “fé cega”, com perguntas e respostas em cartas psicografadas dos vários médiuns de diversas localidades, período que iniciamos nossa pesquisa, por possuir inúmeros estudos



(Ficha 19
branco éter –
KARDEC, 1974,
p. 53 e 2013,
p. 87)



(Ficha 20
ciano água –
BACCELLI,
vídeo, 2012)

em universidades em áreas como na psiquiatria, filosofia e até relatos na arte.

Mais uma “aventura”, não das que nos conduzem a lugares nunca pisados, mas uma busca de como olhar, pensar e acionar. Ação como instrumento provocador da transformação.

Assim com estes três elementos-base aos quais conecto como fontes de energia para aproximar-me tomados pela observação e por sentimentos:

- o **ar** como corpo-vibração na característica original, centelha, faísca;

- a **água** como corpo material, meio por onde se propagam as ondas e, portanto, se contatam os corpos;

- e o **fogo** em seu plasma, o corpo hiato tanto atração quanto repulsa permeando o lugar para o plantar, acionar e rever.

A trilogia comentada ao princípio; no início, chão que sustenta em solução rápida, os três pés em uma cadeira, que segura se mantém ao solo e não necessariamente plano, pois num tripé o equilíbrio se faz mais fácil. Aqui pelo design, saliento algumas reflexões que surgiram na disciplina da Profa. Dra. Maria Cecilia Loschiavo, relacionadas durante

minhas pesquisas, somados, em um refluxo, aquilo que está por digerir:

- Pensar no DESIGN - na etimologia: com origem no *entwurt e design* (Bonsiepe e Flusser); seguindo o raciocínio se entre **pensar e projetar** ou no arremessar-se, lançar-se;

- Interdisciplinaridade (Magalhães), multidisciplinaridade (Bonsiepe), do vernáculo como uma teia gigante (Papanek) emergir, compreender e assumir, ir além da “grossura” (Lina Bo Bardi);

- Emergir, refletir os hábitos (Benjamin e Bourdieu) estender nosso fio da história (Lina Bo), o caminhar de nosso *homo Ludens* (Huizinga) ao nosso *homo faber* (Laurentiz). O (re)úso;

- Buscar, questionar, acionar, nossos métodos pelo projetar(se), arte e ciência, no permear pelo projeto entre essas duas grandes áreas. Onde estamos formatando nossas saliências?

- Desde Jeans ao Genes de nossa pedra lascada nas origens para nossa originalidade, das “grossuras” e impasses nesta complexidade; a emergente (re)flexão sobre o *homo natura*, seus múltiplos e seu uno complexo (Simondon) acionado em “individualização”, no ser social, o que do projetar(se) em arte pela ciência e na era da incerteza pela (re)produção, entre o criativo e o exploratório. Brasil de que especificidade nos cabe? O que nos sustenta perante o ambiente, nossa terra, nosso lugar?



(Ficha 21
amarelo ar –
[Gráfico 1](#))

Criamos o gráfico 1 como um rizoma nos moldes de Gilles Deleuze. Ele surgiu em um dos seminários que tive de preparar na disciplina “Design em questão”, da Profa. Dra. Maria Cecília Loschiavo. Uma árvore-base (imagem da editora holandesa Elsevier, 1620, por Isaac Elsevier) entrelaçada com uma videira e os dizeres *non solus* - “não estamos sós”, por colagem sobreponho no seu centro, para além da realidade visível uma realidade invisível como o espírito das plantas: “O grito dos excluídos”, uma obra do equatoriano Pavel Egüez, 2004. Parti do texto de José Carlos Bruni (2004) como estrutura para leitura e nela monto o rizoma dos quais partem círculos concêntricos e nas folhas da árvore-base acrescento textos dos designers no Brasil, tendo a base na raiz espiralada, o (re)úso. A figura arquetípica do pensador, como na carta do Tarot: o eremita, a nona carta, diante da árvore do conhecimento, regida por um espírito mágico na figura central retratadas desde nossas raízes em nossa terra, na semente (re)úso em espiral para uma direção dos frutos, multicultural, global a buscar aquilo que de mais local possa existir.

Na pesquisa recém-finalizada para dissertação com a qual obtive o título de mestre, na área da educação, e na qual pude fazer uma imersão no universo do professor, da criação, enraizada na arte, no brincar, utilizando materiais classificados de (re)úso. Atos ligados ao feito pela experiência

e sua necessária compreensão em nossos dias para (re)tomar os porquês da infância, por vários teóricos como Walter Benjamin, Zigmund Bauman, Richard Sennet, John Dewey, Ana Mae Barbosa, Anísio Teixeira, para referenciar somente alguns dos que formaram o escopo da dissertação.

Destacar o que definiram como perda da experiência, individualidade não mais desejada, uma vez que o necessário em uma indústria nascendo, no final do século 18, na Inglaterra, como novo meio de produção foi o “igualar” e “ajustar” todos que formariam a mão de obra nesta “nova era moderna” e promissora. Creio e buscarei partir do que segue essa perda de experiência como um dos grandes problemas ainda a ser refletido, onde e de que forma, neste lugar de arte.

Entre desenhar, projetar, lançar, estabelecer nosso trabalho inicialmente como coletivo, o produzir com o coletivo, o que de indivíduo consegui desenvolver e buscar em nossos relatos poder emergir nestas relações que parecem cada vez mais necessárias em tempos de mudanças. Naquilo que foi para nossa geração dos anos 1960 que formamos com um estado desenvolvimentista, surgido em nossa revolução industrial nos anos 1950 e abrindo nossa sociedade em questionamentos sobre qual era o nosso papel diante de um levante pós-guerra. Desde meus pais que nasceram em meio ao caos residual da Segunda Guerra Mundial, das grandes imigrações às terras novas como o Brasil e o repensar nos hábitos das famílias diante das novas liberdades no horizonte como

foi a da revolução sexual e como chegamos aos dias atuais. Como seguir no caminho com o coletivo que passou de um consumo promissor ao consumismo descompromissado?

Caminhando e cantando...
de braços abertos ou não nas escolas,
nas ruas, campos, construções,
caminhando e cantando e seguindo...

Como na canção de Geraldo Vandré, nos festivais da canção de 1979, mas e agora com os jovens que retomam as ruas encarnados em *black blocs*, mas que foram esvaziados de sentido por se tratar de um fenômeno virtual? Não será na materialidade que pede sua transformação como um salto quântico? Observarmos com relatos de experiências esse período para diante de uma nova oportunidade saltar para uma sociedade agora na possibilidade de indivíduos-em-ação? Me graduei em arquitetura e urbanismo, em junho de 1986, e leciono na universidade desde então com idas, vindas, retornos e “transtornos” dentro da academia, sempre em busca deste amor pelo ofício de ser professor, de lecionar. Rememoro “Aula”, o terceiro poema de Manoel de Barros.



(Ficha22
branco éter -
FORTIN, 2009,
p. 79)



(Ficha 23
magenta fogo –
Aula - BARROS,
2006, p. 30-31)

Comparações como proposto por Manoel de Barros para uma linguagem das falas infantis ao invés das ordens gramaticais; repasso na complexidade buscando o incompleto do conhecimento numa costura sem linhas.



1.2. AMPLIAÇÃO NO OUTRO E NO LUGAR

1ª . P A R T E : ORIGEM

Como atingir a matéria que constitui a própria alma em cada um de nós?

Direcionar esse olhar para o visível e invisível das formas faz parte do meu caminhar de formação, bastante precoce, em educação, tanto com os personagens na família como na escola. Nas raízes, um encontro com nossas experiências, com o que elas contribuem em nosso próprio conhecimento para darmos conta do quão necessário o olhar incisivo de forma crítica para assim discutir, agir e contribuir, em nosso crescimento, desenvolvimento e maturação, já apontados por Vygotsky (1996). Com a chegada deste autor descoberto durante minhas pesquisas de mestrado, pude observar em seu discurso o ir e vir entre o narrador e o pesquisador, dinâmica a princípio intrigante, mas que nos aproxima e que nos fornece pistas como forma de análise dos conteúdos.

(Ficha 24
branco éter –
VYGOTSKY,
1996, p. 07)



2ª . P A R T E : INFORMAÇÃO

Dos pontos para prováveis caminhos de construção de onde surgem nossos questionamentos?

Suspeitar para poder promover na incerteza um (re)pensar, aqui nesse meu lugar em uma terra chamada Brasil, sem atos de patriotismos, mas no que tange ao lugar, com suas características, especificidades, que o fazem existir de forma autônoma perante o todo. O fenômeno do que se pode observar temos claro que as características do lugar nos influenciam intensamente nossos modos, maneiras e atitudes. Na fenomenologia um encontro desde os primeiros textos utilizados em pesquisas para nossas aulas como René Huygue, Merleau-Ponty, Alfredo Bosi e outros.



(Ficha 25
branco éter –
NOVAES, 1988,
p. 82)

Como atingir questões da forma e o “sensível”? Da forma com que a fenomenologia mantém acesa a luz da qual emana centelhas que, sempre frágeis e fugidias, estarão na eminência do apagar-se. Em minhas leituras descobertas como Sallie Nichols, a última aluna no doutorado, orientada por Carl Gustav Jung, que pesquisa sua relação com o Tarot, uma busca nos arquétipos, um mergulho no interior do ver e questionar nossa psique. Venho, desde meus avós maternos, de um grupo bastante religioso a princípio ligado ao catolicismo, mas por vários acontecimentos

ocorridos na família, minha avó inicia uma busca pelos estudos no espiritismo e até onde esses estudos se incorporam em grande parte da família. Por isso questões no sensível, no que tange ao autoconhecimento e nossas energias, vêm ligada a uma prática antes mesmo de nascer, ou seja, pertença a uma família que sempre me deu a oportunidade de vivenciar vários tipos de manifestações na busca pelo entendimento do que somos como meios de expressão das energias.

(Ficha 26
branco éter-
NICHOLS, 1988,
p. 135)



(Ficha 27
branco éter-
HUYCHE, 1960,
p. 16)

Essa frase: conheça-te a ti mesmo, de autor desconhecido, que evoca o autoconhecimento, é retirada do templo de Delfos em honra a Apolo. Da autorreflexão: **por que (re)úso? Por que nessa época, ou seja, a atualidade, esses materiais ressurgem? Não estaria ele todo o tempo imerso nas mais simples atitudes?** Início minha dissertação (LOPES, 2015, p. 19) por caminhos traçados desde a infância: a imagem do presépio ali colocado - aqui refeito para minha exposição; nasce na pequena manjedoura feita de papelão, capim seco e com os personagens com cabeças de ovos dos quais nasceram muitos seres que vem sempre ocupando meu imaginário, com lembranças até anteriores, no ambiente familiar, com meus avós, um vizinho que montava engenhocas com

latas diversas, e trabalhos feitos na pré-escola. Mas seria somente em meu pequeno universo que isso ocorria? Canto: “Raspas e restos me interessam...”, como afirmava Cazuza, em 1984, em sua canção “Maior Abandonado”. Restos como comentado por Mario Perniola:

“Este resto é o homem-coisa, cuja característica fundamental é precisamente a de ser mais coisa do que todas as coisas existentes, ou seja, algo de mais pobre, de mais só, na medida em que o sentir alheado simultaneamente herda e supera o já pensado da ideologia e o já feito da burocracia.” (PERNIOLA, 1993, p. 27-28)

3^a. P A R T E : PLANTAR

E deste “sentir alheado”, refletir nas formas de violência, como proposto por Novaes (2015, p. 16), e nela como criadora, transformadora e não destruidora. Emergir neste problema para além da “mediacracia”. Termo trazido também por Perniola, em uma sociedade que instaura o já sentido que perpassa o sentir quão necessário rever as mediações. Podemos, como Deleuze (1999), colocar em uma sociedade de controle, que a Arte não comunique, mas se transforme em “ato de resistência” ao qual acrescentaria o ser resiliente e para um povo que ainda não existe. No ato do descarte, o apropriar-se do obsoleto e torná-lo novo? Está, portanto, na transformação, no pensar, no redesenhar

como processos do feito à mão, atingir a subjetividade e assim acionar o devir na criação?

(Ficha 28
preto terra-
BARBOSA,
2014, p. 15-16)



Transformar no contemporâneo, como traz Agamben, que está exatamente fora de seu tempo, vai além dele e reconhece as potências do passado, do muito interno do que ter de libertar-se em nossa subjetividade e como ato de resistência para o ser resiliente? Pensar, corresponder, vibrar, os polos, em ritmo, de causa e efeito e assim gerar, procriar e criar! Na questão do ser ou não ser? Observar a existência para além da comunitária, o papel deste ser como individuação, termo utilizado por Simondon (1964), consciente de suas potencialidades e assim compartilhar no UNO, neste lugar onde tudo é possível. Sair do ego na busca “de per si”, esta pequena partícula elemento do UNO onde ser, como fazer e o que criar?

(Ficha 29
branco éter –
AGAMBEN,
2009, p. 58-59)



Quando Dewey (2010, p. 147) coloca a “arte como experiência” com semelhança encontrada em ações descritas na transformação constante, não estariam também no feito do (re)úso? “[...] Coisas [...] que tenderiam a ficar batidas por causa da rotina ou inertes por falta de uso, transformam-se coeficientes de novas aventuras e se revestem de novo significado.” (DEWEY, 2010, p. 147).

Como professor, o plantar faz parte do campo naquilo do que ver e (re)ver em uma interlocução constante entre o sujeito interior e o outro, como contribuir de forma aberta, ética e diversa, cheia de toda complexidade do mundo em terreno ainda tão – pouco ou quase – nada explorado como é o de nossa consciência.

Observar de forma consciente, a ampliação de novos significados desde que me mudei para Europa, em 1989, para seguir nossos estudos e onde esta questão do (re)úso tornou-se mais forte. Iniciamos nossa produção com trabalhos de objetos para vestir em um pequeno grupo Falu, 1992 – éramos Angeles Blanco, Fafá Franco e eu, na cidade de Barcelona, e do qual pudemos ampliar para nosso ateliê Torre de Papel, 1994, no qual éramos Edu Jorge, Fafá Franco, José Roberto Muniz, Imanol Ossa, Lu Pulici, Mauricio Castro e Lufe Lopes. Logo o aprofundar na “Associació Drap Art”, 1995, a convite de Tanja Grass, em que reunimos aproximadamente trinta artistas os quais participaram em sua construção, e pude assumir o papel de coordenador da equipe. A ideia da maratona de arte nascida na França, Lille pela Art Point M, 1994, até hoje denominada de “Braderie D’lArt” (uma maratona de 24 horas de criação ao vivo com vários artistas em diferentes expressões).

Importante observar a conexão durante todos esses anos com o coletivo, o trabalho em equipe e a força resultante dessa união. De minhas vivências na Europa surgem questionamentos da diferença no olhar como

brasileiros e os europeus diante desta materialidade disponível (sucatas, refugos, o lixo - palavra que vem do latim *Lix* que significa “cinzas”). (Re)úso, (re)aproveito, (re)jeito, no que do uso reaproveitar em diferentes formas e jeitos. Seria pelo fato de chamar de terceiro mundo? Estaria ligado ao estado de pobreza, fazendo de tudo um proveito sensível? Ou quem sabe o clima tropical por tão pouca variação nas estações e um calor sempre reinante, se faz mais “relaxados” diante do esforço por transformar?

Pontuar algumas manifestações artísticas em períodos desde a pré-história com os sambaquis, mesmo nas construções das ocas dos povos nativos ou os primeiros habitantes e até em algumas de suas narrativas, culturas passadas no falar, ouvir e imaginar, atos presentes até hoje, como nos folhetins eletrônicos, as novelas de TV. Logo o encontro com os colonizadores nas construções em taipa nas colônias, até aproximar o foco de maior atenção, da já colocada era moderna em movimentos como no modernismo, na Antropofagia, no Tropicalismo, as vanguardas europeias artísticas, Poesia Concreta, enfim buscar com a visão na materialidade enquanto (re)úso o contemporâneo.

(Ficha 30
preto terra
- Sambaqui,
FIGUTY, 2015)



(Ficha 31
preto terra - Casa
bandeirante,
WEIMER, 2015)



(Ficha 32
preto terra -
Antropofagia,
ANDRADE,
1928)

(Ficha 33
preto terra -
Tropicalismo,
DINIZ, 2007, p.
02-03)

Não seria no (re)úso, este tipo de atitude como uma ação constante nas manifestações brasileiras? Uma das ações ou hábito que com o passar do tempo e ao olhar como um modo, de maneira mais eficaz e assim assumir um papel que vem sendo próprio desde muito tempo e do qual dele deva-se, sim, conscientizar e passar a tratá-lo com seu devido interesse. Se ao inventariar minhas origens na família, descendo de um bisavô paterno bugre casado com uma jovem italiana veneziana. Daí nasce minha avó. Meu avô, com avó escrava africana fugitiva, grávida do coronel fazendeiro que dizem que era alemão e que passa a morar em um quilombo: Muzambinho (MG). Uma de suas narrativas de origem - contam - se dizia “Mocambinho”, um pequeno quilombo e onde a descendência se mistura a um português, e meu pai que também é português, assim Brasil, meu Brasil brasileiro, de muitas misturas! Seguros modos e culturas traçados. Benjamin (1994) aponta o repetir no mundo infantil e seus impulsos geradores dentro do qual se pode observar e correlacionar: brincar - repetir - hábito.

(Ficha 34
branco éter –
BENJAMIN,
1994, p. 253)



Brincar de soldado, como aparece na gravura de Debret (1827). Crianças brincando na representação desde o filho do fazendeiro e várias etnias; juntos, neste desfile com galhos de árvores (cavalos), cones de papel (chapéus) e ramos (como plumas dos sombreiros do exército). Ter preservado nos costumes como uma infância (re)vivida e que faz escape diante do adulto e nesta forma no hábito estar deixando de apreciar o tema do (re)uso como sua devida seriedade e, mais do que isso, com a necessidade e urgência aos nossos dias? Estaria na (re)presentação, esta obscura compulsão de (re)petição nas constantes formas de (re)uso?

(Ficha 35
preto terra –
DEBRET, 1827)



Ao se deparar com Parsons (1992), que introduz cinco fases e os denomina de estágios, para auxiliar ou fazer compreender a arte em sua essência estética que perpassa pelo que ele denomina: preferência; beleza e realismo; expressividade; estilo, forma e autonomia, construindo assim no que (re)conhece.

Diante do outro e desta dúvida, se isto é realmente aquilo que vejo, pode nascer e fazer parte de toda incerteza diante da criação; necessário admitir para poder introjetar e assimilar o que pode interessar, como coloca os dois primeiros estágios da preferência –

beleza e realismo – conduzidos aos três últimos da expressividade – estilo, forma e autonomia. Assim, diante de cada especificidade dentro do todo diverso e multifacetado acreditar e poder ampliar ainda mais em outros estágios como daquele que nada busca e trabalha com este nada; uma vez que diante da arte, o possível atravessa o impossível no visível e invisível das coisas.



(Ficha 36
branco éter –
PARSONS, 1992,
p. 49)

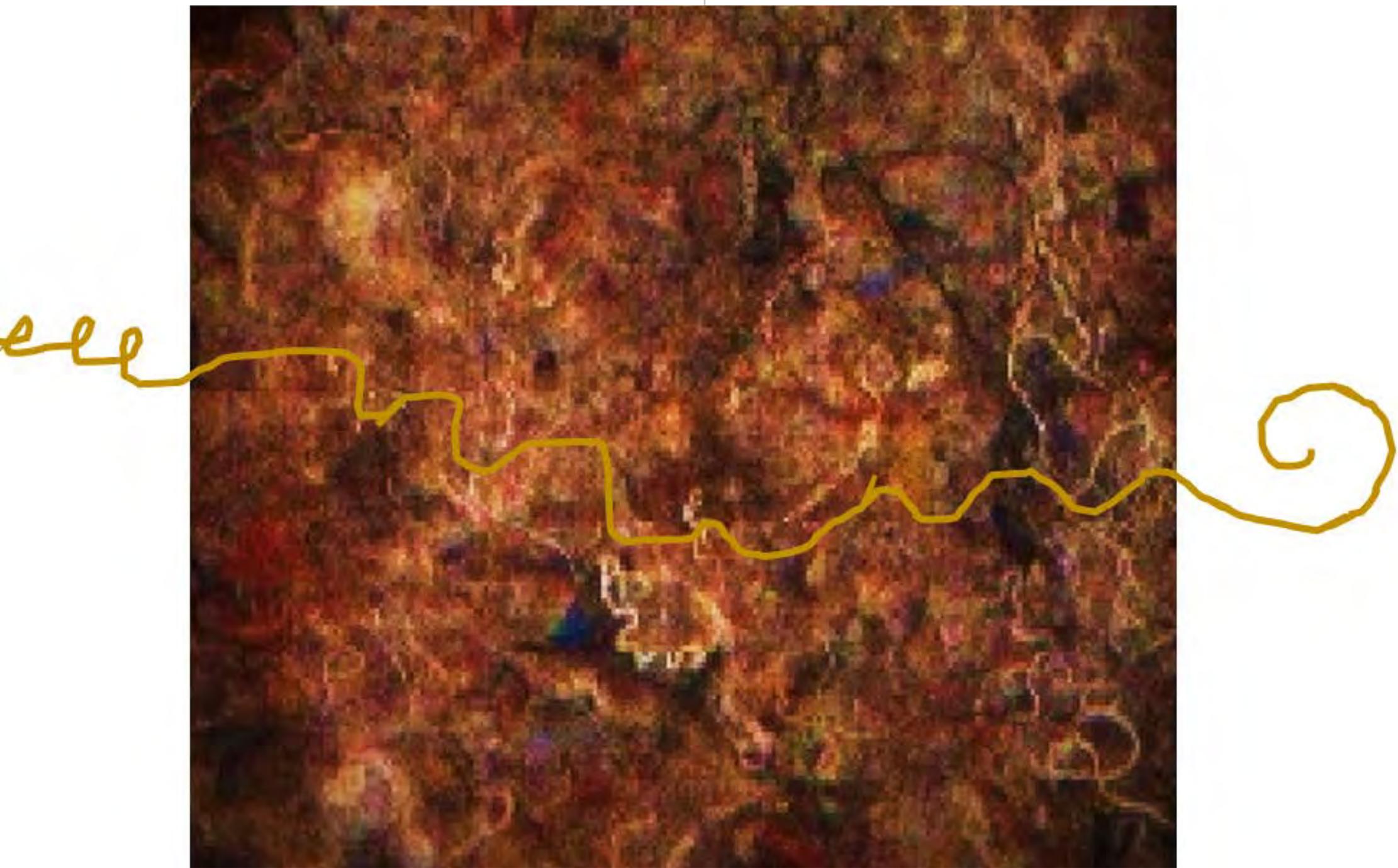
No (re)ver, (re)pensar os papéis na educação, suas instituições e nelas a presença da arte como escolas para o educere, que devem ocupar um lugar consagrado no constante do viver, como sinaliza Bauman (2011, p. 189) quando diz que “modernidade líquida é uma civilização de excesso, redundância, desperdício e eliminação de refugos”. O mesmo autor ainda nos aponta para uma educação contínua diante do inacabado e construção constante do ser.



(Ficha 37
branco éter –
BAUMAN, 2011,
p.193)

Acreditar que neste estado de inacabado em que (re)fazer, (re)organizar, (re)estruturar serão constantes e necessários na busca por (re)construir um projeto civilizatório pensado para a era moderna, mas que se perdeu. Será que a modernidade brasileira já foi resolvida? Como poder olhar para a nossa produção tendo nossos modos e meios tão diversos ao que acontece na Europa?

Como muito bem nos coloca a arquiteta Lina Bo Bardi (1994), refletindo em que nada disso acontece no Brasil, com modos coloniais, sincretismo entre os povos nativos, os negros e imigrantes muito distinto de tudo o que ocorreu no velho continente. Detectar e (re)conhecer toda esta nossa materialidade, do (re)úso, não será fundamental para então dar um passo consciente para além do pensar?



1.3. IMERSÃO NO ESPAÇO AMPLIO

“Quem quer que estude a natureza de seus pensamentos pode facilmente reconhecê-los a fonte.” (KARDEC, 2013, p. 182)

Diz Lupicínio Rodrigues (1914-1974) em um trecho da canção *Felicidade*: “... o pensamento parece uma coisa à toa, mas como é que a gente voa, quando começa a pensar”. De que são feitos os pensamentos? Quais materiais me constitui o ser? De que sou feito e para onde vou? Será que fiz (re)úso desta matéria também? Ou seja, sou viajante passando por várias experiências de vida? (Re)utilizo todo esse material vivido?

Esta imersão se faz rodeada de muitas perguntas, até o momento já foram 48 questões, as quais trago registradas como fontes de busca e que muitas delas não serão respondidas na pesquisa, mas funcionam como trilhas para seguir e abrir direções.

Aprofundar nos estudos da espiritualidade que foram interrompidos no pós-guerra, o tempo da fantasmagoria, termo que Benjamin utiliza (apud MATTOS, 2010, p. 44). Como uma espécie de febre anunciadora de uma virose que foi instalada antes mesmo da moderna separação matéria/espírito, religião/ciência, tempo/eternidade. Com a Revolução Industrial aceleraram-se as descobertas, o tempo faz abrir

o espaço para as utopias, como diz Eduardo Galeano em entrevista (YouTube, 2013), quando cita Fernando Birri: “Utopia é aquilo que se encontra no horizonte, o que nos faz caminhar em sua direção”.

O pensador Léon Denis (1846-1927), discípulo e conterrâneo de Allan Kardec, envolvido na academia, proferindo palestras, participando de conferências, congressos, nos traz diversos estudos nos quais busca aprofundar nossa essência na existência da alma: “A revelação espírita nos proporciona inesgotáveis temas de inspiração e de sensação” (DENIS, 1922, p. 56). Quando Kardec, através dos diálogos com o mundo dos espíritos na pergunta 101, coloca: “A alma que havia deixado o mundo dos espíritos para vestir o invólucro corpóreo, deixa esse invólucro no momento da morte e volta imediatamente a ser espírito”. (KARDEC, 2013, p. 127). Denis (1993), em sua publicação *O problema do ser, do destino e da dor*, em uma coletânea de textos desde 1908 em diversos anais publicados no início do século 20, ocupa-se nos estudos e na difusão desta nova doutrina, uma filosofia de vida, uma filosofia racional, uma escola de pensamento para inspirar, acionar, instruir, amar e servir.

O pós-guerra trouxe muitas descrenças, desesperanças, desconfiança na raça humana, uma espécie de ressaca de tamanha violência, que abriu as portas perante o estado ilusório da matéria e o porquê de estar “atados” a ela, ou seja, literalmente habitantes em corpos de carne e osso, e dela não conseguir

libertar-se. Finalizada a Segunda Guerra Mundial, as indústrias se lançaram sobre a população, acelerando o consumo e tornando nossa atualidade uma insustentável presença do humano diante da natureza do nosso planeta. Nessa nova forma de organização da sociedade, a conclusão de Valéry é evidente: nesse mundo, o espírito tornou-se impossível – impossível porque é supérfluo. Uma das razões desse declínio pode ser atribuída à queda dos valores morais e políticos. Com ironia, Valéry vincula o espírito moderno à produção material que, como todas as coisas, participam do grande mercado com suas flutuações na Bolsa, os valores sobem e descem, dependendo da conjuntura: “Há um valor chamado ‘espírito’ [...] como há um valor petróleo, trigo, ouro” e, infelizmente, ele não cessa de baixar (VALÉRY apud NOVAES, 2015, p. 33).

Mergulhar nas águas da violência criadora enquanto energia vital efervescente no âmago dos seres humanos, a natureza, como esse material vital em constante relação com o outro, estudada por muitos autores, será também um lugar de onde se extrai a necessária luz para com novos olhos compreender, então libertar, como colocado por Hannah Arendt em *A Condição Humana*, o que nos “interesses” entre o eu e o outro e o objeto de desejo, permeia a violência. Encontrar nessa violência a fonte transformadora que aciona e move o criar.

Saber das polêmicas futuras a serem enfrentadas faz acionar esse olhar curioso para o que Denis (1922) fala, neste horizonte

entre céu e terra existir muita matéria a ser descoberta. Neste atual momento de crise da civilização, enfrentar este salto que até a ciência já começou a dar quando descobre uma partícula menor que o átomo, o *quark*, que Bosi comenta:

[...] na História das Ciências publicado pela Universidade de Cambridge; [...] de fato, três novas partículas (e suas acompanhantes antipartículas) foram propostas e foram chamadas de *quarks*, palavra tirada de uma passagem do livro *Finnegans Wake*, de James Joyce, embora em alemão a palavra *quark* tenha também o significado coloquial de nada” (BOSI apud NOVAES, 1988, p. 69).

Portanto assunto já previsto e que agora deflagra essa matéria energética e sensível e não apenas sólida como observada até os dias atuais. Ou seja, urgente se faz a compreensão neste tema para abrir cada vez mais a interlocução e fazer fruir. Como escreve Kardec na *Revista Espírita* (1868).



(Ficha 38
branco éter –
KARDEC, Allan,
1868, p. 53-54)

Mergulhar em minha própria produção como um exercício do (re)pensar, (re)estruturar e (re)ver por processos coletivos que sempre permearam meu trabalho das vivências aos atos da experiência no como a interlocução toma

força e pode se tornar uma ação/construção. Uma instalação/performance na qual trabalharei três lugares: o primeiro chamo **evocação** e, na mesma lógica utilizada até agora nos textos, ou seja, a **origem** naquilo que (re)ivindico pelo impasse, diante da dúvida de tal “nova” materialidade, o espírito, qual sua constituição? Sagrado/profano, sombra/luz, matéria/energia, neste lugar trabalharei as presenças desta materialidade; o segundo lugar da **informação**, como trabalhar, como nos organizamos em nossas atividades, meus estudos e os principais objetos do (re)jeito no que reaproveito até o terceiro lugar da **transformação**, e como com ela podemos plantar, acionar aquilo que (re)pulsa, que transforma. Desenhar/pensar/intervir com este material em primeira instância; expor, dialogar, comunicar com esta forma instalação/performance naquilo que pode tornar um condutor a novas formas de ação. Aprofundar neste universo da arte como bem salienta Ana Mae: “em arte e em educação, problemas semânticos nunca são apenas semânticos” (BARBOSA, 2009, p. XIV).

Susana Gomes da Silva, em publicação organizada por Merillas (2006), comenta o papel formador para além do olhar no construir e negociar significados a partir da educação museal:

Nas últimas décadas a sociedade da informação e do conhecimento tem vindo a assistir e a participar numa mudança de paradigma (Silverman, 1995: 161) [...] Como consequência, os museus

têm vindo a ser confrontados com a necessidade de repensarem o seu papel e, em última análise a própria identidade e relevância, enquanto espaços de construção do conhecimento, o que lhes tem colocado desafios e aberto oportunidades para o desenvolvimento de novas estratégias de relacionamento com os públicos e com as coleções, repensando e reequacionando os espaços e as formas para este encontro (SILVA, 2006, p. 107).

Poder discutir e criar conjuntamente com um dos possíveis locais de arte da ECA-USP, o que na banca de qualificação as examinadoras, em conjunto com minha orientadora, propõe que o trabalho final: “seja constituído por exposição no Espaço das Artes”, proposta que seguirei trabalhando em três corpos: o trabalho teórico nos textos, a exposição\performance e os resultados da curadoria, será nossa meta. Poder pela crítica, buscar a construção de tais novos paradigmas para atuar na ação, (re)ação e, assim, chegar como na experiência narrada por Silva (2006, p. 123), em que aos “olhos só não chegam”. Como não chegam sem toda a complexidade necessária e colocadas como vísceras ferozes não estariam aí nossas angústias contemporâneas?

“No polêmico texto *L’esprit du terrorisme (O espírito do terrorismo)*, publicado originalmente no jornal francês

Le Monde, no dia 3 de novembro de 2001, Jean Baudrillard faz diversas análises sobre o espírito da violência atual. Entre tantas interpretações, ele fala de uma ‘guerra fractal de todas as células, de todas as singularidades que se revoltam sobre a forma de anticorpos’ contra a ordem mundial única instaurada pela mundialização e pelo pensamento único. É o próprio sistema que cria as condições objetivas desta contorção brutal: ‘Guardando para si todas as cartas, o sistema que cria força o outro a mudar as regras do jogo. As novas regras são ferozes porque o jogo é feroz’. Eis a mutação das formas de violência.” (NOVAES, 2015, p. 13-14).

Diante de regras ferozes, como em um jogo, é preciso imergir neste período dos nossos teóricos de meados de 1800, após a passagem de duas grandes guerras e de tudo a ser desvelado no salto para a vida moderna/contemporânea. Agora, diante desta sombra e com toda a complexidade e abertura necessárias a este desvelar, e desta forma poder contribuir neste solo para plantio em direção crítica como afirmado por Merleau-Ponty: “A ciência manipula as coisas e renuncia em habitá-las” (MERLEAU-PONTY apud NOVAES, 2015, p. 23). Neste terreno oportuno da fenomenologia,

como abrir nossos sentimentos e ações? Nesta abertura, devemos buscar na ciência por “novos caminhos”, como seres racionais, o que nos faz humanos numa busca atenta e aprofundada por algo e “**com ciência**”, como coloca Edgar Morin, na consciência sem ciência e a ciência sem consciência são radicalmente mutilados e mutilantes. Assim reflito com a pergunta: por onde anda nossa espiritualidade?

Para esta apresentação, busco na luz dos temas que dialogo, manter sempre esta sequência **da origem (evocar), a informação e o plantar (transformar)** desde minhas origens/vivências em direção às experiências que mantenho na construção de minhas raízes, lugares, linguagens, fazeres, crenças no acreditado pela informação. Como podemos colher fundamentos de toda base e, assim conscientes, em direção a ações de construção, o projetar, o desenhar intenções para o plantio no que pode ser o educar.



Do sem- fim além de mim

[O pessoal
condutor –
diálogos com
os teóricos e
artistas]

2. INTRODUÇÃO C O M O GRATIDÃO – **o (re)abrir os trabalhos de Hilma af Klint**

Gratidão no como (re)conhecer, tomar consciência, incorporar à memória, por esta oportuna ocasião da pesquisa, às coincidências que o tempo prepara mostrando e guiando minha direção, como na recente exposição com trabalhos até então distantes ao grande público, como um ato vivo em uma oportunidade

que aqui trarei também em três fragmentos; na História que a todo momento se transforma. Referenciar a artista sueca Hilma af Klint (1862-1944), que pediu, segundo conselho de seu mentor espiritual, que após sua morte, sua produção artística permanecesse guardada durante vinte anos; reabrir sua obra, em 2018, aqui no Brasil; decorridos mais de cem anos da feitura de algumas de suas obras. Grato por poder vivenciar tal experiência diante de suas obras expostas, uma artista que mergulha no mais íntimo do ser humano, como nos coloca Luciana Pinheiro, na biografia *As Cores da Alma – A vida de Hilma af Klint*:

Seus estudos passaram a ter o objetivo de demonstrar que o que até agora foi a semente mental do mundo estava desgastado, fraco e sem conteúdo. A tarefa consistia em coletar uma nova semente, mais vitalizada e espiritualizada, a fim de mostrar que a colaboração com as forças divinas era possível, para que a terra pudesse regenerar as forças vitais em cura e comunhão com todos os seres não redimidos e presos dentro da escura matéria (PINHEIRO, 2018, p. 155).

(Re)generar as forças vitais e (re)velar a materialidade do espírito. Por esse motivo, introduzir nossa pesquisa diante desta oportunidade e em agradecimento, de maneira utilizada constantemente pela própria Hilma af Klint, apontado pela autora de sua biografia

em trecho de seu discurso, em abril de 1937, para a sociedade antroposófica: “A vocês que têm o desejo de escutar minhas descrições sobre como os esboços tomaram forma para, então, dedicar uma crítica sobre meu trabalho quero, de antemão, agradecer” (KLINT apud PINHEIRO, 2018, p. 197).

FRAGMENTO 1:

Na oportunidade, retomo os estudos ao espírito para além da superfície formal, para (re)ver a produção de Hilma af Klint e sua luz na alma das coisas visíveis e invisíveis. Tempo esse no qual poder pincelar alguns dos fatos importantes, que os marcarei em negrito, que faz especial toda a produção da pintora Hilma af Klint; o primeiro ao **ressurgir do feminino**, sua conexão com sua amiga e companheira em muitos trabalhos, Ana Cassel, apontados por PINHEIRO (2018, p. 65). Elas se conheceram em plena efervescência dos anarquistas que lutavam por libertar a arte da tradição e conjuntamente surgiam várias vozes feministas na qual ela fazia parte, se mantendo fiel e discreta em suas convicções e dedicada a sua real pesquisa na alma, o espírito e a criação. Um segundo: todas as mudanças e descobertas ocorridas neste período de 1850, ao final da Segunda Guerra Mundial até o contemporâneo nas ciências, na arte e mudanças sociais, lutas por uma nova luz e **consciência diante do mundo**. E, por último, o microscópico **olhar para onde reside o mínimo na matéria** já sendo representado em estudos e gravados na botânica, diante de uma natureza pulsante e minúscula, das propostas de Darwin



(Ficha 39
branco éter,
desenhos de
HAECKEL e
KLINT)

e sua teoria evolucionista. Enfatizo aqui uma possível relação que se desenhou recentemente diante dos estudos do biólogo, filósofo e artista Ernst Haeckel, (alemão, 1834-1919), valho-me de suas imagens e levanto uma suposição sobre Hilma af Klint: será que ela não teve conhecimentos prévios dos estudos de Ernst? O delicado olhar na biologia com seus famosos desenhos, que lhe deram boa parte de seu sustento e na materialidade das coisas.

Ao iniciar meu trabalho, como (re) conhecer e tornar a conhecer? Ou imergir alguma vez no já vivido? Enfim, questões complexas e necessárias ao tema não menos complexo se permeado pela espiritualidade. Em primeiro momento do ponto da vida como ela nos conduz e os fatos que nela marcam as transformações, até a maior delas, que será a morte ou o grande salto diante da eterna realidade. Se sou um ser que (re)vivo muitas vezes e passei pela experiência da morte, por que não me recordo? Onde terei de me exercitar para abrir como uma caixa mágica, o meu baú pessoal guardado bem no fundo? Será que estou preparado para (re)ver tal odisseia? No exercício da arte não estaria a oportunidade para me guiar diante de tamanha aventura ao meu ser, à minha percepção, minhas relações na intersubjetividade?

Revejo primeiro nas relações de formação, o curso de Arquitetura e Urbanismo e a

possibilidade de imersão no mundo do projetar, representar, desenhar, criar. Relações de composição com o outro são uma abertura para o mundo da arte. Nele, o criar, o pesquisar em poéticas e os fundamentos da educação na área de design/arte, bem como o uso do duplo sentido. Estas duas formações navegam entre questões necessárias da técnica; uma diante de uma imersão na materialidade e a outra como instrumento necessário para agir diante das possibilidades materiais. Se tenho o espírito como materialidade constituinte de nosso ser, no que difere, ou melhor, onde contrastam razão e espírito?

Buckminster Fuller na introdução ao livro de Papanek (1971), intitulado *Diseñar para el mundo real, ecología humana e cambio social*:

Cuando decimos que existe “diseño” damos a entender que una inteligencia ha ordenado los sucesos según unas interrelaciones conceptuales y discretas. Así, será diseño el que se manifiesta en los copos de nieve, en los cristales, en la música, en el espectro electromagnético, del cual los colores del arco iris no son sino millonésima de su amplitud [...] con todo ello materializaciones de un diseño. Si un código genético DNA-RNA programa la estructura de una rosa, de un elefante, de una abeja, habríamos de preguntar-

nos ¿qué inteligencia diseño el código DNA-RNA y los átomos y moléculas que realizan los programas codificados? (PAPANEK, 1971, p. 1-2).

Agora que a ciência está emergindo em campo para além dos átomos, ou seja, nos quarks, não se faz necessário o início de reflexões na busca de atingir essa materialidade?

FRAGMENTO 2:

No espírito, ver como potência que trabalha - *ex nihilo* (do latim: *nada*), deste nada para o nada, sem princípio estabelecido. Sève observa: “a razão é flexível e o espírito é volúvel”. (SÈVE apud NOVAES, 2015, p. 25).

No caminho entre o design e a arte podem surgir parâmetros e modos para (re)pensar a educação e as relações de intersubjetividade diante do (re)úso. Bonsiepe (2004), do “jeans aos genes”, ou como propôs Hilma af Klint, imergindo no micro do gene na materialidade atômica (como unidade fundamental), seus estudos com o átomo. Não estaria já prevendo possíveis subdivisões na menor partícula então registrada na ciência? Suas possibilidades e materialidades, naquilo que de “novo” poderá surgir para adquirir-se experiência diante do ser humano, sua constituição, suas relações, seu mundo.



(Ficha 40
amarelo ar –
átomos detalhes
Hilma af klint,
2018)

Desenhar para outro diante do mundo real, como refletiu Papanek (1971), diante do esforço de estabelecer uma ordem significativa não seria como o fez Hilma af Klint? Que abre para mundos possíveis em sua exposição, diante deste outro: na oportunidade que se apresentou este ano de 2018. Uma artista até então desconhecida que nos abre um tesouro a ser explorado, um mundo a ser descoberto. O que seu sobrinho Johan af Klint, “o guardião” de tal tesouro, expõe no catálogo (2018, p. 10): “Hilma af Klint pintou para o futuro – e o futuro é agora!”. Observa Jochen Vols no mesmo catálogo.

(Ficha 41
amarelo ar –
VOLS, catálogo,
2018, p. 58)

Diante de tais portas e como desafio, minha orientadora, Christina Rizzi, pede que eu desenvolva um mapa mental desde as primeiras ideias traçadas na apresentação desta tese. Para a construção de tal cartografia, e após minha vivência/imersão nos trabalhos de Hilma af Klint, decido por uma amálgama, uma profusão de ideias, aproveitando a exposição, e inicio estes relatos por uma das salas onde se perfilam trabalhos intitulados “Árvore da Sabedoria”.

FRAGMENTO 3:

Durante a visita à exposição, mirei meus registros fotográficos da exposição de Hilma af Klint naquilo que se revela mais difícil e complexo, o guardar do delicado, do

surpreendente, do descoberto, tarefa que não consegue substituir na interlocução da obra em primeira pessoa, ou seja, no diálogo diante do objeto e você. O que deflagra Arendt (op. cit) no “inter-esses”, segundo comentário de Parsons (anexo na ficha amarelo 42).



(Ficha 42
amarelo ar –
PARSONS, 1992,
p. 29)

Uma primeira descoberta, durante meu primeiro registro, vejo por intermédio de minha câmera fotográfica. Ampliando a imagem digital capturada, percebo que Hilma af Klint escolhe pintar sobre papel, reconhecível nas texturas aparentes da pintura, e assim quando recorro a legenda, percebo que a descrição da técnica relaciona papel, pintura com têmpera (a qual na época era preparada com gema de ovo e pigmentos naturais, extraídos diretamente das plantas e colados em canvas). Ou seja, um (re)úso total de materiais? Segundo Luciana Pinheiro (2018, p. 112), na biografia da artista, estes materiais foram uma alternativa diante das difíceis condições financeiras do período de guerra, sendo o melhor suporte que encontraram para se expressar. Na segunda descoberta, percebo minha imagem refletida pela chapa de vidro diante do desenho que estava em uma moldura e observo minha sombra. Observo pelo reflexo, o meu coração coincide com o local próximo do que penso ser um coração no desenho e assim conduziu meu olhar por um percurso: coluna, cabeça e conexões. Seriam árvores como os

sefirot (árvore da vida) dos judeus? Reflexão, segredos da humanidade, religião? O mesmo Vols no catálogo complementa:

A série A árvore da sabedoria (1915), por exemplo, usa a analogia de uma árvore para desenvolver uma imagem de vários planos horizontais e fluxos de energia voltados altamente complexos e interligados, diferenciando o plano físico, mental e astral. (CATÁLOGO, Pina, 2018, p. 57, grifo nosso).

(Re)utilizar, Ana Mae Barbosa em sua abordagem triangular no contextualizar/ver/contextualizar (BARBOSA, 2009, p. XXXIII), diante de uma das árvores da sabedoria, proponho o mapa mental (anexo na ficha 43).

Faço uma reflexão / recuerdos de minhas pesquisas durante os cursos da pós em Barcelona quando pude manusear um exemplar contendo desenhos originais da árvore da vida - *sefirot*, pedra angular da cabala, onde se inverte a árvore, ou seja, as raízes seriam nossos cabelos imersos na terra, e os pés na copa das árvores a caminho do céu. Assim em livre comparação com as imagens, construo meu mapa mental desta pesquisa (ficha 44 amarelo). Mantenho meu coração próximo à terra, na parte inferior da árvore e de onde se subdividem e sobem os fluxos passando por órgãos sensoriais

(Ficha 43
amarelo ar – 
Hilma af Klint,
2018)



(Ficha 44
amarelo ar –
Mapa mental,
Lufe Lopes)

importantes, chegando ao meu cérebro e indo além para beber no cálice sagrado e buscar conhecimento.

Desde o coração, aquele que pulsa e distribui nosso fluido em sua constante balança, como medidor da violência, do destruir e no construir, permeados pela intersubjetividade e com interlocução entre arte e espírito na busca pelo objeto, por desenho em toda sua criação/constituição, passar pelos estágios da materialidade, o que (re)ivindico pelo impasse, o (re)jeito no que reaproveito até a (re)pulsa que transforma, chegar ao ponto do cérebro, essa matéria cinzenta de (re) uso constante e que se regenera o tempo todo enquanto espírito/matéria, pensamento/sentimento, infinito/efêmero, chegar ao grande esteta na coletividade De EUS!

Observar no mapa (ficha 44) partindo da pintura “A árvore da sabedoria”, como uma das possibilidades, um caminho, uma direção para nossa pesquisa, desde a cabala aos chacras no hinduísmo até as tradições africanas, centrais de energias como em ondas de raios de luz, em outra livre comparação chacras/energias (ficha 45 amarelo). Do interior ao exterior, sete pontos de vibração: o 1º como base, englobando também os três chacras da tradição hindu, uma das bases tomadas nos estudos por Hilma af Klint, no ocultismo, na teosofia, uma direção nos vários centros energéticos de nosso corpo espiritual, assim temos o chacra básico

(situado na base de nosso corpo final da coluna vertebral), o sexual, subimos ao esplênico e ao solar, pela coluna vertebral, o 4º aquele se encontra bem no centro é o cardíaco, com o coração, essa máquina que pulsa e bombeia todo meu sangue. Será esse meu primeiro órgão a ser formado? Por sua importante função dentro de meu corpo, a de manter circulando e distribuindo vida aos nossos órgãos e partes do corpo. Será nele que a centelha de energia se torna material bruto, pulsante, um dínamo que coordena todos os eventos seguintes que dele dependem? Resultante do encontro entre o esperma e o óvulo, os dois guiados por uma energia, um terceiro desta relação, na tríade sagrada de pai, filho e espírito santo. Retomo a Arendt com seu observar na relação entre o eu e o outro, direcionados para um objeto de desejo (o "inter-esses") onde coloco o design, como aponta Flusser (1999), pelo desejo, no simular, arte e tecnologia e assim formam um triângulo (como no Gráfico 02 a seguir), e situo no centro o coração permeado pela violência diante deste estado de escolhas, o construir que sempre será o real e o destruir perante o ilusório ameaçador pela força e facilidade na destruição. Mantenho na base o espírito, a arte, que aponta Dewey para criação da experiência.

(Ficha 45
amarelo ar – 
Imagens dos
chacras)

(Ficha 46
magenta fogo – 
Gráfico 02

Para meu mapa mental (ficha 44), no qual fui construindo um caminho desde o coração, passando pelo chacra laríngeo, o chacra frontal até o chacra coronário subindo por minha coluna vertebral, vou pontuar três momentos:

1º momento – **(Re)ivindico** diante do impasse entre o visível e o invisível, passo logo pelo 2º momento – **(re)jeito** reaproveito da percepção e a fruição, subindo ao estágio para o 3º momento – **(re)pulsa** na força dos hábitos e a intersubjetividade, relacionar meus desejos e o outro que apoio como em meus ombros, onde movo e carrego minhas escolhas e as direciono até as profundezas em meu cérebro, o **(re)úso**, esta matéria para criar apoiada entre o espírito sutil e a matéria bruta, ou melhor colocar codificada, no que capto no pensar e sentir diante do infinito e o efêmero, guiado o tempo todo por esse ser múltiplo (De)Eus, como o grande esteta que tem suas raízes-base no educar e mediatizar; ao invés de mediar, pois quem media, possui pesos e balanças; o que aciona é pelo dialogar.

Na interlocução pode haver uma construção crítica em todo esse processo do educar/dialogar. No diálogo, sempre devemos estar abertos no que se refere a presença, este estado de alerta que me faz vibrar entre temas interessantes, participativos e na constante troca entre ouvir, refletir e falar que serão ciclos em ondas vibracionais que nos comovem, nos colocam o corpo reagindo em arrepios visíveis em nossa pele; este é um bom diálogo, um diálogo participativo, construtivo e crítico.

(Ficha 47
branco éter –
reflexão
[De] EUS)



Na sequência do mapa mental anteriormente descrita, mergulharei em águas profundas, em minha pesquisa partindo de métodos diante do complexo comentados por Edgar Morin em seus diários como relatos histórico-culturais, na fenomenologia, na etnografia, bases já provadas durante minha dissertação e com as quais me aprofundar como visões barrocas, cheias do drama, apontadas por Walter Benjamin, em nossa origem cultural, múltipla, cheia de adversidades e que me faz rico em detalhes e são nesses pequenos detalhes que surge toda a riqueza de uma possível verdade do belo como descrito por Platão.

(Ficha 48
ciano água
– BENJAMIN,
1984, p.51



Um mergulho no método; do estado de violência presente na atualidade refletir, procurando bases teóricas na construção do desenho de minha mostra com três lugares distintos: “Evocação”, “Informação” e “Transformação”, como construção coletiva, e nela reside minha produção, onde se apresentam, objetos, imagens, relatos, entrevistas como possíveis modos de (re)uso e violência; em sua origem etimológica no termo latino *vis* como força, vigor, potência, qualidade, essência. Imergir nesta força em cada um de nós, como indivíduos, não seria

libertador? Que processos envolvem esses sentimentos? Quais energias e situações daí existem: paixão, sexo, prazer, fetiche, consumo? Adauto Novaes como organizador com vários teóricos de uma visão passional da violência e dos atores nela envolvidos; o eu, outro, objeto; ou o espírito, matéria e no que se pode transcender diante deste futuro. Terminei este pequeno livro introdutório com os momentos que constituem os argumentos para minha pesquisa como qual será a hipótese e os objetivos e considerações para um fim – início de algo... no que (De)EUS, o grande esteta, poder para compor e refletir sobre caminhos, encontros, desencontros para individualizar e acionar *transformações*.

Um terceiro bloco que será em formato de *storyboard* ou esboço onde estará planejado:

– **O desenho (re)ivindicar o (re)uso que pode existir** para nossa proposta. Autoetnografar por entre os agentes em primeira instância, meu momento pessoal, pensar nas possíveis poéticas;

– **O vestir no (re)jeito transformar**, uma vestimenta elaborada para este trabalho, peça diretamente vinculada ao último bloco;

– **PERformar e educar a interlocução, o (re)pulsar, o (re)aproveitar** dos quais partirei e à construção de uma instalação em um lugar oportuno onde surja em seu devido momento nesta pesquisa.

Início marcado pela **pirâmide/cubo templo evocado, (re)ivindico, impasse evocação** com projeções de imagens de momentos

icônicos, como desde a obra de Hilma af Klint “mundos possíveis”, Pinacoteca de São Paulo, 2018, aos modernos em “L’Art en Guerre, 1938-1947”, exposição no MAM Paris, em 2015; “De la antropofagia 1920 Brasil 1950 a Brasília”, no IVAM - Centre Júlio Gonzales, Valencia, Espanha, 2000, “Evil Empire”, na Bienal de Cetinje, Antiga Yugoslavia, 1997 e suas guerras, nossa vivência de guerra e o Drapart.

(Ficha 49
preto terra
- Hilma af
Klint, série
“Retábulos”,
1915)



(Ficha 50
preto terra L’Art
en guerre - MAM
Paris, 2012/13)

(Ficha 51
preto terra -
Antropofagia à
Brasília, IVAM,
Valência, 2000)

(Ficha 52
preto terra - Evil
Empire, Drapart,
Cetinje, 1997)

Diante desta tese na qual me propus imergir no ato da criação, no fazer artístico, nas relações o fruir das ideias, para e com o outro, valores que formam minha realidade, meu contemporâneo, onde habita minha força geradora que me incentiva e me guia cada vez mais para um lugar de muita inspiração, razão, sentimento, minhas dores na ética e dentro deste complexo ser social unido pela

busca na solidariedade nascida das próprias potencialidades que dão sentido e libertam de hábitos, para diante disso, dessa potência, poder acionar estes: (re)ver, (re)utilizar, (re)significar, na constante transformação em mundos possíveis acionados no pensar, viver e construir.

Assim da hipótese que neste campo da poética/estética ou campo da arte nosso vis (força vital dos gregos), um real sentir, pensar, produzir por meio, com e para o (re) uso de materiais em arte, no sentido dele mesmo ou dentro deste ato de transmutar no fazer, (re)tomar a vida em seu próprio sentido cíclico e transformador diante do mundo.



3. OBJETIVOS

Quando Parsons (1992) observa a expressão e representação na arte em termos de forma e estilo, ligados mais a uma ideia pública contra um estado de espírito individual, permite a descoberta da crítica de arte enquanto guia de nossa percepção, considerando o juízo estético racional e suscetível de objetividade.

Dewey (2010, p. 548) aponta: “A função da crítica”, assim, “é reeducar a percepção das obras de arte; ela é um auxiliar no processo [...] de aprender a ver e a ouvir”. Algo remetendo a ela como instância catalisadora, não como justificativa, que facilita a percepção, e não a bloqueia.

Buscar por este juízo estético desde os parâmetros ancorados em uma materialidade para o (re)uso será meu objetivo geral. Com a oportunidade dada pelos trabalhos desvendados de Hilma af Klint, contrapor por diversos momentos tão próximos a sua produção de virada de século, período marcado por grandes guerras. Da materialidade à espiritualidade, no que difere nossa produção deste período até o contemporâneo? Considerar esse contemporâneo, como nos traz Agamben (2009), no ato do (re)uso não estaria nesta coexistência e simultaneidade entre todos os tempos? As mudanças sociais nos meios de produção manufaturados pelo mundo industrial, o consumo, o estado de violência, o real contra o imaginário, o desvendar das representações, o estado da arte. Perpassados pela experiência e como dela foi se entrelaçando uma construção constante e presente para equacionar o futuro.

Um dos textos intrigantes sobre (re)uso foi feito por Vincent van Gogh (1853-1890), em carta a Anthon van Rappard:

Esta manhã estive em um lugar onde se tira a sucata. Deus meu, que bonito era! Amanhã recolho umas peças interessantes. Entre elas, umas lâmpadas quebradas para admirar, ou até que me sirvam de modelo. Estão misturadas e torcidas... Este mundo de bacias, panelas, potes, cabos, lâmpadas, móveis, tubos de chaminé que a gente atira, seria um grande tema para um conto de Andersen. Creio que esta noite sonharei com este lugar... Este lugar e outros constituem um paraíso para os artistas, por serem tão vistosos. (GOGH, 1882).

Do transformar poético à minha proposta na *transformação* – como denomino meu trabalho e palavra constituída de três definições: trans, forma e ação, separadas pelo tipo, mas unidas, as quais utilizo de várias maneiras – com toda a atual problemática do consumo e sustentabilidade, o que foi alterado deste início da Revolução Industrial ao contemporâneo. Em minhas observações, o quanto desta era moderna que se fez forte em todo o velho continente, há problemas como a massificação, não somente na materialidade, mas nos hábitos e modos de operar relações, ao que já em seus inícios Bosi (1988), ao trazer Simone Weill, uma jovem filósofa contemporânea

aos pré-modernos e o novo modo de produção da indústria, ocupa-se no que denomina filosofia da atenção, ao que coloca:

O trabalho necessário para suprir as necessidades não será contornado por hinos ao lazer e ao consumo. A superação será interna, mediante o pensamento que conceberá um modo não brutalizante de olhar e agir. E que inventará meios inteligentes de produção.

A opressão terá de ser domada na arena política e no cotidiano das técnicas de produção. Para tanto, seria preciso começar educando a atenção, conhecendo as figuras recorrentes do mundo (ainda Platão e seu átrio pitagórico); e, paralelamente, empreender um plano de transformação sistêmica, executando-o em plena consciência até seu limite histórico. (BOSI, 1988, p. 83-84)

Esta jovem escritora Simone Weill (1909-1943), que faleceu aos 34 anos, e surge como exercício de liberdade em período de pré-guerras, forma uma espécie de segunda capa histórica que ressurgirá em seu tempo; como nos dias atuais se conforma juntamente a Hilma af Klint, as bases sólidas para novos olhares. Essas foram levadas a este lugar de “segundo plano” encobertas por uma história material extremamente masculina e que, pouco a pouco, o fecundo feminino as faz ressurgir. Nascidas

em um tempo de efervescente espiritualidade, mas que foi abafado pelo advento das guerras e pela lógica do consumo para felicidade, tomar como caminho o (re)descobrir pelo espírito de um tempo, nossa essência pura, em nossa materialidade para um mundo possível e cheio de novos horizontes. Assim, a técnica retoma a materialidade até agora virtual, mas que começa cobrar-nos sua real presença e lugares em nossas vidas.

No Brasil, a maneira operante da mão de obra escrava que passa a ter de mudar apenas em seu ambiente urbano residencial para as indústrias e fábricas que começaram a atuar, como nos alerta Lina Bo Bardi (1994, p. 11): “a industrialização abrupta não planejada, estruturalmente importada, leva o país à experiência de um incontrolável acontecimento natural, e não de um processo criado pelos homens”.

Questionar essa fase será de muita importância para registrar nossas especificidades, no que e como passamos a produzir dentro desta recém-iniciada era industrial. Segue Lina Bo Bardi, ao que nos esclarece:

Os marcos sinistros da especulação imobiliária, o não planejamento habitacional popular, a proliferação especulativa do desenho industrial - gadgets, objetos - na maioria supérfluos - pesam na situação cultural do país, criando gravíssimos entraves, impossibilitando o

desenvolvimento de uma verdadeira cultura autóctone. (BARDI, 1994, p. 11).

Ampliar esse plano proposto por Simone Weill de transformação sistêmica, essa manufatura simples e orgânica a qual ousamos chamar de artesanato, uma vez renegada a uma evolução no modo de operar europeu, que passam das corporações, vividos na Idade Média e estas sendo englobadas pela indústria que nascia. Aqui no Brasil se dá um salto e é desta mão de obra orgânica ainda nascente que agora começam a retomar em nossa sociedade uma produção observada por Lina Bo Bardi (1994):

O reexame da história recente do país se impõe. O balanço da civilização brasileira “popular” é necessário, mesmo se pobre à luz da alta cultura. Este balanço não é o balanço do folclore (utilizaremos a forma como Lina escreveu a palavra como na junção entre *Folk*, gente, povo; e *Lore*, conhecimento), sempre paternalisticamente amparado pela cultura elevada, é o balanço “visto do outro lado”, o balanço participante. É o Aleijadinho e a cultura brasileira antes da Missão Francesa. É o nordestino do couro e das latas vazias, é o habitante das vilas, é o negro e o índio. Uma massa que inventa, que traz uma contribuição indigesta, seca, dura de digerir (BARDI, 1994, p. 12).

Ela os defende como artistas populares, “porque o artesanato como corpo social nunca existiu no Brasil, o que existiu foi uma imigração rala de artesãos ibéricos ou italianos e, no século 19, manufaturas. O que existe é um pré-artesanato doméstico esparso, artesanato nunca”. (BARDI, 1994, p. 12) que agora começa a ser conectado por esta nova indústria que busca a cada vez novos meios para subsistir nessa produção. É consciente questionar, de forma crítica, algo que somente agora começamos a distinguir em nossa produção, mas que apenas se inicia, e como que já previsto também por Lina Bo Bardi, que nos diz:

A desmistificação do design como arma de um sistema, a procura antropológica no campo das artes contra a procura estética, tem informado todo o desenvolvimento da cultura artística do ocidente, desde a antiguidade até às vanguardas, está em curso, num debate lúcido que exclui das situações romântico-artesanais às visões de Ruskin e Morris: um reexame da história recente do “fazer” nas artes. (BARDI, 1994, p. 13)



(Ficha 53
preto terra –
BARDI, 1994)

Desenhar a proposta desta tese em sua ampla forma, desde como apresentar a expografia,

o design gráfico do volume, os elementos que compõem a exposição: a performance, apresentação dos objetos estudados e a própria ação educadora que propus. Pensar na sustentabilidade ou melhor colocado, como dialogar meu trabalho com questões de base e fundamentos da natureza para buscar o espírito ou a luz na forma de diálogos nos seus elementos que a constituem para que assim surja o poder promover no encontro democrático em toda sua miscigenação, variedade e pluralidade nos múltiplos que a formam e então surgir desta complexidade como ato estético ou na melhor conexão com o grande esteta para um crescer e fluir no ato de amor, entrega e renúncia diante do comum em toda criação.

(Ficha 54
ciano água
– KAZAZIAN,
2005, p.08)



OBJETIVO ESPECÍFICO

Desenvolver uma prática que contribua na formação do multiplicador, seja ele o educador ou o usuário destes espaços expositivos, em (re)flexão diante de trabalhos como os de (re)uso, de como são abordados estes temas, estabelecendo vínculo que aproxime este objeto de arte ao seu cotidiano, não somente motivando a hábitos de consumo mais consciente, mas também incentivando a inspiração pela transgressão e motivação de novas construções nos diversos níveis do “artefato ou feito com arte”.

OBJETIVO GERAL

Com uma proposta dentro da materialidade do (re)uso, como exercício para uma possível montagem educativa provocando com isto em todos os participantes uma (re)flexão sobre o efêmero e no que podemos atingir a transformação. A arte como produção e conscientização sobre suas criações conjunta entre arte e design.



ao sem-fim aquém de mim

[Processo
criativo]

4. MERGULHO NO MÉTODO

4.1. A origem evocada

Diante do fato das mais de oitenta perguntas levantadas nesta pesquisa, faz parte como no velho hábito das crianças que constrói a sua realidade por intermédio da linguagem em um dialogismo de muitas perguntas diante de tamanha dimensão pelo (re)descobrir o mundo a sua volta. É com este mesmo modo que me coloco frente algo por descortinar uma materialidade cheia de múltiplas possibilidades em que muitas perguntas são apresentadas, mas sei que poucas poderei entrever respostas.

Territórios da consciência trazidas, em frente a academia em sua necessária oportunidade, mas sei que contígua a ela virá o pré-consciente e o inconsciente em um mundo de possíveis portais a serem (re) abertos por isso tudo e algo mais que adoto as múltiplas camadas interagindo em uma possível construção principalmente pelo duplo caminho que trago em meu trabalho, o discurso

e construção do pensar, mas com resultados diretos na construção poética.

Mergulhar num ambiente aquoso e aprofundar no contato de corpos e em territórios complexos como apontados por Edgar Morin, que em seus diários nos relata em reflexões e diálogos entre teóricos em troca de cartas e comenta sobre Bachelard que diante do real que tende a simplificação “[...] devemos reorganizar sem cessar os esquemas racionais para remediar gradualmente esse defeito; o paradigma da complexidade corresponde à necessidade da reorganização dos esquemas racionais” (MORIN, 2012, p. 382). Naquilo de complexidade que pode haver entre as relações humanas em sua intersubjetividade, Morin coloca: “[...] é a incapacidade de pensar a unidade do múltiplo e a multiplicidade do um” (MORIN, 2012, p. 258). Questões sempre polêmicas dentro da academia quando tratamos de tema muito recorrente na humanidade, naquilo que transcende nosso espírito. O autor ainda coloca: “[...] falta sempre a preocupação de religar, de contextualizar, de multifocalizar... O saber está cada vez mais em migalhas, enquanto teríamos cada vez mais a necessidade de o religar” (MORIN, 2012, p. 176).

Como estar diante do terreno repleto de sucatas como narrado por Van Gogh, este lugar do múltiplo, das variadas possibilidades, dos acúmulos e (re)jeitos, mas que se fazem presentes. Por esta opção em minha narrativa adotada aqui na qual deixo o tempo todo os fios condutores se soltarem, mas que sempre poderão ser (re)interpretados diante de uma possível construção na complexidade.

O acúmulo de conhecimentos por meio da teoria e desenvolvimento de outras práticas, sob novo enfoque, torna-se interessante também como forma de aprendizado nessa experiência, experimento ou – ousou dizer – em (re)experimentar. O que pode ser feito disso tudo? Como se dá o arquivo ou o descarte dessas práticas?

De Simone Weill, trazida por Bosi (1988), ele destaca seu olhar em quatro pontos no trabalho na indústria: a perseverança, diante da angústia do trabalho; o despojamento para chegar ao ascese pela ação não atuante, como na cultura hindu, por ela nomeada em muitas reflexões; o meticuloso trabalho com um olhar profundo e despojado; e a contradição, um olhar atento que se exerce no tempo. Desta forma buscar uma (re)conquista diante da divisão de trabalho e de um estado totalitário que tornam tudo mais difícil. Dentro dos nossos próprios meios de produção poder rever um objeto mais humano e sustentável. Morin também observa em Simone Weill:

[...] é o laço em círculo entre racionalidade e mística; ao mesmo tempo, ela quis experimentar a condição operária para viver a vida do sacrifício da sociedade e para conhecer a verdade sobre o trabalho nas fábricas. Escapou ao belicismo dos anos 1937-1949, depois ao pacifismo da colaboração e tornou-se resistente, sendo sua, parece, a primeira ideia de um “conselho de resistência” (WEILL apud MORIN, 2012, p. 385).

Os dados qualitativos, segundo Mirian Goldenberg (2009, p. 53), consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Dessa forma, a priori, buscarei descrever ao máximo minhas escolhas das obras que compõem nossas referências e nos detalhes para uma reconstrução de cada estágio no desenvolvimento do processo. Deve-se fazer com que o processo retorne aos seus estágios iniciais (MORIN, 2001, p. 81). E no mais profundo destes indivíduos, Morin nos aporta como um estágio de mutação:

Essa lógica é diferente daquela da reprodução genética, mas em continuidade com ela. Opera pela transmissão de inconsciente a inconsciente, que funciona de uma maneira sobre a qual somos ainda totalmente inconscientes. Mas também, como na reprodução genética, sobrevêm perturbações, rupturas, mutações, criações que produzem de novo, o evolutivo, o singular. E, no caso dessa segunda reprodução, são mais frequentes ainda, sobretudo talvez na nossa época, as perturbações, rupturas, mutações, criações, estimuladas pelos acontecimentos vividos, pessoais, históricos e orientados pela maneira pela qual esses acontecimentos foram suportados, enfrentados, superados (MORIN, 2012, p. 348).

4.2. InformAÇÃO

Aproximar-me do descarte como material, as mudanças na maneira de apreender pelo olhar tais objetos para neles encontrar uma possibilidade de (re)úso, considerando os seus prós e contras, como a toxicidade de alguns materiais na natureza e o possível reequilíbrio da mesma, a degradação de recursos naturais ou sua conservação e, claro, a grande descoberta de uma variedade formal possível.

Para Walter Benjamin (1984), o mais interessante diante deste tipo de objeto será sua possibilidade de (re)invenção constante, como no ato de brincar e, neste ponto, é que o descarte constitui-se para mim como um grande instrumento de interlocução entre o artista e o mundo, o designer e o usuário, o educador e o aluno, assim como também de comunicação com o mundo pela criança e o adolescente. Para o adulto, é a oportunidade do exercício de (re)significação das coisas e, portanto, um ato de criação. Em ambos os casos, a oportunidade de construir várias inter-relações parece ser um simples exercício prático que, ao contrário do que se pensa, ao final será importante por meio da socialização, para que os envolvidos também

possam fazer uma autoavaliação comportamental e atitudinal durante a atividade/aprendizado/fazer artístico, no qual, por alguns instantes possam soltar-se no tempo, no lugar e na idade.

Será pelo caminho da intersubjetividade, primeiro lugar, em direção a Um mesmo com principal diálogo diante do próprio ego, esse ser que pode corroer todas as relações, que se torna literalmente fundamento à nossa liberdade, por isso o pensar nesta relação, a mais violenta de todas, com o ser consciente e armado de toda coragem para enfrentar a batalha necessária a uma independência racional. Dados como aportados por DETHLEFSEN e DAHLKE, 1983, quando se aprofundam de maneira holística nas questões do ser, comentam sobre os olhos e refletem: “Os órgãos dos sentidos são os portais de nossa consciência” (p.143), pelos nossos sensores que estão abertos as mudanças de rota das partículas e suas frequências, quando levadas ao nosso córtex cerebral se forma uma imagem complexa e passamos a adjetivar como vermelha, cheirosa, quente e assim por diante. Na fonte e origem destas imagens complexas estamos nós mesmos e elas dependem de nossa tônica vibracional, de por onde andam nossos pensamentos que logramos capturar, os sentidos que elas nos trazem e, em primeiro lugar, contemplarmos a nós mesmos. Sei que é tarefa difícil de se encarar e depende deste guerreiro que todos temos no mais profundo, em estado de sombra, espreitando-nos no mais íntimo e somente trazendo luz a este lugar que poderemos voltar ao estado de equilíbrio

no puro ato de viver de todo ser humano - fraterno, amável, comum e pronto ao serviço. O olho somente enxerga o exterior e necessita do espelho para se autoavaliar. E para mais além, como reflete PALLASMAA, 2011, para além da visão em um “curto-circuito conceitual entre o sentido dominante da visão e do tato, a modalidade reprimida dos sentidos” (p. 10). No ato de espelhar, refletir sobre o outro na condução como hábito introjetando e espelhando no exterior aquilo que somente eu sei e conheço em meu íntimo, esse mecanismo que nos faz absorver o necessário e descartar o desnecessário movendo nossas sutis energias vitais. Sei que quando relaxados e conscientes toda engrenagem se move; ou ao contrário se enfezado - literalmente cheio de fezes - tudo pode estar contaminado, ambos estágios importantes serem trazidos à tona.

Na astrologia, nasci com o sol em virgem e com muitos planetas sobre sua regência. Apontam e relacionam esse signo com o intestino, ou seja, aquele órgão responsável por selecionar, triar, separar e descartar aquilo que não necessito mais em meu corpo, desde o que seria um final para um (re)início.

Reporto ao fato de que muitos líderes ecologistas vêm lutando por um mundo mais

(Ficha 56
ciano água
- O Cagão -



(Ficha 57
branco éter
- Astrologia -
MACHADO,
2007)



(Ficha 58
magenta fogo
- FRANCISCO,
Papa, 2015)

sustentável em atos até diante da “Santa Igreja nas encíclicas trazidas pelo atual Santo Padre Francisco” igualmente apoiados em antigos fundamentos romanos da cidade em que nasce a cloaca máxima, como a grande obra deixada pela antiga civilização que dominou o mundo por muito tempo, e deste nascedouro, retomam por estas encíclicas, denominadas: Sobre o Cuidado da Casa Comum, o discurso para retomada de consciência. Será este um início dos tempos da transformação em muitos de nossos valores materiais?

Assim como em profundo mergulho em nosso corpo, trazemos relacionados em nossa exposição os três lugares que alinhamos em uma costura: **o lugar da evocação**, como a cabeça, nossas lembranças em nossa educação e o que religar e evocar, o éter, mas em forte presença e o ar, nela reflito sobre minha postura em múltiplos âmbitos; **o lugar da informação**, como o tronco, nossos objetos criados e o espírito que nos move o ser *homo faber*, *homo ludens* e até - por que não? - o *homo (re)utilites*, com o fogo da criação, como nosso primeiro passo e a criança desafiante; **o lugar da transformação**, como os membros, nossos trabalhos, com a água - o contato, o meio - o que de movimentos que acionam o comum, o contato com o outro e, literalmente, impulsionam as ações, o que já estamos conscientes no agir.

No mergulho profundo do método no qual seguirei minha pesquisa, em encontros

felizes como os que testemunhei nos trabalhos da pintora Hilma af Klint e os símbolos e mensagens que ela nos sinaliza, um convite para adentrar em seus diversos portais e deflagrar mundos possíveis pintados com a mais pura vibração das cores que nos conduzem para tamanhos portais e diante de onde emergir e decifrar códigos materiais para assim deleitar no possível que se faz pelo (re)úso. Em todo seu caminho, passou por longo período em estudos nas pinturas mediúnicas, nas quais alguns teóricos querem definir como pinturas automáticas como faziam os surrealistas, sem o controle da razão, imagens do inconsciente, mas que ela, de algum modo esclarece, a diferença pois em suas pinturas havia o pleno exercício racional em diálogo com os seus mentores espirituais que forneciam materiais para discussão sobre os temas e símbolos propostos, e por esse motivo, ela não os definia como sendo abstratas senão imagens codificadas a serem decifradas.

Refletir na importância do reconhecimento diante de nossa pluralidade de vidas e nosso estado real como espíritos eternos que estamos em constante mutação conjunta com o universo. Recuperar o real papel das artes, diante do belo, que não se faz em um único indivíduo como potência criadora, mas em individuação; plena relação de consciência expressiva com seus canais diante da eternidade e da já existência do mundo criador e cheio da luz da sabedoria que se transforma em ínfimo cisco e faz girar a criação no comum, para a real comunidade resiliente, plural, eterna, expressiva no amor e realização plena. Diante

deste trabalho, me proponho pela abertura possível nos estudos acadêmicos um mero vislumbrar diante da espiritualidade e alguns dos termos nela existentes, mas que nos exige de um rigor de pesquisa ao que se preza a ciência em seu caminhar, aportes em necessária abertura nas pesquisas para que se faça descortinar esses horizontes e na segurança apoiada na certeza e busca diante da razão e esta sem percalços de (pré)conceitos para podermos avançar e ampliar todo nosso mundo material para além de seus próprios limites existenciais como na própria coincidência da utilização da palavra *quark*, a menor partícula recém-descoberta, como trouxemos, surge na raiz alemã e define como nada, ou seja, o salto já dado diante deste nada como antimatéria e elemento constituinte em nosso ser.

O Prof. Dr. Peter Pál Pelbart proferia em uma conferência intitulada **Elementos para uma Cartografia da Grupalidade**. O Indivíduo, o Comum, a Comunidade, a Multidão refletem em nosso comum:

Ora, hoje, tanto a percepção do sequestro do comum como a revelação do caráter espectral desse comum transcendentalizado se dá em condições muito específicas. A saber, precisamente num momento em que o comum, e não a sua imagem, está apto a aparecer na sua máxima força de afetação, e de maneira imanente, dado o novo contexto produtivo e biopolítico atual. Trocando

em miúdos: diferentemente de algumas décadas atrás, em que o comum era definido, mas também vivido como aquele espaço abstrato, que conjugava as individualidades e se sobrepunha a elas, seja como espaço público, seja como política, hoje o comum é o espaço produtivo por excelência. (PELBART, 2020, p. 03)

E pensar nesse comum, não estará conectado a uma nova percepção de nossa materialidade enquanto espíritos? Energia vibrante que supera para além das fronteiras de uma conjugação individual a uma conjugação coletiva naquilo que colocamos como o DE EUS, plural que salta do autorreferido colocado por PELBART (p. 03): “colocar para circular o que já é patrimônio de todos, fazer proliferar o que está em todos e por toda parte, seja isto a linguagem, a vida, a inventividade”.

4.3. Transformação

Iniciamos um ponto conclusivo na tese e incrível ressaltar em todo nosso caminho na pesquisa as “coincidências” trazidas pelo tempo e assim o ano de 2020 principia com uma pandemia em escala planetária, uma população abatida por um vírus nefasto – causador da Covid-19, uma doença fatal de rápido contágio que ataca como um vírus da gripe, ou seja pelo ar, que pontuei nas reflexões, no elemento, instância que faz com que todos sejamos

parecidos e como um monstro feroz vai ceifando muitas vidas nos números atuais estamos chegando ao impressionante mais de 4.828.000 mortos e no Brasil passamos a marca de mais de 600.000 mortos. Impossível não recorrer aos piores sonhos presentes no subconsciente como um caminho apontado tantas vezes pelos excessos cometidos pela espécie humana? Uma oportunidade está em sondar esse isolamento obrigatório, como um remédio amargo a ser tragado para manter a vida, na distância, usando máscaras, protetores faciais, luvas, uma febre de higiene e como comportar-se diante disso tudo? Em tempos de isolamento social como o recomendado pela Organização Mundial da Saúde como melhor forma de proteger dos contatos diante de tal vírus. O que fez cessar os movimentos diários nas cidades. Estou vivendo em um momento muito especial, pois moro a dez minutos do centro de minha cidade e o que era um ruído constante agora se fez preencher pelo som dos pássaros, o azul limpo do céu, livre dos gases dos automóveis, e a natureza que, por fim, se revela exuberante. Momento de forte oportunidade de refletir interiormente diante de tal silêncio e potência da natureza. Ironias do destino ao mesmo tempo de proibir e cuidar na forma de respirar, mas que esta possa te auxiliar atingir o centro do espírito por oportunas meditações. Será um momento de crescer diante de tal liberdade? Direcionar nosso olhar para lugares de liberdade, como aponta PELLEJERO, 2018, p. 68: “Ahi donde reside nuestra libertad, su cruda realidad busca transmutar en ideas de un mundo menos absurdo. ¿No es para eso que sirve en tiempos de aflicción?”.

Ciclos como os movimentos em todo universo que, na realidade, se aproximam mais de espirais giratórias em expansão e às vezes em retração, em eterno constructo como apontado pelos textos do Taumud, assinalados por PELBART, 2020, em sua aula inaugural no Atelier Paulista (anexo a ficha 59), segundo o qual o mundo surge de 26 tentativas através de uma (re)montagem.

(Ficha 59
ciano água –
vídeo, O Taumud,
PELBART, 2020)



Debruçar-se sobre (re)úso, materialidade em artes, espírito, criação envolto na subjetividade, me traz a certeza dos tempos de mudança ao qual vivemos como também os eternos retornos como no feminino/masculino, os questionamentos diante do ressurgir de vários grupos clamando por diferenciação em gêneros na busca da devida amplitude necessária, as liberdades conquistadas e as que estão por conquistar. Gêneros, raças, credos, sensibilidades que são necessárias para o profundo conhecimento em cada indivíduo para atingir a real força visceral de indivíduos em ação. Que nestes ressurgimentos o possível, desde um novo ângulo, ampliar e fazer crescer o gesto comunitário, mais igualitário e pleno em suas liberdades.

Nasci em 1963, anos de 1960-1970, como a época dos *hippies*, uma década cheia de movimentos sociais emergentes de transformação, movimentos contra as ditaduras, como maio de 1968, na França, e em junho

do mesmo ano no Brasil, Rio de Janeiro, que ficou conhecido como Passeata dos 100 mil e toda revolução estudantil que desencadeou uma série de questionamentos políticos e sociais que coincidem com movimentos em 1969, com os norte-americanos em protestos pelas guerras no Vietnã e culmina no festival de Woodstock que irradiou dimensões de transformação em muitas pessoas nesse período. Nele se fez o fato de uma frase que me impactou, falada por um ator em um espetáculo que assisti nos anos 1980, do grupo de teatro Boi Voador. A encenação intitulada *Corpo de Baile – uma entropia de João Guimarães Rosa*: “A festa amolece o sentido das realidades” e no pôster aparecia uma citação do poeta: “Meu duvidar sensível aparente – talvez só um escamoteio de percepções. Afinal de contas, a parede são vertiginosos átomos”.

Diante desta pandemia, neste principiar de década de 2020, aproveitei para reorganizar meu acervo pessoal com minhas fotos tiradas durante muitos anos e consegui digitalizar uma série delas, o que me ocupei durante esses meses e aproveitei para publicar algumas imagens no meu perfil em uma rede social e, para minha surpresa, tive um belo retorno, principalmente nas fotos das festas raves, que participei durante seis anos na Europa de 1994 a 2000, e na qual pude me envolver com grupos que buscavam liberdade, como se fosse um retomar da contracultura *hippie* nascida em Woodstock (ver ficha 65). Em tal ocasião; comecei a desenvolver uma série de experimentos com arte durante as festas com a participação em nosso ateliê – a Torre

de Papel -, foram várias que contribuí de forma especial dedicada ao prazer no fazer. Como retribuição apareceram várias pessoas amigos e conhecidos que participaram em tais festas, assim me ocorre a ideia de montar um questionário que intitulei Comunidade Rave (anexo A). Os que se interessaram preencheram os dados pessoais. E enviei também um termo de consentimento livre e esclarecido em que reforço o anonimato aos meus colaboradores pois utilizo pseudônimos para apresentar os resultados obtidos.

(Ficha 60
magenta fogo -
fotos Woodstock/
Raves)



Com os questionários - um total de 21 participantes - com 60% de homens e 40% mulheres, das seguintes localidades: 12 Espanha, 02 Chile, 02 Itália, 01 Holanda, 01 França, 01 Escócia, 01 Inglaterra e 01 Brasil. Criei pseudônimos para todos e os apresento abaixo com suas respectivas profissões e idades atuais; quando; e por quanto tempo frequentaram as festas raves; suas memórias; o delirar e desvariar; dos grupos e a organização e o sentido nas festas e o que restou após o tempo decorrido:

- Ale**: Cozinheiro proprietário de rede de restaurante vegano, 46 anos e nas raves com 21 anos de idade, durante 05 anos;
- Gap**: Chefe administrativa de empresa de áudio profissional alemã, 48 anos, nas raves com 19 e durante 20 anos;

- Ima**: Desenhista de interiores com foco na iluminação, 53 anos, nas raves com 30 e por 01 ano;
- Jav**: Gerente Cultural e Atriz, 46 anos, nas raves com 20 anos e por 12 anos;
- Joe**: Pós-graduado em musicoterapia, 44 anos, nas raves com 20 anos e ainda frequenta as festas;
- Kam**: Artista Visual, 45 anos, nas raves com 18 e ainda frequenta;
- Cri**: Cinema, Imagem e Som, 57 anos, nas raves com 32 e durante 04 anos;
- Lil**: Professora de literatura, 56 anos, nas raves com 30 anos e por 01 ano;
- Lui**: Administrador bancário, 45 anos, nas raves com 18 anos e por 02 anos;
- Mag**: Licenciada em filologia hispânica e restauradora pictórica, 50 anos, nas raves com 23 anos e durante 10 anos;
- Mam**: Pedagoga, 53 anos, nas raves com 22 anos e ainda frequenta as festas;
- Mar**: Arquiteta, 48 anos, nas raves com 18 anos e por 15 anos;
- Sid**: Enfermeiro e antropólogo social, 43 anos, nas raves com 20 anos e por 15 anos;
- Ste**: Literatura hispânica e artesã, 41 anos, nas raves com 20 anos e por 07 anos;
- Jos**: Titereiro, 43 anos, nas raves com 20 anos e durante 05 anos;

- Jam:** Fotógrafo, 48 anos, nas raves com 28 anos e por 10 anos;
- Emi:** Arquiteto de interior, 54 anos, nas raves com 25 anos, e durante 05 anos;
- Pap:** Atriz e desenhista gráfica, 48 anos, nas raves com 25 anos e durante 04 anos nas festas;
- Lup:** Arquiteto, Diretor Cinematográfico, 57 anos, nas raves com 32 anos e durante 05 anos;
- Mau:** Artista visual, 57 anos, nas raves com 32 anos e por 04 anos;
- Adr:** Desenhista de produtos, 57 anos, nas raves com 30 anos e frequentou durante 12 anos.

Das memórias

- Ale:** Da disco “Le Fou”, para mim um ponto a parte, no qual pude colaborar um pouco com o projeto e onde pude conhecer o trabalho da Torre de Papel, o Drapart, as Raves, etc.
- Gap:** A festa de Mipanas, porque a preparação foi emocionante, ‘In-situ’ compartilhar momentos maravilhosos, muitas risadas, muita ilusão, gente de todas as partes da Europa reunida em um lugar paradisíaco. Muito baile, com muita música boa e variada!
- Ima:** Ver como éramos jovens e a ilusão que o mundo podia ser dessa maneira.
- Jav:** O prazer da música e da dança.
- Joe:** Dos tempos em que colocava música nas festas e provocava com boas vibrações.

- Kam:** Lembranças de Mipanas por causa do espírito que foi vivido naquele festival.
- Cri:** As festas em Can Pradell, onde vocês viviam existia ali um exercício de comunidade muito bonito.
- Lil:** A emoção de ver velhos amigos. Na lembrança, de viver de volta o ambiente de estar conectada. Intensa solidariedade coletiva.
- Lui:** Vallgorgina, uma energia muito especial foi criada. Depois com a polícia que nos proibiu de continuar com a rave, então todos os carros de caravana, nos mudamos para as 4 paredes de Tossa, chegar lá com todas as dificuldades foi uma verdadeira subida. Foi mágico.
- Mag:** Can Pradell porque eu morava muito perto e tinha uma relação próxima com seus inquilinos.
- Mam:** Dos que mais gostei foi na casa de Montnegre, era um espaço natural e o ambiente era muito agradável e as pessoas estavam muito abertas para compartilhar.
- Mar:** As de Hipnose, porque foram as primeiras que organizamos, onde conhecemos muita gente pela primeira vez.
- Sid:** O que mais me empolgou foi ver um amigo tocando... Joel Olive... que não vejo há anos e com o qual compartilhamos boas experiências em outras partes mais tarde.
- Ste:** Castelo Keriolet em agosto de 2000. Minha memória mais emocionante com você nesta

rave foi quando você decorou meu cabelo com penas vermelhas.

•**Jos**: Difícil escolher, para mim, todos eles como um todo têm um enorme valor como um documento de uma era e um movimento.

•**Jam**: Saía com um grande amigo e amigos. Fiquei chocado depois de tanto tempo. A memória veio como se fosse ontem, éramos inocentes, e passávamos muito bem!

•**Emi**: Suas fotos Lufe, publicadas no facebook, que eu apareço e as pessoas que eu reconheço, nos trouxeram momentos animados porque você nos fez lembrar ou reviver o passado e como éramos divertidos e poder ver os tipos visuais que fazíamos. Boas memórias em tempos atuais de tanto isolamento!

•**Pap**: Emoção por recordar pessoas de muito tempo atrás.

•**Lup**: Foi a melhor época de minha vida!

•**Mau**: Havia uma festa que aconteceu em uma mansão abandonada no campo. Tinha afrescos de diferentes lugares do mundo nas paredes das salas. Era uma casa que teve, seguramente, seu esplendor no passado, mas que se encontrava quase destruída. Era muito impressionante o contraste entre a riqueza de arquitetura e a decadência por abandono e a ocupação daquilo tudo por uma festa que parecia a chegada de uma tribo tecno nômades ou algo parecido. Reinventavam funções para os espaços dessa casa e a animavam com gente e música.

•**Adr**: Me levou de volta a um momento precioso e com muito boas recordações. Gostaria de

lembrar qual música estava e o nome da garota dormindo na foto devia estar tocando um bom som ambiente.

Do delirar e desvariar

•**Ale**: Me marcou um pouco tudo, conectei com a música, descobri as drogas, pude participar de alguma organização das festas e aprendi a respeitar o meio ambiente a sexualidade aberta (e senti-la) e a abrir-me a um mundo novo de emoções.

•**Gap**: Animalizar-se, liberdade e liberdade, desenvolver a criatividade e a diferença!

•**Ima**: Marcou-me a vivência de experimentar a liberdade com ajuda da música eletrônica e, claro, a da droga. Me encantou escutar Antonio Machin “angelitos negros” no meio da natureza.... experiência sublime.

•**Jav**: Experimentação com a mente

•**Joe**: Música e substâncias. Por conhecer novos mundos dentro de mim, conexões profundas, etc.

•**Kam**: Música, sempre foi o que mais me interessou, pois certos artistas de eletrônica conseguem quebrar os parâmetros clássicos da composição para propor um trabalho desde a física acústica sem regras de harmonias, o mínimo que é!

•**Cri**: Tudo do qual desfrutei muito.

•**Lil**: Na rave: para mim naquele momento, mais do que qualquer coisa: liberdade na natureza. Sem drogas para mim. Seja livre e puro. Não explicado, sem provas. Igualdade e paz.

•**Lui:** Todos. A combinação perfeita de encaixar tudo perfeitamente.

•**Mag:** Tudo junto porque criava em mim um ambiente acolhedor e inspirador onde dar asas à minha liberdade criativa e emocional.

•**Mam:** A música e a atmosfera, acima de tudo. A sensação de liberdade e relaxamento que se misturavam com pessoas muito criativas e muito interessantes. Havia também pessoas de diferentes nacionalidades e você percebia que não importava a origem ou nacionalidade, nós éramos capazes de compartilhar os mesmos interesses.

•**Mar:** A combinação de tudo, mas acima de tudo: BAILAR!!! Dançando como uma louca por horas e com todo mundo... e compartilhá-lo com um monte de gente, alguns conhecidos e muitos desconhecidos, mas de sentimento como uma grande família.

• **Sid:** O que mais me atraiu para o conceito de rave foi a comunidade e o ritual... música e drogas foram a estrutura de uma experiência única... um rito de passagem... para ser uma pessoa melhor... não apenas divertido... se não estiver ciente de ser capaz de ser mais do que apenas indivíduos isolados sem noção de seu tempo e vida.

•**Ste:** Dançando até o amanhecer e festejando sobre a natureza.

•**Jos:** Pois precisamente a mistura de todos esses ingredientes foi o que possibilitou a explosão da liberdade. O fato de ter sido feito na natureza ou em espaços abandonados tornou as raves únicas.

•**Jam:** Acho que tudo estava unido era um momento social sem limites e de grande liberdade. Dançar com som eletrônico era um ritual que eu nunca me esquecerei e no momento em que eu estava vivendo a festa, então era uma conexão pessoal com todas as pessoas envolvidas.

•**Emi:** Entendo que os fatores que tornam esse tipo de evento especial é o meio ambiente, o campo, a natureza, o tipo de pessoas e a música.

•**Pap:** Como a música era espetacular, as drogas abriram sentidos para mim que, até aquele momento, eu não estava ciente, o ambiente porque eu nunca tinha estado em festas no meio da natureza, a organização era fantástica, sempre tínhamos algo para comer e beber, ou dormir.

•**Lup:** O que mais me marcou foi o movimento em si, havia respeito, tolerância, boa e nova música. A experiência com as drogas do momento foi enriquecedora, um estado de consciência e amor jamais vividos antes para mim.

•**Mau:** Acho que tudo ao mesmo tempo! Tudo parecia um ambiente cultural de costumes daquele grupo de pessoas.

•**Adr:** Tudo isso! ... mas a música é, em última análise, a fonte de tudo isso, e o motor para celebração. Isso vai ficar comigo para sempre. Como forma de protestar, mas não ser levado muito a sério, recuperar as ruas foi o melhor.

Dos grupos que organizavam que experiência ficou

•**Ale:** Lembro-me especialmente das primeiras raves, eram limpos, se limpava tudo ao terminar, respeito a natureza, a música era incrível, me encantava a atmosfera com as cores flúor, uma super modernidade e hippies no mais clássico. Nas festas organizadas pela Torre de Papel ou onde colaboravam alucinava muito e mais notava a presença do amor em cada canto!

•**Gap:** Loucura, muita risada, muito baile, afeto, atenção diante dos demais ravers, transgressão de horários e lugares.

•**Ima:** Em nosso coletivo Torre de Papel, organizamos algumas delas, vivendo muito próximo, mas nunca me senti muito unido aos outros grupos que organizadores.

•**Jav:** Um grupo muito diferente de pessoas que colaboraram em prol de um bem comum.

•**Joe:** Com os grupos tudo muito bom, de verdade. Até quando as festas começaram a massificar e terminava tudo sujo onde não era meu lugar!

•**Kam:** Liberdade.

•**Cri:** Amor pela música, pessoas, encontros, risos... e as drogas.

•**Lil:** Eu não estive em tantas raves, mas as organizações sempre fiquei impressionada. Como reunir tanta gente em lugares sem internet... Século passado!

• **Lui:** Seres cheios de amor e com muita vontade de compartilhar tudo.

•**Mag:** Forjei amizades importantes que ainda mantenho.

•**Mam:** O interessante da organização é que ela era compartilhada por todos, qualquer um poderia propor e colaborar com ela. Era uma organização muito transversal, cada uma trazendo suas habilidades para que todos pudessemos desfrutar.

•**Mar:** Organizei festas com Hipnose, Vurt Sound System, Tasmâniac e muitos sistemas de som do Reino Unido, França, República Tcheca, Áustria, Itália.

•**Sid:** Dos grupos que organizavam festas aqueles que mais me marcaram foram Tasmâniac e Vurt Sound System depois que meus amigos começaram a organizar e começamos a filmar diferentes eventos, por exemplo, em nossa ilha, Menorca... especialmente durante o verão.

•**Ste:** Eu realmente gostava de sentir a energia do grupo dançando, assobiando e, às vezes, gritando. Eu tinha amigos DJs que levavam seu set muito a sério, era sagrado para eles.

•**Jos:** Era um tempo vivido com grande intensidade e à margem das convenções sociais. Festas autogerenciadas em uma era sem GPS, redes sociais ou *smartphones*. Chegar à mesma rave era uma aventura e uma grande parte de si mesma. Os organizadores possibilitavam o encontro e a experiência. Eu não participei diretamente na organização das festas.

•**Jam:** Eu acho que toda a iniciativa foi boa e que o fato de haverem pessoas que se envolviam

em fazê-lo o que estavam ganhando era a experiência. Como todos houve mal-entendidos e houve um momento de saturação, mas os de Girona, o quarto de Cel, Blau, você Lufe com toda a sua arte envolvida nela.

•**Emi**: Era uma organização excepcional, não só por carregar uma complicada infraestrutura de som e venda de bebidas, mas também para a comunicação e o sinal para ser capaz de chegar a esses locais.

•**Pap**: A organização estava bem ciente do que fazia e queria transmitir. Eu sempre me senti muito segura e protegida.

•**Lup**: Ficou a beleza de saber que vivemos um momento muito especial juntos. Ficou a sensação de amor coletivo, de tribo, de unidade.

•**Mau**: Ocupação cultural de espaços mortos, a ressignificação deles sem esperar o consentimento do organismo social.

•**Adr**: As pessoas verdadeiramente criativas que organizavam as melhores festas e festivais gratuitos geralmente tinham outros recursos e habilidades. Eles tornaram a experiência mais humana, segura, colorida e inclusiva. Podemos agradecer ao clima mediterrâneo e a uma cultura verdadeiramente eclética por isso. Drogas ruins e egos frágeis, podem estragar muito!

Do sentido encontrado nestas festas e o que trouxe para sua vida

•**Ale**: Para mim, era o sentido de comunidade, o entrar em um entorno de liberdade onde

pouco a pouco, ia conhecendo todo mundo para criar uma grande família. O baile, a música, as conversas íntimas, o descobrir-se a Um mesmo... o crescer junto a grandes pessoas chegadas de diferentes partes do mundo. Quando me ausentava, me sentia muito longe do ambiente e que me faltava algo. Sim, deixaram muitas marcas profundas na vida que nunca perdi e nem quero perder. Agora com a possibilidade das redes sociais, vejo todo amor naquilo que segue vivo. Quem bem passávamos! Muitas vezes, conto para meus filhos sobre esses momentos vividos e eles também alucinam!

•**Gap**: Expressão pessoal, desinibição, vontade de festa e sair do cotidiano, sincretismo e vibrar com a música.

•**Ima**: Vontade do esquecer-me do mundo através das drogas. Lembro-me de momentos sublimes, mas com a consciência de que ao acabar o efeito das drogas, voltávamos a vida real.

•**Jav**: Muita colaboração, criatividade, o que é possível construir uma economia paralela.

•**Joe**: Família, tribo, consciência coletiva.

•**Kam**: A festa, além de rave, é um encontro de pessoas quebrando barreiras sociais, barreiras sexuais, preconceitos, são espaços de liberdade muito necessários que eu ainda preciso.

•**Cri**: Reunião com pessoas queridas. Para mim, toda essa experiência foi uma abertura para um novo mundo que eu não conhecia. Acho que perdi muito medo da vida.

•**Lil:** Sentido: unir, conectar, libertar, abrir o mundo e estar conectado a um mundo mais bondoso e solidário. Sim, esse tempo me trouxe muito. Sentia mais liberdade. Mais corajoso do que ousar ser quem eu sou. Um carimbo na minha identidade. Mais hippie que já era emocionalmente, mas percebendo que há mais pessoas como você que querem construir uma sociedade mais tolerante e aberta a todos.

•**Lui:** Uma sensação de liberdade que não senti de novo. Aprender a se empolgar. Canais abertos em minha mente. Graças a todas essas experiências, eu sou a pessoa que sou hoje, sem dúvida.

•**Mag:** Sentimento de liberdade e comunhão com a natureza, bem como um senso de integração na tribo.

•**Mam:** São festas autogeridas e sem limites de tempo, onde diferentes espaços de criatividade cultural ocorrem em um ambiente muito rico em cultura e relações humanas. Passei por muitas experiências de conhecer pessoas muito interessantes e me ofereceram outra maneira de viver a partir da capacidade de autogestão, a colaboração entre as pessoas para um propósito comum, solidariedade onde cada um contribuía com o que tivesse e oferecia a outros e, acima de tudo, um conhecimento de muitas pessoas que faz você capaz de abrir sua mente e você pode chegar a um entendimento onde os danos diminuem e sobretudo desfrutar da vida mais saudável e livre.

•**Mar:** As festas no fundo eram uma forma muito positiva e ativa de assumir o controle de

nossas vidas e resistir às tendências da sociedade em relação à convencionalidade. Eram espaços criativos e democráticos.

•**Sid:** Para mim, elas tinham um senso espiritual acima de tudo, além de se divertir foi agradecer à natureza por nos deixar apreciá-la... uma conexão ou melhor... uma ponte de conexão para conhecer pessoas autênticas e acima de tudo para se conhecerem melhor... Acho que tenho boas amizades e entes queridos precisamente daquela época porque nos marcou um pouco viver aquela comunidade raves... Original... fresco e sem tabus... muito experientes... muito inocentes!

•**Ste:** Para mim, as raves tinham um senso tribal, ou seja, era uma maneira de se conectar com o grupo, formar uma tribo criando um ritual noturno através de drogas, decoração, música e dança. Foi uma proposta - da juventude e não só - diante da falta de rituais das sociedades modernas. Eles me deixaram consciente da necessidade de criar rituais e uma profunda gratidão à Mãe Terra. Eles me deixaram um gosto por dançar música eletrônica, mas sinto muito pelo uso regular de drogas.

•**Jos:** Depois de mais de vinte anos da era das raves, é muito claro que foi um movimento total, resultado de um certo momento. A partir desse movimento, você pode analisar muitos aspectos: como música, estética, filosofia... Foi um movimento hedonista que buscou liberdade à margem da sociedade. Talvez o que me marcou foi a sensação de pertencer a algo maior, fazer parte de um todo. Uma conexão que surgiu entre o grupo em um ambiente da

natureza e através do músico, um sentimento de amor muito grande.

•**Jam:** Liberdade de música e expressão. Todos se envolviam do seu jeito e, sim, foi um ótimo momento para aproveitar, fugir e socializar.

•**Emi:** Para mim foi um grande choque, era como em uma discoteca, mas em contato com a natureza, e eu gostei da emoção de ser um evento clandestino. Eles me marcaram muito, porque eles eram um pouco difíceis de chegar e o retorno então, para casa, era uma superaventura dirigir nas estradas e com os controles policiais!

•**Pap:** Liberdade, amor e consciência que me marcaram, sim, e todas! Sinto-me muito sortuda por ter vivido essas experiências.

•**Lup:** Tinha muito sentido, talvez o que mais consigo ver é conexão em grupo, o não-individualismo, a busca da felicidade imersos na música e baile. Era tudo amor e sedução. Quer coisa melhor quando você está na flor da idade? Na minha vida atual e para sempre, ficou marcado daquela época foi a consciência de que ninguém é feliz sozinho. A experiência do coletivo engrandece, ainda mais quando a base desse coletivo é a música e o amor.

•**Mau:** Somos todos uma pilha de livros, discos, festas, expressões, risos, lágrimas. Cada um na sua forma a simular. Estar com amigos nesses lugares, conversando, dançando, bebendo, tomando *ecstasy*, passeando no campo e pronto. Era muito bom!

•**Adr:** Desde o início da música eletrônica

como uma atividade generalizada, as linhas se desfocaram entre o público e o artista. A música e o espetáculo catalisaram uma energia que uniu as pessoas de uma forma muito natural e, alguns diriam, antiga.

Diante de todos estes relatos, se esclarece o quanto estas festas foram um exercício de rebeldia, liberdade e encontro diante do comum que se tornaram todos os que deste período participaram e puderam de forma envolvente trazer e manter em suas vidas essa chama acesa para a comunidade, perpassado pelo rebelde e levado muito além do social. Em meus trabalhos, pude constatar com grande alegria como aqueles pequenos gestos nas montagens, performances e convívios marcaram grande parte e fixaram algumas bases para seguir o evocar em minhas produções diante do oportuno (re)úso e resiliência que faz todo um sentido em minha interlocução.

O fato de propor uma problematização, só contribui para a educação na direção dos novos lugares de produção de conhecimento e sua importante busca no tempo vitalício, como levantado por Bauman (2011), e também por Silva (2006), em uma aprendizagem ao longo da vida.

Para finalizar esse caminho da pesquisa foi necessário um confronto entre as ideias que busco no projeto da exposição e seu efeito sobre aqueles quem vivenciaram tal experiência, como algo que coloco a disposição que se toma para resolver ou dar continuidade a um assunto no que tange como ação providencial, aqui uma ação como contágio para uma entrega maior

como a energia do amor. Neste ponto ver como as questões do espírito serão fundamentais em nossas ações no âmbito da arte. Como comentado por um Espírito trazido a KARDEC, em *A Gênese*, 1992, (p. 55-56) e sua primeira edição foi no ano de 1868, como todas as coisas estão ligadas em sua essência, permeadas e fluidas pelo amor:

“O homem é um pequeno mundo cujo diretor é o Espírito e no qual o princípio dirigido é o corpo. Nesse universo, o corpo representará uma criação da qual o Espírito seria Deus. (Compreenderei que não se pode ver aqui senão uma questão de analogia, e não de identidade). Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, seus músculos, seus nervos, suas articulações, são igualmente individualidades materiais, se se pode dizer assim, localizar em um lugar especial do corpo; se bem que o número dessas partes constitutivas, de natureza tão variadas e tão diferentes, seja considerável, entretanto, ninguém duvida que não possa se produzir um movimento, que uma impressão qualquer possa ocorrer em um lugar particular, sem que o Espírito disso tenha consciência. Há sensações diversas em vários lugares simultâneos? O Espírito as sente todas, discerne-as,

analisa-as, assinala, para cada uma a sua causa e o seu lugar de ação, por intermédio do fluido perispiritual.

Um fenômeno análogo ocorre entre a criação e Deus. Deus está por toda a parte na Natureza, do mesmo modo que o Espírito está por toda a parte do corpo; todos os elementos da criação estão em relação constante com ele, do mesmo modo que todas as células do corpo humano estão em contato imediato com o ser espiritual; não há, pois, nenhuma razão para que os fenômenos da mesma ordem não se produzam da mesma forma num e noutro caso. Um membro se agita: o Espírito o sente; uma criatura pensa: Deus o sabe. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos estão postos em vibração: o Espírito sente cada manifestação, distingue-as e as localiza. As diferentes criações, as diferentes criaturas se agitam, pensam, agem diversamente, e Deus sabe tudo o que se passa, assinala cada um o que lhe é particular.

Pode-se disso deduzir, igualmente, a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade de todos os seres, de um mundo, entre si, a de todos os mundos, enfim, das criações e

do Criador.(KARDEC pelo espírito de Quinemant, sociedade de Paris, 1867)

Conclamo a fé, apontada por Rohden (2007), a palavra fé do grego *pistis*, cujo verbo é *pisteuein* (ter fé) em sua tradução onde, segundo o autor, se inicia a perda e certo controle pelo poder e que, por sua vez, deriva do latim no termo *fidelitas*, derivação que originou *fidelis*, fiel que desemboca em fides (fé), palavra sem verbo que surge da necessidade de substituição pelo verbo *credere* (ter fé - adaptado) surgindo daí uma diferença básica, pois crer é acreditar, dar créditos como um ato em negociação e ter fé é estar sintonizado ser tomado pela plenitude do ato de fé, e esta fé que me valho como a fé raciocinada. A razão que usamos neste trabalho como sendo a figura DE EUS ou Deus ou até se quisermos tão somente a terminologia estrita, a Natureza e seu caráter onipresente em nossas relações. Da fé raciocinada apoiada na esperança crítica trazida por Freire (2013), o qual nos propõe:

“Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão.” (eBook)

Ambos os atos para religar, como nos aponta Morin (2012):

“Estou religado na ‘religação’ [...] Ela sugere que a noção de Humanidade é, por si só e ao mesmo tempo, racional e religiosa, no sentido de que ela apela racional e religiosamente para que todos os humanos estejam fraternalmente ‘religados’”. (p. 112)

Em tais reflexões estará implícito o fato de sermos indivíduos/espíritos que necessitamos nos apoiar uns aos outros para logarmos a verdadeira liberdade, esta que será de maior potência diante da percepção da matéria/energia, constructo para indivíduos/espíritos em ação, em prol do que nos é comum e criarmos - ou melhor (re)criarmos, - nossa comunidade de seres livres, criativos e movidos pelo fraterno, o ético e o amor. John Dewey (2010) na sua pedagogia progressista olha também para Deus como unidade de todos os fins ideais, levando-nos a desejar e a agir. Faço a união da força gravitacional em nosso planeta, ou essa energia que nos atrai para a Terra, como amor de mãe amparando seus filhos, no que aprender de sua matéria, para ampliar o voo no universo como o pai e, então, sim, vibrar no amor como energia vital, como força propulsora em todo ser.

Elaborei um questionário (ANEXO B) e a partir das reflexões geradas por um grupo de pessoas convidadas para uma pré-inauguração de minha exposição virtual. A

princípio, convidei todos os que responderam o questionário anterior sobre as raves, em um total de 21; logo um grupo de ex-alunos do último curso de artes e mais um grupo de 32 amigos, colegas de pesquisa e conhecidos totalizando 56 e que participaram ao final, 78,57%, resultando em um grupo de 44.

Mantive um critério de pessoas heterogêneas, porém conectadas de alguma forma com a arte-educação, seja como professores ou com algum interesse no tema. Apresento questões advindas da participação da exposição montada para plataforma virtual, assim como o questionário para servir-nos de apoio ao que me propus trazer à luz nesta tese.

Destes 44 participantes para esta ocasião: 59% mulheres e 41% homens, das seguintes localidades: 34 do Brasil, seis da Espanha, dois da Itália, um da Alemanha e um da Dinamarca.

Importante salientar o fato de ser uma exposição virtual, realizada pela primeira vez, que busquei criar uma forma diferenciada das exposições existentes que tentam reproduzir com fidelidade o espaço expositivo onde acontece a mostra dos trabalhos, o que a meu ver se torna algo difícil ou quase impossível pela distância existente. Quanto ao fato de buscar fruição dentro do lugar e com condições extremamente diferenciadas das que estamos habituados, e somados ao momento de exceção da pandemia em que nos pedem isolamento social, e todos em suas casas desempenhando várias funções práticas como

limpeza em geral, cuidados nos relacionamentos com os quais compartilhamos o lugar, além das atividades de trabalho/estudos remotos que também desenvolvemos em casa. Será dentro deste ambiente, no nosso dia a dia pandêmico, a visita a uma exposição, que até há pouco tempo se percorria de maneira solitária e concentrado no diálogo espectador-obra, agora muitos ruídos acontecem conjuntamente tornando-se bastante difícil a cognição, pontos estes que tomei como princípio seguro e comum em maioria das pessoas.

Ana Mae faz um alerta: “O conhecimento em artes se dá na intersecção da experimentação, da decodificação e da informação” (2009, p. 32), e como uma junção possível, abro minha exposição solicitando uma ação ao participante. De início uma página com uma pequena história em quadrinhos, com a qual proporciono aos visitantes a um breve questionar do que seria tal desafio e parto, na sequência, para trazer toda informação necessária sobre meu trabalho e suas sucessivas camadas, corpos ou lugares a serem descortinados durante a visita.

Procuro tirar proveito da ocasião para provocar uma pequena faísca sobre a possibilidade de como nosso espírito pode se exprimir neste intermeio da arte. Aponto para Denis, dentre seus muitos estudos feitos durante a efervescência no que ocorreu em meados do século XIX, quando das “mesas girantes”, como cito anteriormente (ver p. 62 – Apresentação) um período do início do embate entre o mundo material e o espiritual, chamado, para recordarmos, o tempo da fantasmagoria,

já discutido por Benjamin. Denis aponta que neste período, o qual estava fincado em muitas crenças, eleva o espírito a um caminho:

A arte bem compreendida é um poderoso meio de elevação e de renovação. É a fonte dos mais puros prazeres da alma; ela embeleza a vida, sustenta e consola na provação e traça para o espírito, antecipadamente, as rotas para o céu. Quando a arte é sustentada, inspirada por uma fé sincera, por um nobre ideal, é sempre uma fonte fecunda de instrução, um meio incomparável de civilização e aperfeiçoamento. (1922, p. 17)

Refletir em como se dá o ponto final em minhas considerações, ou como prefiro nomear o retorno ao princípio, a volta para algum início. O nosso eterno retorno, os ciclos girantes de nossa vida, estruturada em cadeia como nosso próprio DNA, espiral vitalícia em movimento constante que nos promove um acúmulo de experiências, estas sim, que fazem sentido se burilamos como em uma pedra bruta que vai sendo lapidada para atingir forma acabada com seu brilho mais intenso.

Movimento ao ampliar a questão do espírito diante do mundo material das descobertas que Kardec (1992) comenta:

“O Espiritismo essa loucura do século XIX, segundo aqueles que querem permanecer na margem terrestre, nos descobre todo o mundo, mundo bem de outro modo importante para o homem do que a América, porque todos os homens não vão à América, ao passo que todos sem exceção, vão ao dos Espíritos, fazendo incessantes travessias de um para o outro”. (p. 178)

Apresento a seguir o grupo convidado, um coletivo, reunido pelo ideal de experimentação em uma exposição que intitulei RE\, alojado em plataforma digital com o endereço: www.lufelopes.art.br. Ao leitor que ainda não acessou, essa poderá ser uma boa pausa, antes de retomar sua leitura, claro que faço como sugestão, para desta forma apreciar melhor o percurso, os dados que, a exemplo do questionário anterior, abro apresentando a todos que dela participaram, a fim de preservar a identidade para os quais criei pseudônimos com suas respectivas profissões, países e idades atuais.

Registro suas opiniões enquanto qualidade, se é arte e porque, o sentido de arte, projeto e desenho, ao (re)úso, as contribuições e criações propostas, para fecharmos no sentido do transformar e interesse surgido deste contato. Gerei alguns gráficos pela facilidade de leitura nos resultados.

- Anb**: Arquiteta, Artista Visual e Professora no ensino superior, 61 anos, Brasil;
- Fra**: Arquiteto, 53 anos, Brasil;
- Luc**: Servidora pública federal e Música, 49 anos, Brasil;
- Mag**: Professora no ensino superior no curso de artes visuais, 56 anos, Brasil;
- Mai**: Desenhadora Designer gráfico, 59 anos, Brasil;
- Mon**: Professor coordenador do núcleo pedagógico do estado de São Paulo, 36 anos, Brasil;
- Rad**: Professor no ensino superior no curso de artes visuais, 40 anos, Brasil;
- Rei**: Artesão, 59 anos, Brasil;
- Síl**: Professora do ensino médio, 56 anos, Brasil;
- Var**: Arquiteta e professora do ensino superior, 55 anos, Brasil;
- Vic**: Músico, 34 anos, Brasil;
- Cla**: Fisioterapeuta, 56 anos, Brasil;
- Ang**: Desenhadora - Designer de joias, 58 anos, Dinamarca;
- Lig**: Artista Visual e Arte-Educadora, 37 anos, Brasil;
- Anl**: Arquiteta e Professora do ensino superior, 60 anos, Brasil;
- Anc**: Arquiteta e Produtora Cultural, 57 anos, Brasil;

- Giu**: Educador, 43 anos, Brasil;
- Anh**: Professora, 42 anos, Brasil;
- Gis**: Música, 59 anos, Brasil;
- Rit**: Arquiteta e Professora no ensino superior, 58 anos, Brasil;
- Tar**: Professora no ensino superior, 46 anos, Brasil;
- Lup**: Arquiteto e Diretor Cinematográfico, 58 anos, Itália;
- Caw**: Artista Educador, 54 anos, Brasil;
- Fla**: Artista Educadora, 38 anos, Brasil;
- Cly**: Professor no ensino superior, 37 anos, Brasil;
- Ces**: Arquiteto Professor no ensino superior, 56, Brasil;
- Reg**: Arquiteta, 64 anos, Brasil;
- Mau**: Educomunicador, 41 anos, Brasil;
- Adr**: Artista Visual, 57 anos, Brasil;
- Gui**: Artista, 27 anos, Brasil;
- Jos**: Professora no ensino superior, 43 anos, Brasil;
- Ped**: Diretor Analista de TI, 59 anos, Brasil;
- Dom**: Artista Plástico, 57 anos, Brasil;
- Gab**: Jornalista, 34 anos, Brasil;
- Cal**: Artista Visual, Educadora, Coordenadora de projetos socioambientais, 39 anos, Brasil;
- Ale**: Chefe de cozinha dono de restaurante

vegetariano, 47 anos, Espanha;

•**Lui**: Oficial Bancário Administrativo, 45 anos, Espanha;

•**Cris**: Diretora Cinematográfico Assistente. 58 anos, Espanha;

•**Mar**: Diretora de uma escola pública infantil e primária em Barcelona, 57 anos, Espanha;

•**Bor**: Artista e Cozinheiro Autônomo, 47 anos, Espanha;

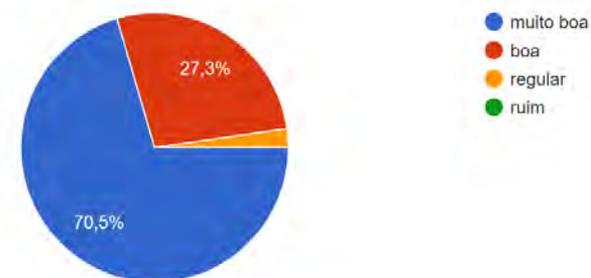
•**Ke1**: Arquiteta e Professora no ensino superior, 47 anos, Brasil;

•**Jop**: Titereiro, 44 anos, Itália;

•**Faf**: Psico Cabeleireira, Artista e Assessora de imagem, 58 anos, Espanha;

Qualidade / Arte / Por que

01. De um modo geral, como você qualificaria esta exposição? (44 respostas) Por quê? (44 respostas)



•**Anb**: Relata a trajetória do artista, contextualizando o trabalho e sua evolução.

•**Fra**: Me identifico com o trabalho.

•**Luc**: Bem montada, fácil de acessar e conteúdo muito interessante.

•**Mag**: A exposição apresenta a experiência completa do Lufe/Espírito como arquiteto, artista e educador. A mostra expõe o seu caminho evolutivo ancestral que se materializa por meio do processo de criação na obra de arte. Apresenta arte, natureza e espiritualidade. A apresentação nos ajuda a questionar e, às vezes, até recordar de onde viemos, onde estamos, o que estamos fazendo aqui e para onde estamos indo.

•**Mai**: É uma exposição completa, dinâmica em conteúdo e criatividade!

•**Mon**: Porque o ato de recriar coisas a partir

de outras que ali já existiram é o máximo, além de contribuir para nosso meio ambiente, contribuiu para nosso olhar.

•**Rad**: Pela diversidade de produções artísticas apresentadas nesta trajetória.

•**Rei**: Pelo enfoque no reúso de matérias-primas.

•**Sil**: Porque é de uma criatividade ímpar o seu trabalho REVER reflexivo.

•**Var**: Apresenta questões atuais e cotidianas de forma criativa e inovadora.

•**Vic**: Muito rica em informações.

•**Cla**: Porque nos faz pensar e repensar sobre aspectos importantes da nossa vida. Tudo com muita sensibilidade e maestria!!

•**Ang**: Me faz falta uma descrição maior da Falu... que aos meus olhos foi o seu início na trajetória europeia mesmo antes da Torre de Papel.

•**Lig**: Muito surpreendente a proposta de somar à exposição criações a partir dos objetos que seriam descartados, objetos que estavam sobrando, por assim dizer. Uma forma de olhar de um modo diverso para a banalidade destes objetos e experimentar dotá-los de outros sentidos e facetas.

•**Anl**: Há uma coerência e um fio condutor no trajeto do artista que não o faz abandonar a percepção ampliada dos objetos que nos rodeiam.

•**Anc**: Cria a possibilidade de reflexão e outros

olhares para as pequenas coisas descartadas diariamente.

•**Giu**: Porque tal qual a descrição, ela faz uma retrospectiva do trabalho do artista.

•**Anh**: Eu gostei muito da ideia dos lugares e seus conceitos, do tom autobiográfico e retrospectivo e da interatividade – possibilidade de participar com imagens. Acho que ainda precisa afinar um pouco melhor a comunicação com o público lapidando os textos e evidenciando a relação complementar entre o site e o blog.

•**Gis**: O conceito, a contemporaneidade em função da realidade necessária no reaproveitamento de materiais gerados pelo consumo sem função póstuma, as obras geradas.

•**Rit**: Provocante.

•**Tar**: Apresenta uma boa produção, trabalho muito instigantes. Associado com elementos de contextualização. E inicia com uma possibilidade de fazer.

•**Lup**: Não estou falando do conteúdo (que é excelente), mas só não qualifiquei a exposição de “muito boa” porque, sendo uma exposição virtual, encontrei alguns problemas na navegação.

•**Car**: Coerência processual e conceitual impecáveis.

•**Fla**: Achei interessante a disposição em temas divididos, fácil acesso e condução na divisão dos três eixos Evocação, Informação e Transformação.

•**Cly**: Gostei muito da exposição. Penso que pudessem ter sido exploradas mais alternativas para a exibição dos trabalhos.

•**Ces**: Me pareceu um currículo ilustrado. Faltou linguagem adequada ao meio computacional.

•**Reg**: Criativa e instigante.

•**Mau**: Traz a reflexão sobre uma trajetória e como podemos pensar o reuso.

•**Adr**: Ela conseguiu me tirar da realidade e me levou para um outro mundo.

•**Gui**: Achei muito bom o formato como ela foi apresentado nesse contexto do virtual. A utilização de textos, vídeo e imagens gerou uma boa interação. A forma como os conteúdos foram expostos também ficou muito interessante e ajuda na condução da trajetória que a exposição propõe.

•**Jos**: Porque ela consegue apresentar a proposta do (re)uso com leveza e forte identidade.

•**Ped**: Porque para mim foi um momento de deleite, em várias passagens fui convidado a interessantes reflexões e pude perceber a potencialidade da (re)leitura das pessoas e coisas.

•**Dom**: Pela criatividade e genialidade do artista do Lufe Lopes que acompanho há mais de quarenta anos. E pelas propostas de reuso e reciclo de objetos muito triviais e cotidianos. Pura poesia visual.

•**Gab**: Criatividade, pluralidade, explicações sem cortar a imaginação do visitante.

•**Cal**: Tive alguns desafios com os textos.

Apreciei muito poder me aproximar deste percurso extenso e aparentemente intenso de diálogos, reflexões e produções realizadas com materiais diversos reciclados, foi muito interessante e positivo me aproximar destes tão significativos temas do (re)uso/ciclagem/ver etc. Através dos olhos e dos trabalhos do Lufe (especialmente no tempo em que vivemos). Senti falta de estar na presença viva das obras. Primeira exposição exclusivamente virtual que mergulho.

•**Ale**: Acho incrível toda transformação de algo que será descartado.

•**Lui**: Muito criativo.

•**Cri**: No meu caso particular, porque ele me transporta para lugares felizes e momentos.

•**Mar**: A arte de transformar um objeto de diferentes olhares. Uma fonte de criatividade.

•**Bor**: Por me levar a muitos lugares de lembrança, trabalha com grande interesse na busca por usos com materiais usados, e as obras são, em muitos casos, realizadas em grupo, em harmonia.

•**Kel**: Mostra a potência dos materiais que temos à mão e que descartamos apenas pela cultura do que é inútil. essa potência é projeto. É desejo!!!!

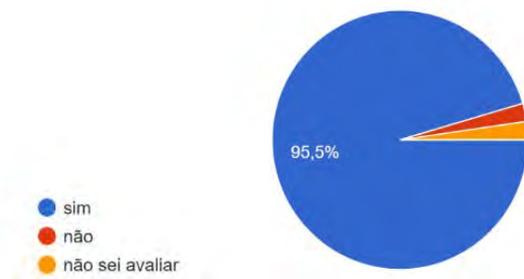
•**Din**: Uma maneira muito boa de mostrar seu trabalho.

•**Jop**: Gostei de ver a trajetória vital do artista como a principal obra da exposição.

•**Faf**: Porque marca o trajeto do artista e seu desenvolvimento.

02. Você considera esses trabalhos como sendo arte?(44 respostas)

Justifique: (44 respostas)



•**Anb**: Os trabalhos passam por reflexões contemporâneas, revelando o espírito de uma época. Lufe usa a academia para contextualizar e divulgar e atualizar seu trabalho de artista.

•**Fra**: Leva à reflexão.

•**Luc**: Considero como arte porque mostrou uma realidade diferente dos padrões, de forma bastante criativa, com um novo olhar para coisas do cotidiano, que me fizeram adentrar num universo em que tudo é aceito, todas as diferenças e diversidades. Enquanto explorava a exposição, pude sentir várias emoções diferentes e fui transportada para um outro mundo, de forma metafórica, pelas cores, formas e transformações.

•**Mag**: A obra de arte capta a atenção do

espectador e o detém diante dela. A arte pode transformar seu interlocutor que não será mais o mesmo depois de dialogar com ela. Foi o que aconteceu comigo. Durante a mostra, olhei, fui e voltei várias vezes e, a cada vez, percebi algo diferente que não tinha notado antes. Ninguém fica indiferente diante da arte. Ela causou tanto prazer quanto estranheza, suscitou questionamentos e reflexões. Possibilitou uma vivência artística e não apenas uma visita virtual.

•**Mai**: Vejo arte na confecção dos objetos expostos, a forma de apresentar e a linguagem adotada como vídeos, fotos etc.

•**Mon**: Porque arte vai muito além daquilo que achamos, a arte é mexer com nossos sentimentos e esta exposição mexe comigo de várias formas, na sua parte estética e ambiental.

•**Rad**: Por envolver um processo de criação, de contextualização e de apreciação.

•**Rei**: Pelo aprofundamento quanto a postura de descarte, uso e reuso das matérias-primas naturais. Entramos no século XXI atrasados quanto a consciência ecológica.

•**Sil**: A arte sem a missão não só de ser apreciativa, mais atualmente reflexiva; trazendo novo olhar o que acontece neste nosso momento presente.

•**Var**: Pois amplia a experiência individual e coletiva.

•**Vic**: Um trabalho que traz arte, moda e muita informação.

•**Cla**: Sim. Nos leva a experimentar diversas sensações, emoções. Por vezes, nos transfere a outro contexto cultural a outras "realidades".

•**Ang**: Do meu ponto de vista, a expressão arte está nos olhos de quem a vê. A capacidade de enxergar a possibilidade de transformação de objetos que seriam "lixo" aos olhos de alguns em objetos inusitados e que me fazem pensar nas possibilidades que existem mundo afora... eu chamo de arte...não só de transformar, porém arte de viver.

•**Lig**: Quando a intenção é de criar uma operação estética que passa pela escolha e pelo registro (fotografia), acredito que isso se torne uma forma de caminho expressivo, de algum modo.

•**Anl**: Porque transforma a matéria e o ser humano que a usufrui, trazendo-lhes mais vidas.

•**Anc**: Depende do contexto, conceito e intenção, a arte tem a capacidade de ressignificar e transformar valores.

•**Giu**: É uma forma do realizador se comunicar, estabelecer uma conexão.

•**Anh**: Acredito que os trabalhos apresentados, pelas narrativas e imagens trazidas pela exposição, são produções artísticas, na medida em que seus produtos, em sua forma e modo de abordar conteúdos, são provenientes de processos que lançam mão de variadas linguagens e técnicas do universo das artes para compor esteticamente um diálogo apaixonado com aquele tema da realidade que interessa e move o artista que expõe.

•**Gis**: Materiais, projeto, imaginação, visão estética = Arte.

•**Rit**: Pela representação e contexto sim.

•**Tar**: São criações a partir da apropriação de elementos e objetos.

•**Lup**: Sem justificativas, é arte pura.

•**Caw**: Dar forma é formar-se. Em consonância com as poéticas contemporâneas, todo o processo de dar forma, as questões materiais, subjetivas, as intencionalidades disparadoras das alteridades compõem o campo semântico no qual as práticas artísticas efetivam seu potencial educador.

•**Fla**: Um material autobiográfico que mostra a trajetória do artista, destacando seu processo, por onde ele passou e os lugares e pessoas importantes no seu percurso. Uma abertura do processo, e dos valores de interesse do artista.

•**Cly**: Sim. Tanto o próprio objeto final realizado, como o processo como um todo. O registro das diferentes etapas envolvidas na realização dos trabalhos.

•**Ces**: Sim, o do teatro. Os outros são trajetórias conjuntas de aprendizado. Apesar de acreditar que um bom professor seja um artista, que é o caso do Lufe.

•**Reg**: Tudo que nos emociona visualmente é arte.

•**Mau**: (Sem resposta).

•**Adr**: Todos os trabalhos foram criados pela

imaginação do artista com seus conceitos, suas vivências, seu conhecimento e experiências de vida.

•**Gui:** Entendo que são arte, porque a forma como esses objetos são transformados e ganham outros formatos instigantes nos levam a uma experiência de uma nova estética proposta. Não só a transformação dos objetos em novos objetos, mas como a junção de diferentes objetos para formar um outro que nos envolve pela beleza e experiência única que podem causar em cada observador.

•**Jos:** Os trabalhos apresentados expressam a arte da transformação em vários aspectos, para além dos objetos.

•**Ped:** Para mim, arte trabalha o imaginário, a criação, o inusitado, a transformação. Ela é a expressão do artista. Tudo isto está presente nestes trabalhos.

•**Dom:** Sim, foram transformados e viraram uma outra coisa. Ressignificados com muita poesia!

•**Gab:** Arte, design, poesia digital, visual.

•**Cal:** Eles dão forma a um pensamento que reflete uma ética e uma estética; materializam aspirações da consciência; etc.

•**Ale:** Eu acho que é tudo arte! E mais se é feito com intenção de fazê-la.

•**Lui:** O que é arte?

•**Cri:** Se é uma expressão que vem direto do coração, é arte.

•**Mar:** Para que sua criatividade seja transformada e expresse emoções.

•**Bor:** A arte pode ser qualquer coisa, desde que o artista queira dar sentido, desde que tudo tenha um propósito.

•**Kel:** O salto de qualidade da transformação apresenta a dialética do que nos é posto e é colocado à prova, o vir-a-ser, o possível.

•**Din:** Sim, pois são obras que expressam um certo fazer, um certo pensar, estruturados em reflexões contemporâneas de arte, onde as subjetividades em contato com diversas materialidades se revelam em investigações, processos e criações.

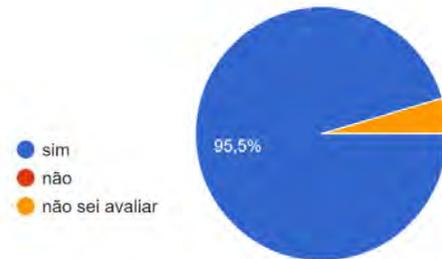
•**Jop:** Para mim, a arte vai ligada a uma atitude diante da vida.

•**Faf:** E arte como uma manifestação espontânea a partir de um material insólito.

O sentido do projeto e o desenho

03. Arte e design de objeto, uma combinação possível?

(44 respostas)



Por quê? (44 respostas)

- Anb:** É necessário o design se reaproximar da arte.
- Fra:** Os dois são formas de criação.
- Luc:** Porque a arte entra e se espalha pelos objetos do dia a dia, que, embora tenham uma função objetiva, podem também expressar beleza, ousadia e deixar os ambientes e materiais mais interessantes.
- Mag:** Quando o objeto apresenta, além do caráter utilitário e/ou decorativo, uma poética, reflexão e/ou problematização, ele também é arte.
- Mai:** Uma complementa a outra.
- Mon:** Completamente possível, uma vez que, a arte é flexível, podendo ocupar em vários lugares.
- Rad:** Pela combinação estética de elementos

visuais e pela funcionalidade para o design.

- Rei:** Pela proximidade.
- Sil:** A arte criativa comunica sempre.
- Var:** Pela possibilidade e urgência de aproximação entre o universo subjetivo, abstrato, reflexivo com as demandas pragmáticas cotidianas.
- Vic:** Design e arte são uma combinação perfeita.
- Cla:** Apesar de pouco conhecimento no assunto, acredito que se design é um desenho, ele pode ser expresso ou inserido na arte, levando a diversas formas de percepção e sentimentos.
- Ang:** Porque uma bela peça de arte pode ser pensada como objeto diário, assim como lâmpadas, cadeiras ou outras coisas do dia a dia que simplesmente as pessoas não “enxergam”.
- Lig:** Penso em Bruno Munari neste processo de olhar o cotidiano e ousar uma outra função para os objetos que antes estavam alienados de algum outro tipo de interpretação. Isso também me faz recordar que este tipo de fazer estético é próprio das crianças, que inventam a partir de objetos comuns, brincadeiras e jogos magicamente novos.
- Anl:** A própria obra do artista (Lufe) já evidencia esta combinação.
- Anc:** Depende do uso dado à combinação. O objeto de design nem sempre tem o foco somente na funcionalidade, o resultado estético pode ser arte; assim como um trabalho artístico

pode conter design, depende o objetivo e intenção no estudo e produção do material.

•**Giu:** Faltou um verbo na pergunta.

•**Anh:** Nunca entendi muito bem quem defende alguma ruptura entre os dois, acho que não são necessariamente sempre a mesma coisa, mas combinação possível certamente.

•**Gis:** Porque na minha visão, design de objeto é arte utilitária.

•**Rit:** São próximos embora um deles seja utilitário.

•**Tar:** Acredito que as camadas de refinamentos de criação, de significados, podem inserir algumas propostas nos dois lugares. Da arte e do design.

•**Lup:** Não diria uma combinação possível, mas, sim, uma combinação necessária.

•**Caw:** A combinação entre arte e design pode trazer a conciliação possível entre a produção de objetos estéticos e o mundo material com ênfase apenas para o utilitarismo.

•**Fla:** A arte pode ter inúmeras combinações. Acredito que a arte dialoga com outros saberes. Em um conceito ampliado de arte, ela é transformada para cada necessidade e contexto.

•**Cly:** Ainda que existam alguns preconceitos e dificuldades em assimilar ambas as práticas, penso que é um caminho possível e, por vezes, até inevitável.

•**Ces:** Vários exemplos já feitos assim.

•**Reg:** Podem se completar.

•**Mau:** (Sem resposta).

•**Adr:** Pelo resultado maravilhoso, mágico de cada detalhe na criação de todos os objetos criados, inclusive os colares, brincos...

•**Gui:** Acredito ser possível, não só pelo caráter estético que o objeto pode apresentar, mas pela experiência individual que gera em cada observador com o caráter subjetivo que carrega. Não uma imposição do que quer que se veja, mas um convite para lançar um olhar investigativo para os objetos.

•**Jos:** Porque o design de objeto é uma das formas de materialização da arte.

•**Ped:** São dois conceitos distintos que podem se amalgamar na intensidade que se deseja sem que um descaracterize o outro.

•**Dom:** Claro! A arte contemporânea invadiu todas as áreas: moda, design, gastronomia, literatura etc.

•**Gab:** É preciso um pouco de arte no design. É preciso uma ponte conectando todos os assuntos e áreas. Nada no mundo artístico e do design está separado dentro de um vidro fechado.

•**Cal:** Porque o dar forma a um objeto, considerando as intenções do artista, sua consciência, sua ética e suas referências e preferências estéticas, pode transformar-se em uma experiência tal que esta pode ser considerada arte, bem como as produções que resultam da mesma.

•**Ale**: Como uma boa receita em que tens de prever os detalhes, pois essa é uma combinação do pensar e fazer.

•**Lui**: O que são arte e design?

•**Cris**: Multidisciplinar é sempre interessante.

•**Mar**: Para complementar um ao outro.

•**Bor**: A arte pode ser bonita e pode nos acompanhar ao longo da vida, estando presente, tendo uma faceta decorativa, prática e sensorial.

•**Kel**: O possível: o desejo; a potência é o projeto.

•**Din**: A arte contemporânea extrapola as peculiaridades dos limites convencionais de cada linguagem.

•**Jop**: A criatividade é o que une as duas coisas.

•**Faf**: Por serem complementares

O (re)úso, as contribuições e criações propostas

04. Como você vê a questão (re)úso permeada em todos os trabalhos nesta exposição? (44 respostas)

•**Anb**: Tema fundamental para os dias de hoje.

•**Fra**: A escolha de um material para compor arte.

•**Luc**: Muito interessante, porque é um meio criativo de se valorizar a reciclagem, o aproveitamento de materiais e estimular a criatividade.

•**Mag**: O (re)úso ressignificou os materiais e problematizou a questão da responsabilidade ética, estética e ecológica poeticamente. Favoreceu o levantamento de questionamentos sobre o consumismo, o capitalismo e a necessidade urgente de novas formas de ser e estar no mundo mais criativas e harmonizadas com a natureza. É um convite para trilharmos o caminho do meio ou do equilíbrio.

•**Mai**: O (re)úso está em toda parte, nas peças de decoração, nas joias, no figurino, na luz e até na realização da palavra, criando um sentido novo, sempre somando, reaproveitando, renovando...

•**Mon**: De uma sensibilidade ímpar. Apenas pessoas sensíveis a tal ponto podem chegar a um belíssimo trabalho como o exposto.

•**Rad**: Como possibilidade de criação.

•**Rei**: Vejo como positiva, o reúso é algo necessário para a sobrevivência do planeta em tempos de aquecimento global.

•**Sil**: Reflexiva.

•**Var**: Necessária.

•**Vic**: O (re)úso, de modo geral, traz muitas reflexões sobre organização e renovação. O artista trouxe uma mensagem muito forte com essa linguagem.

•**Cla**: Acho essencialmente importante

e necessário. Afinal, quando evitamos ou diminuimos os desperdícios, estamos contribuindo com a manutenção do nosso planeta e conseqüentemente da vida humana.

•**Ang**: Conceito maravilhoso que mais pessoas deveriam adquirir.

•**Lig**: Muito pertinente.

•**Anl**: A vereda pela qual toda matéria passa, como receptáculo de formas e significados.

•**Anc**: Observação, ressignificação do descarte, reciclagem do olhar para o objeto em questão.

•**Giu**: Uma opção de materialidade.

•**Anh**: Para mim aparece como um desejo do artista de resgatar, explorar e recriar a partir daquilo a que não se dá valor, e que tem um viés subversivo e político. Não evoca para mim tanto a questão ambiental quanto a da aceitação do “lixo” propriamente. Mas claro que é possível fazer ligações com uma dimensão política contemporânea importante que é a da preservação do meio ambiente.

•**Gis**: Vejo como uma proposta que responde às necessidades da sociedade que produz em larga escala coisas variadas e deposita seus lixos pela natureza. Vejo como um conceito totalmente adequado à contemporaneidade.

•**Rit**: Uma abordagem importante.

•**Tar**: É muito interessante. Pois tudo, todo material/objeto tem uma história que acaba por ser modificado, ampliando as camadas de leitura que já citei na resposta anterior.

•**Lup**: De vital importância.

•**Caw**: Uma junção perfeita entre arte, design e os processos educativos com responsabilidade social.

•**Fla**: Vejo como uma escolha estética e conceitual do artista. Ela fundamenta as criações em seus diversos desdobramentos.

•**Cly**: Gosto da proposta de reapropriação de materiais a serem descartados. Além da própria poética do trabalho traz uma série de discussões sobre o modo de produção das sociedades e a prática do descarte.

•**Ces**: Pra mim é uma questão irrelevante.

•**Reg**: Positiva, criativa.

•**Mau**: Necessário nos dias de hoje. Inspirador e provocador de novas práticas em relação ao nosso mundo.

•**Adr**: O (re)úso passa a ser uma outra camada. Criando assim uma mitologia.

•**Gui**: Eu vejo a potencialidade das ressignificações que se faz com objetos que, muitas vezes, são vistos apenas por suas qualidades utilitárias e descartáveis. Os trabalhos nos apresentam como esses objetos podem ganhar novos destinos dentro da arte.

•**Jos**: O (re)úso dos trabalhos apresentados nessa exposição nos permite novos olhares para os objetos e novas possibilidades para o conceito de arte.

•**Ped**: Pra mim é um conceito muito válido, de bom senso, opcional em alguns casos, necessário

em outros. Pode ser tanto imprescindível como desnecessário, conforme a situação, pois tanto se deve cuidar da consequência de um acúmulo de descarte quanto em alguns momentos o desapego deve prevalecer.

•**Dom:** Uma proposta ainda hoje à frente ao menos da realidade brasileira. Infelizmente!

•**Gab:** Objetos, o tempo, o acúmulo, a quantidade de informações de interesse de quem visita.

•**Cal:** Acredito que sim.

•**Ale:** Eu vejo que não há dúvida. O artista (você) carrega no sangue dele e o reaproveitamento faz parte da vida dele (você). Ao mesmo tempo, é claro, nos mostra que tudo o que não pode ser realmente pode ter vida eterna.

•**Lui:** O reaproveitamento e reciclagem de materiais me fazem pensar que tudo é reutilizável.

•**Cris:** O trabalho da Lufe sempre foi baseado na reciclagem, é uma marca pessoal.

•**Mar:** Como uma possibilidade de ver as coisas de diferentes pontos de vista.

•**Bor:** Hoje ainda mais. Você tem que dar visibilidade a esses objetos por duplo sentido, dar-lhe mais usos.

•**Kel:** Eu tenho o hábito de guardar muitas partes de objetos quebrados, restos de embalagem, para dar um novo uso para elas. Mas nunca para olhá-las. Porém sei que estão aqui e ali na casa esperando algum surto de criatividade para transformá-las.

•**Din:** Vejo que os objetos e materiais descartáveis que estariam fadados ao estado de lixo, decomposição, poluição...etc. ganham através do desejo amoroso do artista, uma outra dimensão...Se articulam em outras formas e poéticas, expondo em seus corpos, metamorfoses de um esforço reflexivo/criativo.

•**Jop:** É o fio condutor na obra do artista.

•**Faf:** Vejo como uma necessidade política.

05. Você contribui de alguma forma com campanhas para redução, reutilização e reciclagem dos seus descartes? Como?

(44 respostas)

Anb: Na arquitetura principalmente.

•**Fra:** Separando e destinando a locais de reciclagem ou escolas.

•**Luc:** Contribuo utilizando sacolas retornáveis, utilizando garrafas reutilizáveis, comprando produtos a granel etc.

•**Mag:** Eu sou colaboradora do “Composta & Cultiva”, empreendimento de cunho socioambiental em Santos/SP, onde descartamos os resíduos orgânicos para compostagem.

•**Mai:** Apenas separei para que pudessem ser reutilizadas adequadamente.

•**Mon:** Infelizmente não! Gostaria muito, mas a correria e a preguiça do dia a dia não me deixam sair da inércia.

•**Rad**: Sim, começo pela separação de lixo seco e biodegradável em minha casa mesmo que na cidade não tenha coleta seletiva e nem reciclagem.

•**Rei**: Sim. Separando materiais passivos de reciclagem e depositando-os em postos de coleta próximo de casa.

•**Sil**: Sim, colete esses materiais e os fecho em local apropriado para coleta.

•**Var**: Sim, de todas as maneiras que vão surgindo.

•**Vic**: Infelizmente não tenho contribuído tanto.

•**Cla**: Sim. Com a separação e descarte adequado do meu lixo. Também com a reutilização de alguns materiais, às vezes até dentro de outras funções.

•**Ang**: Reciclo materiais eletrônicos em muitas de minhas joias. Reciclo todo o meu “lixo verde” para adubos.

•**Lig**: Sim, faço no cotidiano o descarte seletivo de recicláveis.

•**Anl**: Tentando ao máximo não descartar materiais que vieram ao mundo na condição de serem perenes.

•**Anc**: Sim, focando em uso controlado de coisas descartáveis, reutilização dos materiais no cotidiano e conscientização no consumo e separação para reciclagem do lixo gerado.

•**Giu**: Sim. Eu separo os materiais que descarto.

•**Anh**: Mais ou menos...no meu trabalho há coleta seletiva. Em casa não tem, mas procuramos separar recicláveis porque o zelador vende. Tento produzir menos lixo, e separo sucata para usar em brinquedos/ brincadeiras com as crianças.

•**Gis**: Separo meu lixo, tento reutilizar coisas e aproveitar utilizando ao máximo desde roupas, calçados, eletrodomésticos, embalagens...

•**Rit**: Sim. Separo e limpo meu lixo reciclável.

•**Tar**: Não muito, apenas separo meu lixo.

•**Lup**: Sim. Não exatamente em campanhas, mas em atitudes pessoais, como redução do meu lixo diário, reutilização e reciclagem na minha arte (teatro e cinema).

•**Caw**: Sim. Além da atuação como cidadão, no sentido doméstico de separação e reciclagem de resíduos, na atuação em projetos educacionais em comunidades.

•**Fla**: É nosso grande desafio diário lidar com o descarte. Eu tento já na hora de comprar o produto escolher pela embalagem que cause menos dano ambiental, porém é bem difícil. Por exemplo, no supermercado tudo eles querem usar bandeja de isopor, então mesmo que demore, prefiro pegar o produto no atendimento que não venha na bandeja de isopor. Frasco de *shampoo*, por exemplo, uso menos comprando xampo e condicionador sólido. Prefiro sabão em pedra a detergente, esponja natural do que de espuma, e assim vai, alguns ajustes. Os potes sempre são reutilizáveis também. Tem

outra coisa que faço, mas aí é “coisa de doida” (hehehe) reutilizo a última água da máquina de lavar roupa, no dia que lavo roupa aproveito e lavo o banheiro, e deixo a água em balde para passar pano e outros usos, até na descarga dependendo da minha loucura hehehe. Porque o desperdício da água é de extrema gravidade... Até na questão de não ter carro e não me interessar por dirigir parte dessa escolha. Acho que basicamente é isso. Vamos tentando driblar! Não, não é fácil.

•**Cly**: Não contribuo de maneira direta. Apenas na separação do lixo.

•**Ces**: Não.

•**Reg**: Sim, através do lixo doméstico.

•**Mau**: Pouco. Separando lixo recicláveis, usando sacolas reutilizáveis, evitando o uso de plásticos ou de materiais não-recicláveis. Procurando comprar materiais biodegradáveis.

•**Adr**: Procuro não comprar alimentos industrializados, dessa maneira já consumo menos e descarto menos. Em casa, separo lixo orgânico do reciclado.

•**Gui**: Pela separação de lixo orgânico e reciclável para o descarte.

•**Jos**: Contribuo muito pouco, apenas com seleção de materiais recicláveis para coleta.

•**Ped**: Não. O que procuro fazer é evitar o consumo exagerado e procuro facilitar a separação de materiais recicláveis.

•**Dom**: Sim, separando o lixo e deixando num local que recicle. A prefeitura local não faz

coleta seletiva. Pena!

•**Gab**: Sim, faço coleta seletiva do lixo, evito ao máximo possível o uso de plásticos e utilizo o mínimo possível de água e de energia elétrica e combustão.

•**Cal**: Composto meus resíduos orgânicos. Busco separar materiais recicláveis limpos dos resíduos não recicláveis e, dentre estes, separo os que podem transformar-se em materiais de largo alcance para crianças e doo para as creches que participam dos projetos que desenvolvo. Agora com a pandemia, e morando em uma região em que a reciclagem de resíduos passa longe do cotidiano das pessoas, estou tendo desafios em sustentar esta forma de lidar com meus resíduos. A transformação dos restos de comida em adubo tem sido o que mais temos conseguido fazer.

•**Ale**: Separando e descartando de maneira correta.

•**Lui**: Não.

•**Cri**: Não, mas eu sempre tento dar as coisas que eu não vou mais usar para qualquer um que possa precisar deles antes de reciclá-las.

•**Mar**: Sim. Separando os materiais da minha casa deixando nos lugares certos para reciclagem. A transformação de objetos é uma fonte de riqueza.

•**Bor**: Sim, porque enquanto o trabalho está sendo feito, nós artistas estamos imbuídos desse sentimento da importância de se importar.

•**Kel**: Roupas e objetos da casa que ainda podem

ser usados são enviados para o acampamento do MSLT; separo lixo que é vendido pela funcionária do prédio onde moro. Encho regularmente os pneus do carro!!!

•**Din:** Às vezes.

•**Jop:** Contribuir com campanhas não; mas, sim, que usamos a reciclagem para criar os cenários e personagens dos espetáculos e filmes de animação.

•**Faf:** Sim, de muitas maneiras.

06 . Da proposta apresentada no início desta exposição, evocando sua participação ao selecionar e reaproveitar algo que você iria descartar, você participou contribuindo com alguma criação? Como foi para você essa vivência? (44 respostas)

•**Anb:** Sim. Caixas de fósforo em composição.

•**Fra:** Sim. Recolhi coisas em meu quintal.

•**Luc:** Sim. Foi bem interessante, porque pude ver com outros olhos aquele material, de forma, inclusive, artística.

•**Mag:** Sim. Foi uma grata surpresa fotografar um galho de diferentes ângulos e ter novas percepções sobre ele.

•**Mai:** Descartei a palavra “desrespeito”, porque esta palavra está sendo usada e reutilizada demais nos nossos tempos. Foi uma satisfação selecionar esta palavra. Para mim foi uma forma de eliminá-la do universo.

•**Mon:** Em pensar que isto que já foi usado para carregar algo é que, por fim, virará lixo, para o artista é um luxo!

•**Rad:** Sim, fiz o registro com algo aparentemente descartado, mas optei por guardar e aguardar um novo uso ou reuso.

•**Rei:** Interessante.

•**Sil:** Não participei.

•**Var:** Sim. Foi natural, já que faz parte de meu cotidiano.

•**Vic:** Não participei.

•**Cla:** Não participei dessa atividade, pois não uso as redes sociais.

•**Ang:** Sim...uma parte do meu dia a dia.

•**Lig:** Sim, com um arame de lacre de embalagem. Achei uma experiência divertida e inusitada, uma forma de envolver qualquer pessoa em uma participação estética. Muito interessante.

•**Anl:** Intrigante.

•**Anc:** Sim, foi muito interessante o caminho percorrido: a busca do objeto, a observação do conteúdo, a evolução do olhar e a transformação do material escolhido. Pude observar a quantidade de materiais que convivemos e que são descartados, e que quando queremos podemos abrir infinitas possibilidades de ressignificação.

•**Giu:** Não participei. Mas, eu continuei com meu hábito de separar os materiais que são descartados na minha casa.

•**Anh:** Sim, adorei fazer as fotos. Fiquei brincando de explorar as possibilidades da cartelinha de remédios e fui abstraindo mais as formas a cada foto.

•**Gis:** Ah! Não fiz!

•**Rit:** Normal. Apenas busquei o que iria e juntei ao que gostaria que fosse para o lixo.

•**Tar:** Eu gostei da fotografia da casca de banana. Mas infelizmente não vi os quadrinhos dizendo para recriar. Então vou fazê-lo somente agora, depois de avisada.

•**Lup:** Sim. E até aproveitei em um brinde! Saúde.

•**Caw:** Sem a menor dúvida. Encantadora e estimulante.

•**Fla:** Gostei muito. Eu não achei o link da segunda parte, mas depois o Lufe me orientou.

•**Cly:** Não cheguei a participar. Olhei e busquei alguns objetos que iria descartar, mas não me pareceram muito interessantes ou “fotografáveis” para as redes sociais.

•**Ces:** Não...(rsrsrsrs)

•**Reg:** Foi viva, desafiadora.

•**Mau:** Sim...eu pensei na utilização de algo a ser descartado como um movimento de ação e dança no mundo. Desenhando a partir do objeto a ser descartado.

•**Adr:** Não participei.

•**Gui:** Não participei.

•**Jos:** Foi uma experiência única, uma vez que

nunca imaginei a possibilidade de reciclar uma palavra. A proposta de reaproveitar uma palavra, algo tão inusitado, me fez perceber a dimensão do (re)úso.

•**Ped:** Sim, pois foi solicitado pelo artista. Particularmente, tenho um espírito mais contemplativo do que participativo nos eventos, porém a vivência foi muito válida para dar uma “chacoalhada” em minha criatividade.

•**Dom:** Sim. Um pouco angustiante porque separei algo pra descarte sem saber que teria que reinterpretá-lo (!) como objeto utilitário ou artístico.

•**Gab:** Queria me livrar do teste negativo para covid-19. Imagino os milhões de testes feitos, dos milhões de plásticos no lixo, da falta de reutilização.

•**Cal:** Eu já havia pensado em pintar sobre a caixa que fotografei. Como ela estava meio suja, pensei em descartar. Depois de passar pela expo, reforçou minha percepção do valor destes materiais (um papelão duro, lisinho, uma superfície bem legal, cor de papel pardo...) e a vontade de transformá-los em suporte para a próxima série que pintarei.

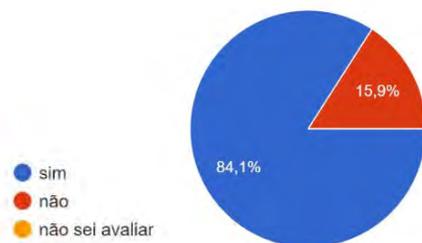
•**Ale:** No começo, eu não entendia o exercício. Uma vez que eu entendi, eu me senti bem e criativo e pensei que teria que fazê-lo mais vezes.

•**Lui:** Sim, tenho dificuldade em me livrar de máscaras usadas, todas foram armazenadas desde o início da pandemia.

•**Cris:** Não fiz.

- Mar**: Não participei.
- Bor**: Não participei.
- Kel**: Sim. Difícil, mas sempre penso sobre isto! A embalagem de café é muito bonita, por isso acho sempre que ela deveria assumir outro papel no meu cotidiano!
- Din**: Não participei.
- Jop**: Engraçada!
- Faf**: Não participei.

07. Toda a exposição deixou em você alguma vontade de retornar para obter mais informação e até contribuir com algo mais no blog ou mesmo confeccionar mais objetos para participar e contribuir em nossas discussões? (44 respostas)



Fale um pouco sobre essa sua vontade: (38 respostas)

- Anb**: (Não respondeu).
- Fra**: (Não respondeu).
- Luc**: Fiquei com vontade de trabalhar isso com minhas filhas, que são crianças, para

que também possam brincar com materiais que iriam ser descartados, mas que podem ser transformados em arte e brinquedos.

- Mag**: Fiquei com vontade de continuar trabalhando com os elementos da natureza.

- Mai**: A exposição e o blog estão completos. As peças trouxeram à tona a vontade de vivenciar a arte.

- Mon**: Saudade de usar minha mente criativa que em algum momento deixei de usar.

- Rad**: Fiquei curioso em passear por todos os cômodos da exposição.

- Rei**: Já trabalho há vários anos com reciclagem de papéis e madeira, para confecção de artesanato. Assim sendo, o tema “reúso” vem ao encontro de meu artesanato.

- Sil**: A participação de cada um de nós, incluindo a minha, com certeza fará a diferença na construção de um planeta muito melhor; ecologicamente falando.

- Var**: Sinto-me motivada a participar de ações concretas, mesmo que no universo da pesquisa acadêmica.

- Vic**: Acredito que toda exposição traz uma mensagem. Mensagem que faz a gente refletir sobre nós e sobre nossos comportamentos.

- Cla**: Quando revemos algo que nos chamou atenção ou que nos despertou várias emoções, como um filme, uma peça teatral, uma exposição (como essa, por exemplo). Ao retornarmos, enxergamos detalhes que devem ter passado despercebidos num primeiro momento. Certamente cada visita

nos faz aprender mais, nos tornando capazes de novas contribuições.

•**Ang:** Fazer parte de uma comunidade que se interessa pelo reaproveitamento de materiais sempre me interessa.

•**Lig:** (Não respondeu).

•**Anl:** O que o artista expõe faz parte do desafio diário e contemporâneo de fazer justiça ao planeta. Este laboratório se amplia quando se convoca mais pessoas a participar.

•**Anc:** Trabalhar com a criatividade requer exercício constante do olhar, do conceito, da finalidade e das soluções para aquilo que se busca. Para mim, esse foi um exercício estimulante de criação.

•**Giu:** (Não respondeu).

•**Anh:** Acho que é uma discussão muito interessante a do reúso.

•**Gis:** Gosto muito de mexer com materiais. Todo domingo, faço arranjos com plantas, vasos velhos, macramê, crochê, papelão, contas, coisas simples e rústicas, mas que me dão muito prazer. As poucas coisas que faço ficam pela minha casa ou na casa de parentes. Não tenho vontade de expor, mas coisas que os outros fazem, inspiram o meu fazer solitário.

•**Rit:** Gosto das construções coletivas.

•**Tar:** Na verdade, o meu contexto doméstico no momento não está ajudando. Fiz a visita de forma “picada” em função dos filhos e emergências em casa. Isso me atrapalhou. Gostei muito de ter participado, mas não consigo pensar

em aumentar a participação devido a essas questões caseiras.

•**Lup:** Vontade de rever porque é sempre uma inspiração para eu olhar, olhar/admirar o seu trabalho, Lufe Lopes!

•**Caw:** Resolvi recuperar objetos esquecidos há tempos, dar um novo sentido a eles.

•**Fla:** Ainda está fresco na cabeça, deixa reverberar.

•**Cly:** Tenho pensado muito sobre a quantidade de lixo que produzimos, embalagens, plásticos que não são necessários. Então a vontade de conhecer um pouco mais sobre essas iniciativas parte disso.

•**Ces:** É um assunto relevante, mas, sinceramente...não me toca.

•**Reg:** Fazer parte de um grupo para desenvolver trabalhos.

•**Mau:** Atividades presenciais e em grupo seriam lindas!

•**Adr:** Tive vontade de voltar aos signos astrológicos e aos brinquedos. Tenho vontade de construir em colagem seres.

•**Gui:** (Não respondeu).

•**Jos:** Sempre gostei de fazer objetos com materiais recicláveis, como caixinhas com papel de propaganda, porta-lápis com latinhas de alumínio e outros objetos com garrafas pet. Considerando que minha participação foi com o (re)úso de uma palavra, fiquei com vontade de contribuir com a reutilização de objetos.

•**Ped**: Como já disse, sou mais contemplativo, por isso minha participação ativa não me move muito. Porém a vontade de uma pesquisa mais apurada nos pensamentos e conceitos apresentados e no trabalho dos artistas citados é muito presente e motivante.

•**Dom**: Já trabalhei com assemblagens e roupas descartadas. Mas não me sinto impelido a fazê-lo no momento.

•**Gab**: Deu vontade de criar um site interessante assim.

•**Cal**: Senti que a exposição abre várias caixinhas de temas fortes que me provocaram a vontade de aprofundar: vis, ação coletiva, materialidade/espiritualidade.

•**Ale**: (Não respondeu).

•**Lui**: Para exercitar mais minha criatividade.

•**Cris**: Eu não tenho vocação artística.

•**Mar**: O desejo de abrir a mente para a diversidade das coisas não como elas exatamente são, mas como se vê ou se olha para elas.

•**Bor**: Acredito que além do trabalho artístico, as campanhas e os costumes de consumo e uso dos materiais precisam ser continuados e melhorados. O planeta precisa urgentemente dele.

•**Kel**: Acho que deveríamos exercitar mais essa trans-forma-ção. Para meditar. Para investigar sobre esses objetos e materiais que estão à nossa volta.

•**Din**: Gostaria de observar novamente os detalhes.

•**Jop**: A exposição entra no corpo da gente com uma vontade louca de criar objetos.

•**Faf**: Ver mais detalhes.

Reúno estes dados que compuseram e auxiliaram minha pesquisa; tanto dos dados dos participantes das raves como nos dados que surgiram a partir da exposição que me permitiu a oportunidade do registro social do que ocorre, como Goldenberg (2002) comenta: “o fenômeno social, como o fenômeno físico, é independente da consciência humana e verificável através da experiência dos sentidos e da observação”(p. 07). Para além disso, também evoco a consciência em minhas ações, pois elas registram nesse terreno, como a autora referindo-se a Barthes:

“Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível.” (BARTHES apud GOLDENBERG, 2002, p. 11).



D'en
mim

de

[O desenho
da
performance
e a
exposição]

5. DA
**TRANSFORMAÇÃO/
EXPOSIÇÃO**

“É com uma alegria tão profunda. É uma tal aleluia. Aleluia, grito eu, aleluia que se funde com mais escuro uivo humano da dor de separação, mas é grito de felicidade diabólica. Porque ninguém me prende mais. Continuo com capacidade de raciocínio – já estudei matemática que é loucura do raciocínio – mas agora quero o plasma – quero me alimentar diretamente da placenta. Tenho um pouco de medo: medo ainda de me entregar pois o próximo instante é o desconhecido. O próximo instante é feito por mim? ou se faz sozinho? Fazemo-lo juntos com a respiração.” (LISPECTOR, 1998, p. 09)

Dia 29 de janeiro de 2020, decidi interromper as leituras de textos do livro/teoria e voltar o foco para trabalho na busca de como efetivaremos nossa proposta de exposição. Apresentei um pré-projeto (ver complementos/anexos) com uma primeira ideia e nele me baseiei para concluir o projeto final e trabalhar na construção de minha proposta.

Como iniciar tal caminho?

Minha exposição se firma sobre a tese:

REVER O (RE)ÚSO DE MATERIAIS EM ARTE: DESENHAR/INSTALAR/(PER)FORMAR / A ESPIRITUALIDADE NO CONTEMPORÂNEO / EXPOSIÇÃO E CURADORIA EDUCATIVA.

Um dos procedimentos que venho utilizando, desde a sua (re)descoberta em minhas leituras, quando vivi na Europa sobre os temas matéria/espírito, ganhei em um dos meus aniversários um baralho dos anjos que utilizo até hoje, logo adquiri o baralho do tarô, uma leitura com Carl Gustav Jung (1875-1961), decido utilizá-lo pelas questões dos arquétipos.

Retomo a mesma estrutura nesta prática, ou seja, embaralho e tiro do monte, após cortar, uma carta, na trilogia vemos o primeiro lugar diante do que apontamos como o corpo lugar característico será da EVOCAÇÃO. Como sempre busco uma sintonia mais tranquila em meus pensamentos, uma certa forma de meditar e concentrá-los, esse dínamo girando com muita força, pois quando paro para escutá-los, observá-los, vejo que a velocidade e a quantidade de temas são muito grande, por isso para mim, observei que o meditar e passar a diminuir essa frequência pela respiração, uma sintonia através de uma música, uma posição mais confortável. Acendo um incenso, pois gosto de utilizá-los pelo poder do aroma de uma essência, que também me proporciona tranquilidade. Um incenso de rosas. Sintonizo meu som em uma rádio [3], agradeço ao “acaso” assim com mais um indício de um bom caminho para a consulta que farei. Que templo é este que vou propor em minha instalação? Quais elementos devo levar para este primeiro lugar?

Na consulta ao tarô, abro somente os arcanos maiores, ou seja, as 22 cartas que

www.accuradio.com no canal yoga & meditacion que toca a música do álbum music for relaxation spiritual – journeys of the world. Andreas é a música intitulada the floating temple.)

formam esse conjunto principal dentre as 78 cartas, um sistema de adivinhação, passatempo ou distração? Consulto Carlos Godo que nos traz:

A primeira prova concreta da existência do Tarô na Europa são algumas cartas francesas do final do século XIV. Tal fato parece negar a origem cigana, já que os primeiros nômades dessa raça só chegaram à França muito tempo depois. É igualmente difundido a crença de que essas cartas foram elaboradas por sábios ocultistas de alguma civilização do passado. Prevendo o início de um ciclo histórico de decadência moral e espiritual da humanidade, eles idealizaram um sistema extremamente sintético para preservar, de forma simbólica, o conteúdo essencial do seu conhecimento esotérico e criaram um conjunto de imagens alegóricas. Seu raciocínio era claro: os homens entrarão numa fase de distração das preocupações espirituais. Assim, a própria distração poderia ser um meio mais adequado para preservar e transmitir o verdadeiro conhecimento. (GODO, 1985, p. 08)

Abro minhas cartas e o baralho - que há algum tempo não consultava - estava como deixei sempre em minha caixa: envolto em um tecido lilás, a cor da espiritualidade. Uma vez sorteadas as três cartas, o resultado:



(Ficha 61
branco éter -
carta O Mundo,
GODO, 1995,
p. 68.)



(Ficha 62
magenta fogo
- carta A Força,
GODO, 1985,
p. 48.)



(Ficha 63
ciano água
-carta,
o Julgamento,
GODO, 1985,
p. 66.)



E dessa sequência de cartas, formulei um raciocínio da seguinte forma:

- na primeira carta, O MUNDO, relaciono a instalação no geral e como definimos no pré-projeto um primeiro lugar, na cabeça no corpo característico que chamamos de **evocação** e nele a presença dos elementos que questionamos o (re)úso e a materialidade e o espírito em todo o processo, a cor branco e verde e o elemento éter. A carta me revela a matéria dominada pelo espírito (o círculo). Relaciono ao elemento éter como a forma proposta por Aristóteles em seus estudos dos elementos, nela as presenças dos quatro elementos pelo anjo (ar), a água (água), o leão (fogo) e o touro (terra) e mais o éter na presença deste círculo guirlanda que tudo envolve;

- na segunda carta, A FORÇA, relacionar ao próximo lugar do tronco no corpo matéria

que será da **informação**, a cor magenta e laranja do elemento o fogo, a importância de trazer para a luz do conhecimento toda complexidade que constitui uma possível análise em nossos trabalhos, aqui além da imagem de meu lugar pessoal, que atualmente tenho feito meus estudos e buscarei detectar e aportar neste lugar algumas reflexões próximas desta materialidade do (re)úso e as questões que marco como importantes nesta força geradora, essa *vis* ou no violento que posso usar para gerar a transformação? A carta que representa essa força superior - o humano como gerador e a força bruta nos instintos de nosso animal;

- na terceira carta, O JULGAMENTO, para o último lugar, nos membros do corpo hiato, o unido a **transformação**, imersa na cor ciano do elemento água. Os trabalhos desenvolvidos em coletivo e de todo envolvimento diante de tal conexão e neste a oportunidade das pessoas que visitarem a exposição vivenciem de maneira mais participativa. Concluindo assim com o seu próprio julgamento de que foi a vivência desta ação. E agradeço o caminho apresentado na carta que foi o do renascimento, ato direto ao nosso (re)úso!

Gratidão pela conexão ao sensível e o sinal nas três cartas brindando-nos como uma luz; direcionar e buscar os elementos que trabalharemos em minha ação. Pontuo o Tarô que em minha vida utilizei em momentos de bastante intensidade e mudanças, como quando decidi deixar a Espanha e partir para a França em direção a um amor que pulsava intensamente em meu coração e a distância

me fez dar um salto, e partir sozinho para a França e viver esse meu amor/paixão que só teria sentido se pudesse vivê-lo. Uma paixão louca, mas que doía no coração e meu menino vadio, meu moleque lindo na forma de um ímã com gravidade potente e causar toda mudança necessária, sair de um lugar que tinha certa estabilidade, não completa, pois seguia sendo um estrangeiro, mesmo com todos os trabalhos conquistados. Europa, essa velha senhora, se mostrava sempre como um lugar com donos, proprietários, de uma “dita estabilidade”, mas ostensiva. Eu, mesmo tendo passaporte português, por ser filho de português e com família distante em Portugal, mas assim mesmo sempre um estrangeiro. Divertido lembrar que assim que cheguei a Barcelona, minha primeira casa, os colegas falavam que éramos - os brasileiros - os únicos que voltavam para casa, exceto os que se casaram e formaram seus núcleos familiares. Assim ocorreu, os amigos que ficaram seguem vivendo casados por lá. Nesse período, na França, precisamente em Rennes, na Bretanha, que resultou num total de quase seis meses de leituras sobre a mitologia celta, rei Arthur, os cavaleiros, e Broceliande, onde vivi em uma casa no campo próximo a uma pequena mesa de pedras, pré-histórica que diziam ser a tumba do mago Merlin. Na pequena loja da família de meu companheiro, no centro da cidade, foi que pude descobrir o Tarô de Marselha. Passei a fazer consultas em minhas cartas dos anjos que ganhei na Espanha e o tarô francês.

Assistindo a premiação do Oscar 2020, uma cerimônia que acompanho desde muito tempo

por admirar e respeitar o mundo do cinema, trago uma relação da Carta do Tarô - O Louco - com um dos filmes indicados que foi o *Coringa*, que também aparece no baralho de cartas moderno. Filme de bastante densidade por mostrar um lado obscuro da humanidade e a questão da violência destruidora. Acrescento aqui a ficha 59, o discurso feito pelo ator Joaquin Phoenix, prêmio de melhor ator pelo personagem Coringa e seu comprometimento diante do público de cinema e por este ser uma manifestação artística que auxilia na transformação e realmente atinge nossas relações com o outro e o mundo. Não estaria no cinema - literalmente - o poder de retirar das sombras, dentro do escuro das salas de exibições para a luz da vida?

(Ficha 64
magenta fogo - 
filme *Coringa*,
2019.)

Em minhas aulas de desenho, inicio o tema com uma ideia da teoria do zen, dos orientais, segundo Tanizaki, em seu livro *Elogio às Sombras*, ele faz um relato passando pela a cultura japonesa, na arquitetura, no teatro, nas vestimentas, nas maquiagens e até na comida. A presença da sombra se torna um elemento bastante importante, assim como o opaco, o defeituoso, o desequilibrado. Partir ao seu encontro em reconhecimento e respeito ao mais íntimo em cada UM e dar



(Ficha 65
branco éter
- Sombras,
TANIZAKI,
1933.)

liberdade e força diante do belo. Não estaria aí, nessa busca, nessa presença constante da sombra, a relação com o espelho o imergir nas relações intersubjetivas, portanto no que realmente transformar e fazer (re)inventar? Para a montagem tanto na instalação como na performance, pontuarei vários momentos desta dicotomia, do claro/escuro buscar presenças, corpos, relações que tragam estes contrários.

Chegamos na reta final desta pesquisa, com momentos de escolhas. Optei por trabalhar a exposição em ambiente virtual, uma vez que a pandemia ainda se estenderá por quanto tempo ainda não sabemos. Importante destacar que mais uma vez estou tendo o privilégio de trabalhar ao lado de amigos competentes que decidiram me auxiliar nesta reta final de meu trabalho com a revisão dos textos com meu querido amigo e poeta, escritor e artista gráfico Valnei Andrade, seguido de Keila Scott e Ana Machado Ferraz, duas arquitetas amigas com grande experiência nas artes gráficas, João Carlos Vita, um de meus primeiros alunos quando iniciei a carreira como professor universitário. Ele se formou em publicidade e propaganda e trabalha com produção digital para web além de ser um músico, Luiz Pulici amigo que vive na Europa -atualmente na

Itália- e Mauricio Silva, um colega de grupo de pesquisa no curso de doutorado na USP, os dois auxiliaram nos vídeos pensados para a exposição e neste final poderei contar com amigos que formam a Cia. Minaz de teatro em Ribeirão Preto que me auxiliarão na realização da performance. Mais uma oportuna ocasião no exercício do comum em torno de um projeto e a segurança nesta conexão.

Para finalizar a proposta, venho aqui trazer alguns últimos detalhes importantes que formam o alvo deste projeto relacionados nos seguintes pontos:

- O desenho, que em todo o projeto deflagra e contribui para a complexidade dos trabalhos, traz sempre a multiplicidade nos corpos presentes como em capas, em camadas, no dobrar e desdobrar, nas relações de enfrentamento como limpo/sujo, claro/escuro, silencioso/ruidoso que em todos os instantes ele possa permear por entre todos esses lugares;

- Refletir sobre as cores como um dos principais elementos de estudos que aqui neste trabalho não aprofundarei, mas sei da necessidade de refletir o lugar onde poder comprovar muitas teorias sobre a luz, o eletromagnetismo, e as relações presentes diante destas forças. Optei pelo padrão CMYK [ciano, magenta, amarelo e preto] muito utilizado nas gráficas como possível recurso de redução de matéria no processo gráfico de impressão, no caso as cores, elas partem

da subtração dos pigmentos na quadricromia possível recriação do espectro visível das cores. Logo partindo delas a conexão com os elementos e seus sentidos estudados há muito tempo;

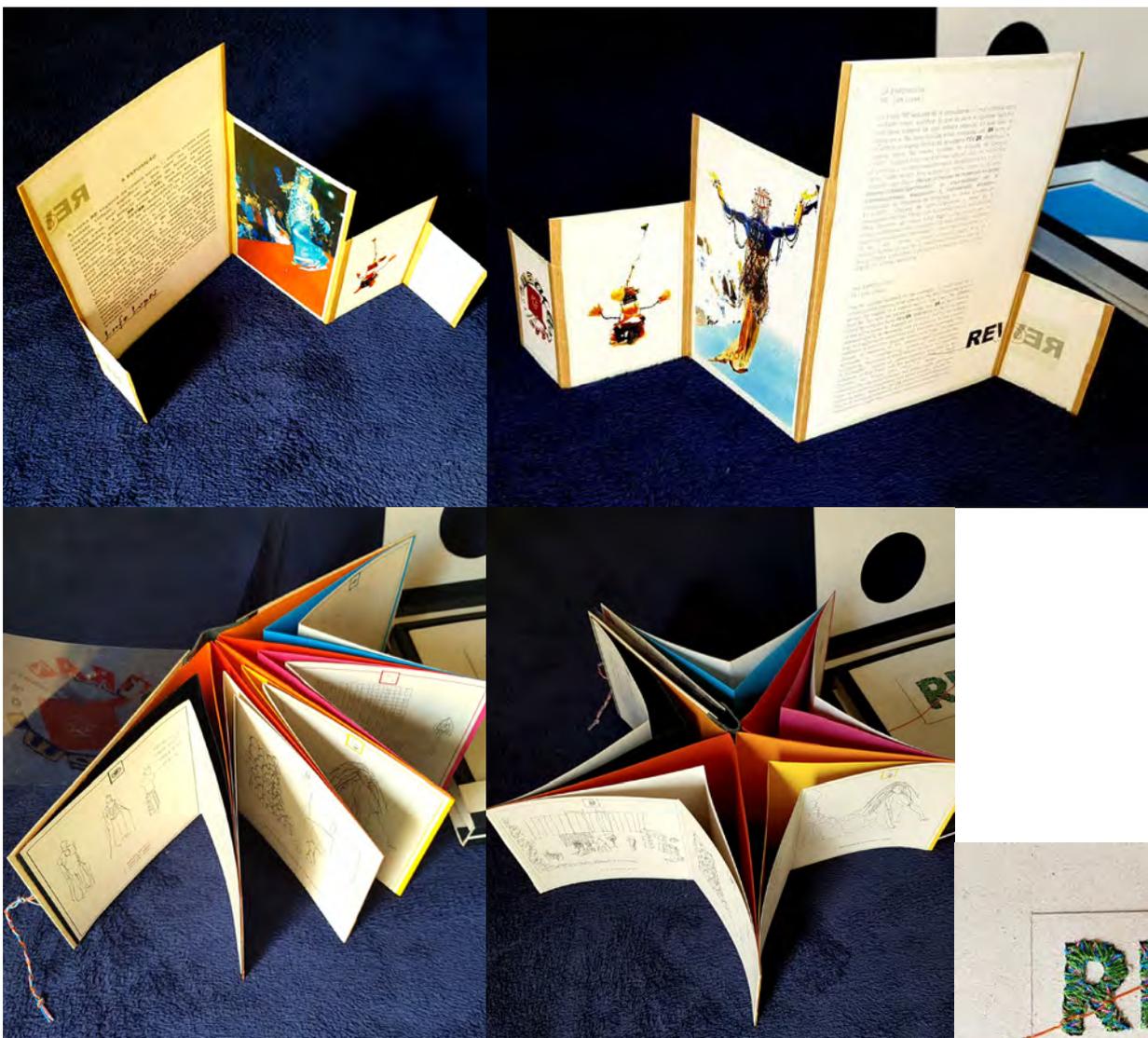
- Todo projeto foi permeado por soluções já presentes no mercado como, por exemplo, impressão em papel reciclado, capa em cartão paraná cinza, bem como com soluções nas quais é possível simplificar e deflagrar alguns processos como a costura aparente e colorida na junção dos textos. Alguns recursos onde optei por bordar com uma linha que inicio desde a capa do trabalho, começo com um bordado real da capa o -RE\ - e no seu corpo utilizo imagens de linhas que vão aparecer em vários momentos como no R do rever e passa pelo novelo (p. 11) dedicado ao meu berço sendo desmanchado na primeira imagem; uma camiseta velha (p. 14-15) que meu pai mantinha no varal e sempre implicávamos com ele até o dia que comecei a fotografá-la e coloco uma das melhores imagens obtidas de malha, fios e buracos convidando a explorar, como na foto (p.28-29) com vista de cima de um centro de triagem de tecidos com duas mulheres que selecionam os tecidos e uma que exclama "-Uauuu!". Cheguei a uma colcha (p. 48-49) de retalhos coloridos e costurados por alunos de uma oficina e remontados como colcha por minha irmã, passo pelo emaranhado de fios (p. 62-63), repasso por a uma montanha de pneus (p.72-73) de onde salto como o menino que anda pescando no rio de plásticos (p. 90-91) e sobrevoa o chão de latas (p. 100-101), mergulha em papelão manchado usado como paleta de cores (p. 178-

179), se estendendo na imagem da colagem do símbolo da reciclagem (p. 200-201) envolto pelas palavras transformaação que criei como marca em meu trabalho e lança voo ao céus resvalando-se por entre fardos de plástico (p.220-221) para finalizar na parede de papelão (p.254-255). Alguns recursos como bordar e montar em procedimento mais manufaturado e buscar assim em todo o trabalho o artefato ou feito com arte e sempre levantar muitas possibilidades incluídas a no seu próprio processo de desmonte e desmanche no exercício do efêmero e seu eterno retorno.

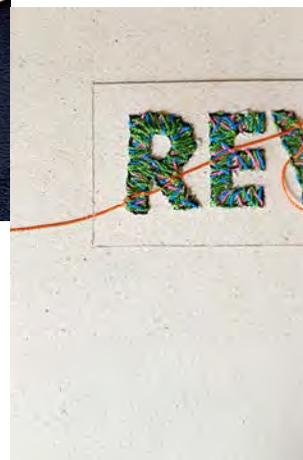
Organizo em sequência, as fotos do resultado da tese como a solução gráfica utilizada. Lamentavelmente por motivos de segurança, apontados pela Universidade, como medidas adotadas pelo atual estado de pandemia que ainda vivemos, não pude fazer chegar às mãos dos integrantes da banca, um exemplar manufaturado deste trabalho, sendo toda a tese entregue, por ora, em versão digital. Esperamos brevemente que seja possível o depósito da tese-objeto como resultado gráfico na biblioteca da ECA-USP. Apresento na sequência as fotos do objeto/maquete (são as publicações que compõem a minha tese: a caixa invólucro, o livro texto, as fichas, o catálogo da exposição-anexo E, o *storyboard* (per)formar-anexo D e o convite para banca-anexo F:

fotos do autor





fotos do autor



Importante também salientar alguns detalhes escolhidos para a performance que apresento, mesmo de modo remoto, para a defesa de meu trabalho:

1. A oportuna chance dada pelo Teatro Minaz, em Ribeirão Preto, que gentilmente cedeu suas instalações para podermos melhor desenvolver o trabalho em ambiente propício;

2. Ocupo o cenário com o mesmo conceito trazido na tese do tripartido, em três lugares que desenvolvo meus movimentos;

3. O primeiro movimento de apresentação/ evocação em cenário com um amontoado de sacos pretos e, do centro, ao fundo dupla tela suspensa, uma transparente e outra translúcida, que recebem as projeções. Neste ambiente surge um personagem que denomino: “aquele-que-traz-o-feio”, um ser que vislumbrei através de um sonho. Faço uma adaptação colocando uma cabeça-máscara e uns braços mascarando minhas bengalas. Ambas feitas de modelagem em fita plástica adesiva que retirei a partir do molde do corpo do meu sobrinho, um corpo muito maior que o meu. Em leituras recentes e, após ter feito todos meus desenhos, pude ter a feliz coincidência de encontrar uma figura muito similar na capa do livro *Índios do Brasil*, de Melatti (2014), descrito na última página desta edição, em desenho feito por um índio meinaco do Alto Xingu, figura chamada por um dos termos como “aquele que é muito feio”. Na performance, meu personagem faz alusão ao nome e utilizo “aquele-que-traz-o-feio”. Anteriormente, eu o chamava de “o homem lixo”. A seguir, coloco os dois na sequência:



4. O segundo movimento história/informação. Ao finalizar o primeiro movimento do personagem que traz o feio em seu caminhar, ilustro com imagens iniciando com uma borboleta saindo do casulo. Logo depois um índio manauara a partir de imagens diretas que colhi na tribo Dessana na última mesa no encontro da Confaeb em 2019, em Manaus (AM). Eles nos ofertaram um ritual de recepção para a ocasião. Sigo com imagens de minha biografia até uma última imagem atual. Esta que coincide em cena com o movimento, onde retiro as máscaras e apareço com minha capa-abrigo. Todo este percurso, farei com sons com voz em off, na gravação do Prof. Dr. Peter Pál Pelbart (2020) narrando trecho do Taumud, seguido de canto da tribo dos xavantes para os iniciados colhidos por Graham (2018), mesclados aos sons do compositor São Yantó (2020) na canção de Aldir Blanc e João Bosco, “Agnus Sei”. Finalizo essa sequência retirando meus primeiros trajés;

5. O terceiro movimento, saio de cena e reapareço logo depois cruzando um portal de caixas, vestido do elemento “Água” e vou iluminando algumas peças que estarão em lugar definido: a luz do Divino, o Presépio, a Gaiolaomeopática e o Carrosuper. Retiro meu figurino “Água” e o ajeito em um manequim que estará em cena. Acendo seu corpo, retiro um livro do meu “Burro” porta-livros e acendo minha “Salamandraluz” e meu “Urubuluz”, logo caminho até minha cadeira “Múmia” e sento apoiando meus pés no banco “Ka-pé-tinha” e folheio um livro. Todo ação no palco acontecerá com imagens projetadas. Começo no

corpo que toca viola, imagens cedidas por um amigo, Victor Botente, que foi modelo em meus desfiles e atualmente toca na Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, interpretando as “Bachianas nº 2” (“Trenzinho do Caipira”), seguido de mixagem do DJ Union Jack (2011) com “Water Drums” e imagens intercaladas dos trabalhos de Hilma af Klint e exposições durante guerras, comentadas nas fichas (49, 50, 51 e 52);

6. Encerro com o movimento final ou a transformação com um vídeo de cenas do filme “Vida Cigana”, do diretor sérvio Emir Kusturica (2016). Elejo este filme e trago a presença do cinema por conter imagens de extrema força e que narra a história de um dos povos mais antigos em nossa história e que seguem nômades nas quais trago os elementos da morte, o corpo e sua nova roupagem na ação de transformar. Reservo uma surpresa para estas cenas e apresento, ao final, o objeto impresso de minha tese iniciando minha apresentação para a banca.

Descrevo para esta versão corrigida os elementos que guardei como surpresa para a apresentação na banca:

- o primeiro foi o envio por correios aos participantes da banca uma pequena pasta contendo alguns elementos para que possam ter em mãos uma mostra do trabalho: uma impressão do catálogo da exposição, uma peça gráfica, no qual adotei uma forma simples na junção dos elementos com colagem de fitas diferentes o que traz a presença de uma montagem bastante orgânica e nada regular com imperfeições

aparentes, mas contendo toda informação correta e necessária, algo para provocar; logo ainda dentro da pasta uma cópia do convite da exposição ao qual anexo um pequeno fragmento do tecido voil do estudo original que fiz sobre os efeitos das pinturas que utilizei nos corpos éter e ainda envio um presente de um original de meus desenhos da série o zodíaco com o signo de cada professor que integra a banca;

- a última capa bolsa preta que fecha o volume desta tese como um último corpo aquele que deixei como surpresa em nossa banca. O Vestido Éter o mesmo que descrevo em minha exposição ressurgem em nova roupagem. Parto de estudos de exames feitos em ultrassonografia os quais pude detectar os ossos e até partes do sistema nervoso, fiz alguns desenhos em meio virtual e obtive imagens que por sublimação em tecido voil sobre o qual redesenho e utilizo tinta de tecido e como resultado destes estudos são sete corpos, o primeiro foi com meu próprio corpo, nasce assim o M´éter (parti de imagem de meu corpo em branco e negro), logo o de minha mãe na qual se detecta sua prótese coxofemoral, Mam´éter (corpo de minha mãe em amarelos), Verm´éter (uma mulher obesa pintada com tons vermelhos), Rosalaranj´éter (um homem idoso pintado em rosas e laranjas), Verd´éter (um jovem homem pintado em verdes), Azuis´éter (uma transgênero pintada em azuis), Azulil´éter (uma travesti pintada em azuis e lilás); os sete corpos, sete gêneros, sete cores;

- Para a capa desta tese opto pelo resultado obtido na pintura com os estudos de meu corpo, a qual registro em foto e passo mais uma vez pela sublimação em tecido voil, obtendo o vestido M´éter em branco e preto com aplicação de um velcro vermelho em forma de coração que acompanha a tese. Uma peça que faz o papel de experimento do vestir um corpo translucido sobre o corpo que experimenta, preso pelo velcro na bolsa negra capa desta tese;

- Para a banca gravei uma grande parte da performance em vídeo no Teatro da Cia. Minaz e pedi aos participantes que me enviassem suas fotos de corpo inteiro e vestidos de negro, que todos me enviaram, fiz um sorteio e por meio virtual apliquei um vestido em cada um dos professores, e a última imagem que faz parte das gravações da performance somos todos vestidos com seus corpos éter, e deixo o vestido Mam´éter com o qual finalizo o último movimento em minha performance, e linkei com a transmissão em direto, onde faço uma homenagem a minha mãe.

Colo abaixo as fotos destes elementos e acrescento o anexo G (p. 258-263) com fotos que montei um making off da gravação do vídeo da performance para finalizar todo este processo e o anexo H (p. 264-267) com reflexões sobre a banca e sua participação na performance.



(Ficha 66
terra terra –
coringa)



(ficha 00-
vista-se)





6.

Considerações

Retomo algumas perguntas, indicadas aqui em destaque, que lançamos no início de nosso texto e apresento possíveis respostas como:

Dos pontos para prováveis caminhos de construção, de onde surgem nossos questionamentos?

Como já salientei antes foram muitas perguntas surgidas e algumas fizeram ponte em reflexões durante o desenvolvimento do texto em minhas considerações. Busco trazer as que foram conclusivas em minhas leituras em torno de três pontos que serão o espírito enquanto matéria do sensível, o (re)úso e a possibilidade material e termino com a *transformação* para acionar o ato da criação.

Adoto dois momentos que surgiram durante o recorrido da pesquisa o feito na teoria e a oportuna e necessária prática; por um lado no primeiro momento, a dúvida na perda da oportunidade do exercício direto diante da proposta inicial que seria uma exposição montada em espaço expositivo na ECA-USP, o contato direto da obra\espectador\autor-pesquisador, que com o advento da pandemia,

direcionou nossas vidas para uma reclusão, necessária pelo distanciamento diante da eminência do coronavírus, em contrapartida, no segundo momento, o caminho apresentado pela complexidade como teoria e a mesma imersão oportuna no reagrupar, reorganizar, como adoto, o rever essa materialidade toda.

No ato do descarte, o apropriar-se do obsoleto e torná-lo novo?

Está, portanto, na transformação, no pensar, no redesenhar como processos do feito à mão, atingir a subjetividade e assim acionar o devir na criação?

Um momento, no mês de março de 2020, quando iniciamos nosso isolamento, momento que me ocorreu organizar meus materiais relacionados para a exposição, como as fotografias arquivadas desde que voltei da Europa, as tinha guardadas em um grande baú.

Tão logo fiz a abertura, o tempo me reportou aos momentos vividos auxiliando em minha organização das memórias. Além das fotografias, pude contar com todas minhas agendas, revivendo o costume de registrar minhas tarefas, deixar comentários, observações em situações ocorridas, enfim, foi literalmente se lançar no rever da minha história e até de alguns amigos próximos.

Assim surgiu a ideia de iniciar alguns relatos e registrar em um dos meus canais de internet – todos abertos ao público – e para minha surpresa, na abertura de tal baú, além das típicas fotos turísticas, de festas e momentos íntimos, que levei para postagens

virtuais, resultaram em comentários dos amigos que muito me auxiliaram na precisão de datas, locais e pessoas que sempre escapam à memória e com o tempo como os momentos que foram vividos e deixados no instante do registro. Diante deste material retomo mais uma questão:

Como atingir questões da forma e o “sensível”?

Poder observar dentre todos os conhecidos que reapareceram na ideia com os instantes nas festas rave e utilizar como momento vivido no comum de forma muito especial como pode ser o de uma reunião/festa aberta ao céu que se torna como realidade em suspensão, alguns com um certo protesto de contracultura, outros pelo puro prazer festivo e poder constatar como desenvolvemos com nossas vidas pessoais decorrido tanto tempo.

Permeiar a pesquisa qualitativa ampliando pelo olhar da complexidade, que sou, a todo amálgama que circunda meu ser e, sobretudo, deixar registro em alguma forma documental foi que me estimulou todo esse tempo desta reclusão em que nos encontramos.

A única pretensão diante de tal acervo de documentos e o qual trago à academia como possível registro de um material que, em muitas vezes, nem eu mesmo consigo dimensionar, mas que o tempo todo é um abrir meu coração, e registrar, sim, que foram momentos *educere* em vivências que denomino como educativas, somado ao que direciono para fora: meu “lixo” pessoal revirado, antes de virar cinzas, com

a própria palavra lix, também do latim cinzas. Está no ego e na autocompreensão que cada um pode atingir como indivíduo.

Sair do ego na busca “de per si”, esta pequena partícula elemento do UNO onde ser, como fazer e o que criar?

É na interlocução deste que tem prazer em narrar histórias e que nelas, sim, possa haver reencontros de almas, em espíritos andantes e cheios de experiências que creio ser esta a única forma de pensar em alguma individuação que, muito além de deixar pegadas, faz refletir, por permitirmos uma conexão pela empatia e no que nos une a algo maior.

Como atingir a matéria que constitui a própria alma em cada um de nós?

Preparo todo esse material passado em terreno irregular, instável, seco, lamacento, quente, frio e repleto de muitas outras adjetivações que poderia colocar; procuro neste escuro trazer uma pequena luz que seja, no que sou, fui ou poderei ser, deste instante em diante de tal subjetividade. Da claridade necessária na pesquisa comentada por Goldenberg (2002):

“A delimitação do objeto de estudo deve ser claramente explicitada pelo pesquisador para que outros pesquisadores analisem as conclusões obtidas... O pesquisador deve, então, apresentar claramente as características do indivíduo, organização ou grupo, que foram

determinantes para sua escolha, de tal forma que o leitor possa tirar as suas próprias conclusões sobre os resultados e a sua possível aplicação em outros grupos ou indivíduos em situações similares.” (p. 58)

Clamo diante da consciência que se faz ora necessária para buscar saídas imediatas ao que foi, ou melhor, está sendo essa tamanha imersão que todos e todas vamos passando por caminhos que nos estão oferecendo diante deste “tempo pandêmico”.

Revelo três estágios para minha tríade conclusiva de considerações: experimentar/evocar, informar/plantar e decodificar/transformar.

EXPERIMENTAR/EVOCAR

“Aquilo que ainda vai ser depois - é agora. Agora é o domínio de agora. E enquanto dura a improvisação, eu nasço.

E eis que depois de uma tarde de ‘quem eu sou’ e de acordar à uma da madrugada ainda em desespero - eis que às três horas da madrugada acordei e me encontrei. Fui ao encontro de mim. Calma, alegre, plenitude sem fulminação. Simplesmente sou eu. E você é você. É vasto, vai durar.

O que te escrevo é um ‘isto’. Não vai parar: continua.

Olha para mim e me ama. Não: tu olhas para ti e te amas. É o que está certo.

O que te escrevo continua e estou enfeitiçada.”

(LISPECTOR, 1998, p. 95)

Do experimento que foi para todos enquanto visitar e contemplar a exposição proposta alojada em plataforma virtual com o endereço: www.lufelopes.art.br

Diante do fato de distanciamento exigido e busca de isolamento, proponho ao espectador levá-lo para dentro de si, evocando sua participação na qual ele deve olhar para o seu lugar de onde desfruta da visita e encontrar algo que poderá descartar, jogar fora, virar lixo, surge a surpresa do pedido inicial - nada comum - e observo que, de imediato, houve uma grande aceitação, pois dos 44 resultados na questão se gostaram da exposição, somente 11,4% apresentaram dúvidas e observei que devido a dificuldades de lidar com o meio virtual e do momento que vivemos - ver algumas das respostas na primeira questão de Ang (p. 144), Lup e Cly (p. 145), Ces (p. 146) e Cal (p. 147). Para complementar, repito aqui a fala, quando interroguei sobre o retorno à exposição:

•**Tar** : Na verdade, o meu contexto doméstico no momento não está ajudando. Fiz a visita de forma “picada” em função dos filhos e emergências em casa. Isso me atrapalhou. Gostei muito de ter participado, mas não consigo pensar em aumentar a participação devido a essas questões caseiras.

Retornei o contato a fim de detalhar a dúvida e se estavam relativas ao dispositivo em que navegavam, a maioria via celular, que na navegação diminui potencialmente o campo de visão e depende mais dos recursos que cada aparelho contém, pois os que acessaram a partir de um computador, o campo de visão se expande e a experiência de navegação também, pois possui mais recursos tecnológicos, além, claro, de todo espectador estar diante de uma atividade evocando o universo sensível neste isolamento. Outra dúvida foi o idioma, pois em alguns lugares como na abertura do site, na história em quadrinhos, inserida como imagem o que dificulta o tradutor virtual existente na maioria dos atuais computadores.

Essas dúvidas foram relatadas e alterei todos os pontos falhos. Até criei, já na abertura da exposição, um tutorial de acessibilidade, orientado no sentido que dei para além das diferenças físicas que, infelizmente neste caso, não terei como trazer mais soluções como, por exemplo, acessibilidade para cegos e surdo-mudos, mas que guardo como questões relevantes para futuras ações. Criei um pequeno texto com oito pontos em resposta às dúvidas deixando assim mais explícito os possíveis acessos.

INFORMAR/PLANTAR

“Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente do mesmo modo que as ciências positivas, quer dizer, aplica o método experimental. Fatos de uma ordem nova se apresentam e não podem se explicar pelas leis conhecidas: observa-os, compara-os analisa-os, e, depois, deduz suas consequências e procura suas aplicações úteis. Não estabelece nenhuma teoria preconcebida; assim não colocou como hipótese, nem a existência e intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem nenhum dos princípios da Doutrina; conclui da existência dos Espíritos quando essa existência se deduziu, com evidência, da observação dos fatos; e assim os outros princípios. Não foram os fatos que vieram confirmar a teoria, mas a teoria que veio, subsequentemente, explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência da observação, e não produto da imaginação. As ciências não tiveram progresso sério senão depois que seu estudo se baseou no método experimental; mas, até esse dia, acreditou-se que este método não era aplicável

senão a matéria, ao passo que o é, igualmente as coisas metafísicas.” (KARDEC, 1992, p. 19)

Este período, século XIX, no qual Kardec fundamenta seus estudos concomitantemente está ressurgindo esse pensamento potente, em vários estudos e até em expressões artísticas, como o caso da pintora Hilma af Klint. Recentemente, assisti a um filme da diretora franco-iraniana Satrapi, em plataforma digital *online* intitulado *Radioactive* (2019). Narra a história de Marie Curie (1867-1934) e sua descoberta da radioatividade, exatamente no mesmo período, meados do século XIX, a que me referi anteriormente. Acertadamente a película demonstra tanto os embates com a ciência por suas pesquisas pioneiras, como a descoberta paralela do Espiritismo em suas primeiras experiências. Pensar sobre esta possibilidade na pesquisa, em devida abertura apresentada pela academia, será um grande avanço poder continuar os estudos diante de tal oportunidade.

Busco nas respostas as expressões que indicam indícios do sensível, o inspirador, o que faz vibrar, estados que ligamos a alma e, portanto, ressoaram no espírito, essa relação existente quando estamos diante de uma obra de arte – enlevo de uma experiência sensível – seja literatura, cinema, música, teatro, escultura, pintura e objeto e todos os meios existentes, que aparecem em uma exposição.

Desta vivência e dos registros no questionário, pontuo algumas expressões, pois foram muitas:

- Jop:** A exposição entra no corpo da gente com uma vontade louca de criar objetos.
- Kel:** Acho que deveríamos exercitar mais essa trans-forma-ção. Para meditar. Para investigar sobre esses objetos e materiais que estão à nossa volta.
- Cal:** Senti que a exposição abre várias caixinhas de temas fortes que me deixaram vontade de aprofundar: vis, ação coletiva, materialidade/espiritualidade.
- Jos:** Sempre gostei de fazer objetos com materiais recicláveis como, caixinhas com papel de propaganda, porta-lápis com latinhas de alumínio e outros objetos com garrafas pet. Considerando que minha participação foi com o (re)úso de uma palavra, fiquei com vontade de contribuir com a reutilização de objetos.
- Mau:** Atividades presenciais e em grupo seriam lindas!
- Ad:** Tive vontade de voltar nos signos e aos brinquedos. Tenho vontade de construir em colagem seres.
- Anh:** Sim, adorei fazer as fotos. Fiquei brincando de explorar as possibilidades da cartelinha de remédios e fui abstraído mais as formas a cada foto.

Considerarei **sete naturezas** que foram atingidas com a experiência. São elas: a **primeira** que suspende as sensações para além levando ao encontro com o criar; a **segunda** que leva a introjeção e aciona a vontade de meditar; a **terceira** nas relações pessoais diante de um mesmo como pode ser pensar no que é visceral, coletivo, inquiridor diante de tal material/espírito; a **quarta** que explora mais dimensões que sai da palavra e atinge objeto; a **quinta** que precisa a falta do contato e a possibilidade deste diante do grupo na troca real do corpo a corpo; a **sexta**, quando o simbólico leva a criar este estado de suspensão para expressar com a metáfora; e a **sétima** ao constatar o possível transpor do que é real na observação para conduzir a outros mundos possíveis como o macro e o micro. São pequenos indícios que deixo aqui para constatar o quão eficaz se mostra essa ação diante da transformação e criação de uma matéria, como naqueles pequenos primeiros brinquedos, ainda enquanto crianças, que abstraía diante de um pequeno pedaço de pano e nos confortava o espírito.

Se revelou com clareza a dificuldade de alguns visitantes diante de tal materialidade e sua negação. A seguir, alguns registros de falas:

- Ces:** É um assunto relevante, mas, sinceramente.... não me toca.
- Lui:** O que é arte?
- Cris:** Eu não tenho vocação artística.

Embora diante de tais apontamentos redutores, resta a surpresa, recordando o fato de que a minha seleção se propôs a reunir pessoas ligadas ao campo das artes, seja de forma direta ou indireta. Neste caso, incluía um arquiteto professor, um administrativo bancário e uma cineasta, que seguramente necessitaria mais atenção no contato e este, sim, na forma direta e presencial, onde pudéssemos tocar pelo real e fazer estar no cara a cara e juntos buscar refletir sobre a inequívoca negação do criar.

Sempre diante de meus alunos, os que mais me desafiam são exatamente os que desenvolvem postura negativa, pois me conduzem para outros lugares do sensível, que não somente a dura realidade. Um desvio na rota para ampliar a visão de algo que emociona, seja na luz ou na sombra, aliás, nestes casos, muitas vezes na penumbra que pode auxiliar a buscar uma melhor visão dos temas como no relato que apresento no texto da tese, nos objetivos; quando Vincent van Gogh se depara com um terreno abandonado repleto de sucatas (ver p. 93) e comenta da beleza mórbida ali existente apresentada diante de seus olhos, peças quebradas, retorcidas, abandonadas, mas ainda enxerga a beleza que pode surgir deste encontro com um espírito infantil, ao qual ele faz referência, com potencial inspirador como nos contos de fadas do escritor contemporâneo ao seu tempo, Hans Christian Andersen (1805-1875).

DECODIFICAR/TRANSFORMAR

“Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que fomos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência.” (KRENAK, 2019, p. 15-16)

Finalizar este trabalho no dia de hoje, 9 de maio de 2021, especialmente no dia em que se comemora o Dia das Mães, me faz lembrar o que meu pai sempre dizia: “Tudo isso é uma grande besteira do comércio para vender perfumes, pois as mães devem ser celebradas todos os dias”.

Em muitas ocasiões em meu trabalho, reflito sobre as minhas origens em todas as suas camadas, seja na própria matéria

constituente de meu corpo, nas histórias da família e, claro, as histórias de nossa formação como seres humanos neste maravilhoso planeta, azul, cheio de uma rica diversidade de espécies animais e vegetais. Nossa Terra Mãe, Pacha Mama, Gaia e muitos outros nomes advindos de nossos ancestrais.

Em muitos momentos, como os que foram revisitados, os tenho, de alguma forma, implantados em meu coração, seja pelas minhas origens, minha ancestralidade tanto de ameríndios como de matriz africana da família, e mesmo de europeus que vieram como agricultores. Em algumas oportunidades, mantive contato com alguns guias espirituais, vindos através de falas de médiuns, por frequentar algumas sessões em centro espírita ou em reuniões de estudos da espiritualidade com o grupo de minha mãe, ou a convite de amigos em outros tipos de reuniões para contatos com o mundo espiritual. Em muitas ocasiões para equilibrar energias pelo passe magnético, ou por consultas por saúde, eles me disseram que sou um “espírito velho no planeta”.

Sinto no fundo de meu ser uma tranquila presença, como um alento, e diante de algumas situações pude constatar no contato, principalmente em ambientes com a natureza selvagem por toda minha infância, solto pelo mato e logo por minhas viagens pelo continente europeu; em muitas ocasiões, fui recebido com muita empatia em lugares de muita ancestralidade.

Recordo uma das últimas casas em que vivi na Espanha, Catalunha, mais precisamente no Vale Georgina - (*Vallgorguina*). Uma vila no Vale Oriental dos Pirineus catalães, com narrativas medievais de feiticeiras, em especial a que dá o nome ao vale, Georgina. Vivi por um ano em Can Pradell de la Serra, assim como eles denominam as casas de campo como Can e o nome de família. Lá existem dois dolmens ou mesetas pré-históricos e, no mais famoso o da pedra gentil, até pude participar de um ritual da entrada do verão, presidido pelas atuais feiticeiras, que nos serviram vinho “em chamás”, em uma festa encenada de saudação à nova estação.

Meu próprio estado atual, que mantenho minha atenção no meu chakra básico, o reflexo na artrose de quadril e na base da coluna, problema que os guias espirituais detectam como tendo raízes tribais, ou seja, uma imersão em minha ancestralidade na qual me embrenho na busca.

Sentimentos de muita inspiração diante de toda a temática dos cinco elementos - o ar, a água, o fogo, a terra e o éter -, a natureza múltipla, e nosso papel de possuidores de racionalidade para estabelecer os diálogos necessários diante deste enorme potencial de energias circundante, ou melhor, de espiral no universo marcada por rotas planetárias como DNA de nossa matéria e que a cada giro confirma o importante papel que podemos exercer como observadores e cocriadores conectados pelo múltiplo, diverso e fundamentalmente coletivos, como habitantes em localidades

específicas e importantes indivíduos que necessitamos de transformação para darmos esse salto quântico para então voltarmos a dançar e viver a suspensão do céu como narrado por Krenak (2019).

O (re)uso é um importante procedimento diante de todo esse processo como remontagem, recolagem, bricolagem, mas que ainda estamos iniciando o pequeno caminho para esse futuro promissor de Uma Terra Mãe (incluo o Uma em sua denominação por ser única, delicada e sábia) que nos abriga em seus braços cheia de amor para dar e a necessária amplitude que se faz no Pai Universo para elevar nosso espírito ao firmamento e sabermos que temos toda eternidade pela frente mas que o DE EUS que nos habita deverá cada vez mais encontrar nossa ressonância na criação e auxiliar nossa libertação diante de tantos hábitos adquiridos em nossa jornada. Assim como nômades, viajantes dos tempos, marcando hábitos no bem e no mal, diante do desafio da interlocução, que seja sempre pelo amor diverso, múltiplo, éticos e com muita estética, pois a arte será ferramenta de cura e liberdade para toda criação.

Deixo para finalizar - ou iniciar o próximo caminho -, alguns depoimentos extraídos das respostas diante da exposição RE\.

•**Mag:** A exposição apresenta a experiência completa do Lufe/Espírito como arquiteto, artista e educador. A mostra expõe o seu caminho evolutivo ancestral que se materializa por meio do processo de criação na obra de arte. Apresenta arte, natureza e espiritualidade. A apresentação nos ajuda a questionar e, às vezes, até recordar de onde viemos, onde estamos, o que estamos fazendo aqui e para onde estamos indo.

•**Lig:** Muito surpreendente a proposta de somar à exposição criações a partir dos objetos que seriam descartados, objetos que estavam sobrando, por assim dizer. Uma forma de olhar de um modo diverso para a banalidade destes objetos e experimentar dotá-los de outros sentidos e facetas.

•**Adr:** Ela conseguiu me tirar da realidade e me levou para um outro mundo.

•**Ped:** Porque para mim foi um momento de deleite. Em várias passagens, fui convidado a interessantes reflexões e pude perceber a potencialidade da (re)leitura das pessoas e coisas.

•**Luc:** Considero como arte porque mostrou uma realidade diferente dos padrões, de forma bastante criativa, com um novo olhar para coisas do cotidiano, que me fizeram adentrar num universo em que tudo é aceito, todas as diferenças e diversidades. Enquanto explorava a exposição, pude sentir várias emoções diferentes e fui transportada para um outro mundo, de forma metafórica, pelas cores, formas e transformações.

•**Ang:** No meu ponto de vista, a expressão arte está nos olhos de quem a vê. A capacidade de enxergar a possibilidade de transformação de objetos que seriam “lixo” nos olhos de alguns, em objetos inusitados e que me fazem pensar nas possibilidades que existem mundo afora, eu chamo de arte... não só de transformar, porém arte de viver.

•**Anl:** Porque transforma a matéria e o ser humano que a usufrui, trazendo-lhes mais vidas.

•**Cal:** Eles dão forma a um pensamento que reflete uma ética e uma estética; materializam aspirações da consciência; etc.

•**Caw:** Dar forma é formar-se. Em consonância com as poéticas contemporâneas, todo o processo de dar forma, as questões materiais, subjetivas, as intencionalidades disparadoras das alteridades compõem o campo semântico no qual as práticas artísticas efetivam seu potencial educador.

G R A T I D ã O !



7 COMPLEMENTOS /ANEXOS

ANEXO A - Questionário comunidades rave

Nome:

Endereço no facebook:

Cidade: País:

Idade: Formação:

1. Qual a sua ocupação atual e qual era quando frequentavas as raves?

2. Quantos anos você tinha quando começou a frequentar as festas raves?

3. Durante quanto tempo você frequentou as festas raves?

4. Nas fotos das raves, que anexei em meu facebook, qual delas mais te emocionou? Por quê?

5. Da própria definição do verbo to rave: delirar e desvariar qual mais te marcou: a música eletrônica, as drogas, o ambiente, a organização, por que?

6. Dos grupos que organizavam e frequentavam as raves que experiência ficou?

7. Qual sentido você consegue ver nestas festas? Elas te deixaram algo marcado em sua vida atual?

ANEXO B - Questionário exposição RE\

Nome:

Cidade: País:

Idade: Profissão:

1. De um modo geral como que você qualificaria esta exposição:

- a. () muito boa; b. () boa;
c. () regular; d. () ruim

Por quê?

2. Você considera esses trabalhos como sendo arte?

- a. () sim; b. () não;
c. () não sei avaliar

No que ou aonde?

3. Arte e design de objeto uma combinação possível?

- a. () sim; b. () não;
c. () não sei avaliar

Por quê?

4. Como você vê a questão (re)úso permeada em todos os trabalhos nesta exposição?

5. Você contribui de alguma forma com campanhas para redução, reutilização e reciclagem dos seus descartes? Como?

6. Da proposta apresentada no início desta exposição, evocando sua participação ao selecionar e reaproveitar algo que você iria descartar, você participou contribuindo com alguma criação? Como foi para você essa vivência?

7. Toda a exposição deixou em você alguma vontade de retornar para obter mais informação e até contribuir com algo mais no blog ou mesmo confeccionar mais objetos para participar e contribuir em nossas discussões?

- a. () sim; b. () não

ANEXO C - Imagem de pré-projeto desenvolvido para apresentação como uma primeira ideia/esboço de nossa expo/ação:



Lufer Lopes

2019

LUIZ FERNANDO PEREIRA LOPES



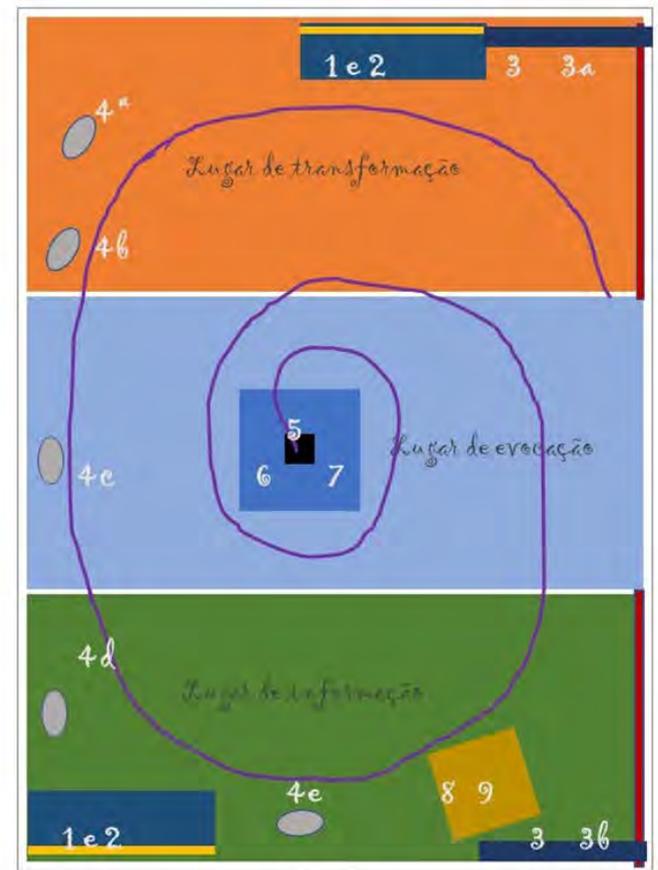
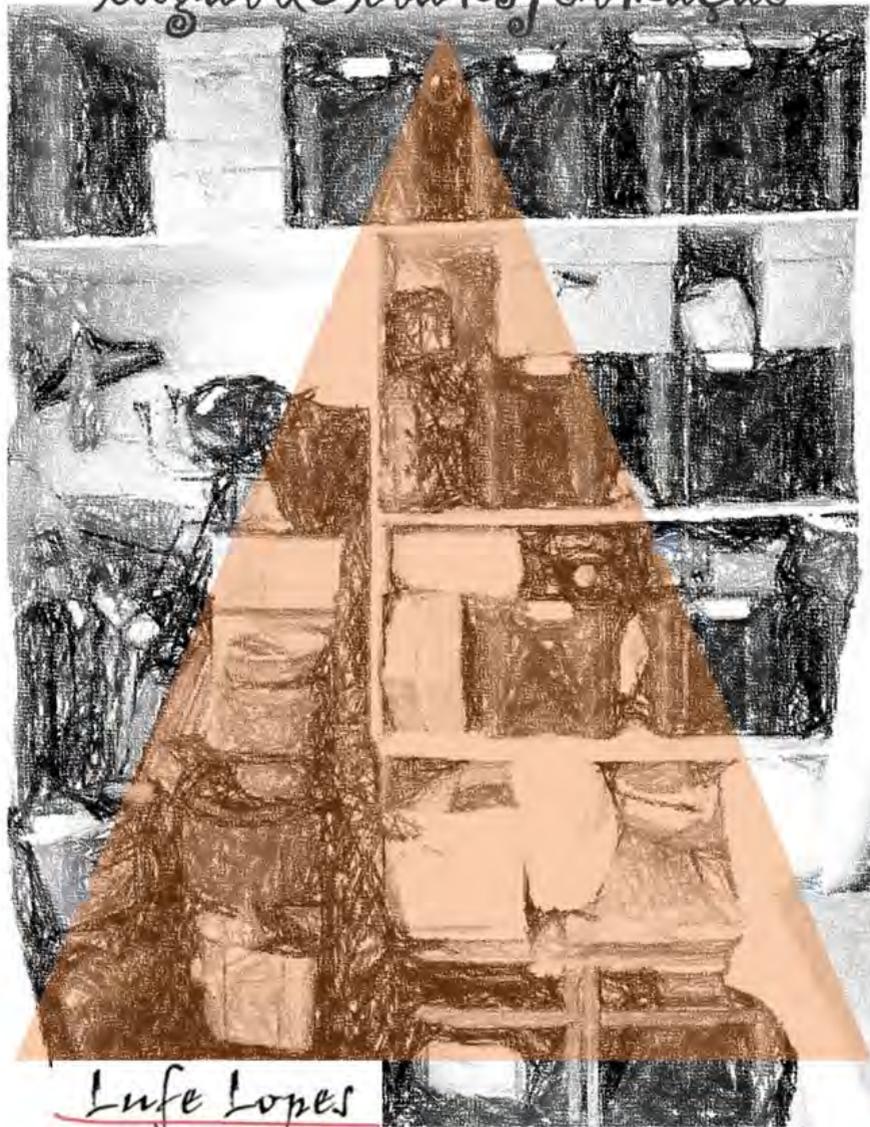
Pré-Projeto Exposição defesa Tese – nível Doutorado

Projeto de exposição/performance apresentado como requisito parcial para título de Doutor em Artes Visuais no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, área de concentração 27160 Teoria, Ensino e Aprendizagem da Arte, linha de pesquisa L4 – Fundamento do Ensino e Aprendizagem da Arte, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profª Drª Maria Christina de Souza Lima Rizzi

São Paulo
2019

o plantar
lugar de transformação



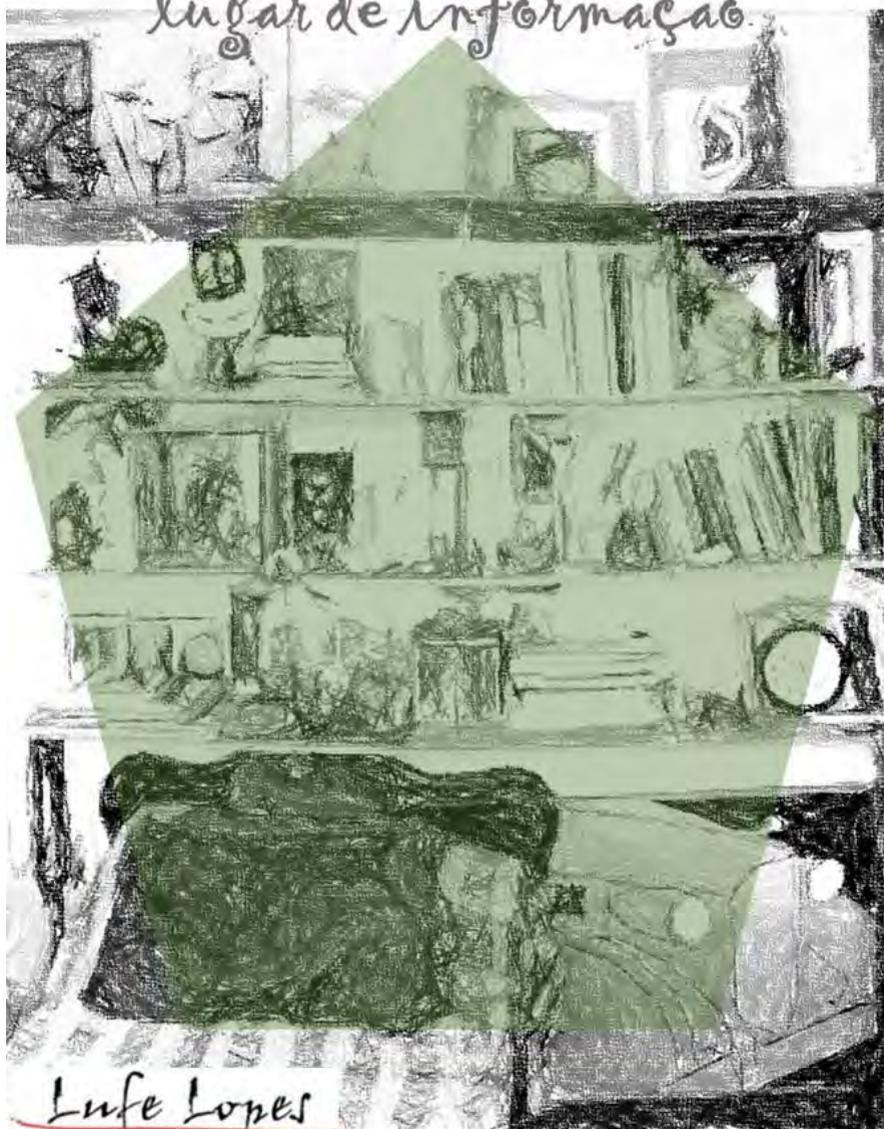
Legenda:

3 lugares: ■ informação ■ evocação ■ transformação ■ espiral performa

- | | |
|-----------------------------------|--------------------|
| 1e2 – mesa e monitor imagens | 4d – manequim ar |
| 3 – prateleira | 4e – manequim água |
| 3a – impressão digital trabalho | 5 – relicários |
| 3b – impressão digital informação | 6 – cubo sagrado |
| 4a – manequim terra | 7 – tecido cortina |
| 4b – manequim fogo | 8 – tecido painel |
| 4c – manequim éter | 9 – cadeira múmia |

informação

lugar de informação



origem
lugar de evocação



O (re)úso em três possibilidades:
(quanto à materialidade)

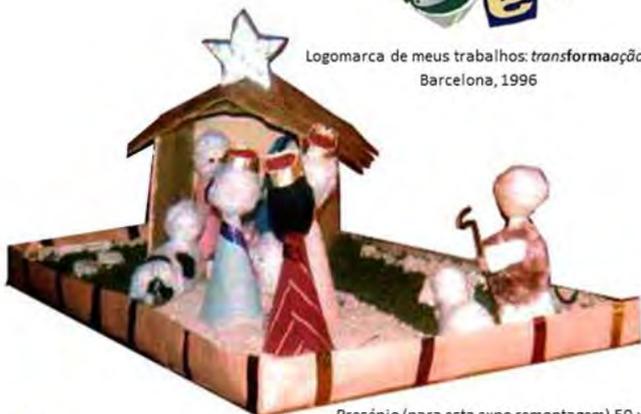
1. Os descartados;
2. Os tirados de contexto para o qual foram criados em trabalhos como os *ready-made* e os *objet trouvé*;
3. Materiais recém saídos da indústria para a construção civil por exemplo;

O (re)uso em três situações:
(quanto à motivação)

1. (re)ivindicar – pelo impasse
2. (re)jeito – como reaproveitar
3. (re)pulsa – como transformar



Logomarca de meus trabalhos: *transformação*
Barcelona, 1996



Presépio (para esta expo remontagem) 50 x 18 x 68cm construído
com materiais de (re)úso, Lufe Lopes, 1973 - 2019



Painel impresso 2 x 2,5 m no lugar de transformação
Foto depósito materiais no ateliê do autor.



Painel impresso 2 x 2,5 m lugar de informação
foto ateliê do autor.



Vestuário elemento AR – materiais de (re)úso
Concurso La Santa, prêmio criatividade,
Barcelona, 1995.



Vestuário elemento TERRA – materiais de (re)úso
Concurso La Santa, prêmio criatividade,
Barcelona, 1995.



Vestuário elemento ÉTER – materiais de (re)úso
Expo Centro Cultural Kike,
Barcelona, 1994.



Vestuário elemento FOGO – materiais de (re)úso
Concurso La Santa, prêmio criatividade,
Barcelona, 1995.



Vestuário elemento ÁGUA – materiais de (re)úso
Concurso La Santa, prêmio criatividade,
Barcelona, 1995.



Gaiola guarita – (re)uso materiais, 20x30x8cm, 2004.



Condomínio dos cara-latas – (re)uso materiais, 40x12x12cm, 2004.



Petpeixeluz – (re)uso materiais, premio CEMPRE, 12x21x62cm, 2006.



Abelhuz – (re)uso materiais, 28x26x26cm, 2004.



Cibernépole Charmosa – (re)uso materiais, 8x20x15cm, 2009.



Sereia – (re)uso materiais 20x35x30cm, 2017.



Avestruz – (re)uso materiais, 7x22x30cm, 2000.



Cavalo Raizes – (re)uso material, 15x12x30cm, 2000.



Roboneco – (re)uso materiais, 10x35x10cm, 2000.



"[...] Con el advenimiento del principio de la incertidumbre de Heisenberg y la física de Einstein ha quedado bien patente que el hombre no puede sentir ni medir la realidad externa con total precisión puesto que, por el solo hecho de ver este fenómeno como externo, el hombre lo distorsiona. Es más, parece ser que, debido a naturaleza misma de la luz y las limitaciones del aparato sensorial, no hay ningún instrumento que pueda restablecer la realidad externa como piedra de toque de la verdad última. Dado que esto es irrevocable, no nos queda más remedio que volvernos hacia nuestro mundo interior, a la psique humana en sí misma, en nuestra búsqueda de la verdad. La ecuación puramente matemática $E=mc^2$ ya no es una "mera esencia", sino que brilla como verdad eterna, incorruptible como el oro."

(NICHOLS, Sallie, Yung y el Tarot, 1989, p. 135)

Para voltarmos ao nosso eu interior, como na antiga frase escrita por um anônimo no templo de Delfos no século 5 antes de Cristo, o conhecer a ti mesmo, uma evocação para uma difícil imersão, mas que se torna necessária para os que buscamos mudanças.

Em nossa tese, partimos de perguntas iniciada por Adauto Novaes referindo-se à Hannah Arendt quando coloca:

Perguntemos, pois: o que é feito hoje da natureza humana? Que papéis tem hoje o espírito não como entidade metafísica, mas como inteligência ou potência de transformação criadora? [...] Tentamos ir além do que foi escrito por Hannah Arendt em "A Condição Humana". Novos problemas como a experiência e o pensamento objetivo, a sensação, o corpo, o outro e o mundo humano, a coisa e o mundo natural, temas trabalhados pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty, a célebre afirmação: "A ciência manipula as coisas e renúncia em habitá-las". (ARENDE apud NOVAES, 2015, p. 22- 23)

Novaes também nos aponta em sua coletânea sobre Mutações: Fontes passionais da violência, que nos abre à muitas questões sobre este: verdadeiro estado de violência, onde ele habita em nosso ser? Ligá-lo a criatividade será fundamental como um enlace de ideias e condução por "novos caminhos" sobre o como olhamos as transformações em nossos dias e para este estado de violência; agressão e insatisfação são as tônicas em nosso contemporâneo em ações sociais e comportamentais. Fato

objetos, mesa com monitor e imagens de algumas construções e possível abertura aos visitantes para construir uma peça objeto logo registrar e participar.

Em nosso corpo, o trabalho constante com o (re)fazer no que Adauto Novaes (2015, p. 9-10) traz com Giorgio Agamben sobre o contemporâneo: "O seu dorso está fraturado e nós mantemos exatamente no ponto da fratura".

Para esta reflexão, a instalação performance necessitaremos também os seguintes equipamentos:

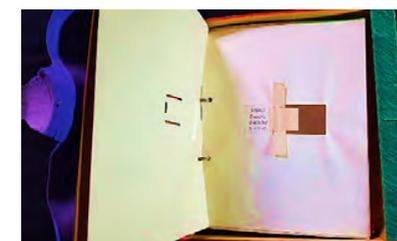
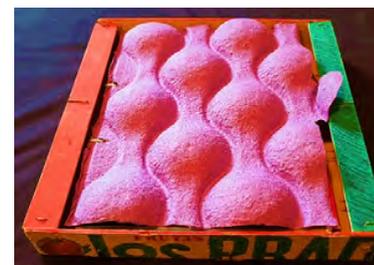
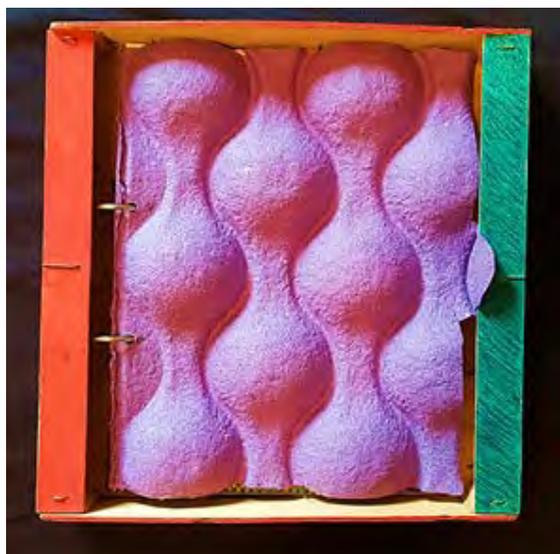
- *três projetores multimídia;
- *dois monitores grandes;
- *duas mesas grandes;
- *prateleiras fixas e suspensas nas paredes em duas salas;
- *um armário box transparente;
- *cinco manequins de loja;
- *três cabides ou "araras" para os vestuários que criaremos em cada sala;
- *marcaremos o chão com elementos em cor e criaremos uma espiral com melaço e sal grosso no dia da performance, que permanecerá durante o período na exposição.

"A nossa própria experiência é, em última análise, o único terreno onde os juízos podem ser postos à prova, e só podemos confirmar ou retificar as opiniões consagradas à luz da compreensão, o mais perfeita possível das nossas próprias reações. [...] A arte é prezada enquanto forma de levantar questões, e não propriamente de transmitir verdades. [...]"

(PARSONS, 1992, p. 42-43)

Lufe Lopes

2019

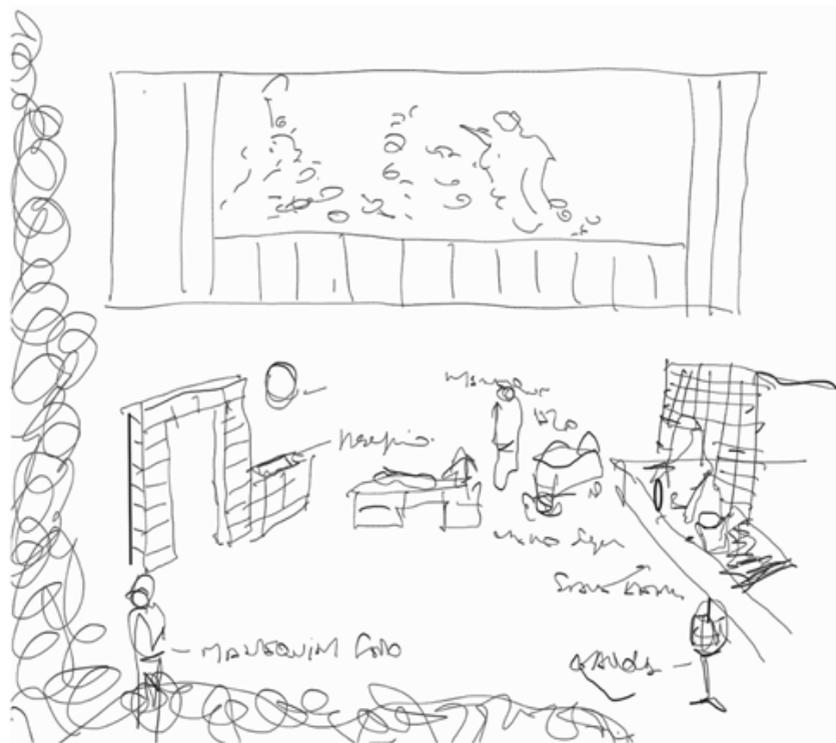


O mock-up do pré-projeto foi feito tendo por base de uma caixa de madeira de frutas

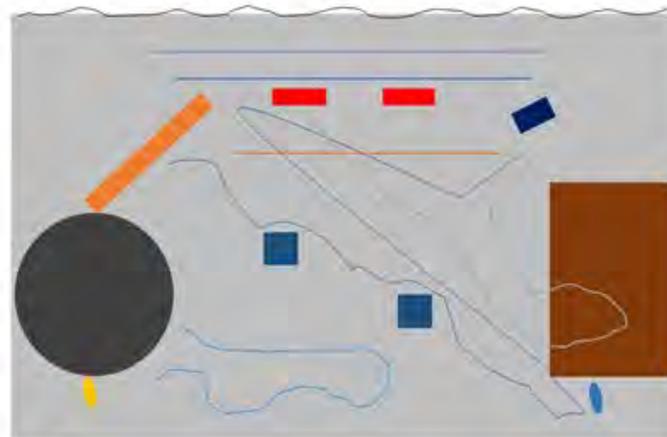
O mock-up do pré-projeto foi feito tendo por base de uma caixa de madeira de frutas que trouxe da Espanha (Los Prados), com a capa feita com papelão roxo, bem característico do suporte de frutas e transformei na capa. Aplicado na parte interna, uma pequena lâmina espelhada e antes uma dobradura com a provocação, pedindo uma participação a quem manuseia a proposta para encontrar a palavra **REV3Я**



O CENÁRIO



PLANTA CENÁRIO



- - Montanha lixo
- ▬ - Portal caixas e presépio e pomba
- - Sala de estar (cadeira muntia, ka-pé-tinha e butrco)
- - Dupla tela projeção transparente e fosca
- ~ - Movimento cena 01
- ~ - Movimento cena 02
- ~ - Movimento cena 03
- - manequim feio
- - manequim h2o
- - carrinholuz
- - gaiolaluz e mesa fogo
- - urubuluz e salamandaluz
- - varal vestidos



“A criação do mundo não foi aquele milagroso instante inaugural, tão celebrado, nem foi a eclosão repentina de uma totalidade redonda, saída do nada, através do verbo, ou seja, essa interpretação do gênesis contesta o fato, de que o mundo teria sido criado subitamente pela voz suave ou tonitroante de um deus criador. Segundo essa versão foram 26 tentativas malogradas. A cada fracasso Deus recolhia os destroços da tentativa anterior e através de uma remontagem, recolagem, bricolagem, ele experimentava de novo fazer o mundo. Portanto este mundo depois de 26 tentativas, ele só conseguiu, por assim dizer, se manter de pé, graças a uma espécie de torcida divina, que pode ser expressa, na tradução do hebraico: ‘oxalá fique de pé’ ‘oxalá vingue desta vez’”.

(PELBART, vídeo - 2020)

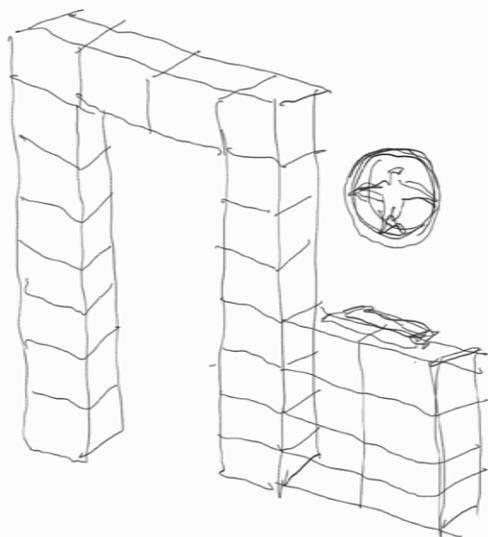
[\(165\) Atelier Paulista - Prof. Peter Pál Pelbart - Aula Inaugural - YouTube](#)



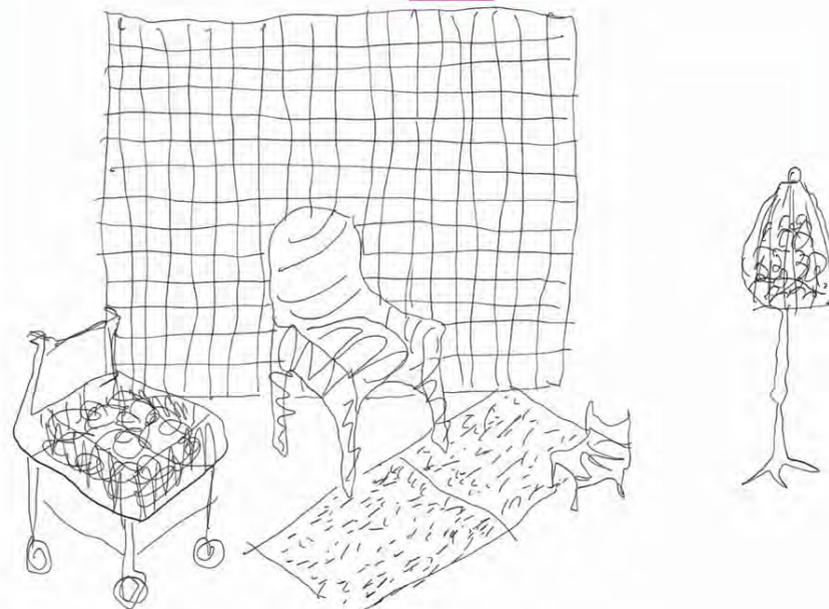
1º movimento – Personagem o aquele-que-traz-o-feio e a transformação

2º movimento – Personagem com vestido h2o e roupa negra

3º movimento – Personagem roupa negra e vestido mam'éter



- Portal das caixas;
- Mesa suporte presépio;
- Luz do divino.



- Lugar do repouso do artista;
- Cadeira múmia;
- Banco Ka-pé-tinha;
- Colcha e tapete retalhos,
- Luzes gaiolomeupática e carrosuper



Átimo de Pó

Entre a célula e o céu
O DNA e Deus
O quark e a Via-Láctea
A bactéria e a galáxia

Entre agora e o eon
O íon e Órion
A lua e o magnéton
Entre a estrela e o elétron
Entre o glóbulo e o globo blue

Eu

Um cosmos em mim só
Um átimo de pó
Assim: do yang ao yin

Eu

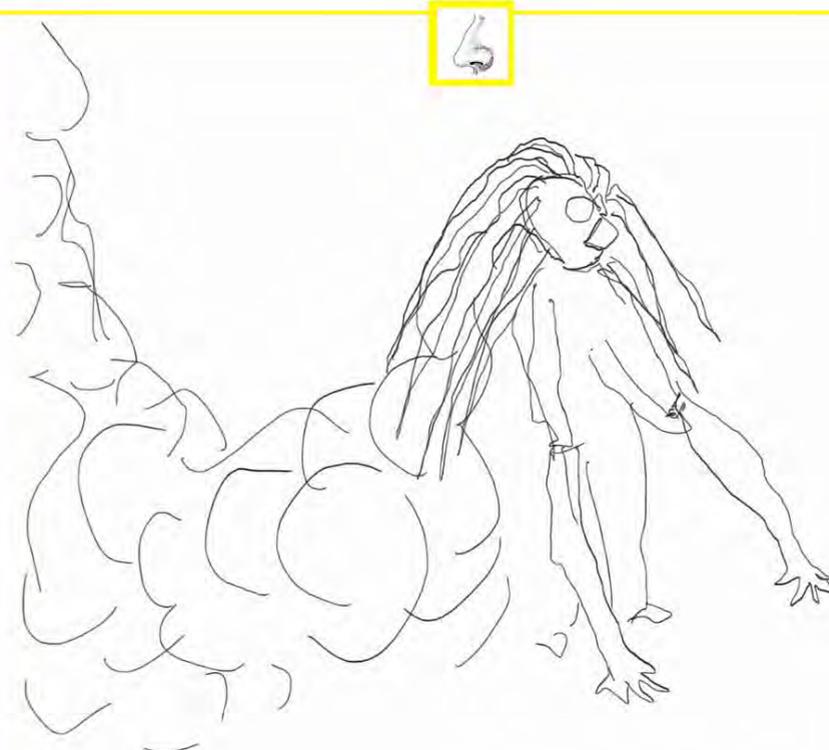
E o nada, nada não
O vasto, vasto vão
Do espaço até o spin

Do sem-fim além de mim
Ao sem-fim aquém de mim
Den' de mim

Carlos Rennó (1995)

Gravada por Gilberto Gil disco "Quanta"

<http://carlosrenno.com/cancoes/gravadas/atimo-de-po/>



• Personagem Aquele-que-traz-o-feio



MANEQUIM LUZ
VESTIDO ÁGUA
VESTIDO ÉTER

- Manequim luz;
- Vestido água;
- Vestido éter.



RE \ lufe lopes - (Per)formar - Storyboard

A sílaba RE seguida da contra barra, \ , muito usada como símbolo virtual, significa: o que abre ao caractere seguinte, o qual deve ser tratado de forma especial. Neste caso, a própria sílaba RE, mas com as letras espelhadas, assim: **ЯЯ** como vistas desde um espelho formando a palavra **REVЯЯ**. Referência ao poema visual homônimo de Augusto de Campos (1971), a sílaba entre ver ou rever, uso como em (re)úso pelo processo e seu deflagrar de possibilidades e, portanto, materialidade. Esta performance, faz parte de minha tese de doutorado a qual título: **Rever o (re)úso de materiais em artes: desenhar/instalar/(per)formar / a espiritualidade no contemporâneo / exposição e curadoria educativa**. Apresentada na abertura da defesa para a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com orientação da Profa. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi. Uma revisão em minha produção/formação/constituição os três lugares em torno de meu ser/estar/gestar. Onde podemos chegar diante de um espelho? Espelho não somente na sua materialidade reflexiva, mas no que nela podemos aprofundar e deflagrar em nosso caminho como arquiteto, artista e educador.

RE

A EXPOSIÇÃO

A sílaba RE seguida da contra barra, \ , muito usada como símbolo virtual, significa: o que abre ao caractere seguinte, o qual deve ser tratado de forma especial. Neste caso, a própria sílaba RE, mas com as letras espelhadas, assim: **ƎR** como vistas desde um espelho formando a palavra **REVER**. Referência ao poema visual homônimo de Augusto de Campos (1971), a sílaba entre ver ou rever, uso como em (re)uso pelo processo e seu deflagrar de possibilidades e, portanto, materialidade. Esta exposição, faz parte de minha tese de doutorado a qual título: (Re)ver o (re)uso de materiais em artes: desenhar/installar/(per)formar, a espiritualidade no contemporâneo, exposição e curadoria educativa. Apresentada ao Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da ECA-USP - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, com a orientação da Profa. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi. Uma revisão em minha produção/formação/constituição os três lugares, aqui retratados como evocação, informação e transformação, em torno de meu ser/estar/gestar onde podemos chegar diante de um espelho? Espelho não somente na sua materialidade reflexiva, mas no que nela podemos aprofundar e deflagrar em nosso caminho como arquiteto, artista e educador.

RE *Lufe Lopes*





LA EXPOSICIÓN
RE - Lufe Lopes

La sílaba RE seguida de la contrabarra, \ , muy utilizada como símbolo virtual, significa: lo que se abre al siguiente carácter, que debe tratarse de una manera especial. En este caso, la sílaba en sí RE, pero con las letras reflejadas, así: **ƎЯ** como se ve desde un espejo formando la palabra **REVƎЯ**. Referencia al poema visual del mismo nombre de Augusto de Campos (1971), la sílaba entre ver o revisar, utilizar como en (re)uso por el proceso y su desencadenamiento de posibilidades y, por lo tanto, materialidad. Esta exposición forma parte de mi tesis doctoral, cuyo título: **(Re)ver o (re)uso de materiais em artes: diseñar/installar/(per)formar, la espiritualidad en el contemporáneo, exposición y comisariado educativo**. Presentado al Programa de Posgrado en Artes Visuales del ECA-USP - Escuela de Comunicación y Artes de la Universidad de São Paulo, con la orientación de la Profa. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi. ¿Una revisión en mi producción/formación/constitución los tres lugares, retratados aquí como evocación, información y transformación, en torno a mi ser / ser / gestar donde podemos llegar ante un espejo? Reflejar no sólo en su materialidad reflexiva, sino en lo que podemos profundizar y deflagrar en nuestro camino como arquitecto, artista y educador.

THE EXPOSITION
RE \ Lufe Lopes

The RE syllable followed by the backslash, \ , much used as a virtual symbol, means: what opens to the next character, which should be treated in a special way. In this case, the syllable itself RE, but with the letters mirrored, this: **ƎЯ** as seen from a mirror forming the word **REVƎЯ**. Reference to the visual poem of the same name by Augusto de Campos (1971), the syllable between seeing or reviewing, use as in (re)use by the process and its triggering of possibilities and, therefore, materiality. This exhibition is part of my doctoral thesis, which title: **(Re)view the (re)use of materials in art: desing/installacion/(per)former, spirituality in contemporary, exhibition and educational curatorship**. Presented to the Graduate Program in Visual Arts of ECA-USP - School of Communication and Arts of the University of São Paulo, with the guidance of Profa. Dr. Maria Christina de Souza Lima Rizzi. A review in my production/formation/constitution the three places, portrayed here as evocation, information and transformation, around my be/being/gestar where we can get before a mirror? Mirror not only in its reflective materiality, but in what we can deepen and deflagrate in our path as an architect, artist and educator.

REVER



“De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho.”

Ailton Krenak - Escritor e ativista indígena

Do sonho que se realiza, como na cena capturada por Consuelo Bautista (<http://consuelobautista.com/>), fotógrafa que acompanhou o grupo da Associação Drapart, em registro de nossa participação na Bienal de Cetinje (na antiga Iugoslávia), durante a guerra nos Balcãs, em 1997. Aqui um cochilo sobre o “lixo bélico”, resíduos de metais com os quais trabalhávamos.

Venha participar de audiência da banca de defesa de minha tese intitulada

**“(Re)ver o (re)úso de materiais em artes:
desenhar/instalar/(per)formar,
exposição e curadoria educativa”**

apresentada para a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com a orientação da Profa. Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi para obtenção do Título de Doutor em Artes.

Abro minha apresentação com uma performance que será realizada em plataforma virtual assim como a exposição online.

RE\LUFELOPES:

BANCA:

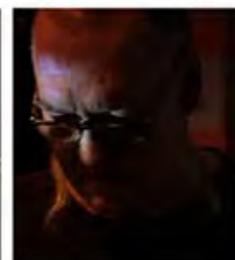
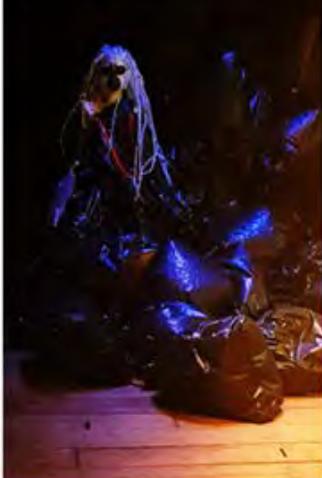
Dia 00 de julho de 2021 às 00:00 (horário do Brasil)



making off vídeo performance

teatro minaz – ribeirão preto – julho 2021







Performance apresentação banca doutorado:

Equipe técnica:

Criação:
Câmera e edição:
Iluminação e efeitos:
Assistentes:

Lufe Lopes
Alexandre Galante
Ivo Rinhel D'Alcool
Arthur Cardoso
Fernando Celestino
Marco Cardoso
Reinaldo Oliveira
Tiago Bortoletti

Agradecimentos:

Teatro Minaz e Amaria Rodriguez Recicláveis
Ribeirão Preto 2021

Sons e Imagens:

Voz Prof. Dr. Peter Pál Pelbart
Metamorfose Borboleta – Grosser Gabelschwanz
Ritual Tribo Dessana Manaus Confaeb19
Canto Marawa'wa (Tribo Xavante - Graham, 2018)
São Yantó (Agnus Sei – João Bosco / Aldir Blanc)
Voz Gilberto Gil (Átimo de Pó / Carlos Rennó)
Victor Botente (Bachianas nº 2 - Vila Lobos)
Union Jack Water Drums
Ederlezi – Tempo dos Ciganos – Emir Kusturica
Marina de La Riva (Sonho Meu – Delcio Carvalho
e Dona Ivone Lara com poema de José Martí)

ANEXO H - Reflexões sobre a banca final os corpos distribuídos e 'coincidências':

Propus para a banca final uma performance, que os professores foram incluídos nela de alguma forma. A princípio surge a ideia com o elemento éter (como o que esta no todo) utilizo meu vestido éter e recrio partindo dele, mas, desta vez utilizando mais tecnologia no feitiço, como sublimação em voil, copias de exames ultrasonografias, desenhos e pintura.

Sete corpos; a banca, mais o meu somam seis, e na performance no dia da banca faço uma homenagem a minha mãe e deixo o sétimo vestido, feito partindo da ultrasonografia do corpo de minha mãe, o qual visto e lhe presto uma homenagem. Com os professores lhes pedi uma foto de corpo inteiro sobre a qual aplico o vestido sorteado a cada um.

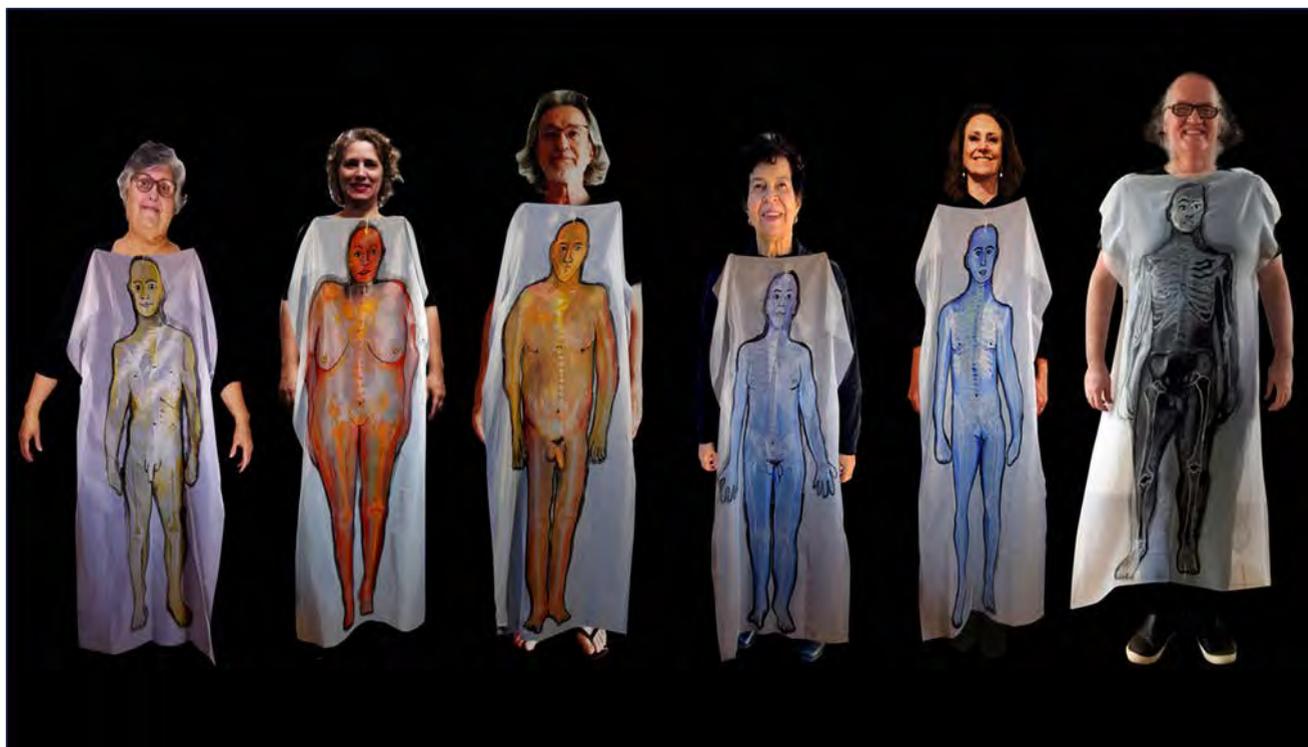
Sete cores que são as que atualmente nossa retina consegue enxergar, sete cores do arco-íris: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul claro, azul índigo e violeta.

Sete tipos referenciados: homem jovem, homem idoso, mulher gorda, transgênero, travesti, corpo de minha mãe e o meu.

Do sorteio (coloquei os nomes dos vestidos em papéis e lancei ao acaso e ligados a ordem de apresentação na banca) faço uma conexão com a leitura dos chakras pela alquimia:



DESENHO REFLEXIVO FEITO DURANTE O MINI CURSO SOBRE ALQUIMIA E OS CHAKRAS OFERECIDO POR STEFANO GRADI FEITO COM CANETA HIDROCOR, AUTOR LUFÉ LOPES 2021.



O vestido verde, Profa. Chris, o amor, o jovem corpo, no chakra coronário, aciona o conectar, planeta vênus;

O vestido vermelho, Profa. Tarcila, a gorda corpo, como uma vênus pré-histórica, no chakra básico, aciona o energizar, planeta a lua;

O vestido laranja e rosa, Prof. Luiz Carlos, o homem idoso, no chakra solar, aciona o acreditar, planeta o sol;

O vestido lilás e azul, Profa. Maria Cecilia, o travesti, no chakra coronário, aciona o criar, planeta saturno;

O vestido azul claro, Profa. Branca, o transgênero, no chakra laríngeo, aciona o julgar, planeta marte;

O vestido amarelo, meu vestido final da performance, o corpo de minha mãe, no chakra umbilical, aciona a materialidade, planeta mercúrio;

O vestido preto e branco, meu vestido e última capa da tese, preto ou ausência de cores, ou será na sombra, o corpo-espaço, o lugar-sem-cor e o branco na soma de todas as cores o branco espiritual!

Termino com uma mensagem colocada com o vestido (ficha 00) no início desta tese:

Vista-se

Os convido diante deste vestido que denomino M'éter.

Ver, vista, vista-se, vestir do latim vestire, roupa, luzir. Hábito, efêmero, aparência e ver.

Primeira casa, primeiro abrigo. Surgir diante deste trabalho que os apresento e com esta forma emergir em (re)flexões, (re)apresentações diante de possíveis (re)úso.

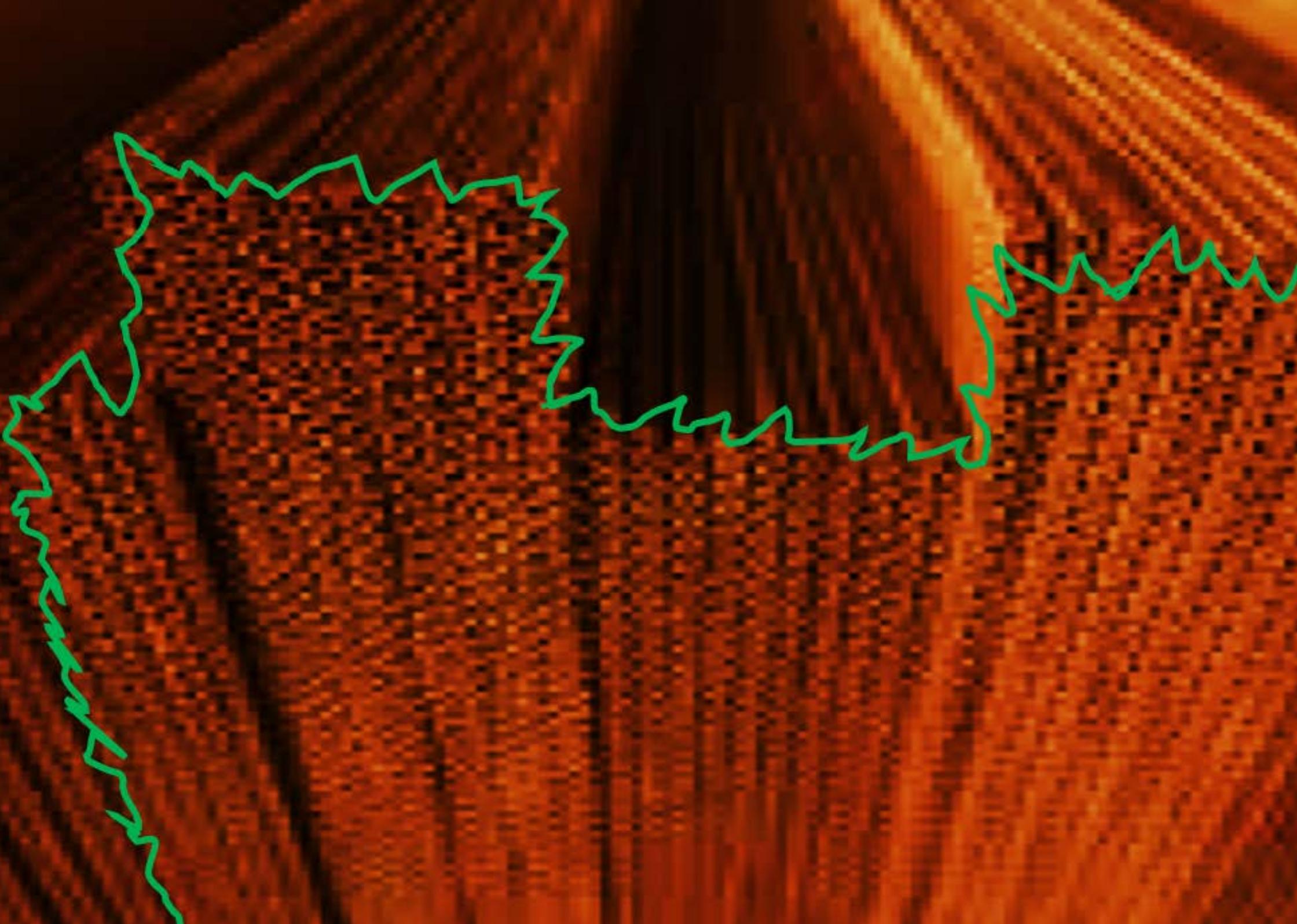
Vestir um corpo sutil criado em tecido transparente, um oportuno convite em expor o espírito afora, uma aparição 'nua' em forma sutil encarnada sobre seu corpo material.

O que lhe comove tal materialidade? Onde ela nos habita? Será esta a melhor maneira para expor o sutil que te habita o corpo?

Esse vestido foi executado em tecido voil partindo de uma ultrassonografia de meu corpo, redesenhada de forma virtual e utilizando pintura recriando um corpo. Elijo o elemento éter como o etéreo diante da eternidade onde habitam os espíritos, a alma, o que comove.

Que seu espírito possa se fazer unido aos possíveis caminhos apresentados a seguir:

boa caminhada!



8 REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, 43 p.

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto antropófago**. Revista de Antropofagia, nº 01, 1928.

ART POINT M in La Braderie de L'Art. Disponível em : <https://www.labraderiedelart.com/fr/home> . Acesso em: 26 Jan. 2019.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino de arte: anos oitenta e novos tempos**. 7ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2009, 184 p.

_____. **Redesenhando o desenho educadores, política e história**. São Paulo: Cortez, 2015, 453 p.

BARDI, Lina Bo. **Tempos de Grossura - O Design do Impasse**. São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi, 1984, 80p.

BAUMAN, Zigmunt. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, 272 p.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: 2ª infância**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil Ltda, 2006, 52 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2011.

BENJAMIN, Walter. **A origem do drama barroco**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984, 277 p.

_____ **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

_____ **História Cultural do Brinquedo**. In *Magia e Técnica, Arte e Política*, São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v1), p. 244-248.

_____ **Brinquedo e brincadeira**. Observações sobre uma obra monumental. In *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v1), p. 249-253.

_____ **Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 1ª Ed 2002, 2ª reimpressão, 2005.

BONSIEPE, Gui, **The uneasy relationship between Design and Design Research**. in Symposium of the Swiss Design Network, Basel, 2004.

BRUNI, José Carlos, texto: **Como ler. Sugestões para uma prática produtiva da leitura**. Material didático distribuído em 1983, rediagramação e revisto por Ana Lúcia Schritzmeyer (Departamento de Antropologia, USP, 2004).

CÉSAR, João Carlos de Oliveira. **Cor e percepção ambiental relações arquetípicas das cores e seu uso nas áreas de tratamento de saúde**. Tese de doutorado. FAU-USP, orientadora Profª. Drª. Elide Monzeglio, 2003

DELEUSE, Gilles. **Ato da criação**, especial para a “Trafic”, tradução de José Marcos Macedo, publicado na Folha de São Paulo de 27/06/1999.

DENIS, Leon. **O problema do ser, do destino e da dor**. Federação Espírita Brasileira, 1993, 403 p.

_____ **O espiritismo na arte**. Artigos publicados pela revista ‘Revue Spirite’, publicação trimestral, fundada com recursos próprios, em 1858, por Allan Kardec. 1922. Disponível em: www.autoresespiritasclassicos.com. Acesso em 01 mai 2021.

DEWEY, John. **Arte como experiência**; organizado por Jo Ann Boydston; editora de texto Harriet Furt Simon; introdução Abraham Kaplan; tradução Vera Ribeiro - São Paulo: Martins Fontes, 2010 - (Coleção todas as Artes)646 p.

DINIZ, Júlio. **Antropofagia e Tropicália - devoração / devoção**. Texto original em francês apresentado no Colóquio Brésil/Europe: repenser Le Mouvement Anthropophagique organizado pelo Collège International de Philosophie (Paris, 2007).

DRAP ART in Associação Drapart Disponível em: <http://www.drapart.org/> . Acesso em 10 Dez 2018. DRAP ART in Drap-Art. Comunidade do facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/drapart> . Acesso em: 17 fev 2019.

ÉVORA, F.T.R. **Discussão sobre a Matéria Celeste em Aristóteles**, Cadernos de história e filosofia da ciência, UNICAMP, Campinas, SP, 2017, p. 359 - 373. Texto disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/article/view/596> Acesso em: 30 Out. 2020.

FIGUTI, Levy. **O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquieiros**. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, S. Paulo, 3: 67-80, 1993.

FLUSSER, Vilém. **About the World Design**. Reaktion Books, London, 1999, p. 17.

FORTIN, Sylvie. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística**. Tradução Helena Maria Mello, Cena, n.07, Periódico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. p. 77 - 87.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança, um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editôra Paz e terra, 2013 [recurso digital]. Disponível em: www.pazeterra.com.br Acesso em: 17 Ago. 2020.

GODO, Carlos. **O Tarô de Marselha**. São Paulo: Editora Pensamento, 1995, 124 p.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar, como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOGH, Vincent Van. **Carta de Vincent van Gogh para Anthon van Rappard**, Date: The Hague, between about Tuesday, 24 and about Friday, 27 October 1882. Disponível em: <http://vangoghletters.org/vg/letters/let275/letter.html> . Acesso em: 26 Jan. 2019.

HUNDERTWASSER, F. Manifesto: “**A MERDA SAGRADA - A CULTURA DA MERDA**”, 1979. Disponível em: <https://hundertwasser.com/en/texts/scheisskultur - die heilige scheisse> . Acesso em: 22 Out. 2020.

HUYGHE, René. **A arte e a alma**, Trad. Jacinto Baptista, Portugal: Livraria Bertrand, 1960, 550 p.

KAZAZIAN, Tierry. **Haverá idade das coisas leves. Design e desenvolvimento sustentável**. São Paulo : Editora Senac, 2005, 194 p.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**, tradução Salvador Gentile, Araras: Instituto da difusão espírita, 1974, 432 p.

_____. **O livro dos espíritos**, tradução Evandro Noleto Bezerra, Federação Espírita Brasileira, 2013, 559 p.

_____. **A gênese**, tradução Salvador Gentile, Araras: Instituto de difusão espírita, 1992, 383 p.

KLINT, Hilma af. **CATÁLOGO exposição: Hilma af Klint: mundos possíveis**. Pinacoteca de São Paulo, 2018.

KRENAK, Ailton, **Ideias para adiar o fim do mundo**, São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2019, 57 p.

_____. **O Amanhã Não Está a Venda**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2020, 18p.

_____. **Caminhos Para A Cultura do Bem Viver**. Disponível em: www.culturadobemviver.org . Acesso dia 30 de Abr. de 2021.

LISPECTOR, Clarisse. **Água viva: ficção**, Editora Rocco, Rio de Janeiro, RJ,1998, p. 09.

LOPES, Luiz Fernando Pereira. **O professor e a construção de brinquedos na sala de aula: experiências no brincar e criar com materiais de (re)uso e sua contribuição na constituição do sujeito** / Luiz Fernando Pereira Lopes. -- Ribeirão Preto, 2015. 117 p. Disponível em:http://dissertacoes.mestrado.mouralacerda.edu.br/buscas/trabalhos-portal-mouralacerda.php?busca_trabalho=Luiz+Fernando+Pereira+Lopes&busca_ano=2015&busca_semestre=

MACHADO, Cristina de Amorin. **O Tetrabiblos na história: um percurso de traduções da obra astrológica de Ptolomeu**, 2007. Disponível em:<https://www.maxwell.vrac.puc-rio>.

<br/12613/12613.PDFXXvmi=> Acesso dia 30 de Out. 2020.

MAGALHÃES, Aloisio. **Revista ARCOS**, Vol. 1, Cabo Frio, 1998.

MATTOS, Olgária C. F. **Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo** - São Paulo: Editora UNESP, 2010. 341 p.

MERILLAS, Olaia Fontal y MASACHS, Roser Calaf - coordenadores. **Miradas al Patrimonio - PARA ALÉM DO OLHAR: A CONSTRUÇÃO E NEGOCIAÇÃO DE SIGNIFICADOS A PARTIR DA EDUCAÇÃO MUSEAL**, Susana Gomes da Silva. Fundação Gulbenkian (Lisboa), editores Trea, Espanha, 2006, p. 107-124.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2005, 344 p.

_____. **Chorar, amar, rir e compreender**, São Paulo. Edições Sesc SP, 2012, 404 p.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o tarô - uma jornada arquetípica**, São Paulo: Cultrix, 1995, 374 p.

NOVAES, Adauto. **O Olhar** - BOSI, Alfredo, Fenomenologia do olhar, São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 65-87.

_____, org. **Mutações, fontes passionais da violência** - São Paulo. Edições Sesc: São Paulo, 2015. 540 p.

PALLASMAA, Juhami. **Os olhos da pele - a arquitetura dos sentidos**, Porto Alegre: Bookman, 2011, 76 p.

PAPANEK, Victor. **Diseñar para el mundo real ecologia humana y cambio social**, Madrid: H. Blume, Edidiones, Madrid, 1977, 340p.

_____. **Arquitetura e Design. Ecologia e Ética**, Edições 70, Lisboa, Portugal, 1995.

PARSONS, Michael J. **Compreender a Arte**, Editorial Presença, 1992, p. 37-53.

PELLEJERO, Eduardo. **Lo que vi**, Carcará: Perdizes, 2018, 468 p.

PERNIOLA, Mario. **Do Sentir**, Trad. Antônio Guerreiro, Editora Presença, Lisboa, Portugal, 1993, 138 p.

PELBART, Peter Pál. **Elementos para uma Cartografia da Grupalidade**. O Indivíduo, o Comum, a Comunidade, a Multidão (2010 : São Paulo, SP). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento544502/elementos-para-uma-cartografia-da-grupalidade-o-individuo-o-comum-a-comunidade-a-multidao-2010-sao-paulo-sp> . Acesso dia 16 de Out. 2020.

PINHEIRO, Luciana. **A Vida de Hilma af Klint**, São Paulo, 300 Editora, 2018, 264 p.

RENNO, Carlos, poema Átimo de Pó, letra para canção do disco Quanta de Gilberto Gil, 1995. Disponível em: carlosrenno.com/cancoes/gravadas/atimo-de-po/. Acesso em 01 jan. 2021.

ROHDEN, Humberto, **A Mensagem Viva do Cristo**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007, 296 p.

SENNETT, Richard. **O artífice** - tradução de Clóvis Marques, Rio de Janeiro: Record, 2009. 360 p.

SIMONDON, Gilbert. A gênese do indivíduo, Introdução do livro **L'Individu et Sa Genese Physico-Biologique**, tradução de Ivana Medeiros, PUF, 1964.

TANIZAKI, Junishiro. **EL elogio de las sombras**, 1933, 29p. Disponível em: https://www.academia.edu/39369028/El_elogio_de_la_sombra_Junichiro_Tanizaki Acesso em: 10 de fev, de 2020.

TORRE DE PAPEL in Atelier Torre de papel - Comunidade do facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/torredepapelatelier/photos/albums> . Acesso em: 20 de Jan. de 2019.

VYGOTSKY, Lev Semiónovich. **Obras Escogidas**. Tomo IV. Madrid: Visor. 1996. Disponível em: <http://www.taringa.net/perfil/vygotsky> . Acesso em 11 Junho 2016.

WEIMER, Günter. **A casa do bandeirante: uma revisão de suas origens**. RIHGRGS, Porto Alegre, n. 149, p. 89-104, dezembro de 2015.

IMAGENS E VÍDEOS:

Árvore do sábio, desenho de Isaac Elzevier, 1620, logomarca, Holanda; Ed. Elsevier <https://www.elsevier.com/pt-br/about/our-business/history>. Acesso dia 26 Jan. 2019.

DÜRER, Albert, Melancholia 1, imagem e texto disponível em: <http://virusdaarte.net/albrecht-durer-melancholia/> Acesso dia 14 de Jan. de 2017.

El grito de los excluídos, mural do equatoriano Pavel Egüez, 2004. <http://www.museidigenova.it/it/il-parco-dalbertis> . Acesso dia 26 Jan. 2019.

The UTOPIA, according to Fernando Birri. Vídeo Youtube, 2013 - <https://www.youtube.com/watch?v=is4rP--i6uw> Acesso dia 26 jan. 2019.

Fichas brancas 03, 04, 05, 06, 07 e 08: KEPLERS, Johannes, **Drawing of the five Platonic solids**. https://www.researchgate.net/figure/Johannes-Keplers-drawing-of-the-five-Platonic-solids-representing-the-elements_fig5_273138106 Acesso em: 06 Jan. 2020.

Fichas brancas 05, 06, 07 e 08 ilustrações anatomia: <https://pt.depositphotos.com/162074402/stock-illustration-human-biology-organs-anatomy-illustration.html> Acesso em: 06 Jan. 2020

Ficha preto 09: DEBRET, Jean Baptiste. O primeiro impulso da virtude guerreira, 1827. <https://rodrigovivas.wordpress.com/2014/04/11/jean-baptiste-debret> . Acesso em: 26 Jan. 2019.

Ficha ciano 20: BACCELLI, Carlos. Seminário - “Reencarnação no Mundo espiritual” - AELUZ - São José do Rio Preto, 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t9oT-X_5k0M&fbclid=IwAR2myZI2UvcPH7ZpTH4ohZmi2FmDXG-xFDkMiQua1NXdcMIDwHCh_7Nmx4A&app=desktop . Acesso em: 25 jan. de 2020.

Ficha preto 30: SAMBAQUI imagem disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wWzWkrvYehA> Acesso em: 26 Jan. de 2020.

Ficha preto 32: Imagem da capa da revista antropofagia https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_antropof%C3%A1gico#/media/Ficheiro:Revantrof.png Acesso em: 20 Jan. de 2020.

Ficha preto 33: disco Tropicália capa disponível em: <https://armazemdovinil.com/produto/disco-de-vinil-tropicalia-ou-panis/> e fotos https://pt.wikipedia.org/wiki/Tropic%C3%A1lia#/media/Ficheiro:Os_Mutantes.tif. Contra-cultura juvenil: Atrás, da esq. para a dir.: Jorge Ben, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Rita Lee, Gal Costa; à frente, Sérgio Dias e Arnaldo Baptista, em 1968, durante o programa tropicalista Divino Maravilhoso, na TV Tupi. Foto: Ed. Abril, Paulo Salomão. <https://arteref.com/wp-content/uploads/2018/06/Tropicalia.jpg> Acesso dia 20 de Jan. de 2020.

Ficha preto 35: DEBRET, Jean Baptiste, O primeiro impulso da virtude guerreira, 1827. Aquarela sobre papel, 15,2 x 21,5 cm. Museu da Chácara do Céu, Rio de Janeiro. <https://rodrigovivas.wordpress.com/2014/04/11/jean-baptiste-debret> Acesso dia 10 de jan. de 2020.

Ficha branca 39: HAECKEL, Ernst. Imagens dos seus desenhos disponível em: https://www.facebook.com/stephen.ellcock/media_set?set=a.10150396928200337&type=3. Acesso em: 25 Abr. de 2020 e KLINT, Hilma af, Detalhe Altarpiece, Group X, No. 3”, 1915. Imagem disponível em: https://cz.pinterest.com/pin/623537510904793369/?nic_v2=1a4K07Suy Acesso em: 25 Abr. de 2020.

Ficha amarela 43 dos chacras imagens colhidas disponível em: <https://neurometaphysics.wordpress.com/category/as-above-so-below/>
<https://meditandonaluz.blogspot.com/2016/06/a-magia-dos-mantras-carlos-lazzari.html>
<http://mudrasintamil.blogspot.com/>
<https://i.pinimg.com/originals/ba/c7/d3/bac7d3af5deb2306debc1a058dff81a7.jpg>
<http://umbandadeaaz.blogspot.com/2010/02/linhas-legioes-e-falanges.html>
<http://umpoucodefisica2a.blogspot.com/>

Ficha preto 50: Exposição L'Art em Guerre Mam Paris, disponível em : <https://cultures-j.com/lart-en-guerre-france-1938-1947-au-musee-dart-moderne-de-la-ville-de-paris/> Acesso em: 15 Jan. 2018.

Ficha preto 52: Exposição De la Antropofagia a Brasília, IVAM - Valência, 2001. IVAM - Institut Valencià d'Art Modern, disponível em: [https://www.cacamachado.com/brasil-1920-1950-de-la-antropofagia-a-brasilia/](https://www.cacamachado.com/brasil-1920-1950-de-la-antropofagia-a-brasil/) Acesso em: 10 jan. 2018.

Ficha ciano 56 - imagem do personagem catalão Caganer, disponível em: <http://blog.barcelonaguidebureau.com/10-best-christmas-things-barcelona/> .acesso em: 20 dez 2020.

Ficha magenta 57: FRANCISCO, Papa, Encíclica Laudato Si, 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html . Acesso em: 02 de nov. 2020.

Ficha magenta 62: Coringa fotos. Disponível em: <https://quartaparedepop.com.br/2018/09/27/coringa-joaquin-phoenix-vai-as-lagrimas-em-novo-video-de-gravacoes/> https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/18/cultura/1537262764_361205.html. Acesso dia 10 fev. 2020.

Ficha branca 63: Yin /Yang. Disponível em: <https://www.dictionary.com/e/wp-content/uploads/2018/05/yin-yang.jpg>

Acesso em: 10 jan 2020.

PELBART, Peter Pál - Vídeo Youtube - Atelier Paulista - Aula Inaugural - disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8HuRqZAY5M4>
Acesso em: 30 ago. de 2020.

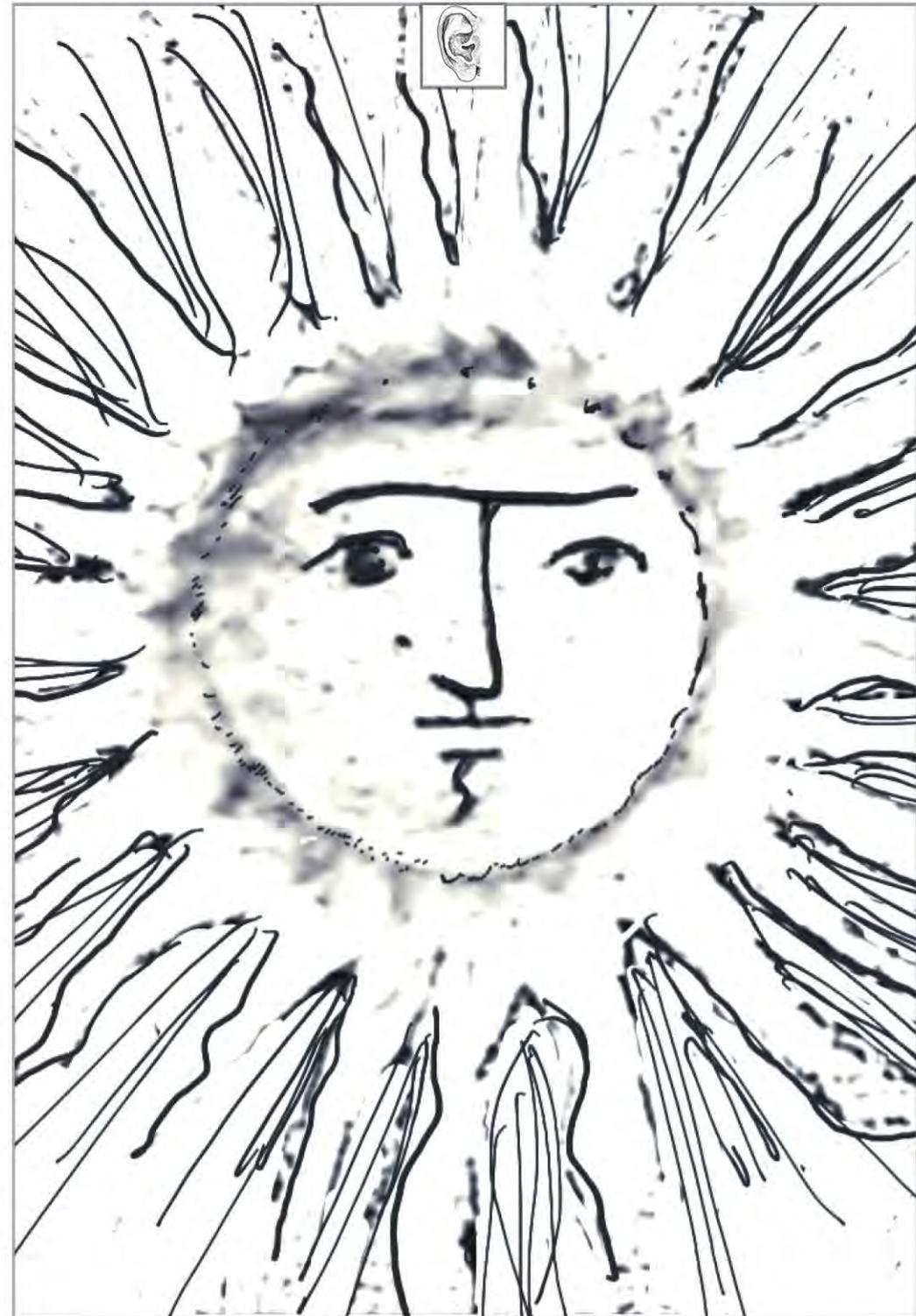
OBSERVAÇÃO: todas as demais imagens que não constam nas referências, principalmente as utilizadas neste volume e que marcam os temas trazidos em cada item do sumário, são fotos do pesquisador ou foram apropriações - de duas matérias - uma na qual fizemos parte da *Revista Integral*, Maio 1997, nº 209, Espanha; e a outra sobre a poluição de material plástico <https://www.weforum.org/agenda/2017/10/scientists-have-made-biodegradable-plastic-from-sugar-and-carbon-dioxide/> que sofrem interferência gráfica pelo pesquisador.

IMAGEM ATRAVÉS DO ESPELHO
MERGULHO NA SOMBRA
AUSÊNCIA DE COR



“[...] como a **complexidade** só foi tratada marginalmente, ou por autores marginais, como eu, necessariamente ela suscita mal entendidos fundamentais. O primeiro mal entendido consiste em conceber a complexidade como receita, como resposta, em vez de considerá-la como desafio e como uma motivação para pensar. Acreditamos que a complexidade deve ser um substituto eficaz da simplificação, mas que, como a simplificação, vai permitir programar e esclarecer. Ou, ao contrário, concebemos a complexidade como o inimigo da ordem e da clareza e, nessas condições, a complexidade aparece como uma procura viciosa da obscuridade. Ora, repito, o problema da complexidade é, antes de tudo, o esforço para conceber um incontornável desafio que o real lança a nossa mente. O segundo mal-entendido consiste em confundir a complexidade com a completude. Acontece que o problema da complexidade não é o da completude, mas o da incompletude do conhecimento. Num sentido, o pensamento complexo tenta dar conta daquilo que os tipos de pensamento mutilante se desfazem, excluindo o que eu chamo de simplificadores e por isso ele luta, não contra a incompletude, mas contra a mutilação. Por exemplo, se tentamos pensar no fato de que somos seres ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, é evidente que a complexidade é aquilo que tenta conceber a articulação, a identidade e a diferença de todos esses aspectos, enquanto o pensamento simplificante separa esses diferentes aspectos, ou unifica-os por uma redução mutilante. Portanto, nesse sentido, é evidente que a ambição da complexidade é prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento. De fato, a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional.”

(MORIN, 2005, p. 176-177)

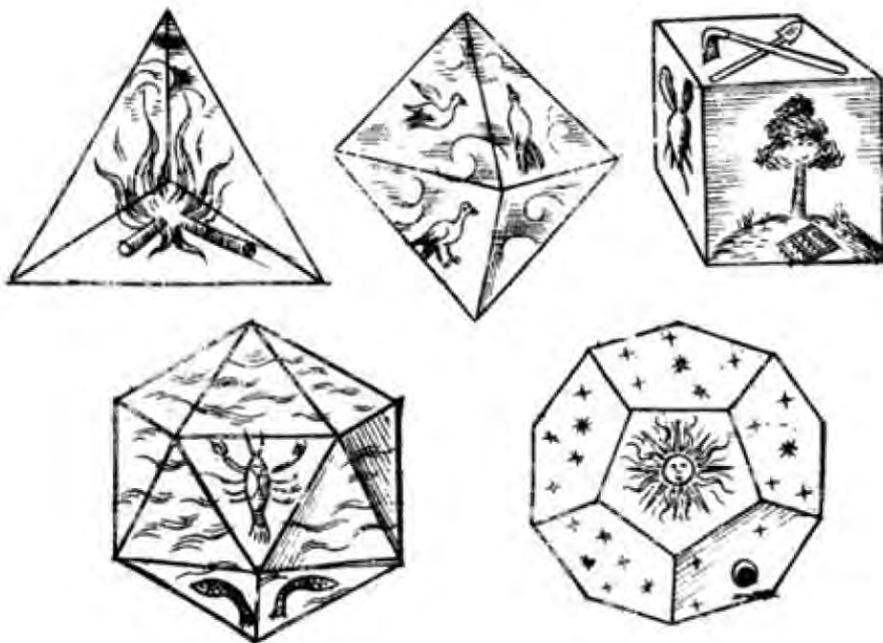




"As coisas que pertencem à região terrestre são compostas dos quatro elementos (terra, água, ar e fogo, ou de uma combinação deles) e se movem naturalmente com movimento retilíneo, uns para cima (para longe do centro), outros para baixo (em direção ao centro). O movimento natural dos corpos compostos por mais de um elemento corresponde àquele do elemento preponderante (De Caelo, IV, 4, 311b 5-15). Aristóteles reconhece, entretanto, que pela violência, ou seja, pela aplicação de um esforço exterior, os corpos simples possam mover-se com o movimento de outros e diferentes corpos, mas pela natureza isto é impossível, dado que um movimento simples pertence naturalmente a cada corpo simples".

(ARISTÓTELES apud EVORA - 2017, p. 360)





SÓLIDOS PLATÔNICOS

(PLATÃO apud KEPLERS, 2020)

Créditos:imagens
nas referências

03



Em uma livre associação dos sentidos, os elementos e os órgãos sensoriais, refletimos:

"Os jogos dos sentidos

Os órgãos dos sentidos são os portais de nossa consciência. Através deles estamos ligados ao mundo exterior. Eles são as janelas de nossa alma, através das quais olhamos para fora a fim de, em última análise, vermos a nós mesmos. Pois esse mundo exterior que percebemos com os nossos sentidos, e em cuja realidade incontestável acreditamos com toda a nossa fé, não existe de fato.

Vamos tentar explicar, passo a passo, essa afirmação que parece tão absurda. Como funciona nossa percepção das coisas? Todo ato de percepção sensorial pode ser reduzido a uma informação que passa a existir graças a modificação das vibrações das partículas. Por exemplo, observamos uma barra de ferro e vemos sua cor negra, sentimos o frio do metal, seu odor característico, e também sua densidade. Depois aquecemos esse bastão num bico de Bunsen e notamos que sua cor se altera. À medida que vai ficando vermelha, sentimos o calor que está emitindo, e podemos experimentar e testar pessoalmente a sua nova plasticidade. Como ocorreu isto? Apenas pela aplicação de energia ao bastão de ferro, o que aumentou a velocidade de suas partículas. Essa aceleração induziu por sua vez mudanças de percepção que descrevemos com as palavras 'vermelho', 'quente' e 'flexível'".

(DETHLEFSEN, T. e DAHLKE, R., 1983, p. 143)

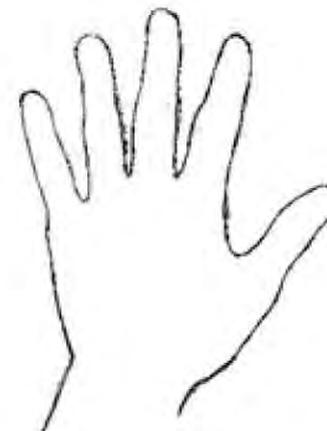


FOGO

(PLATÃO apud KEPLERS, 2020)

Créditos:imagens
nas referências

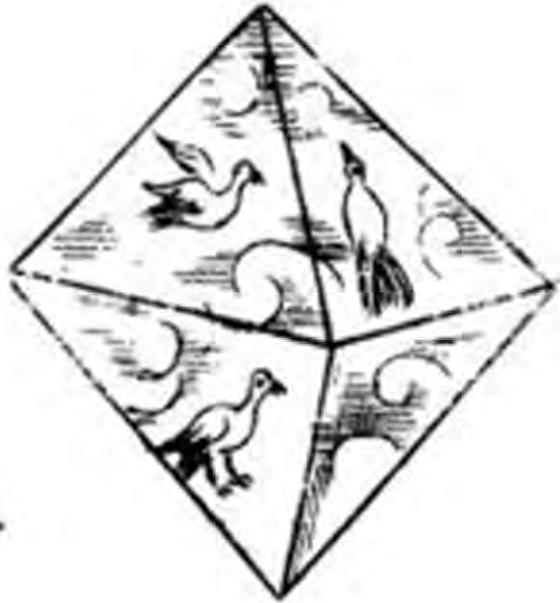
04



As “mãos”, a pele como maior órgão do corpo humano, onde percebemos pelo toque as sensações como as do fogo.

"A pele é aquela delimitação do Eu que é preciso superar a fim de descobrir o Tu. Simultaneamente, a pele é o órgão com o qual se pode entrar em contato, é onde as outras pessoas podem tocar e acariciar. Para sermos amados é necessário que a nossa pele, ou seja, a nossa personalidade, agrade ao outro. Tendo em vista o tema 'quente e vermelho', apenas dos jovens púberes inflama, indicando não só que algo está tentando expandir as antigas fronteiras, mas também que a presença de uma nova energia anseia por se extravasar; mas também pode estar havendo uma tentativa no sentido de impedir a manifestação desta energia porque o jovem tem medo desse impulso recém-desperto."

(DETHLEFSEN, T. e DAHLKE, R., 1983, p. 162)



AR

(PLATÃO apud KEPLERS, 2020)

Créditos:imagens nas referências

05



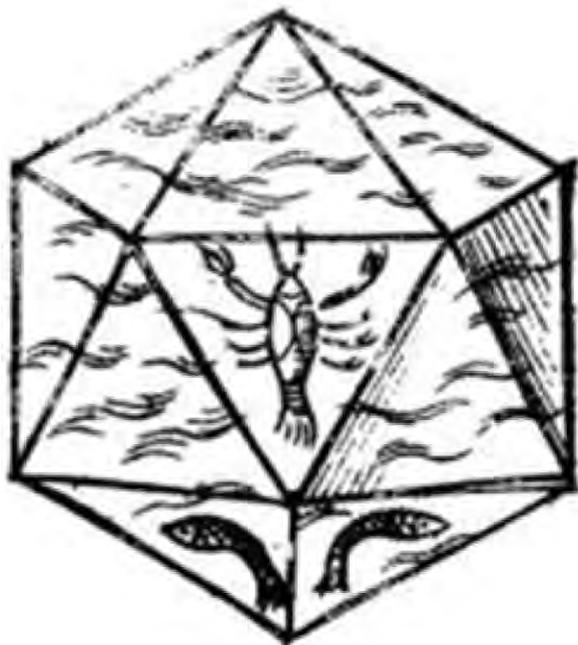
O Ar se apresenta associado ao pictograma "nariz".

"Nas palavras de Goethe:

Há duas bênçãos na respiração,
absorver o ar e soltá-lo outra vez,
uma nos pressiona, outra nos refresca,
que mistura maravilhosa é a vida!

Todas as línguas antigas usam a mesma palavra para a respiração para designar a alma ou o espírito. Em latim, spirare significa 'respirar' e spíritus significa espírito; uma vez, reecontramos a raiz de ambas as palavras num único termo: 'inspiração' que, literalmente, significa 'inspirar' que assim está ligada inseparavelmente a respirar para dentro, ou seja, deixar entrar. Em grego, psyche que significa tanto 'respiração' como 'alma'. Em sânscrito encontramos a palavra atman, na qual podemos logo ver o elo que a liga a palavra germânica atmen (respirar). Na língua hindu, descobrimos também que uma pessoa que atingiu a perfeição é chamada de Mahatma, o que significa, literalmente, tanto 'grande alma' como 'grande respiração'. Da doutrina aprendemos também que a respiração é portadora da verdadeira força vital à qual os indianos chamam prana. Na história bíblica da Criação aprendemos que Deus soprou seu hálito divino no torrão de barro que formara e que, ao fazê-lo, deu Adão uma alma viva".

(DETHLEFSEN, T. e DAHLKE, R., 1983, p. 110)



ÁGUA

(PLATÃO apud KEPLERS, 2020)

Créditos:imagens nas referências

06



O pictograma “boca” associado á água este elemento que constitui uma maior porcentagem em nosso corpo como em nosso planeta, é pela boca que saciamos nossa sede.

“O ser humano possui dois centros: o coração é o cérebro, sentimento e pensamento. O homem moderno e a nossa cultura desenvolveram, em grande medida, as forças cerebrais e, portanto, vivem em constante perigo de menosprezar o segundo centro, ou seja, o coração. Mas condenar de imediato o raciocínio, o juízo e a cabeça não representam a solução. Nenhum dos centros é melhor que o outro. O homem não se deve decidir-se por um deles negando o outro: ele precisa se esforçar para obter o equilíbrio.”

(DETHLEFSEN, T. e DAHLKE, R., 1983, p. 153)

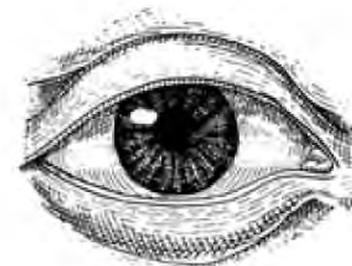


TERRA

(PLATÃO apud KEPLERS, 2020)

Créditos:imagens
nas referências

07



A Terra associamos o “olho” ao pictograma corpo-matéria.

“Os olhos

Além de acolher as impressões, os olhos também refletem algo para o exterior: neles se percebe os sentimentos e à disposição das pessoas. É por isso que olhamos para os olhos dos outros e tentamos ver bem no fundo dos mesmos: buscamos dessa forma descobrir o que expressam. Os olhos são o espelho da alma. Também são os olhos que derramam lágrimas para expressar ao mundo exterior uma situação psíquica. A iridologia usa os olhos como espelho do corpo, e é bastante viável ver o caráter e a estrutura das pessoas em seus olhos. Também o olhar mau ou o olhar mágico nos mostram que os olhos não são um mero órgão que capta as coisas, mas também que podem liberar algo para o exterior. Os olhos também se tornam ativos “damos uma olhada” em alguém. Na voz do povo, apaixonar-se também significa o processo de “ficar cego de paixão”, e com essa expressão indica-se que a pessoa apaixonada deixe de ver a realidade com clareza, pois nesse estado é fácil deixar de ver, já que o “amor é cego” (mesmo que deixamos de ver essa verdade!)”.

(DETHLEFSEN, T. e DAHLKE, R., 1983, p. 145-146)



ÉTER

(PLATÃO apud KEPLERS, 2020)

Créditos:imagens
nas referências

08



Associamos, ao elemento Éter, o pictograma “ouvido - captador do som”.

“Os ouvidos

Tratemos primeiro de ouvir mais uma vez algumas pressões e uso idiomático comuns que se refere aos ouvidos ou ato de ouvir: manter os ouvidos abertos, dar ouvidos alguém, abrir bem os ouvidos, ouvir o que alguém está dizendo, ouvir e obedecer, ficar de ouvidos abertos. Todas essas expressões nos revelam um nítido elo entre os ouvidos e a ideia de deixar algo entrar, de ser receptivo (escutar com atenção) e de prestar obediência. [...]

Só fica surda a pessoa que está surda há tempos para sua voz interior”.

(DETHLEFSEN, T. e DAHLKE, R., 1983, p. 149)



ALBERT DÜRER, "Melencolia I", 1514.

Crédito da imagem nas referências



“Melancolia”, clássico do Renascimento Alemão, é uma das obras simbólicas do artista Albrecht Dürer, gravura feita em cobre. Ao observarmos os elementos contidos na composição, notamos que, separadamente, cada um tem uma simbologia específica, mas reunidos denotam uma tristeza indefinida, um estado depressivo, um vazio existencial, como se tudo houvesse perdido o sentido.

Nesta composição, nós podemos observar como o artista fez uso da geometria, ao misturar imagens religiosas com outras do cotidiano. A pintura apresenta-nos um local em ruínas, tendo como personagem central uma figura alada, provavelmente um anjo, com o rosto apoiado na mão esquerda e o cotovelo na perna. Traz o olhar enraivecido, perdido no nada, e o semblante moldado por visível descontentamento, como só os melancólicos sabem ter. Tem na cabeça uma coroa de louros. Os cabelos em desalinho despencam-se por suas costas e ombros. Na cintura de suas vestes desarrumadas estão penduradas chaves e uma bolsa de dinheiro. Na mão esquerda segura um compasso sobre um livro aberto, como se pretendesse desenhar algo.

Em torno do anjo, vários objetos encontram-se espelhados desordenadamente pelo chão: uma esfera, uma pedra multifacetada, pregos, torquês, régua, plaina, serrote, madeira e frascos, entre outros não identificáveis. Dependurados num minarete, atrás do anjo, estão: uma balança, uma ampulheta com a areia pela metade, uma escada, um sino e uma tabuleta com números (quadrado mágico). À direita do anjo grande encontra-se um triste anjinho sentado sobre uma roda de moinho, com um livro no colo, perdido em seus devaneios, e um cão enrodilhado. Até o rosto do animalzinho é triste.

À direita do anjo, ao fundo, um semicírculo, representando o arco-íris, tem dentro o sol que emite fachos de luz nas diversas direções. Abaixo, nota-se o oceano e uma vila. Pelos reflexos vistos nas vestes do lado esquerdo do anjo e em outros elementos presentes na composição presume-se que outra fonte de luz entra pela esquerda da cena. Dentro do semicírculo, um cartaz é segurado por um animal não identificado, onde está escrita a palavra que dá nome à composição: Melancolia I.

Esta obra de Albrecht Dürer vem sendo elemento de muitas interpretações ao longo dos anos. Dentre essas, a mais aceita é a de Walter Benjamin que a considera um ícone de nossos tempos, pois vivemos sob a ditadura do número, do peso e da medida, desprovidos do encantamento de um mundo divinizado, que foi desaparecendo após o Renascimento.

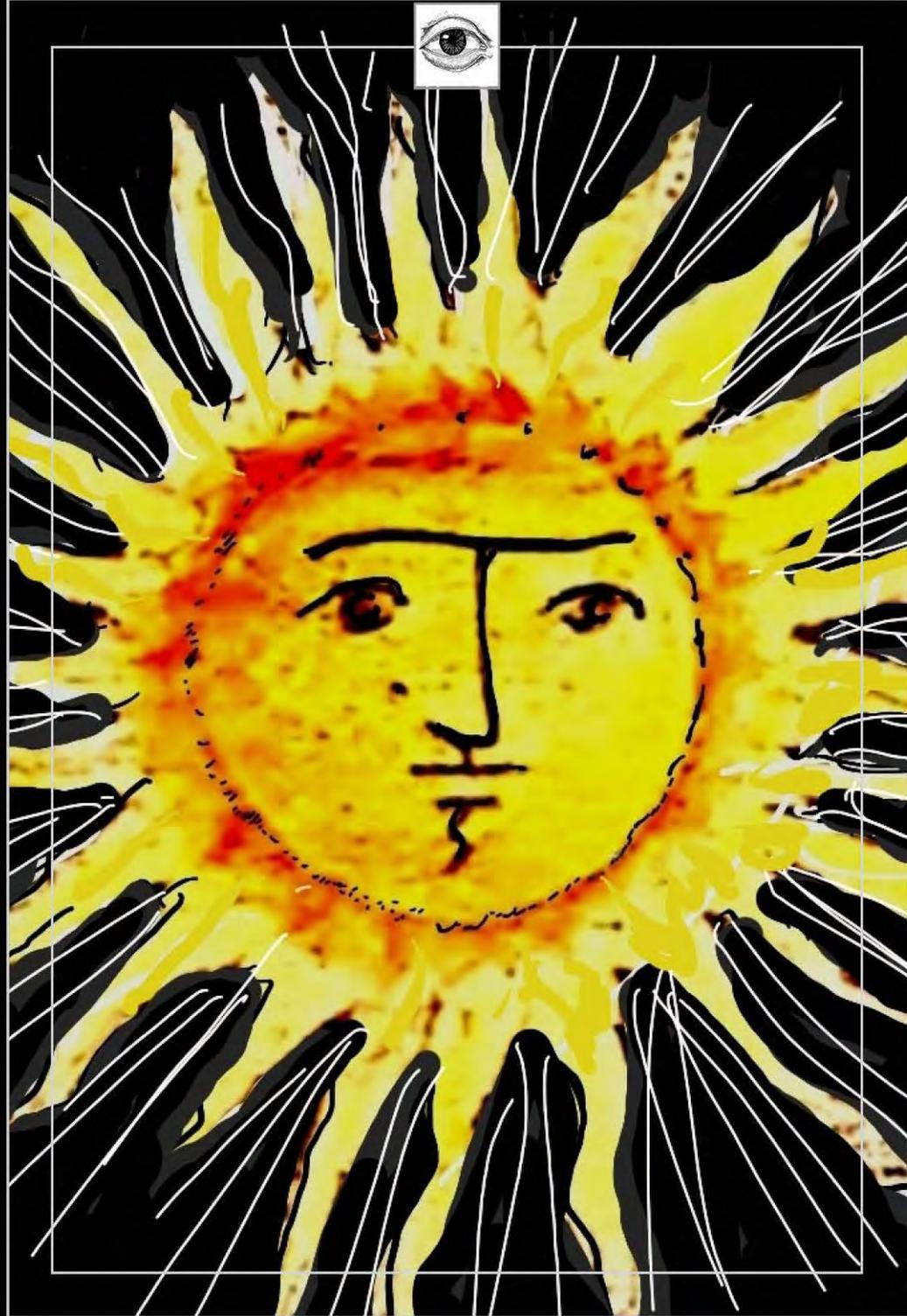
“No deserto da evidência técnica e da grandeza, ela torna visível a angústia do homem privado da evidência do divino, prisioneiro do real que ele domina pela ‘geometresse’ da natureza por meio de uma ciência abstrata. A tragédia da perda da harmonia com o cosmo, a tragédia do afastamento e da distância divina – aprofundada e acentuada pela opacidade da matéria corpórea – deixa na melancolia uma marca ineludível; encontra na ‘patologia atrabililar’ um resíduo ameaçador e resistente”

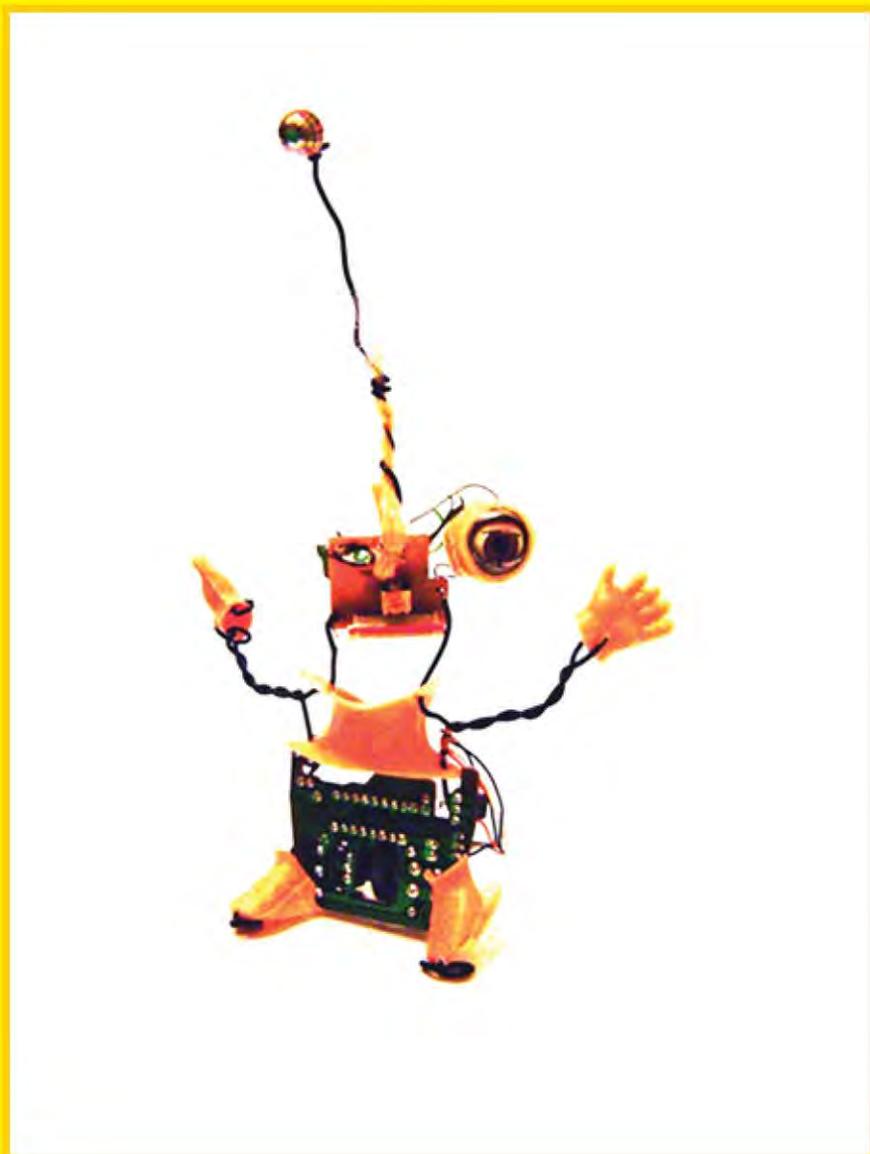
(BENJAMIN, apud Matos, 1993, p. 84)

<https://virusdaarte.net/albrecht-durer-melancolia/>



(`Autorretrato` - Pedro Manoel-Gismondi 1984.
Crédito: foto do autor)





roboneco

O brincar ligado ao ar que respiro e nos torna semelhantes peça confeccionada para participar na exposição coletiva de *toy art* organizada pelo SESC Ribeirão Preto, de 03/07 a 28/08/2009;

12 x 27 x 8 cm roboneco, uma assablage, criado a partir de bonecos plásticos, chips descartados de computador e arame de alumínio galvanizado.

Crédito: foto do autor



Manoel por Manoel

“Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores”.

Do livro *Memórias Inventadas*, de Manoel de Barros





INTRODUCTION

LE LIVRE DES ESPRITS

CONTENANT

LES PRINCIPES DE LA DOCTRINE SPIRITE

SUR LA NATURE DES ESPRITS, LEUR MANIFESTATION ET LEURS RAPPORTS AVEC
LES HOMMES; LES LOIS MORALES, LA VIE PRÉSENTE, LA VIE
FUTURE, ET L'AVENIR DE L'HUMANITÉ;

ÉCRIT SOUS LA DICTÉE ET PUBLIÉ PAR L'ORDRE D'ESPRITS SUPÉRIEURS

PAR ALLAN KARDEC.

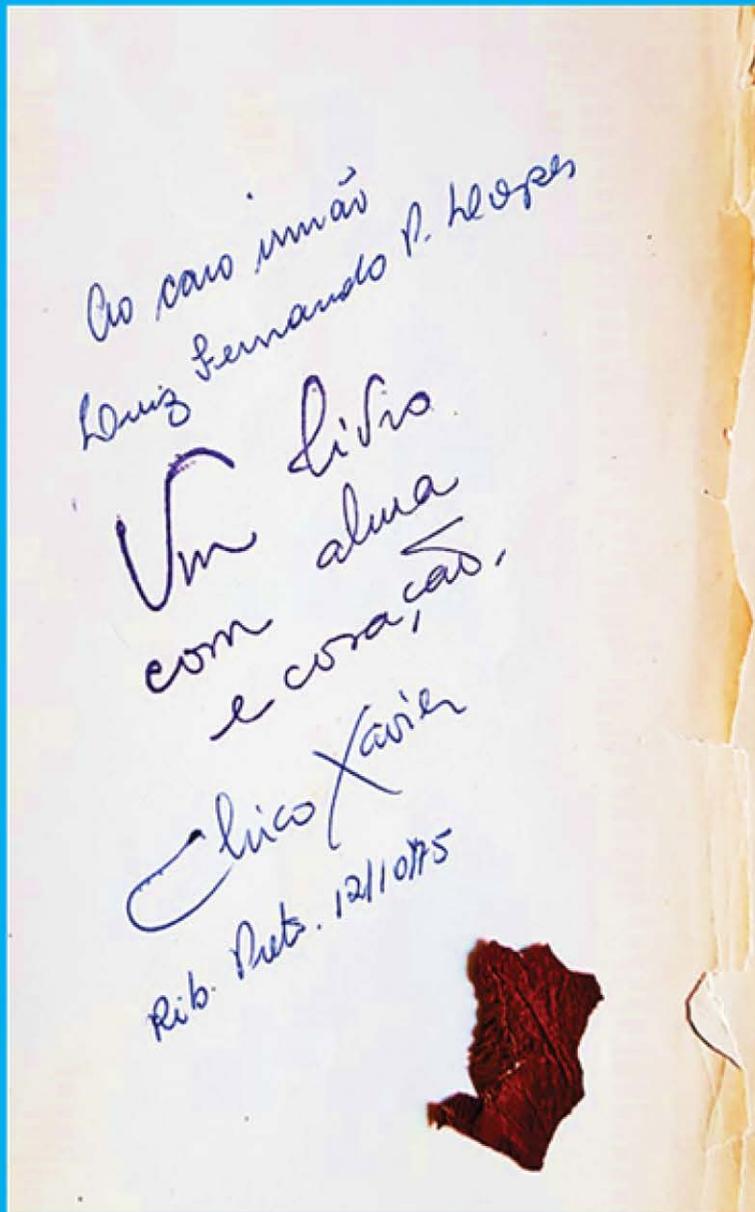
PARIS,
E. DENTU, LIBRAIRE,
PALAIS ROYAL, GALERIE D'ORLÉANS, 13,
1857



“E Allan Kardec encarnava perfeitamente esse ‘homem superior em inteligência e moralidade’. Educado na escola de Pestalozzi, foi em Yverdon que se lhe desenvolveram as ideias que mais tarde deviam fazer dele um observador atento e meticuloso, um pensador prudente e profundo. De cultura vasta e multifária, dominava todas as chamadas ciências fundamentais de Auguste Comte, assim como a Lógica, a Retórica, a Anatomia comparada e a Fisiologia. Além do francês, sua língua materna, conhecia bem o alemão e o holandês, e tinha noções de latim e grego. Educador emérito, durante trinta anos empenhou-se de corpo e alma em instruir a juventude parisiense, aí se preparando para ser o homem universal, aquele ‘bom senso encarnado’ que nos falou Camille Flammarion. Assim muito antes que o Espiritismo lhe popularizasse e imortalizasse o pseudônimo Allan Kardec, já havia firmado bem alto, no conceito do povo francês e no respeito de autoridades e professores, sua reputação de distinguido mestre da pedagogia moderna.”

(Introdução por Evandro Noleto Bezerra o tradutor apud KARDEC, 2013, p. 15-16)

Crédito: Reprodução da capa do *Livro dos Espíritos* (*Le Livre Des Esprits*, 1ª ed., 1857)



Ainda me recordo bem deste dia, 12 de outubro de 1975, estava então com doze anos de idade. Fomos eu, minha mãe, minha irmã mais nova, tia Lucia e seus quatro filhos que eram pequenos, bem menores que nós, uns cinco a seis anos de diferença; conto isso pois fomos para ver o Chico na cava do bosque em Ribeirão Preto. Havia uma fila gigantesca que dava volta no quarteirão, muitos vendedores ambulantes ao redor e um clima festivo... Quando nos aproximamos a entrada do poliesportivo, já se notava um ambiente de muita tranquilidade e uma música clássica tocando, a quadra cheia de cadeiras e uma grande mesa branca com ele e algumas pessoas sentadas. Lembro que minha mãe, ainda na entrada adquiriu o “Evangelho Segundo o Espiritismo”. Dentro do ginásio, o silêncio era reinante. O que destoava era o movimento das pessoas quando se moviam de um assento para outro. De uma cadeira para a próxima, sentados por alguns instantes, pois a fila seguia o fluxo assim que nos movíamos. Essa era a única ação que rompia o silêncio, ou melhor, os acordes da música clássica que soava. Eu estava admirado ao ver a figura daquele senhor franzino, de estatura mediana, sentado à mesa e atendendo as pessoas mas, ao mesmo tempo, me vinha a sensação de estar diante de um ser gigante que preenchia totalmente aquele espaço circular, e que nos “abraçava” com todo seu carinho. Tão logo nos aproximamos minha mãe me entregou o livro e disse para dar-lhe para termos um autógrafo. Foi quando ele se levantou e pôs a mão sobre minha cabeça e me perguntou: “Está tudo bem, Luiz Fernando?” – assinou o livro e saímos. Eu fiquei bastante assustado pois indagava a minha mãe como ele podia saber meu nome e ela me responde: “Ora meu filho é o Chico Xavier!”.

Crédito: Reprodução da contracapa do livro; no detalhe, em vermelho, uma pétala de rosa ofertada pelo próprio Chico Xavier.



petpeixeluz

O peixe ligado ao elemento água também utilizado há muito tempo e em várias culturas como um símbolo de vida, prosperidade e abundância;

esta peça foi criada em 2005 para participar do CEMPRE (compromisso empresarial para reciclagem) e o ID&N (instituto design e natureza) obtendo menção honrosa. Exposições: Mube, +Design-Residuo, São Paulo, 2005; Design Conection, Brasil faz design, 2006, Buenos Aires e Espaço Cultural Conjunto Nacional, Múltipla Design, 2013, São Paulo.

de 12 x 21 x 62 cm ansemblage feita de garrafas pet e estrutura em arame galvanizado com lâmpada embutida de 15w 110v.

Crédito: foto do autor.



LACRAIA

Um trem de ferro com vinte vagões quando descarrila, ele sozinho não se recompõe. A cabeça do trem, ou seja, a máquina, sendo de ferro não age. Ela fica no lugar. Porque a máquina é uma geringonça fabricada pelo homem. E não tem ser. Não tem destinação de Deus. Ela não tem alma. É máquina. Mas isso não acontece com a lacraia. Eu tive na infância uma experiência que comprova o que falo. Em criança a lacraia sempre me pareceu um trem. A lacraia parece que puxava vagões. E todos os vagões da lacraia se mexiam como os vagões de trem. E ondulavam e faziam curvas como os vagões de trem. Um dia a gente teve a má ideia de descarrilar a lacraia. E fizemos essa malvadeza. Essa peraltagem. Cortamos todos os gomos da lacraia e os deixamos no terreiro. Os gomos separados como os vagões da máquina. E os gomos da lacraia começaram a se mexer. O que é a natureza! Eu não estava preparado para assistir àquela coisa estranha. Os gomos da lacraia começaram a se mexer e se encostar um no outro para se emendarem. A gente, nós, os meninos, não estávamos preparados para assistir àquela coisa estranha. Pois a lacraia estava se recompondo. Um gomo da lacraia procurava o seu parceiro parece que pelo cheiro. A gente como que reconhecia a força de Deus. A cabeça da lacraia estava na frente e esperava os outros vagões se emendarem. Depois, bem mais tarde eu escrevi este verso: Com pedaços de mim eu monto um ser atônito. Agora me indago se esse verso não veio da peraltagem do menino. Agora quem está atônito sou eu.

(BARROS, 2006, p. 09-10)





salamandraluz

A salamandra é um anfíbio caudado com o corpo alongado e são os únicos capazes de regenerar tecidos e órgãos complexos; na mitologia são ligadas ao fogo aparecendo ao lado dos espíritos elementais, está associada à transformação e a superação no caminho da individuação.

Esta peça foi criada em 2012 para participar em convocação para o 3º prêmio objeto brasileiro de a casa museu, 17/10/12, São Paulo, Brasil, recebe menção honrosa.

31 x 23 x 98 cm criada com assemblage de embalagens plásticas com uma lâmpada embutida de 15w 110v.

Crédito: foto do autor.



“Dentre todos estes instrumentos, conformaram primeiramente os olhos, portadores de luz e implantaram-nos no rosto, aproximadamente pela seguinte razão. Esta espécie de fogo, que não é capaz de queimar, mas apenas de fornecer suave iluminação, adequaram-no por sua arte a um corpo apropriado. Para este efeito fizeram de modo que o fogo puro que reside dentro de nós, e que é irmão do fogo exterior, se escoasse através dos olhos, de maneira sutil e contínua.”

(PLATÃO apud CÉSAR, 2003, p. 19)





“30 - A matéria é formada de um só ou de muitos elementos?

“De um só elemento primitivo. Os corpos que considerais simples não são verdadeiros elementos, são transformações da matéria primitiva.”

(KARDEC, 1974, p. 48)

“ 24-b - Qual a causa da animalização da matéria? Sua união com o princípio vital?

“Como todos os outros corpos, os seres orgânicos são formados pela agregação da matéria; há, porém, algo a mais neles, uma causa especial da atividade íntima devido à presença do princípio vital. Eles nascem, crescem, vivem, reproduzem-se por si mesmos e morrem; realizam atos que variam, segundo a natureza, os órgãos de que estão providos que são apropriados às suas necessidades.”

(KARDEC, 2013, p. 87-88)





CARNE?

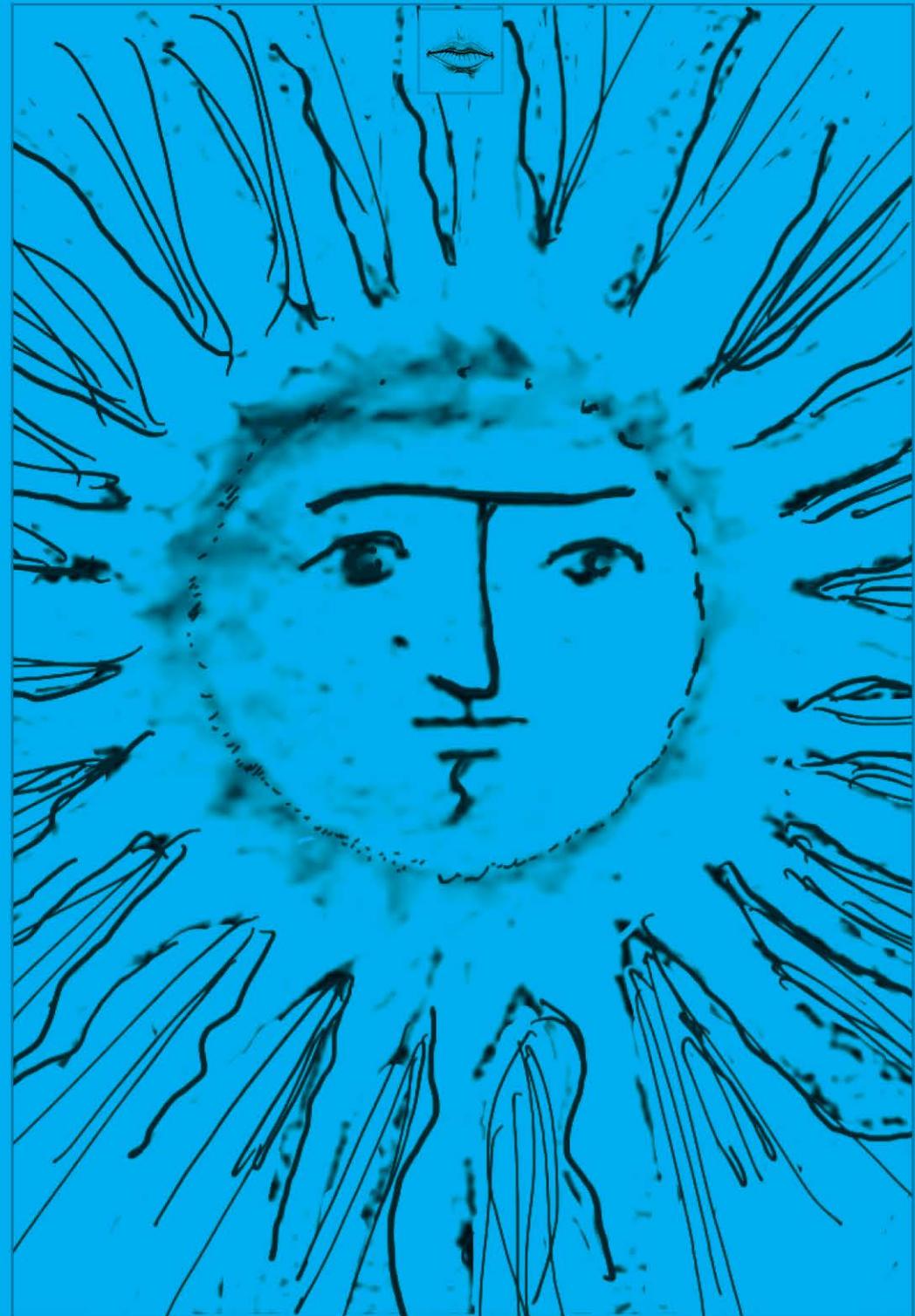
Proteínas	Encadeamento de aminoácidos.
Gordura	Compostos orgânicos.
Água	Matéria em estado líquido...

MUNDO ESPIRITUAL?

$E=MC^2$	Einstein	
Energia	Mecânica, química, nuclear, eletromagnética.	matéria
Química, do egípcio Keme (chem):		terra...
Matéria	Átomos: próton, elétron, e neutrôn.	"quarks"

(BACCELLI, "Reflexões sobre a matéria e o espírito", 2012, Vídeo YouTube, 2012)

Crédito: imagens extraídas do vídeo nas referências



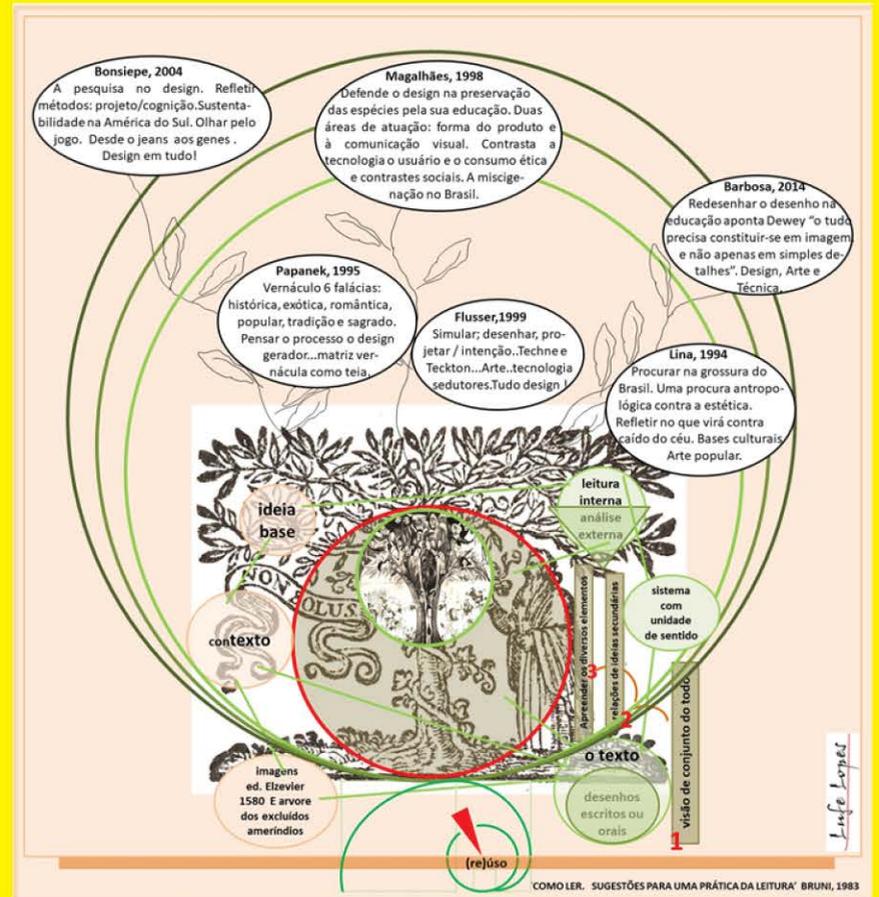
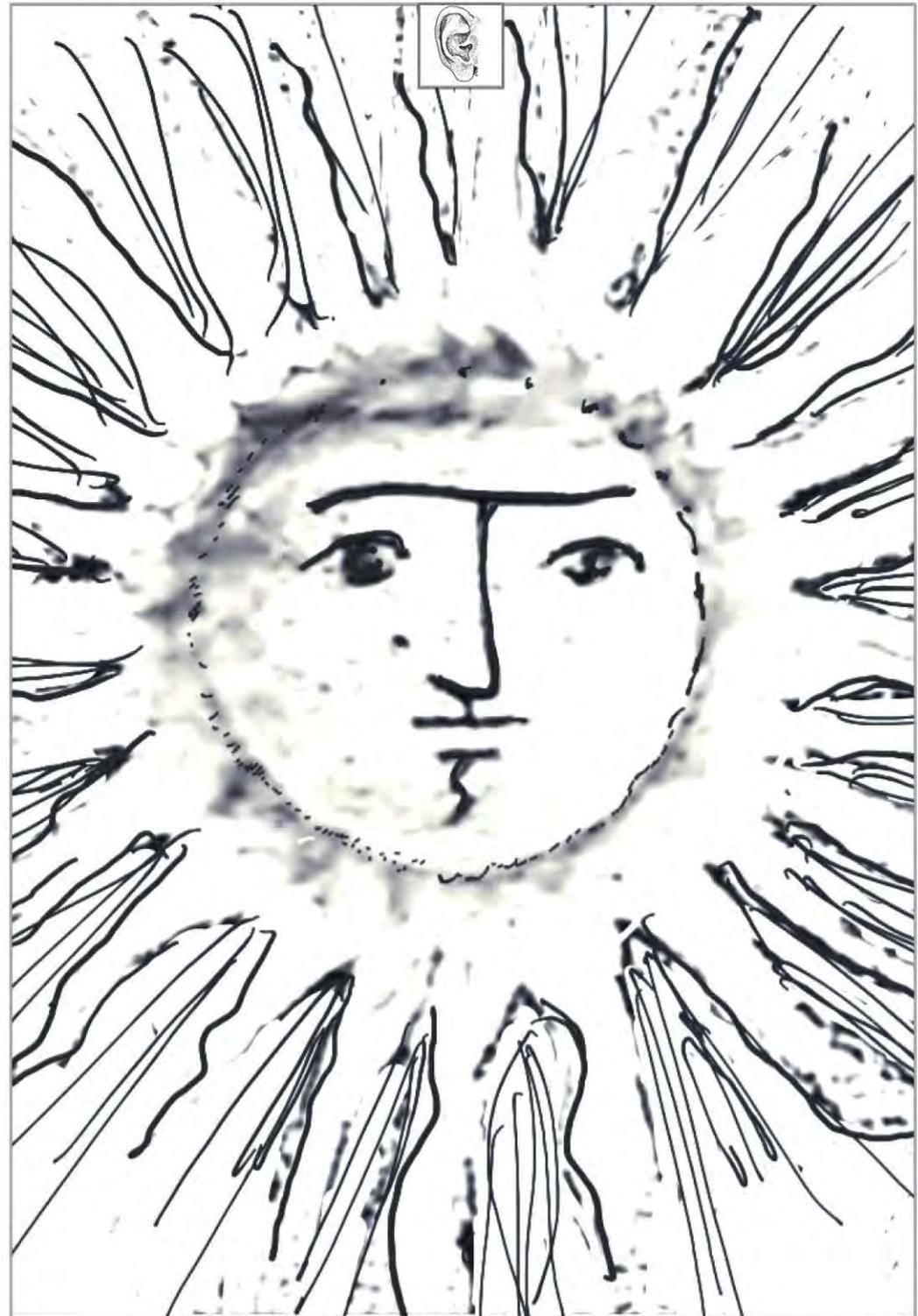


gráfico 01



“Inspirando-se em Laplantine (2000), é possível distinguir diferentes tipos de descrição etnográfica pelos fundamentos teóricos que se encontram em direção destas: a descrição para compreender as culturas dadas (etnografia), a descrição para compreender a essência de um fenômeno (a fenomenologia), a descrição para compreender a experiência vivida (a heurística) e a descrição para compreender uma dinâmica de conjunto (a sistêmica). Os pesquisadores adotando estes diferentes métodos tirarão proveitos dos dados etnográficos sem, portanto, realizar uma etnografia. A coleta de dados se torna uma operação articulada comum às diferentes “bricolagens” metodológicas dos pesquisadores em prática artística.”

(FORTIN, 2009, p. 79)





AULA

Nosso Prof. de latim, Mestre Aristeu, era magro e do Piauí. Falou que estava cansado de genitivos dativos, ablativos e de outras desinências. Gostaria agora de escrever um livro. Usaria um idioma de larvas incendiadas. Epa! o profe. falseou-ciciou um colega. Idioma de larvas incendiadas! Mestre Aristeu continuou: quisera uma linguagem que obedecesse a desordem das falas infantis do que as ordens gramaticais. Desfazer o normal há de ser uma norma. Pois eu quisera modificar nosso idioma com as minhas particularidades. Eu queria só descobrir e não descrever. O imprevisto fosse mais atraente do que o de já visto. O desespero fosse mais atraente do que a esperança. Epa! o profe. desalterou de novo – outro colega nosso denunciou. Porque o desespero é sempre o que não se espera. Verbi gratia: um tropicão na pedra ou uma sintaxe insólita. O que eu não gosto é de uma palavra de tanque. Porque as palavras do tanque são estagnadas, estanques, acostumadas. E podem até pegar mofo. Quisera um idioma de larvas incendiadas. Palavras que fossem de fontes e não de tanques. E um pouco exaltado o nosso profe. disse: Falo de poesia, meus queridos alunos. Poesia é o mel das palavras! Eu sou um enxame! Epa!... Nisso entra o diretor do Colégio que assistira a aula de fora. Falou: Seo Enxame espere-me no meu gabinete. O senhor está ensinando bobagens aos nossos alunos. O nosso mestre foi saindo da sala, meio rindo a chorar.

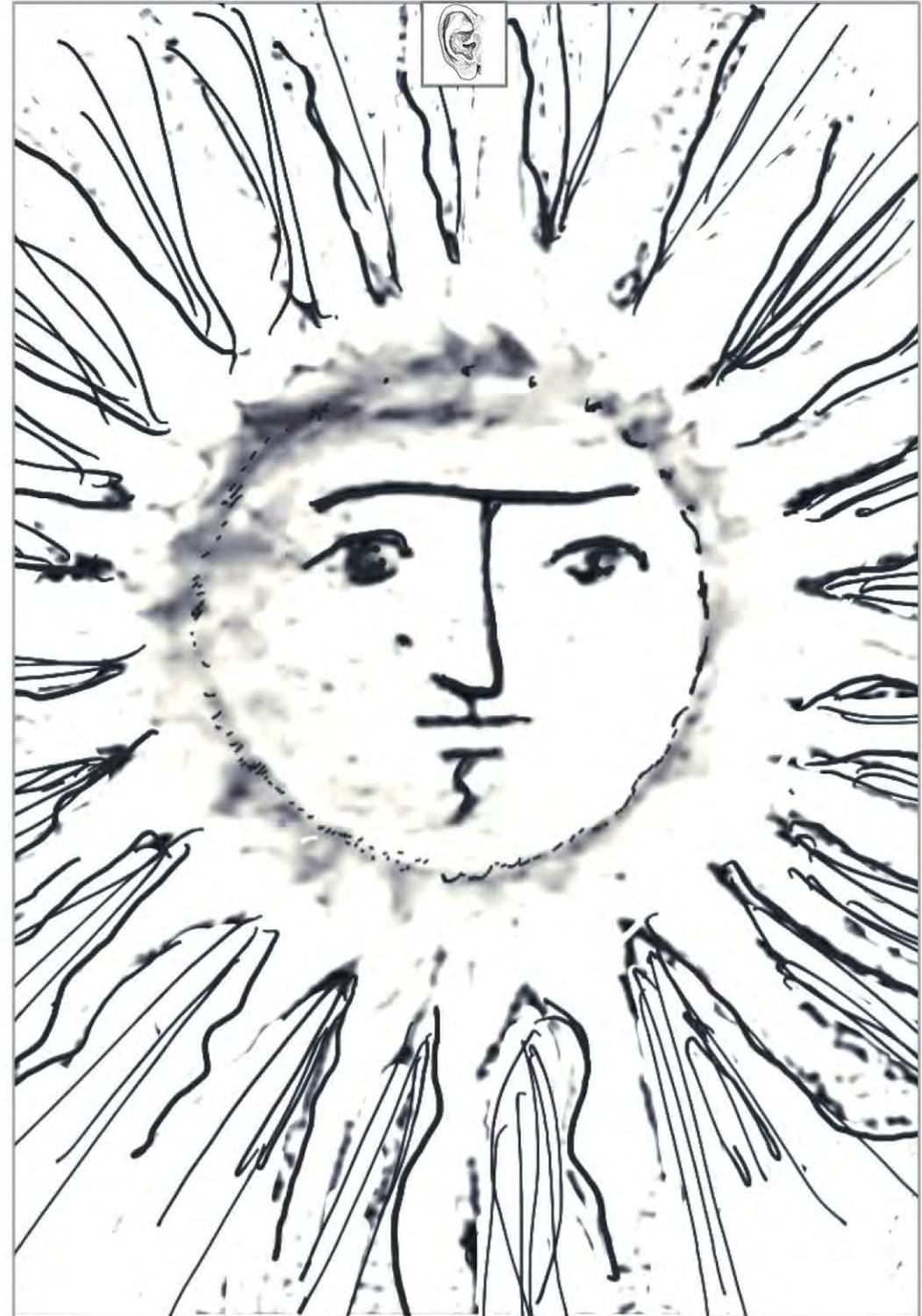
(BARROS, 2006, p. 30-31)





“Los intereses no se adquieren, se desarrollan. A la luz de esa concepción, los intereses como tendencias de estructura global, dinámica, son considerados por la psicología moderna como procesos vitales, orgánicos, profundamente enraizados en la base orgánica, biológica de la personalidad, pero que se desarrollan juntamente con el desarrollo global de la personalidad. En estos procesos, como en todos los procesos vitales, se ponen de manifiesto claramente el desarrollo, el crecimiento y la maduración.”

(VYGOTSKY, 1996, p. 07)





“Enquanto Sartre parte do olhar ferino do outro, cuja percepção necessariamente me coisifica (e daí me vem a certeza da sua temível existência), o olhar fenomenológico, segundo Merleau-Ponty, envolve, apalpa, esposa as coisas visíveis”.

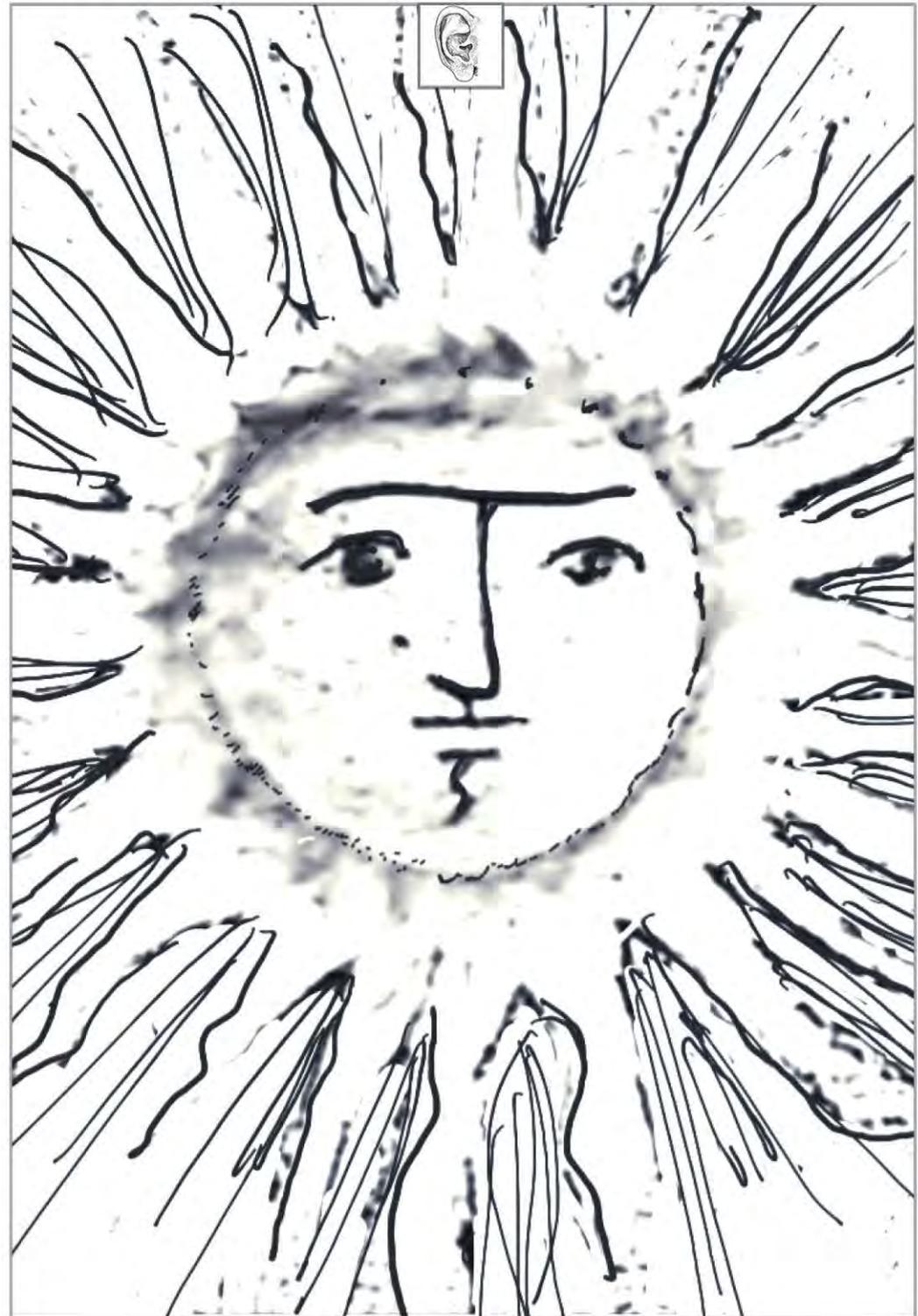
(NOVAES, 1988, p. 82)





“Até muito recentemente, a ciência moderna tinha uma visão pitagórica do universo, equiparando a experiência externa à realidade científica e descrevendo como ‘meras essências’ as formas que aparecem nos ter no misterioso mundo interior, a psique humana. Mas com o advento do princípio da incerteza de Heisenberg e da física de Einstein, tornou-se manifesto que a realidade externa não pode ser sentida nem medida com acurácia pelo homem porque, no mesmo ato de observar os fenômenos externos, ele os distorce. De mais a mais, parece que, em virtude da natureza da luz e das limitações do aparelho sensorial humano, nunca se poderão engenhar instrumentos capazes de restabelecer a realidade externa como a pedra de toque da verdade final. E como isso é irrevogável, precisamos, por fim, voltar-nos para o mundo interior, para a própria psique humana, em nossa busca da verdade. A equação puramente matemática $E = mc^2$, já não é ‘mera essência’ e agora resplandece como a verdade eterna, tão incorruptível quanto o ouro”.

(NICHOLS, 1995, p. 101)





“A intenção significativa nunca é em mim... senão o excesso do que quero dizer acerca do que já foi dito. Ao buscar uma linguagem, mercê de um primeiro ato, ‘conhece-se a si mesma [...] com efeito exprimir [...] é tomar consciência, é um - tomar posse - daquilo que, sem esforço, permaneceria confuso em nós mesmos, porque - observa com profundidade o nosso filósofo - a posse do eu, a coincidência com o eu, não é a definição do pensamento, constitui pelo contrário, o resultado da expressão”.

(PONTY apud HUYGHE, 1960, p. 16).





Ana Mae Barbosa em seu trabalho com o título: Redesenhando o desenho, no qual ela se dedica ao período de 1920 a 1950 ao ensino do Desenho e das Artes Visuais, período que fará todo o sentido em minha formação educacional. Um breve relato agradeço a esta querida professora que me recebeu em seu apartamento em São Paulo, logo após minha recém defendida

dissertação de mestrado. Assim ela me incentivou a dar sequência imediata aos meus estudos, fato por ter terminado em 2015 e imediatamente, claro, após ter passado pela seleção da ECA-USP, reiniciar os estudos do doutorado em 2016. Neste livro ela introduz uma série de transformações ocorridas no ensino do Design e das Artes, da importância na recém descoberta da necessidade, não somente aos Arte/Educadores, mas aos Educadores em geral e também aos estudantes de Pedagogia, trazendo reflexões para focarmos com mais cautela nossos projetos no que tange as ideias que desenhamos e como elas são levadas a diante, enfim um universo de extrema importância e onde podemos observar e pensar sobre todos os detalhes que dele farão parte e, portanto, contribuir de alguma forma em nossa história. Assim abre com apud FONTANA (2004, p. 478) p. 15-16:

“[...] nos ajude a entender que cada momento do passado, assim como cada momento do presente, não contém apenas a semente de um futuro predeterminado e inevitável, mas a de toda uma diversidade de futuros possíveis, um dos quais pode acabar tornando-se dominante, por razões complexas, sem que isto signifique que é o melhor, nem por outro lado que os outros estejam totalmente descartados”.

(BARBOSA, 2015)





“Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatural; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mas que os outros, de perceber e aprender o seu tempo.

Essa não-coincidência, essa discronia, não significa, naturalmente, que contemporâneo seja aquele que vive num outro tempo, um nostálgico [...] um homem inteligente pode odiar o seu tempo, mas sabe, em todo caso, que lhe pertence irrevogavelmente, sabe que não pode fugir ao seu tempo.

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la não podem manter fixo o olhar sobre ela.”

(AGAMBEN, 2009, p. 58-59)





SAMBAQUI - em Tupi - tambá'kĩ - Monte de conchas - FIGUTY
- Revista USP 1993 crédito de frame de vídeo (2015) nas referências.



“[...] Nas planícies litorâneas da região sudeste do Brasil se erguem eloquentes testemunhos da presença humana em períodos que antecedem a Colonização. [...] Os homens dos sambaquis, do mesmo modo que outros povos caçadores-coletores, viveram em comunhão com seu meio ambiente e possuíam uma percepção aguda (e vital) dos recursos naturais em uma interação dinâmica com seu meio. [...] Estes sítios foram formados entre 7.000 a 1.000 anos AP por uma cultura pré-agrícola altamente adaptada ao meio ambiente costeiro [...] É evidente, ao se analisar as quantidades de matéria descartada, sua semelhança com a composição de um sambaqui, uma predominância de restos de bivalves sobre outros restos animais. Mas, esta estrutura é, na realidade, o produto de uma subsistência baseada na pesca e não na coleta de bivalves, atividade que produz uma massa relativamente pequena de alimento, deixando uma enorme massa de rejeito.”

(FIGUTY, 2015, p. 67-71)



CASA BANDEIRANTE – São Paulo – Butantã –
entre os séculos 17 e 18 – WEIMER, 2015.
Crédito foto do autor.



“[...] Foram surpreendentes as incidências de influências tão variadas nestas construções, em especial, as de culturas africana e germânica. Isso levou à conclusão de que as mesmas bem como seu agenciamento espacial, foram produto de uma profunda miscigenação das culturas básicas de nossa formação étnica na qual o peso geralmente atribuído às indígenas pendeu mais para as africanas. [...] É tradição germânica a estocagem de cereais, especialmente do trigo, sob o telhado. Depois de colhido, necessita de uma secagem suplementar para evitar a criação de fungos. [...] é sabido que construções em taipa de pilão eram de domínio de algumas populações africanas o que implica que a mesma também pudesse se originado por esta via, mas é mais provável que seu uso tenha sido resultado da superposição de duas tradições, ibérica e negra.”

(WEIMER, 2015)



REVISTA DE ANTROPOFAGIA



“ Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz. Tupi, or not tupi that is the question. Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos. Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago”.

(ANDRADE, trecho do “Manifesto Antropófago”, 1928)

Crédito da imagem nas referências.



OU PARIS ET CIRCECIS



“[...] A tropicália representou uma retomada extremamente fértil do diálogo com as posturas políticas, estéticas e éticas de Oswald de Andrade, em especial com a antropofagia. O movimento começou em 1967, pautado pela intervenção crítico-musical no cenário cultural brasileiro, e do qual participaram os compositores Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Zé, os poetas Torquato Neto e Capinam, os maestros de formação erudita Rogério Duprat, Damiano Cozzella e Júlio Medaglia, o grupo Os Mutantes, a cantora Gal Costa e o artista plástico Rogério Duarte, entre tantos outros. A tropicália ressaltou, em sua estética, os contrastes da cultura brasileira, buscando superar as dicotomias arcaico/moderno, nacional/estrangeiro e cultura de elite/cultura de massas, que, hegemonicamente, marcavam a discussão cultural na década de 1960. Sua proposta voltava-se para a absorção de distintos gêneros musicais, como samba, bolero, frevo, música de vanguarda e o pop-rock nacional e internacional, incorporando a utilização da guitarra elétrica”.

(DINIZ, 2007, p. 02-03)



[...] rege o mundo da brincadeira em sua totalidade; a lei da repetição. Sabemos que a repetição é para a criança a essência da brincadeira, que nada lhe dá tanto prazer como “brincar de novo”. A obscura compulsão de repetição não é menos violenta nem menos astuta na brincadeira que no sexo. [...] trata-se também de saborear repetidamente, do modo mais intenso, as mesmas vitórias e triunfos. O adulto alivia seu coração do medo e goza duplamente sua felicidade quando narra suas experiências. A criança recria essa experiência, começa sempre tudo de novo, desde o início. Talvez seja esta a raiz mais profunda do duplo sentido da palavra alemã Spielen (brincar e representar): repetir o mesmo seria seu elemento comum. A essência da representação, como da brincadeira, não é: “fazer como se”, mas “fazer sempre de novo”, é a transformação em hábito de uma experiência devastadora.

(BENJAMIN, 1994, p. 253).





Jean Baptiste Debret. *O primeiro impulso da virtude guerreira*, 1827. Aquarela sobre papel, 15,2 x 21,5 cm. Museu da Chácara do Céu, Rio de Janeiro.

Crédito da imagem nas referências





“Para imaginarmos o que os outros veem, temos de reconhecer que a sua experiência não é necessariamente idêntica à nossa, que aquilo em que pensam não é aquilo em que nós pensamos. [...] Precisamos compreender que os outros não vão pensar nisso. Isso requer que estabeleçamos uma distinção entre dois tipos de elementos da nossa experiência: os que se baseiam, e os que não se baseiam, naquilo que está à vista de todos. Uma tal capacidade faz parte do desenvolvimento cognitivo em geral, e muito especialmente da experiência estética. Esta análise permite compreender por que motivo a observação atenta daquilo que há num quadro requer uma disciplina tão severa. A dificuldade surge em todos os estádios, de cada vez sob uma forma diferente; mesmo no quinto estádio encontramos pessoas a interrogar-se sobre aquilo que veem está realmente no quadro”.

(PARSONS, 1992, p. 49).





“Para ter utilidade em nosso cenário líquido moderno, a educação e a aprendizagem devem ser contínuas e vitalícias. Nenhum outro tipo de educação ou aprendizagem é concebível; a “formação” de selves ou personalidade é inconcebível de qualquer outro modo que não seja o da reforma contínua, perpetuamente inacabada em aberto”.

(BAUMAN, 2011, p. 193).

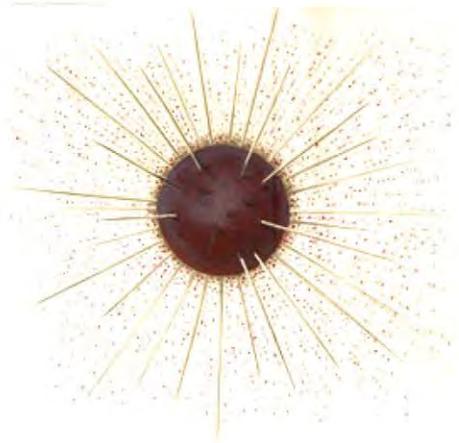




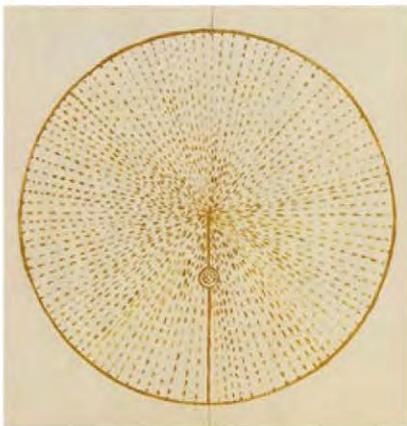
“Um maestro é uma potência, neste mundo onde o prazer representa tão grande papel. Aquele cuja arte consiste em seduzir o ouvido, enternecer o coração, vê muitas ciladas criadas sob seus passos e nelas cai o infeliz! Inebria-se com a embriaguez dos outros; os aplausos lhe tapam os ouvidos e ele vai direto ao abismo, sem procurar um ponto de apoio para resistir ao arrastamento”.

(KARDEC, 2013, p. 53-54)





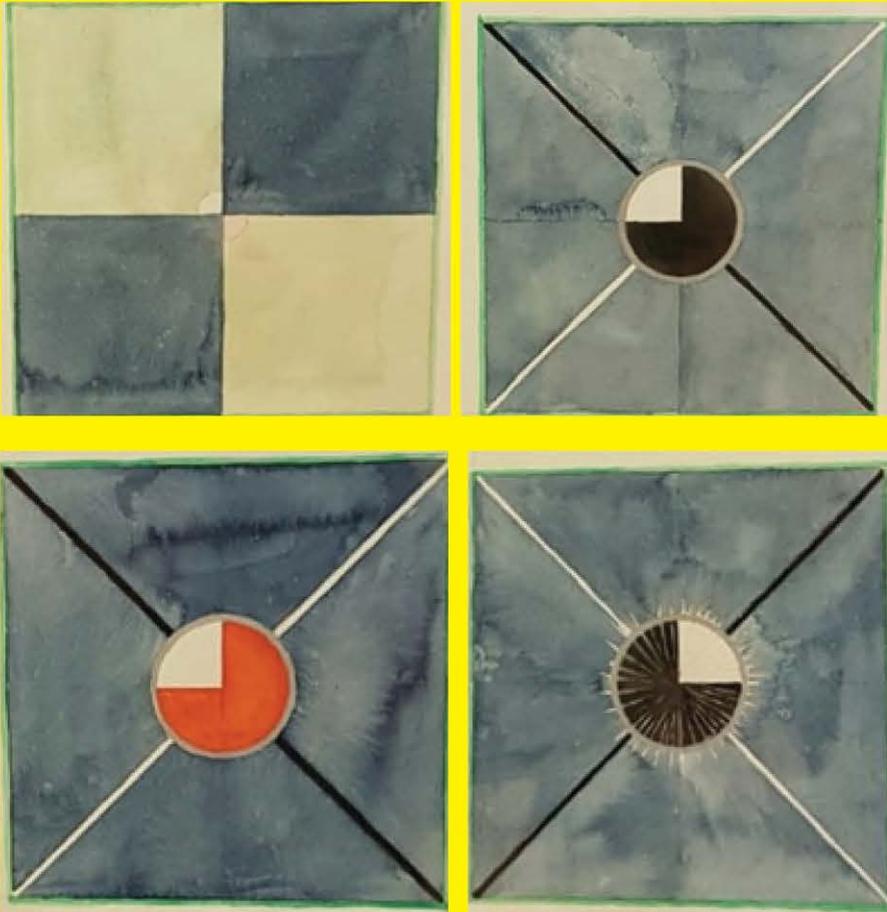
ERNST HAECKEL - 1834/1919



HILMA AF KLINT - 1862/1944

Crédito das imagens nas referências





Obra: *Estudos sobre o átomo* (detalhe); exposição: Hilma af Klint - *Mundos Possíveis*, Pinacoteca, São Paulo, 2018.

Crédito fotos do autor.





“Desde a década de 1960, em filosofia e lógica, o conceito de “mundos possíveis” considera o mundo real como um dos vários mundos possíveis. É aquele em que de fato vivemos, mas, para cada forma distinta que o mundo poderia ter assumido, diz-se que há um mundo possível diferente. A arte de Hilma af Klint abre muitas portas a outros mundos possíveis e diversos com os quais se pode apreender”.

(VOLS, Catálogo, Pina, 2018, p. 58).





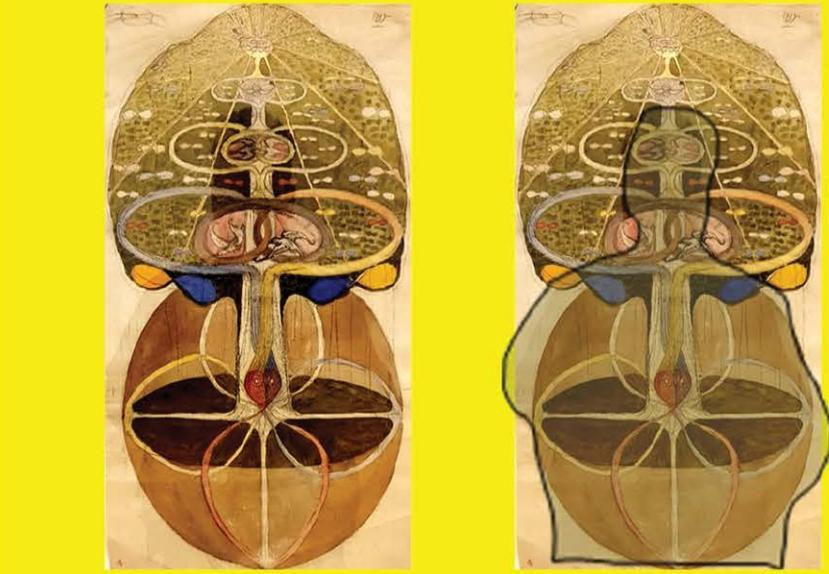
“Para imaginarmos o que os outros veem, temos de reconhecer que a sua experiência não é necessariamente idêntica à nossa, que aquilo em que pensam não é aquilo em que nós pensamos. [...] Precisamos compreender que os outros não vão pensar nisso. Isso requer que estabeleçamos uma distinção entre dois tipos de elementos da nossa experiência: os que se baseiam, e os que não se baseiam, naquilo que está à vista de todos. Uma tal capacidade faz parte do desenvolvimento cognitivo em geral, e muito especialmente da experiência estética”.

(PARSONS, 1992, p. 49)



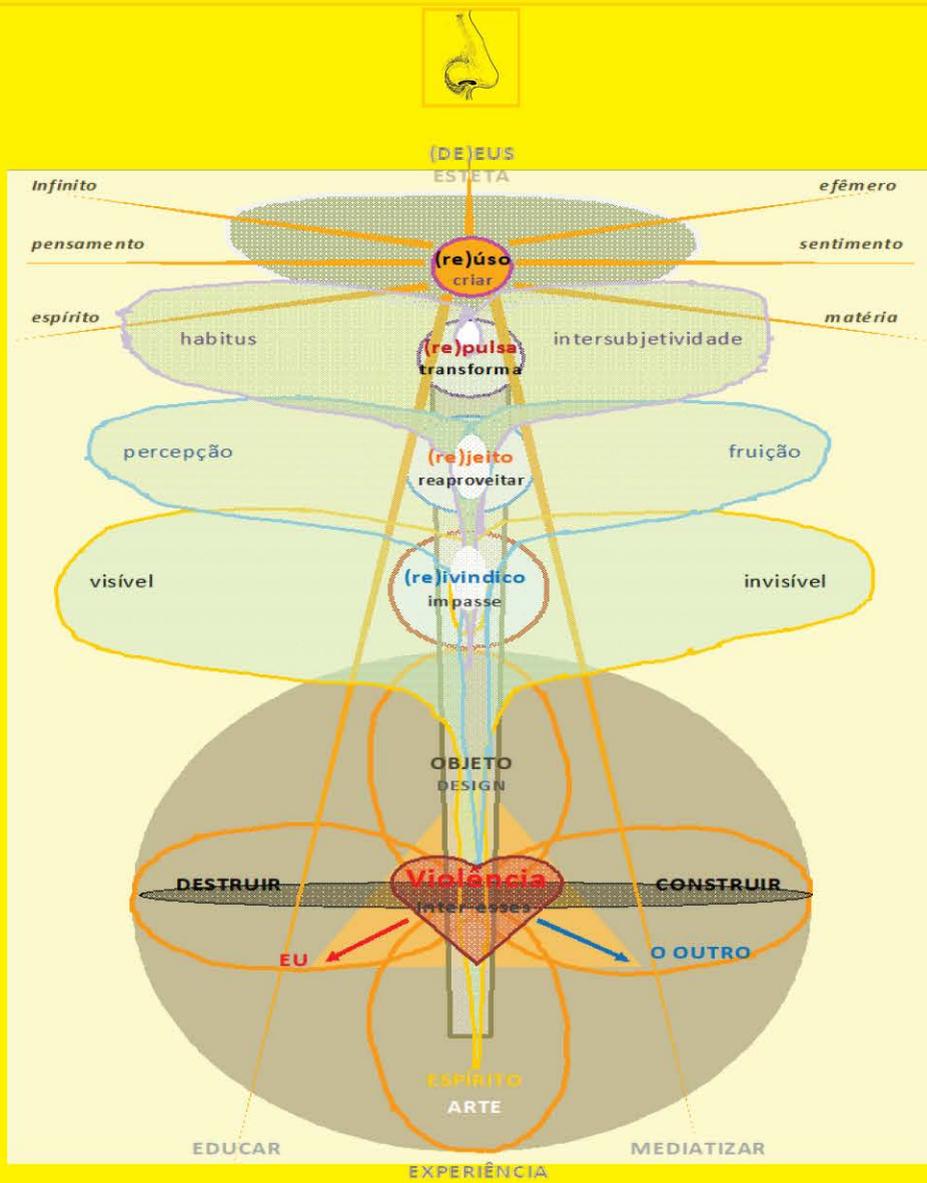


VOLTAR



Um registro de vivência nas fotos diante da obra “Árvore da Sabedoria” - Hilma af Klint (pintura aquarela, nanquim, guache e tinta metálica s/ papel, 45,7 x 29,5 cm, 1913).
Uma sendo o original e na outra aparecendo a sobreposição do reflexo do fotógrafo no vidro da moldura.

Crédito: fotos do autor.



Mapa mental tendo como referência a exposição Hilma af Klint *Mundos Possíveis*, Pinacoteca, São Paulo, 2018.





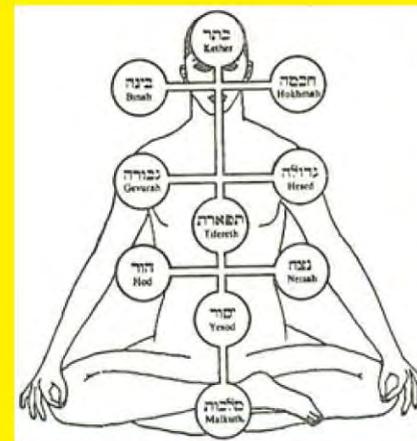
CHACRA	COLOR	UBICACION	ELEMENTO	MANTRA	CUERPO FISICO	CAPACIDAD	AFFIRMACION
	ROJOS	Perineo	Tierra	LAM	Sistema óseo, Músculos La sangre	CONFIANZA BÁSICA	Yo soy uno con todo lo que es. Yo estoy seguro y a salvo.
	NARANJA	Zona Pélvica	Agua	MAM	ORGANOS REPRODUCTORES SIST. URINARIO PIERNAS	GOZO DISFRUTE	Yo me amo y me honro a mi mismo y disfruto de la vida.
	AMARILLO	BOCA DEL ESTOMAGO	FUEGO	RAM	SIST DIGESTIVO	PODER PERSONAL	Yo soy el creador de gran alcance de mi realidad y me encanta
	VERDE	CENTRO DEL PECHO	AIRE	IAM	SIST CIRCULATORIO TIMO SIST. INMUNE SIST RESPIRATORIO	CAPACIDAD AFECTIVA	Me amo y me acepto, total y completamente, tal y como Soy
	AZUL	GARGANTA	ETER	IAM	SIST LINFÁTICO GLANDULAS TIROIDES Y PARATIROIDES	CAPACIDAD CREATIVA	Yo soy el autor de mi vida. El poder de la elección es mía
	INDIGO	ENTRECEJO	LA LUZ	OM	GLANDULA PITUITARIA ROSTRO	CAPACIDAD INTUITIVA	Es seguro para mí ver la verdad
	VIOLETA	ENCINA DE LA CABEZA	EL ESPACIO	OM	GLANDULA PINEAL CABEZA	TRANSCENDENCIA	Yo soy Uno con el momento presente

Diseñado por Mercedes Navas

Quadro do espectro de luz/cor e os elementos.



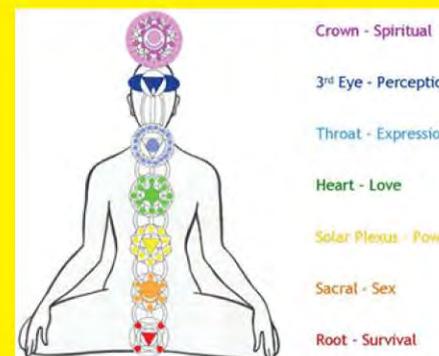
Comparações entre o espectro da luz no chakra corporal e os estudos no espectro visível da luz desde a cor vermelha das ondas mais longas até a lilás. Crédito das imagens nas referências.



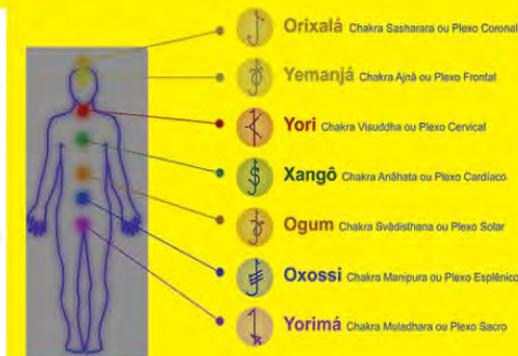
Cabala, sefiros, árvore da vida na tradição judaica



Os chacras na tradição da cultura hindu.



Chacras e a geometria dos vórtices.



Chacras no candomblé.

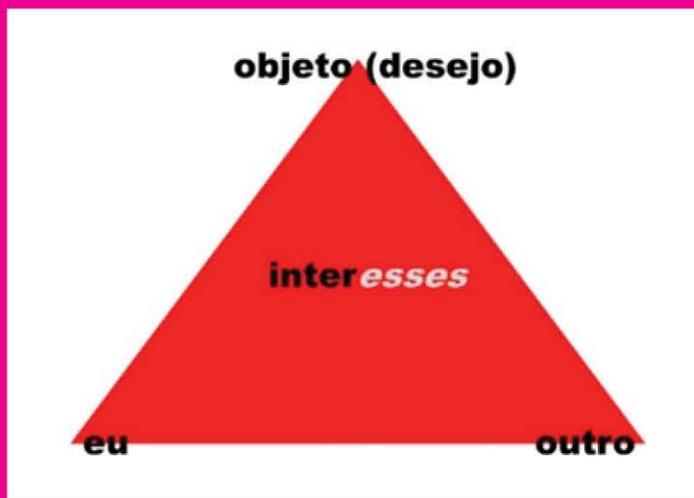
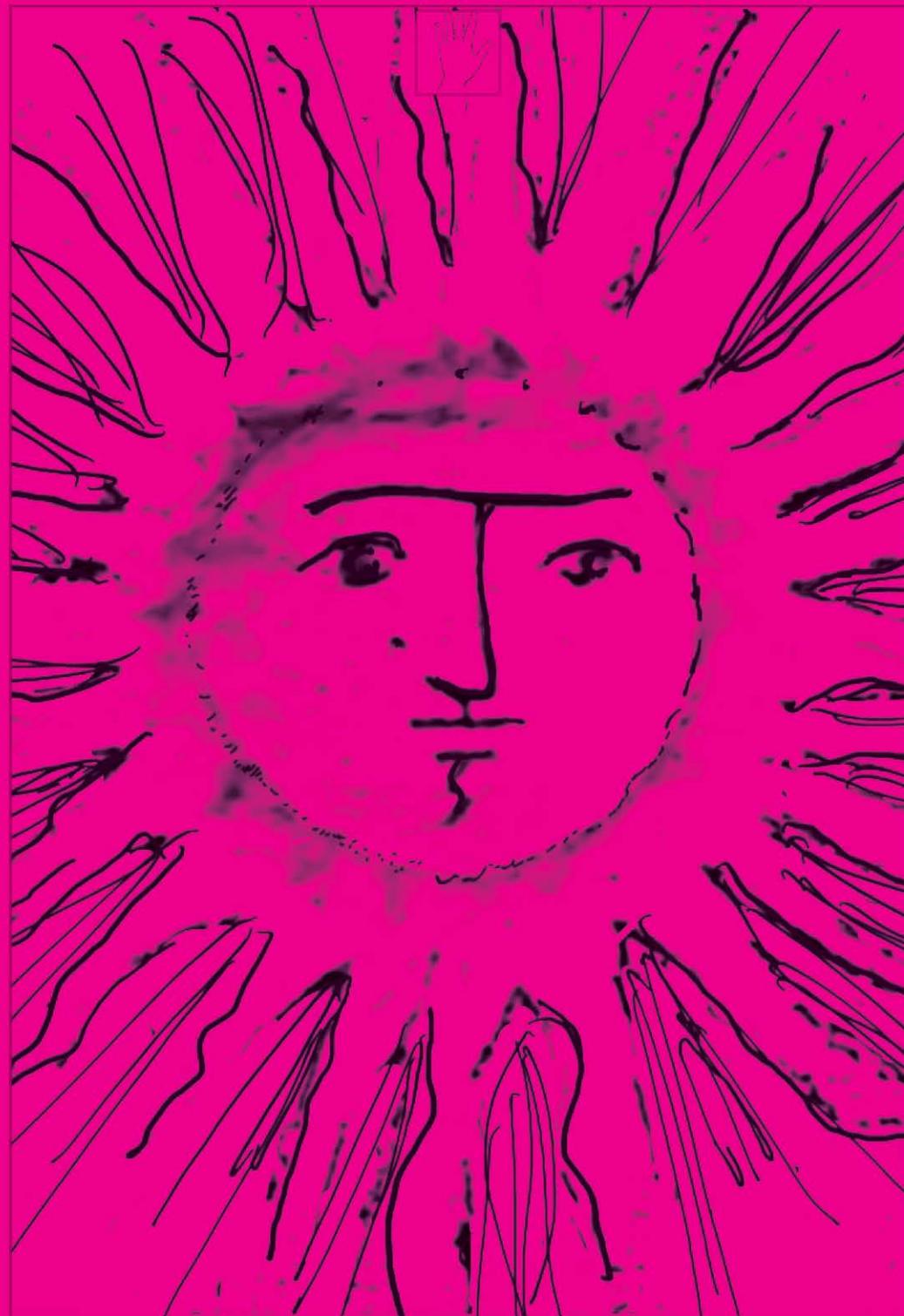


GRÁFICO 02 criado para performance abertura da banca da qualificação.





(De)EUS esta construção surgiu na Espanha quando vivíamos em Barcelona e com os amigos brasileiros fazíamos aproximações das palavras entre castelhano e português. Questionando a palavra **DEUS** e na comparação **DIOS** em castelhano, **DIEU** em francês e até se pensamos no **GOD** como aquele que “Go ODE” o que leva na música a ode, o louvor ao supremo, ou seja, de yo, de je e de eus não seria nem de tu, nem de ele, de nós, de vós ou de eles senão de EUS aquilo que vai a partícula do profundo ser em plural.





“[...] A relação entre o trabalho microscópico e a grandeza do todo plástico e intelectual demonstra que o conteúdo de verdade só pode ser captado pela mais exata das imersões nos pormenores do conteúdo material.

[...] A dificuldade intrínseca dessa forma de representação mostra que ela é, por natureza, uma forma de prosa. Na fala, o locutor apoia com sua voz e com sua expressão fisionômica as sentenças individuais, mesmo quando elas não têm sentido autônomo, articulando-as numa sequência de pensamentos, muitas vezes vaga e vacilante, como quem esboça, com um só traço, um desenho tosco”.

(BENJAMIN, 1984, p. 51)





Hilma af Klint. Grupo X retábulo n. 2, 1 e 3, 1915 - Pinacoteca de São Paulo - "Hilma af Klint - Mundos Possíveis" - 2018.

Crédito: foto do autor.





L'ART EN GUERRE

FRANCE 1938-1947

DE PICASSO À DUBUFFET

12 OCTOBRE 2012 - 17 FEVRIER 2013

www.mam.paris.fr

Exposição L'art en guerre - France 1938
- 1947 - MAM Paris, 2012/13.

Crédito da imagem nas referências.

50





EVIL EMPIRE 3



Crédito: fotos do catálogo. Exposição Evil Empire - Bienal de Cetinje, Antiga Iugoslávia, Associação Drapart, 1997.

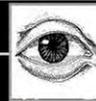
51





Exposição Da Antropofagia a Brasília
- IVAM, 2000. Centre Julio Gonzales
- Valência, Espanha.

Crédito da imagem nas referências.





*Crédito reproduções do Livro Tempos de Grossura -
Design do Impasse, Lina Bo Bardi.
Arte popular nordestina, 1994.*



Bardi (1914 - 1992), italiana naturalizada brasileira, que ao olhar para o nosso artesanato e dele não o reconhecer como nos moldes europeus que nasceram das corporações medievais e na nova era moderna, esses modos de produção foram com o tempo se adaptando para a então crescente revolução industrial.



“O desenvolvimento sustentável é um desenvolvimento que concilia crescimento econômico, preservação do meio ambiente e melhora das condições sociais.”

(KAZAZIAN, 2005, p. 08)

“Estar com aquela turma me fez refletir sobre o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza. Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem –, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.”

(KRENAK, 2019, p. 09-10)

“Uma vez, afirmei que sustentabilidade era vaidade pessoal, uma vida sustentável era vaidade pessoal. O que eu queria dizer com isso é que, se a gente vive em um cosmos, em um vasto ambiente, onde a desigualdade é a marca principal, como que, dentro dessa marca de desigualdade, nós vamos produzir uma situação sustentável? Sustentável para mim? A sustentabilidade não é uma coisa pessoal. Ela diz respeito à ecologia do lugar em que a gente vive, ao ecossistema que a gente vive. Por exemplo, se vocês estão na Mata Atlântica, na faixa do litoral, então a ecologia é a da Mata Atlântica. Os nossos parentes Guarani e o pessoal que vive na Serra do Mar, que vivem na grande faixa de litoral do Rio, estão na Mata Atlântica, esse lugar maravilhoso.”

(KRENAK, 2020, p. 09)





Hilma Af Klint - Mundos Possíveis,
Pinacoteca, detalhe a infância e salas da
exposição, fotos do pesquisador, 2018.
Fonte fotos do autor.



A convite de nossa orientadora Profa. Dra. Maria Christina Rizzi, fomos com os colegas de nosso grupo de pesquisa ver uma exposição da pintora Hilma Af Klint na Pinacoteca de São Paulo. Estávamos no dia 06 de julho uma sexta-feira, de 2018, na qual iríamos em cinco colegas para vermos os trabalhos dos quais, a nossa orientadora não antecipou nada, exceto pedindo-nos que fôssemos os mais abertos e receptivos ao sensível. Diante do desafio, fizemos antes de entrarmos um exercício de meditação proposto por uma de nossas colegas e entramos na exposição. Felizmente não estava lotada e pudemos desfrutar com tranquilidade e termos uma melhor experiência. A primeira sala com quatro telas gigantes. Aproximei-me diante da primeira e fiz minha segunda foto (detalhe aqui anexo) e ao ampliar a imagem registrada na tela do meu celular, observei marcas de papel amassado e foi quando pude descobrir que era de papel kraft – material que utilizo muito em minhas pinturas. Ao olhar a etiqueta de identificação que descrevia ser papel kraft e têmpera ou seja, uma materialidade nada usual e que poderia olhar em minha pesquisa, como (re)úso, na base e também na pintura, pois a técnica da têmpera ainda mais na época da artista era feita com ovo e pigmentos tirados de plantas ou de minérios. Com emoção segui observando os trabalhos e admirado pelas cores e efeitos que foram se apresentando através de sobreposições, campos abertos como efeito tridimensional, além de toda a simbologia que foi se apresentando aos nossos olhos. Um percurso que se inicia na infância, passa pela idade adulta e a maturidade, sua pintura realista nos estudos de botânica; logo pinturas e desenhos automáticos; os mistérios do universo; do átomo; as religiões e, ao final, a sala das pinturas intituladas – “Altar do Templo”, de 1907. No momento em que saíamos dessa sala, a biógrafa Luciana Pinheiro, que escreve sobre os trabalhos da pintora em sua obra A vida de Hilma af Klint - Cores da Alma, se aproximava. O que me fez finalizar tal experiência com mais emoção ainda. Na sequência, fiquei sabendo por ela que o referido título estava à venda na lojinha da Pina. Jogo rápido, busco o exemplar para que ela deixe um autógrafa especial. O percurso dessa emoção, que durou duas horas e meia, aliviou o incômodo de estar de pé e minimizou a dor dessa “experiência” física pela qual tenho passado, uma vez que desenvolvi esta fragilidade. Atualmente que tenho sempre estar poupando o esforço físico, medindo os períodos de estar sentado, de pé, caminhando ou deitado devido ao diagnóstico de artrose bipolar no quadril e na coluna. Pergunto: “Será que esse estado de graça diante da exposição foi algo que libertou meu corpo?”



O *Caganer*, figura presente nas comemorações natalinas na Catalunha.

Crédito da imagem nas referências.



A figura do *caganer* – o cagão ou cagador – que descobri vivendo em Barcelona, em meu primeiro natal por terras catalanas, quando ao passar defronte uma das padarias mais tradicionais e elegantes por seus confeitos, exposto na vitrina em meio aos saborosos quitutes um prato com... “cocô” de forma exuberante com detalhes de grãos como amendoim. Entro na padaria supercurioso e de maneira delicada pergunto pelo tal “quitute” (sic). A senhora que me atende, conta um pouco da história e me apresenta a popular figurinha, representação de lembrança da sorte e prosperidade, do que aduba e deixa o solo fértil. Apesar de em nossa cultura trazermos uma visão de assepsia e negação de alguns atos naturais como o de obrar, em nossa língua utilizamos essa palavra e nos esquecemos de que no ato de criação está implícita a ideia de adubação. Hundertwasser (1928-2000), o artista com grandes atuações na arquitetura orgânica em um de seus manifestos de 1979 intitulado “A Merda Sagrada - A cultura da merda” faz uma apologia referenciando ao fato de como nós sentamos à mesa, e agradecemos a cada dia, por recebermos no nosso alimento, deveríamos também agradecer a merda que fazemos a cada dia. Como a quebra em ciclo tão vital como este de retornar a terra: “o ciclo de cagar para comer é interrompido”, e até pior pois lançamos de maneira até desconhecida a distância um dos piores resíduos do ser humano pois onde excretamos todas as toxinas, ou seja, somos poluidores compulsivos!



FRANCISCO, Papa, *Encíclica Laudatos Si*, 2015
Crédito desenho pelo autor, a partir de foto (ver referências).

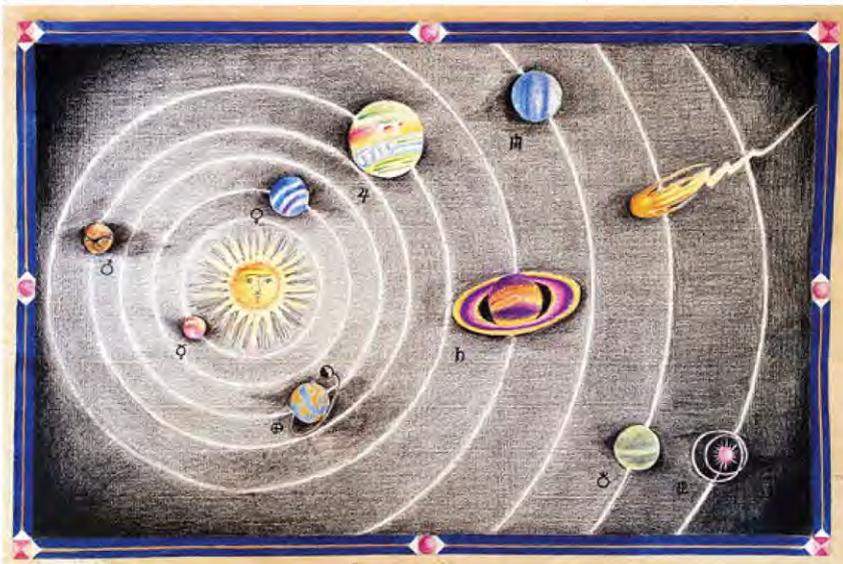


17. As reflexões teológicas ou filosóficas sobre a situação da humanidade e do mundo podem soar como uma mensagem repetida e vazia, se não forem apresentadas novamente a partir dum confronto com o contexto actual no que este tem de inédito para a história da humanidade. Por isso, antes de reconhecer como a fé traz novas motivações e exigências face ao mundo de que fazemos parte, proponho que nos detenhamos brevemente a considerar o que está a acontecer à nossa casa comum.

21. Devemos considerar também a poluição produzida pelos resíduos, incluindo os perigosos presentes em variados ambientes. Produzem-se anualmente centenas de milhões de toneladas de resíduos, muitos deles não biodegradáveis: resíduos domésticos e comerciais, detritos de demolições, resíduos clínicos, electrónicos e industriais, resíduos altamente tóxicos e radioactivos. A terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo. Em muitos lugares do planeta, os idosos recordam com saudade as paisagens de outrora, que agora vêem submersas de lixo. Tanto os resíduos industriais como os produtos químicos utilizados nas cidades e nos campos podem produzir um efeito de bioacumulação nos organismos dos moradores nas áreas limítrofes, que se verifica mesmo quando é baixo o nível de presença dum elemento tóxico num lugar. Muitas vezes só se adoptam medidas quando já se produziram efeitos irreversíveis na saúde das pessoas.

43. Tendo em conta que o ser humano também é uma criatura deste mundo, que tem direito a viver e ser feliz e, além disso, possui uma dignidade especial, não podemos deixar de considerar os efeitos da degradação ambiental, do modelo actual de desenvolvimento e da cultura do descarte sobre a vida das pessoas.

114. O que está a acontecer põe-nos perante a urgência de avançar numa corajosa revolução cultural. A ciência e a tecnologia não são neutras, mas podem, desde o início até ao fim dum processo, envolver diferentes intenções e possibilidades que se podem configurar de várias maneiras. Ninguém quer o regresso à Idade da Pedra, mas é indispensável abrandar a marcha para olhar a realidade doutra forma, recolher os avanços positivos e sustentáveis e ao mesmo tempo recuperar os valores e os grandes objectivos arrasados por um desenfreamento megalómano.



ASTROLOGIA

Desenhos do autor. Técnica lápis de cor s/ papel vergê, 29,7 x 42,0 cm, 1983. Colagem lateral com desenhos da série "signos astrologia", grafite 12,5 x 21cm, 1992.



“A rica bibliografia astrológica data de aproximadamente 2122-2102 a.C., originária da região de Lagash, na Mesopotâmia, mas o principal documento que nos restou dessa astrologia é o Enuma Anu Enlil, uma compilação de cerca de setenta tabuletas de argila encontradas na biblioteca real de Nínive, escritas no século VII a.C. (Barton, 1994: 10). Ao migrar para a Grécia, o sistema astrológico ganha tonalidades peculiares ao mundo helênico, onde, de fato, começa a nossa investigação, mais especificamente com o Tetrabiblos, de Ptolomeu. Essa obra é de extrema importância, tendo em vista seu caráter de compilação do conhecimento astrológico antigo. (p. 08)

[...]
Atualmente, o Tetrabiblos é encontrado em traduções para o inglês, francês, espanhol, português, alemão e italiano, oriundas de cópias, paráfrases e traduções diferentes, o que suscita ainda uma observação sobre as motivações e a relevância desse estudo. Há anos estudando astrologia, interesse-me especialmente pela sua fase helenista, quando se começou a formar o cânone astrológico. Pouco lidos e difundidos, por motivos que variam desde a dificuldade linguística até o desprestígio acadêmico que a astrologia começou a enfrentar com o advento da ciência moderna, passando pelas novas concepções e demandas astrológicas do mundo contemporâneo, esses textos antigos tornaram-se praticamente peças de museu. (p. 19)”.



Os Escribas, personagens da ópera pop *Jesus Cristo Superstar*, pela Cia. Minaz (Ribeirão Preto, S.P), com meus desenhos para os figurinos. Eram os responsáveis pelos textos sagrados do antigo testamento. Para este projeto, desenvolvi os figurinos com tecido de sacas de açúcar e bordados com plásticos pretos de sacos de lixo. Eis os “nadadores nas águas profundas”.

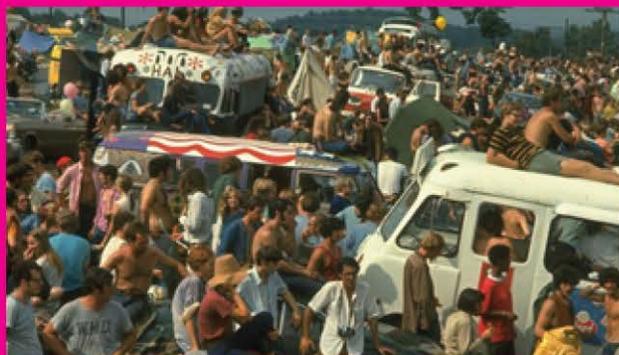


Na tradição judaica sobre o texto sagrado da gênese a respeito da criação do mundo, diz o seguinte:

A criação do mundo não foi aquele milagroso instante inaugural, tão celebrado, nem foi a eclosão repentina de uma totalidade redonda, saída do nada, através do verbo, ou seja, essa interpretação do gêneses contesta o fato, de que o mundo teria sido criado subitamente pela voz suave ou tonitroante de um deus criador.

Segundo essa versão foram 26 tentativas malogradas. A cada fracasso Deus recolhia os destroços da tentativa anterior e através de uma remontagem, recolagem, bricolagem, ele experimentava de novo fazer o mundo. Portanto este mundo depois de 26 tentativas, ele só conseguiu, por assim dizer, se manter de pé, graças a uma espécie de torcida divina, que pode ser expressa, na tradução do hebraico: “oxalá fique de pé” “oxalá vingue desta vez”. Olhe Deus não deu uma ordem, propriamente, mas, deu uma torcida e portanto tem algo da ordem do desejo aí colocado nessa criação [...] apesar de 26 tentativas o mundo criado a partir do nada ele nessa sua configuração leva inscrito em si a marca da experimentação portanto algo de precariedade, esta sempre por um triz, e graças a um misto de engenhosidade e acaso, que esse mundo se sustentou e ele leva aquela marca inapagável daquela incerteza originária de um início que poderia não ter vingado, mas que vingo em parte, graças a essa torcida, a esse Deus, Deus estranho? Porque é um Deus torcedor, é um Deus bricoleurs, e um Deus desejanse é um Deus que não é dono do tempo e do destino, mas é quase o seu súdito.

Uma interpretação que desmonta uma criação muito simplória muito inteiriça, trazia um componente de ruína, de precariedade, de uma certa fragilidade. Nessa versão havia uma dose grande de indeterminação muito grande. No tratamento da psicose se trata de uma criação de si a partir dos destroços que se dispõe com aquilo que sobrou de uma vida arruinada e tudo dependendo de uma certa torcida que vem de fora... uma voz dizendo oxalá vingue. (PELBART, vídeo - 2020)



woodstock, 1969.

Crédito: reprodução



RAVES: can pradell, 1995; fnisecularte, 1997; mipanas. 1999; crédito acervo do autor



O MUNDO

Uma reunião e síntese das cartas anteriores. A matéria dominada pelo espírito (círculo). Este, por sua vez, apresenta-se em equilíbrio entre atividade e passividade, rodeado pelos quatro elementos o anjo (ar), a águia (água), o leão (fogo) e o touro (terra).

Detalhes importantes:

- as cores da guirlanda;
- o bastão da mulher;
- as pernas, que representam o inverso do enforcado;

Interpretação:

- Sucesso, segurança, realização, conclusão, recompensa.
- Obstáculo a ser superado, ligação às coisas terrenas.
- Sentido esotérico: equilíbrio e organização entre espírito e matéria.

(GODO, carta “O mundo”, 1985, p. 68)

Crédito: Reprodução carta do tarô.



A FORÇA

Representa a atuação de uma força superior (no caso, a vontade do ser humano) sobre a força bruta – os instintos, a parte animal o ser humano. O chapéu da figura humana forma a lemniscata e seus ombros um semicírculo; os braços cruzados submetem um leão amarelo. Domínio do espírito pela ação de uma força superior.

Detalhes importantes:

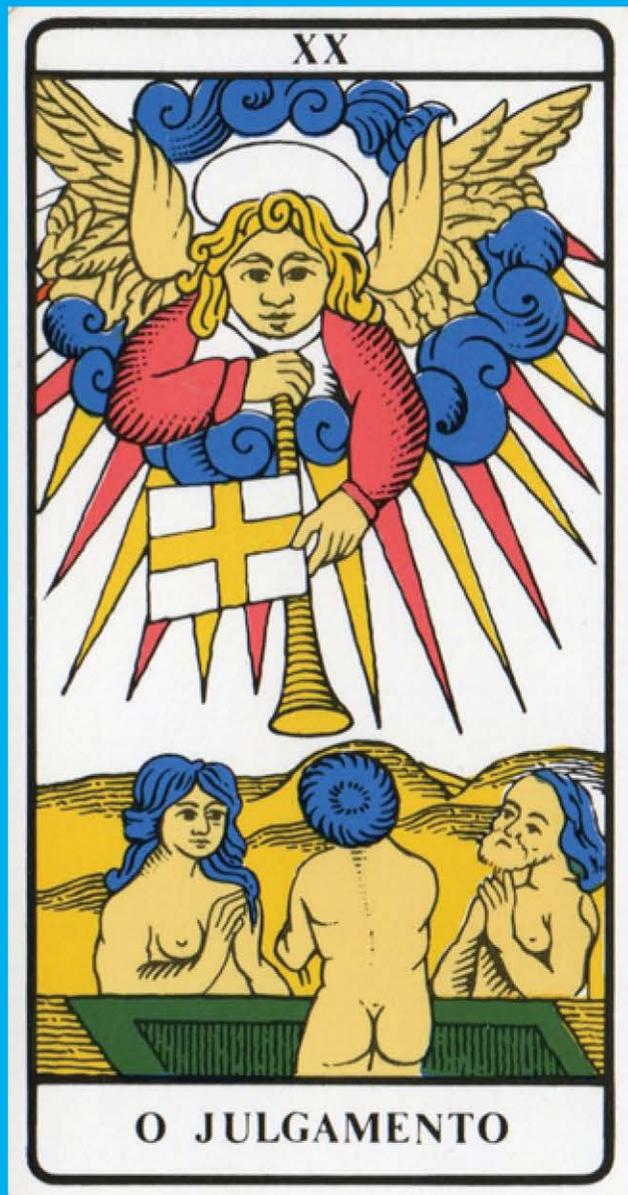
- a lemniscata (infinito) sobre a cabeça no chapéu;
- as cores em equilíbrio na parte superior da figura;
- a figura humana parece dominar o leão com facilidade;
- a direção do olhar;
- o pé da figura em direção ao futuro;
- o leão não tenta fugir.

Interpretação:

- Algo deve sofrer uma transmutação. Utilização racional da força; reconhecimento de suas vantagens e desvantagens. Uso da força pela negação do seu emprego.
- Domínio das coisas materiais, com inversão da ordem de valores.
- Sentido esotérico: completa o sentido da carta anterior, mostrando a luta entre o bem e o mal das forças espirituais contra a matéria.

(GODO, carta a força, 1985, p. 48)

Fonte da imagem do autor da carta do tarô.



O JULGAMENTO

Renascimento a partir de uma reavaliação de valores e de atividades.

~
O anjo toca sua trombeta do céu para a Terra – é o processo de ativação da matéria. O grupo de figuras forma o ponto focal da energia ativadora, ou seja, representa a própria matéria.

O anjo segura ainda a cruz (matéria) na mão esquerda, ao mesmo tempo que procura “acordar” os que não iniciaram o desenvolvimento espiritual. As três figuras são a mãe (Lua), o pai (Sol) e o filho, este de costas representando a humanidade que ainda não se definiu. As duas figuras de frente representam conselheiros e guias já redimidos, que procuram ajudar os que ainda se encontram nos “túmulos”.

Detalhes importantes: a nudez das figuras, a aridez da paisagem ao fundo, as figuras no plano terrestre (em número de três); interpretação: regeneração, sucesso frente alguma dificuldade, decisão legal favorável, proteção; falta de ajuda, divórcio, falha num empreendimento, indecisão, rompimento de laços bem estabelecidos. Sentido esotérico: sucesso nas relações ou empreendimentos criativos, se conseguir vencer a letargia.

(GODO, carta O julgamento, 1985, p. 66)

Crédito: reprodução carta do tarô.



Fonte da imagem de reproduções nas referências, da esquerda para a direita: Jack Nicholson, Heath Ledger, Jared Leto e Joaquin Phoenix no papel do Coringa.



[...] Eu acho que o maior presente que eu recebi, é a oportunidade de usar a minha voz, para dar voz aos que não tem voz. Eu penso muito em algumas das questões estressantes que estamos enfrentando de forma coletiva, as vezes nos fazem sentir que temos causas que defendemos que são diferentes umas das outras mas também essas causas todas tem uma coisa em comum se estivermos falando sobre gênero, igualdade, racismo ou direitos LGBT, ou das populações nativas ou dos animais; estamos falando sobre injustiças, lutar contra injustiça, contra a crença de que uma nação, ou uma raça, um gênero ou espécie tem direito de dominar, controlar e usar e explorar uma outra e de forma impune.

Eu acho que nos desconectamos do mundo natural, nós temos a culpa de sermos egocêntricos, achamos que somos o centro do universo e aí entramos no mundo da natureza e exploramos os seus recursos. Nos sentimos donos em seminar uma vaca artificialmente e roubamos o seu leite que nasce dessa inseminação artificial, apesar do preço por isso ser imenso, nós retiramos o seu leite e colocamos no nosso cereal em nosso café, nós tememos a ideia de mudança da sua aura que achamos que tememos a ideia de que sacrificar alguma coisa, e temos que abrir mão de alguma coisa, mas os seres humanos, são tão criativos e geniais, que quando usamos o amor, a compaixão como nosso principal guia, podemos desenvolver, implementar sistemas de mudanças que vão beneficiar todos e ao meio ambiente.

Eu sempre fui um idiota, eu sempre fui egoísta e fui cruel as vezes e sei que foi difícil trabalhar comigo e eu sou grato que muitos de vocês nessa sala me deram uma outra oportunidade, uma outra chance, e é isso que é ser humano, quando a gente se apoia e não quando agente condena o outro por erros do passado quando nós lutamos e ajudamos a pessoa a crescer e a mudar esse é o lado mais humano é o melhor lado da humanidade. Quando eu tinha dezessete anos o meu irmão escreveu uma letra: “vai ao resgate com amor e a paz o seguirá.”

(Discurso do ator Joaquin Phoenix como melhor ator no papel principal do filme *Coringa*, Oscar 2020, TV Globo, exibido em 09/02/2020.)



YIN - feminino, passivo, noite, inverno, fresco/frio, escuro, mole, curvo, arredondado, úmido, terra, lua, baixo, amplo, floral, força expansiva.

YANG - masculino, ativo, dia, verão, cálido-quente, claro, duro, reto, anguloso, seco, céu, sol, alto, fechado, geométrico, força de contração.



“¿Pero por qué esta tendencia a buscar lo bello en lo oscuro sólo se manifiesta con tanta fuerza entre los orientales? Hasta hace no mucho tampoco en Occidente conocían la electricidad, el gas o el petróleo, pero, que yo sepa, nunca han experimentado la tentación de disfrutar con la sombra; desde siempre, los espectros japoneses han carecido de pies; los espectros de Occidente tienen pies, pero en cambio todo su cuerpo, al parecer, es translúcido. (p. 21)
[...]

A decir verdad, he escrito esto porque quería plantear la cuestión de saber si existiría alguna vía, por ejemplo, en la literatura o en las artes, con la que se pudieran compensar los desperfectos. En lo que a mí respecta, me gustaría resucitar, al menos en el ámbito de la literatura, ese universo de sombra que estamos disipando... Me gustaría ampliar el alero de ese edificio llamado “literatura”, oscurecer sus paredes, hundir en la sombra lo que resulta demasiado visible y despojar su interior de cualquier adorno superfluo. No pretendo que haya que hacer lo mismo en todas las casas. Pero no estaría mal, creo yo, que quedase aunque sólo fuese una de ese tipo. Y para ver cuál puede ser el resultado, voy a apagar mi lámpara eléctrica. (p. 29)”.

(TANAZAKI, 1933)



Autorretrato



Autorretrato



Vista-se

Os convido diante deste vestido que denomino M´éter.

Ver, vista, vista-se, vestir do latim *vestire*, roupa, luzir. Hábito, efêmero, aparência e ver.

Primeira casa, primeiro abrigo.

Diante deste trabalho que os apresento e com esta forma emergir em possíveis (re)flexões, (re)apresentações e porque não (re)úsos.

Vestir um corpo sutil criado em tecido transparente, é um oportuno convite em expor o espírito a fora, uma aparição ´nua´ em forma sutil encarnada posta sobre seu corpo material.

O que lhe comove tal materialidade?

Onde ela nos habita?

Será esta a melhor maneira para expor o sutil que te habita o corpo?

Esse vestido foi executado em tecido voil partindo de uma ultrassonografia de meu corpo, redesenhada de forma virtual e utilizando pintura recriando um corpo e no final do processo a cópia, impressa como sublimação no tecido. Elejo o elemento éter como o etéreo diante da eternidade onde habitam os espíritos, a alma.

Que seu espírito possa se fazer unido aos possíveis caminhos que apresento a seguir:

boa caminhada!



